

ARROGANT DEVIL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

R.S. GREY

SUMÁRIO

Arrogant Devil

1.Meredith
2.Jack
3.Meredith
4.Jack
5.Meredith
6.Jack
7.Meredith
8.Jack
9.Meredith
10.Jack
11.Meredith
12.Jack
13.Meredith
14.Jack
15.Meredith
16.Meredith
17.Jack
18.Meredith
19.Jack
20.Meredith
21.Meredith
22.Jack
23.Meredith
24.Meredith
25.Jack
26.Meredith
27.Meredith

28.Jack
29.Meredith
30.Meredith
Epílogo

Traduzido, Revisado e Diagramado por Chaoticslates

Boa leitura!

ARROGANT DEVIL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
R.S. GREY

1

MEREDITH

Eu deixei meu marido na noite passada. Há algo de bom no pretérito *deixei*. Ele ainda está na Califórnia. Enquanto isso, estou em um posto de gasolina no Meio-do-Nada, Texas. Eu não tenho dinheiro, e não tenho carro. Eu penhorei um bracelete de diamantes gigantes para comprar uma passagem de avião para San Antonio e, pelo seu valor, o bracelete também pagou pelo táxi que no momento está sendo abastecido na bomba do lado de fora. No entanto, meu dinheiro acabou e meu estômago está roncando.

Olho as prateleiras alinhadas com uma variedade de besteiras açucaradas. Fazem parte das coisas boas: meia dúzia de pacotes de rosquinhas polvilhadas com açúcar que são mais bagunçadas do que bombas de glitter e pilhas de pães de mel tristes e vazios. Tudo parece com o que os alienígenas inventariam se tivessem a tarefa de recriar comida humana. Apesar disso, minha boca fica cheia de água olhando para tudo. Quero rasgar um saco de Doritos e colocar os salgadinhos na boca. Quero comer dois cachorros-quentes antigos e secos, destinados a girar para sempre em rolos gordurosos - é assim que estou com fome.

Não planejei minha partida muito bem. Na verdade, eu não planejei nada. Ontem à noite, eu estava deitada no meu lado da cama, bem acordada. Andrew estava roncando alto ao meu lado, tão confiante como sempre que o sol nasceria de manhã como todo dia. Uma hora antes, ele chegou tarde de um jantar de trabalho com uma mancha de batom na bochecha. Enquanto isso, seu colarinho branco estava impecável.

Eu tinha um milhão de razões para deixá-lo - o suficiente para preencher

todo o corredor de lanches do posto de gasolina, o suficiente para fazer qualquer conselheiro matrimonial dar um grande adiantamento em uma casa de férias– mas ontem à noite, eu só precisava de um. Eu saí, e é isso que importa. Há meio país entre ele e eu, e a única coisa com que me preocupo agora é em dar o próximo passo ... bem, isso e o fato de que não tenho para onde ir, sem dinheiro, sem emprego e sem comida. Também estou ficando sem acessórios que vendem fácil rapidamente, mas não vamos nos prender aos detalhes.

Olho para uma lata de amendoins na prateleira. Ontem, eu poderia ter batido meu cartão AMEX preto no balcão e arrastado meu braço pela prateleira, jogando comida na minha cesta como um concorrente no *Supermarket Sweep*. Agora, não posso comprar amendoins; Andrew cancelou meus cartões assim que percebeu que eu fui embora.

Eu sorrio, imaginando o quão irritado ele deve ter ficado quando ficou sabendo da verdade. Ele nunca pensou que eu faria isso. Fazia parte do discurso dele: *quem paga as contas? Quem compra suas roupas? Você não é nada sem mim, Meredith – sem valor.*

Em um sentido puramente financeiro, ele estava certo sobre toda a coisa "sem valor". Atualmente, meu patrimônio líquido é composto por alguns dólares e alguns trocos. Ele estava errado sobre a outra parte. Eu o deixei e o fiz no meio da noite com nada além de roupas nas minhas costas. É a roupa que eu vesti para um almoço de caridade - um evento que deve estar ocorrendo neste exato momento sem mim. O conjunto é uma blusa branca com babados, cinto Hermes e jeans de grife.

Minha grande fuga foi vítima da minha coragem fugaz. Eu sabia que se me sentasse e planejasse tudo, perderia a coragem. Eu não precisava de tempo para recuar, nem pensar duas vezes. Agora, percebo que deveria ter sido um *pouco* mais prática. Eu deveria ter arrumado alguns lanches rápidos, água, talvez alguns tênis.

Honestamente, porém, nunca pensei que estaria aqui. De todos os lugares para onde eu poderia ter ido, o Texas parecia fazer mais sentido por causa da minha irmã - bem, tecnicamente ela é minha *meia*-irmã. Lembro-me da conversa no telefone que tive com ela ontem à noite enquanto estava no aeroporto tentando pegar um voo noturno. Eu tive que discar o número dela uma dúzia de vezes antes que ela finalmente atendesse.

— Meredith? – ela perguntou, obviamente chocada ao ver meu nome aparecer na tela do telefone. Nós não somos exatamente próximas. Ela

provavelmente me tem em seu telefone como *Aquela Meia-Irmã Que Eu Mal Conheço, Meredith.*. Para ser justa, eu a tenho no telefone como *Meia-Helen*.

— Helen! Ei!

Ela não respondeu imediatamente. Havia tanta estática no seu lado da linha.

— Você está aí? Você pode me ouvir? — Coloquei um dedo na minha orelha livre e esperei que a ligação de repente fosse mais clara.

— Quase nada! — ela gritou. — O que está acontecendo? Eu tenho tipo cinquenta ligações perdidas sua.

Empalideci. — Sim, bem, na verdade é uma longa história, mas estou a caminho do Texas.

— *Texas*?

Ela parecia chocada, e isso é justo. Ela mora no Lone Star State há seis anos e eu nunca a visitei.

Eu fui direto ao assunto, pois o tempo era outro luxo que eu havia abandonado.

— Sim, e eu tenho um favor a pedir... um grande na verdade.

— Fala mais alto, Meredith, mal posso te ouvir. Você precisa de um favor?

— Sim, bem, isso é— eu levantei minha voz — Eu estava pensando se poderia ficar com você por um tempo?!

— O que?

— Na verdade, já estou a caminho.

Uma risada alegre e cantada do meu lado da linha não aliviou seu choque.

— Você está de brincadeira? Brent, espere, é Meredith.

Ouvi uma porta se fechar e ela soltou uma bomba.

— Bem, espero que você não tenha saído ainda. Estou em Paris.

— Você está em Paris?! *Paris* Paris?”

Só para constar, minha irmã não é uma pessoa que viaja frequentemente. Eu esperava que ela quisesse dizer Paris, Texas, não o país cheio de croissants a meio mundo de distância.

—Sim, *essa* Paris. Brent e eu estamos viajando pelos próximos três meses enquanto nossa casa é reformada.

— Você só pode estar brincando.

Eu realmente quase desmoronei. Minha garganta estava apertando. Lágrimas foram trancadas e carregadas. As pessoas estavam começando a olhar para mim e se perguntar se a TSA havia cometido um erro ao me deixar

passar pela segurança.

Meu voo já estava embarcando enquanto minha irmã continuava: — Estamos querendo refazer a cozinha e os banheiros há um tempo ...

O que diabos isso tem a ver com Paris?

— ...então pensamos, por que não fazer uma grande viagem enquanto nossa casa está inabitável?

Inacreditável. Acho que há mais de uma maneira de demolir uma casa, uma vida.

— Por que você não me contou?

— Vamos ver, eu disse ao banco, aos contratados, ao escritório de licenças - oh caramba! Agora que você mencionou, *esqueci* de dizer à meia-irmã com quem não falo desde quando... *Natal*?

O tom de voz dela implicava que a culpa era minha, e foi em parte.

— Desculpe, eu tenho estado sumida.

— Está bem. Ouça, por que não tentamos marcar algo para os feriados, como sempre dizemos que faremos? Desta vez vamos fazer. Vou arrumar o quarto para você e Andrew...

Esfreguei meus olhos, esperando poder empurrar as lágrimas de volta para onde elas pertenciam. Havia tanto para contar pra ela.

— Não, Helen. É uma longa história, mas preciso ir *agora*. Posso ficar em casa enquanto vocês estão fora?

— Está uma zona de desastre. Faltam paredes exteriores. Por isso saímos.

— Certo. — Claro. Ela acabou de me dizer isso. — E quanto a trabalhos? Você conhece alguém contratando? Eu poderia atualizar meu currículo... acho que o tenho guardado em meu antigo e-mail da universidade em algum lugar.

Nesse ponto, Helen começou a rir, depois repetiu meu pedido a Brent e, juntos, o coro de risadas bateu no meu coração como se fosse um saco de pancadas.

Oh ha-ha-ha, sua vida está desmoronando diante de seus olhos. Pare, pare - você está me matando!

— Isso é uma brincadeira? Nesse caso, é uma brincadeira de telefonema muito cara, no exterior. Foi o Andrew que armou isso tudo?

"Última chamada para passageiros do voo 365, serviço para San Antonio. Embarque final no portão 12."

Ela deve ter ouvido o anúncio, porque suas próximas palavras foram ditas em um tom muito mais sério. — Oh meu Deus, você realmente está no

aeroporto, não é?

Eu estava voando pelo terminal, derrubando toda e qualquer criança e idoso no meu caminho, tentando chegar ao meu portão antes que eles fechassem as portas sem mim. Eles até disseram meu nome pelo alto-falante. Eu sempre me perguntei que tipo de boneco tem que ter seu nome anunciado assim. Eu. Eu sou o boneco.

— Sim. Helen, estou indo para o Texas e preciso da sua ajuda. — Eu estava sem fôlego por correr enquanto implorava pra ela. —*Por favor*. Não sei explicar, mas só preciso me aproveitar de qualquer que seja o amor que você possa ter por mim.

Ela suspirou, exasperada. Ela sempre ficou exasperada comigo por uma coisa ou outra, e esse foi um dos motivos que eu não me incomodei em visitar no passado.

— Tudo bem. Me ligue quando pousar.

Acontece que eu não precisava ligar para ela. Ela aparentemente adivinhou a essência da minha situação enquanto eu estava sentado em um tubo de metal a 9.144 metros de altura e chegou a suas próprias conclusões. Quando cheguei, recebi uma dúzia de mensagens de texto dela, cada uma me repreendendo por minha impulsividade e aparente irracionalidade.

Helen: Isso tudo é um jogo, ou você está realmente deixando o Andrew? Eu não vou começar a pedir favores para você se você for apenas sair e voltar para a Califórnia em uma semana.

Parece frio, certo? Bem, eis a questão: Helen e eu não estamos de acordo. Nós nunca tivemos. Temos dez anos de diferença e nosso pai deixou a mãe dela pela minha. Aos olhos dela, tive a infância gloriosa e perfeita que foi tirada dela... e tudo bem, claro, aqueles primeiros anos foram muito bons. Eu pude sair de férias em família e todo ano eu tinha um grande Natal em vez de dois pequenos, mas então, como ele já havia feito antes, nosso pai ficou entediado e passou para a próxima mulher. Deveríamos ter nos unido à figura paterna digna de uma novela, mas ela se formou e se mudou no segundo em que teve a chance. Desde então, nós duas basicamente fingimos que a outra irmã não existe.

Quando consegui sair do aeroporto no Texas, tentei ligar para ela. Eu disquei... avancei na fila do táxi... disquei novamente. Eu queria explicar a situação o mais rápido possível, e não conseguiria fazer isso por mensagem.

Era muito para explicar e, bem, meus dedos ainda tremiam com o que eu fiz. Além disso, a verdade sórdida é melhor explicada sem emojis.

Quando ela não respondeu, fui forçada a mandar uma mensagem para ela e mantê-la breve.

Meredith: Deixei Andrew para sempre. Eu preciso de um emprego e um lugar para ficar. Se você puder ajudar, isso seria maravilhoso. Se não puder, isso seria menos maravilhoso.

Helen: Tudo bem. Vou perguntar ao Jack se ele precisa de um estagiário. Vou enviar-lhe instruções sobre como chegar ao Blue Stone Ranch.

Meredith: Você é maravilhosa.

Helen: Não faça eu me arrepender disso.

Enfim, é por isso que estou aqui, gastando o pouco dinheiro que tenho em uma viagem pela região central do Texas.

O Blue Stone Ranch é onde minha irmã trabalha há seis anos. Não consigo imaginar o que ela faz como assistente executiva do proprietário. *Engraxar suas botas? Tosar suas ovelhas? Enfardar seu feno?* Está tudo um pouco fora do meu domínio, mas farei tudo e muito *mais*—com prazer.

Meu estômago ronca de novo tão alto que eu sei que a caixa do posto de gasolina pode ouvi-lo. Felizmente, ela parece muito distraída com seus próprios problemas.

Olho pela janela da frente no momento em que o motorista termina na bomba. Ninguém sabe a verdade sobre a minha vida, exceto ele. Ele já ouviu tudo. Nas poucas horas desde que ele me buscou no aeroporto, ele atuou como meu motorista e terapeuta silencioso. Melhor ainda, não há como ele repetir os detalhes que eu disse para ele, porque tenho certeza de que ele estava usando fones de ouvido o tempo todo. Durante toda a manhã, ele respondeu com resmungos e suspiros resignados — a linguagem universal do aborrecimento. Tenho certeza de que ele está tentado a voltar para o táxi e deixar eu cuidar de mim mesma nas terras do Texas.

Eu preciso seguir em frente.

Movida por um desejo primordial, tiro a lata de amendoins da prateleira e

os levo ao balcão.

Esse sentimento na boca do meu estômago é novo e tenho certeza de que não está relacionado à fome. Isso é como nada que eu já fiz antes. Eu nunca tive que me virar sozinha — nunca precisei. Casei-me com Andrew logo depois da faculdade. Ele era sete anos mais velho, já a caminho de uma grande empresa de produção. Saí do meu apartamento da faculdade direto para sua casa multimilionária em Beverly Hills.

É engraçado o quanto eu costumava temer o que agora está acontecendo comigo. Supus que era um destino pior que a morte acabar sozinha, pobre e sem direção. Se Andrew me ensinou alguma coisa, é que eu estava errada.

Coloco as nozes no balcão e a atendente encontra meu olhar. Ela oferece um sorriso fraco, e eu posso ver a tensão da vida gravada nos pés de galinha em torno de seus olhos.

— Como você está nesta manhã? — Eu pergunto com um pequeno sorriso empático.

Por um segundo, sua boca começa a formar uma resposta comum, mas ela deve ver algo que reconhece na minha expressão porque ela ri baixinho e balança a cabeça.

— Honestamente? Já estive melhor.

Eu concordo. — Posso dizer o mesmo.

— Só isso?

Ela está apontando para a lata de amendoim. Olho para baixo e a luz reflete forte no meu anel de casamento de diamante. É o meu último vínculo com a vida que estou tentando deixar para trás, o último vestígio de um homem que por cinco anos me cobriu de coisas brilhantes enquanto ele tentava abafar meu próprio brilho. Eu poderia vendê-lo e usar o dinheiro como uma precaução - Deus sabe que eu preciso - mas não vou. Não quero mais o dinheiro dele. Além disso, em breve terei o meu. Basicamente, acabei de ser contratada no Blue Stone Ranch. Eu posso ver agora: eu de macacão jeans, bandana amarrada no pescoço, caule de trigo entre os dentes. Serei a melhor funcionária que o rancho já viu, assim que eu chegar lá.

Sem uma sombra de hesitação, deslizo a jóia pesada do meu dedo e a jogo no balcão de linóleo lascado com um estalo.

— Consiga um bom preço por isso, — eu digo, sacudindo a lata de nozes. — sei que eu consegui.

2

JACK

Porra, inferno. Quem deixou o maldito portão aberto?!

Há porcos em todo lugar: no jardim, no celeiro, no caminho de cascalho. Eu até encontrei um na casa, um pequeno leitão robusto vasculhando minha cozinha, procurando migalhas. Agarrei-o e saí para minha varanda, encontrando metade dos funcionários do rancho correndo baixo até o chão, com os braços estendidos, tentando pegar o máximo de porcos possível antes que eu percebesse.

Os porcos estão gritando, os funcionários do rancho estão tropeçando e xingando até o alto céu, e o jardineiro chefe está perto das cerívias parecendo um segurança imbatível em um bar para maiores de idade. Parece um esporte ridículo de rodeio que deveria envolver crianças em idade escolar, e não homens adultos.

– Max! — Eu grito, chamando a atenção de um dos caras mais jovens enquanto ele corre na frente da minha varanda. Ele para de perseguir um porco, tira o boné de beisebol e enxuga o suor da testa. — Você não estava de serviço hoje?

Seus olhos se arregalam de medo. — Juro por Deus que fechei o portão depois da refeição da manhã!

— Talvez queira retirar esse juramento, porque com certeza não parece que você o fez.

Ele franze a testa e desvia o olhar, engolindo lentamente. Sua voz se quebra de medo quando ele responde: — Com certeza, eu fechei, mas devo...

Dou um passo à frente e largo o leitão em suas mãos. — Você tem dez minutos para consertar isso. Se esses porcos não forem recolhidos até lá,

estou descontando no seu salário.

— Sim, senhor. — Ele inclina a cabeça em um aceno de cabeça e depois sai novamente, correndo a toda velocidade com o leitão na mão.

Em outro dia, eu acharia essa cena divertida. Hoje, cheguei ao fim do meu humor. É segunda-feira e eu quase enlouqueci. Minha assistente executiva, Helen, está viajando a meio do mundo de distância. Minha empregada se demitiu na semana passada para se mudar para mais perto de sua filha, e agora meus funcionários estão trabalhando duro em recriar a peça dos Três Patetas. Eu tenho muita coisa para fazer e me sinto sobrecarregado. Eu não gosto disso. Eu administro o Blue Stone Ranch há uma década e odeio pensar que amoleci nos últimos anos e confiei demais em Helen. Ela me avisou que eu não seria capaz de trabalhar com ela estando em Paris e agora me arrependo de lhe dar uma folga. É pedir demais que ela trabalhe todos os dias a partir de agora até que ela morra? O que há de tão bom na França, afinal? Aquele lugar deixou Van Gogh tão deprimido que ele cortou sua própria orelha.

Vou até o meu escritório no segundo andar e bato a porta. Minha avó está lá embaixo, parada na janela da sala, apreciando completamente o desastre dos porcos que acontecia do lado de fora. A velha gosta muito dos meus problemas.

Sento-me na minha mesa e respiro fundo. Jogo meu boné sobre a mesa e eu passo uma mão pelo meu cabelo, sem dúvida fazendo-o ficar bagunçado para todos os lados. Eu preciso de um corte de cabelo. Normalmente, Helen teria marcado algo. Suspiro e coloco o boné de volta, guardando esse problema para outro dia.

Há 32 e-mails aguardando minha resposta. Eu não respondo a nenhum deles. Em vez disso, volto minha atenção para a luz vermelha piscando no meu celular de trabalho. Não tenho dúvida de que tenho mensagens de voz suficientes para ocupar minha manhã inteira. Mais uma vez, amaldiçoo Helen por deixar eu ter que me virar sozinho.

Blue Stone Ranch costumava ser uma fazenda de gado de 4 mil metros quadrados. No final da década de 1960, durante uma seca ruim, meu avô vendeu a maior parte do gado e abriu um restaurante, a Blue Stone Farm. Com sua comida da fazenda à mesa e churrasco de primeira qualidade, foi um sucesso da noite para o dia. Meu pai expandiu esse empreendimento com uma vinícola e, desde então, a empresa cresceu dez vezes mais. Agora, as famílias viajam de todo o sul para experimentar tudo o que o Blue Stone

Ranch tem a oferecer. Temos uma pequena pousada de luxo, um vinhedo, um restaurante e um local para casamentos. Alguns podem chamar isso de diversificado; outros podem dizer que é uma boa maneira de se sobrecarregar.

Faz dez anos que assumi o comando e, mesmo com os gerentes administrando cada ramo da empresa, ainda sinto que estou atolado na maioria dos dias.

Começo a percorrer as mensagens de voz, ouvindo alguns segundos de cada uma antes de pular para a próxima. Quando chego a uma que Helen deixou na noite passada, tento não ter muitas esperanças. *Por favor, diga que a França é péssima e que você está voltando ao trabalho.*

— Ei, Jack, me ligue quando receber isso. É urgente.

Eu ligo de volta imediatamente e ela atende após o segundo toque.

— Sentiu muito a minha falta? Compreensível. Então, quando é o seu voo para casa? — pergunto em vez de uma saudação.

Ela suspira, irritada. — Pare com isso. Eu não estou voltando para casa.

— Você ainda não está cansada de viajar?

— Estamos aqui há apenas uma semana.

— Paris não pode ser tão divertida.

— Brent e eu estamos gostando muito.

— Já viu a Mona Lisa? Noite estrelada? Todas essas coisas que estão no Google, em alta resolução e tudo mais.

— *Jack* —

— Certo, bem, você ouviu que Mary foi embora dois dias depois de você? Sim, voltou para Houston para ficar mais perto da filha. Perdi minha assistente e minha empregada de uma só vez, então não tenho tempo para conversar sobre o quanto você está curtindo suas férias. Eu já estou muito ocupado com o trabalho do jeito que está.

— Bem, é por isso que estou ligando. Tenho uma solução para isso. Encontrei uma funcionária temporária para você.

— Eu disse que não preciso de uma.

—E *eu* acho que você precisa. — Ela continua antes que eu possa discutir. — Minha irmã estará aí hoje mais tarde e vai me substituir enquanto eu estiver fora.

—*Irmã*? Eu não sabia que você tinha uma irmã.

Recosto na cadeira, subitamente interessado. Imagino Helen 2.0: uma morena mais velha e sem sentido, com um coque apertado. Imagine a sua professora favorita do ensino fundamental, a durona que conseguiu reunir um

grupo de crianças desobedientes de nove anos *e* ensinar-lhes divisão longa - essa é a Helen.

— Sim, bem, eu não falo muito com ela, e é provavelmente por isso que você não sabia que ela existia. Ela é dez anos mais nova e nós não crescemos juntas. Na verdade, eu mal a conheço. Ainda assim, ela diz que precisa de um emprego, e é o momento perfeito, já que você parece estar arrancando os cabelos sem eu estando aí comandando tudo.

Mal posso acreditar na minha sorte. Eu não achava que sobreviveria três meses sem Helen, e aqui está ela, resolvendo meus problemas do outro lado do oceano.

— Perfeito. Envie-a para mim. Se ela for como você, ela vai me salvar.

Helen ri. — Más notícias: ela e eu não poderíamos ser mais diferentes nem se tentássemos.

— Bem, se ela tiver metade da sua ética de trabalho, ainda será uma boa funcionária.

Há um longo momento de silêncio. Helen deveria estar dizendo as qualidades da sua irmã, mas ela não está, e eu acho suspeito.

— Helen, o que você não está me dizendo?

— Não quero comprometer a imagem dela antes que ela chegue.

— Se você quer que eu a contrate, é melhor começar a falar.

— Bem... acho que não quero que você espere que ela seja como eu. Meredith é... — Ela suspira. — Meredith é uma daquelas pessoas de sorte para quem a vida é um pouco mais fácil. Ela foi mimada demais quando criança. Temos mães diferentes, e ela se parece com a dela: pequena, bonita, você sabe o tipo. Nosso pai e... inferno, metade do mundo sempre lhe deu mais atenção.

— Isso está levando a algum lugar?

Eu praticamente posso ouvi-la revirar os olhos.

— De qualquer forma, ela se mudou para a Califórnia para a faculdade, casou-se com um rico produtor de filmes logo após a formatura, que a adora demais, sem parar. Tudo o que estou dizendo é que ela está acostumada a um certo tipo de vida. Não espere muita... coragem.

— Agora estou confuso. Por que diabos ela precisa de um emprego trabalhando para mim?

— Aparentemente, ela cansou e deixou o marido.

— O produtor de filmes rico e carinhoso? Faz sentido.

— Exatamente. Não há como ela o ter deixado de bom grado. Se você me

perguntar, aposto que Meredith entrou em algum tipo de problema. Talvez ela tenha um problema com vício em compras ou em vinho e ele ameaçou cortá-la. As pessoas ricas sempre encontram uma maneira de preencher seu tempo com vícios. Eu não ficaria surpresa. Como eu disse, ela era mimada quando éramos mais jovens. É o que acontece quando você nunca quis nada.

Enquanto ela continua, juro que outros dez e-mails se acumulam na minha caixa de entrada. Tenho muito mais o que fazer para ficar sentado ao telefone ouvindo uma história sobre uma mulher que não tenho planos de contratar.

Sento-me e enfio o telefone entre o ombro e a orelha para poder responder ao primeiro e-mail. — Bem, você deu ótimas recomendações para essa alcoólatra que gasta demais. Ainda bem que ela é problema de outra pessoa.

— Jack, eu já prometi a ela que conseguiria um lugar com você.

— Por que diabos você faria isso?

— Ela é da família. Se eu estivesse aí, eu a ajudaria.

— Vamos fazer um acordo: você embarca em um voo para casa e eu considerarei. Combinado?

— *Jack*.

Ela parece exasperada, mas eu também.

— Eu tenho que ir. Minha *assistente* me abandonou e tenho e-mails para responder.

— Ela é minha irmã.

— E?

— E eu estou pedindo um favor. Trabalho para você há seis anos e nunca pedi um favor.

— Você está me dizendo que vai desperdiçar isso com alguma pirralha mimada que vai rastejar de volta para a Califórnia quando ela conseguir sua primeira lasca?

— Não é isso que você quer? Quanto mais cedo ela sair, mais cedo você terá paz e sossego de volta.

Ela faz um bom argumento.

— Você me deve uma.

— Vou fazer login no seu e-mail remotamente e responderei aos e-mails que você acumulou. Está bom assim?

— Vamos ver se a princesa aparece primeiro. Algo me diz que ela dará uma olhada no local e de repente decidirá que sua vida de menina da

Califórnia não parece mais tão ruim.

3

MEREDITH

Não posso continuar. — diz o taxista, encostando na beira da estrada e estacionando o carro.

— Cara, eu sei o que você quer dizer. — eu concordo com tristeza.

— Não, quero dizer, você precisa sair.

— Oh, na verdade, acho que ainda não chegamos. Ainda temos um tempo.

Inclino-me para frente e aponto através do para-brisa dianteiro, como se quisesse provar meu argumento. Não há nada além de árvores e estradas de terra até que o céu encontre o horizonte.

— Senhora, é isso. O odômetro diz que estou oficialmente perdendo dinheiro com você. Eu dirijo um negócio, não um serviço de traslado da igreja.

Lamento oficialmente meu gesto ousado e simbólico com o anel de diamante.

— Que tal você me dar seu endereço e enviarei mais dinheiro depois do meu primeiro salário?

— Sim, certo, já ouvi isso cerca de um milhão de vezes.

Vou ter que ser criativa.

— Se ao menos houvesse algo que eu pudesse fazer por você… — eu digo, fazendo minhas sobrancelhas dançarem sugestivamente. — Não sexualmente, é claro. Eu poderia cortar as unhas dos pés mais difíceis de alcançar, ou—*ou*, que tal arrancar um pouco dessa sua monocelha?

— SAIA — ele insiste, e eu sei que é impossível.

O velho rabugento me chuta até o meio-fio - ou melhor, até beira da estrada de terra. Seus pneus levantam poeira quando ele volta para a estrada principal. Uma placa lá atrás dizia que o Blue Stone Ranch estava a apenas alguns quilômetros nessa direção. *Alguns quilômetros... merda.*

Pela primeira vez durante toda a manhã, sou grata por não ter muito comigo, apenas minha bolsa. Por dentro, hilariamente, tenho o que costumava ser o essencial da minha vida: um telefone celular sem bateria, uma bolsa de maquiagem para retoques, um frasco de perfume, minha carteira, balas de hortelã, um tubo de hidratante La Mer e o pacote de uma barra de proteínas que não consegui racionar adequadamente.

Sem tênis. Nenhum sistema de rastreamento GPS. Inferno, uma bússola seria muito apreciada agora.

No momento, estou sozinha, de verdade dessa vez. Até deixei o último de meus amendoins preciosos no bolso do banco do táxi.

Está bem. Eu vou ficar bem. Está tudo bem.

Eu levanto minha bolsa mais alto no meu ombro e saio pela estrada. As solas dos meus sapatos têm um estofado tão pequeno que sinto cada pedrinha. Eu andaria na grama ao lado da estrada, mas é espessa e coberta de mato, e tenho mais medo de cobras do que pedrinhas cavando nas solas dos meus pés. Não tenho nada além de tempo enquanto me arrasto na terra. Tento me convencer de que só tenho um pouco mais de caminho a percorrer, mas, sinceramente, não tenho como avaliar o quão longe cheguei. Deixei o relógio chique que conta meus passos na Califórnia.

Me distraio tentando ver os detalhes positivos da minha situação atual: estou viva e bem, recuperei o controle da minha vida e estou a caminho de construir algo novo. Estou no início de uma grande aventura. Claro, haverá solavancos ao longo do caminho, mas qualquer coisa é melhor do que a direção que eu estava seguindo com Andrew.

Acho que ouvi o barulho de um carro atrás de mim. Viro, meio convencida de que estou alucinando com a desidratação (deveria ter optado por amendoins com pouco sódio) e vejo um caminhão velho roncando na estrada. Está vindo direto para mim e duas coisas correm pela minha mente ao mesmo tempo. Primeiro: *Aleluia! Minha salvação chegou!* Segundo: *Em que parte do Texas ocorreu o massacre da serra elétrica?*

Honestamente, estou feliz em ver outro ser humano, mesmo que ele se mostre um canibal com ferramentas elétricas. O caminhão chega mais perto e é tarde demais para escapar da detecção, então me contento com uma onda

alegre e um dos meus grandes e encantadores sorrisos. O gesto deve dizer: *Olá! Olhe para mim, sou muito agradável para matar!*

O caminhão para ao meu lado e dois homens mais velhos e bronzeados, com chapéus de caubói surrados, ocupam todo o banco. O mais perto de mim rola pela janela e apoia o cotovelo no peitoril. Examino o banco da frente em busca de instrumentos para matar, mas vejo um tubo de tabaco para mascar e dois Big Gulps iguais.

— Perdida, querida?

QUERIDA! Quase desmaio e esqueço que deveria ter medo pela minha vida.

— De fato, eu estou. — Sorrio e explico com confiança: — Estou procurando pelo Blue Stone Ranch.

O homem perto de mim franze a testa e inclina a cabeça, confuso. — Você quer dizer Blue Stone Farm?

Tenho certeza de que Helen disse o Blue Stone Ranch em seu e-mail.

— Umm, agora não tenho certeza. Existe alguma diferença?

— Blue Stone Farm é o restaurante chique a alguns quilômetros naquela direção. — Ele aponta na direção da onde vim e meu coração afunda. *Não. NÃO.* Eu não vou voltar. — O Blue Stone Ranch é... bem, um rancho.

— Onde eu encontraria Jack McNight?

Ele concorda. — Jack estará no rancho.

— Ok, então é para onde eu vou.

Eles trocam um olhar, e então o mais perto de mim acena em direção à carroceria do caminhão. — Estamos indo para essa direção também. Não é o caminho mais suave, mas você pode entrar lá, se quiser.

O motorista bate na cabeça do amigo. — Karl, não seja um idiota - você entra nos fundos e deixa a simpática moça sentar aqui. Sua mãe não lhe ensinou nada?

Entro em ação antes que Karl possa se mover. — Não! Não. Está tudo bem. Eu insisto em ir na parte de trás. Isso me lembrará dos passeios de quando eu era criança. Estou muito nostálgica.

Meus instintos de sobrevivência voltaram à tona: pelo menos se eu estiver sentada lá, posso sair do caminhão se tiver a sensação de que eles decidiram me sequestrar.

São necessárias algumas tentativas para que eu possa me levantar na carroceria do caminhão usando um dos pneus traseiros. Sou uma imagem de graça e elegância quando me sento perto da porta da carroceria, coloco minha

bolsa no colo e bato no veículo duas vezes para sinalizar que estou pronta. O caminhão muda de direção e vamos embora.

Passo os próximos dez minutos no inferno enquanto caminhamos pela estrada abandonada. É um passeio esburacado, para dizer o mínimo. Eu cuspo a sujeira da minha boca e aperto meus olhos fechados para manter a poeira fora deles. Pedrinhas voam dos pneus e de alguma forma se lançam na minha cabeça. Estou sendo agredida por todos os lados, e isso nem inclui o que o vento está fazendo com meus cabelos. Leva muito tempo para perceber que é muito mais agradável me sentar com as costas contra a cabine do caminhão do que contra a porta traseira. Quando chegamos a um portão alto e em arco de ferro forjado que anuncia corajosamente que chegamos ao Blue Stone Ranch, estou convencida de que pareço ter acabado de sair da linha de frente de uma guerra. Acho que tenho até um pouco de sangue na testa devido a um inseto particularmente grande.

À parte minha condição física atual, estou chocada com a visão diante de mim. Eu nunca pisei em um rancho antes, mas havia inventado uma imagem bastante sombria na minha cabeça, me preparando para o pior, para não me decepcionar. Em vez disso, parece que me deparei com o que só pode ser descrito como um cenário de filme adorável. A estrada principal em que chegamos termina em um beco sem saída de um caminho circular de cascalho, bem no centro de tudo. De um lado do círculo, há uma casa de fazenda branca de dois andares com teto de metal e um convidativo balanço da varanda balançando ao vento. Há vasos de plantas e flores tomando banho de sol na borda da varanda. Além disso, vacas caminham em um pasto à sombra de enormes carvalhos. Eu passo por um grande galinheiro e um campo com alguns cavalos brilhantes e, ao lado, um enorme celeiro vermelho divide os animais do maior jardim que eu já vi.

Há pessoas trabalhando em todos os lugares - apague isso, não pessoas, *homens*. Não há uma única mulher à vista, e é provavelmente por isso que recebo muitos olhares de soslaio enquanto ando na traseira do caminhão como se eu fosse o grande marechal do desfile de um carro mais triste da história.

O caminhão para e estaciona ao lado dos outros veículos do rancho. Desço da carroceria e tento o meu melhor para restaurar a minha aparência desgastada, esfregando timidamente o sangue na minha testa, alisando meu cabelo e depois dando um suspiro de derrota. Neste ponto, é o que é, e será o que será.

— Ele provavelmente estará em casa, — diz Karl, apontando na direção da fazenda que eu estava admirando. — Jack.

Inclino minha cabeça em agradecimento e ofereço um aceno fraco antes de sair para encontrar meu novo chefe. Todos os olhos estão em mim enquanto ando alguns metros entre o caminhão e a varanda da frente. Eu me destaco por ser diferente nesse cenário, mas em vez de ceder à repentina inundação de nervos, tento me lembrar de qualquer detalhe que Helen possa ter mencionado sobre seu trabalho ao longo dos anos.

Vamos ver, eu sei que ela é uma assistente executiva e, nesse papel, ela... ajuda. *Droga.* Eu não sei de nada. *Ela já disse alguma coisa sobre seu chefe?* Não me lembro. Quero dizer, ela deve gostar do seu trabalho já que está aqui há quase seis anos... ou talvez ela tenha ficado tanto tempo porque é sua única opção? Provavelmente é difícil encontrar trabalho em uma área tão rural - e quero dizer *RURAL*. Durante a viagem de San Antonio para Cedar Creek parecia que eu estava passando por algum tipo de distorção do tempo. A cada quilômetro que passava, o campo se tornava cada vez menos povoado, as estradas mudaram do concreto para o asfalto e para a terra, e não tenho certeza de que tenha serviço de celular por aqui. É nisso que estou pensando quando bato na porta da frente da fazenda e ela é aberta um segundo depois.

Uma mulher alta e magra está de pé na soleira da porta, vestindo uma calça jeans e uma camisa de pérola. Seu cabelo branco-acinzentado é cortado em um estilo duende e seus olhos de aço parecem me atravessar. Ela não está usando maquiagem. Ainda assim, ela é linda, quase real, com algumas rugas nos cantos dos olhos.

Abro a boca para me apresentar, mas ela é mais rápida.

— O que quer que você esteja vendendo, nós não queremos ou já temos.

Então ela dá um passo para trás e bate a porta na minha cara.

Estou tão chocada que levo um minuto para recuperar meu juízo antes de bater novamente. Desta vez, eu a ouço suspirar do outro lado da porta antes que ela a abra.

— Ah, e todos nós ouvimos a história e encontramos o Senhor, e não precisamos mais, obrigada.

Outra batida.

Não bato de novo porque posso ver a mulher observando para ver se vou embora.

— Vocês nunca ouvem? Preciso ir buscar minha espingarda ou você vai

sair desta varanda sem que eu precise expulsá-la?

Meus olhos estão arregalados como discos voadores. Ela realmente vai atirar em mim se eu não sair da varanda dela? Que tipo de lugar *é* o Texas?

Levanto as mãos como se ela fosse policial e estou presa, depois prossigo com cautela.

— Não estou vendendo nada. Por favor, não atire em mim.

A porta se abre novamente. Ela franze a testa e me dá uma olhada antes de encontrar meu olhar novamente.

— O que você quer então?

— Um emprego.

Ela acha isso hilário, rindo tanto que precisa se apoiar no batente da porta se firmar. Ela dá um tapa no joelho com a outra mão, olha para mim e depois se dobra de rir.

— Você veio até aqui procurando emprego? Oh cara, isso é engraçado, — diz ela, secando os olhos. — Ok, o que vai ser, senhorita? Carpinteiro? Soldadora?

— Eu...

— Quem te colocou nisso? Dotty? Aquela velha malandra. Vou me vingar tanto dela que ela nem verá isso acontecer...

— Eu não sei quem é Dotty. Eu sou irmã da Helen, Meredith. Ela deve ter ligado com antecedência e mencionar que eu estava a caminho?

Com esse anúncio, sua risada finalmente morre. Ela me inspeciona com novos olhos.

— Você não se parece com Helen.

— Temos mães diferentes.

Seus olhos afinam em consideração. — Hmm. Bem, seu pai deve ter gostos amplos.

Eu sorrio, sem saber se devo ou não levar isso como uma piada.

— Certo, bem, se você precisar de um emprego, precisará conversar com Jack. Ele está no celeiro fazendo uma reunião.

— Reunião? — Eu pergunto, virando-me para ver para onde ela está apontando.

Há um grupo de homens em um círculo do lado de fora do celeiro, com a atenção fixada em uma figura alta que parece estar dando ordens. A essa distância, não consigo entender seus traços.

— É uma reunião com todos funcionários do rancho.

— Ah, entendi. — Eu me viro para ela. — Talvez eu possa esperar até

que ele termine.

Não tenho nenhum lugar para estar.

Ela balança a cabeça. — Normalmente, eu concordaria, mas ele tem muita coisa pra fazer já que sua irmã não está aqui. Duvido que consiga encontrá-lo novamente.

Perfeito. Apenas *ótimo.* Eu esperava que meu dia continuasse por esse caminho. Por que eu iria encontrar Jack cara a cara e explicar a minha situação quando ao invés disso, posso mancar lentamente em direção à reunião com todos os funcionários, cerrando os dentes enquanto começo a ficar com bolhas?

Em outra vida, meus joelhos cederam e eu me deito na terra, muito fraca e cansada demais para me levantar. Ninguém me ajuda. Eu morro. Meus sapatos Gucci se decompõem.

Mas, nesta vida, me aproximo do grupo e, uma a uma, todas as cabeças do círculo se voltam em minha direção. A voz estridente de Jack carrega a multidão.

Não tenho ideia do que ele está falando, mas gosto do som da voz dele. É áspero, quase corajoso e forte o suficiente para chamar a atenção de uma dúzia de homens do rancho - bem, exatamente até *agora*, quando todos os olhos estão em mim.

— Parece que temos companhia. — alguém diz, e eu finalmente tenho coragem de desviar meu olhar do chão. É como se eu tivesse acabado de subir ao palco de um show de strip-tease com tema de cowboy. Estou cercada por uma dúzia de jovens fortes, vestindo jeans e suando através de suas camisas de trabalho. Eu olho de um rosto lindo para outro, observando os sorrisos divertidos até finalmente chegar ao líder destemido e parar.

Meu intestino aperta como se meus ovários se inclinassem em direção ao meu útero para dizer *Olá! Estamos aqui e gostamos do que vemos!* Meu coração para e depois acelera, confuso sobre como proceder. Meus olhos olham para cima e para baixo quatro vezes antes de finalmente recuperar o senso suficiente para interromper o ciclo.

Não me levem a mal, essa reação não é sobre eu ser apaixonada. Vendo como acabei de deixar um relacionamento muito ruim, oh, eu não sei... 14 horas atrás? eu sou imune ao movimento da sua mandíbula bem definida que ele está fazendo. Sério, eu só estou surpresa. Assim como no rancho, Jack não é nada do que eu estava esperando. Ele é jovem — com trinta e poucos anos, talvez — com um corpo alto e ombros largos. Você sabe aquele olhar

calmo e confiante que todo zagueiro da NFL carrega, aquele brilho nos olhos que desafia você a tentar se meter com eles? Ele tem. Além disso, ele tem uma mandíbula ampla, maçãs do rosto fortes e sobrancelhas escuras.

Ele está usando um boné de beisebol e as pontas dos cabelos castanhos escuros saem por baixo. Essas são todas as coisas que eu não *quero* apenas noto. O fato de sua camiseta preta se esticar sobre o peito quando ele coloca as mãos nos quadris é um fato, não uma opinião, e seu olhar de aço se voltou para mim? Sim, isso também é meio difícil de ignorar, especialmente agora que tudo ficou em silêncio.

Que estranha reviravolta descobrir que meu futuro chefe é um homem muito atraente. Bom para ele. Eu não ligo. Estou muito focada no fato de que seus traços esculpidos estão presos em uma carranca irritada. Todo mundo parecia divertido com a minha interrupção da reunião, mas não ele. Provavelmente já é difícil manter o controle desses caras em circunstâncias normais, e acabei de entrar e roubar a atenção deles.

— Posso ajudar? — ele pergunta com um tom duro. O que ele realmente quer dizer é: *Vá embora,* assim como meu taxista terapeuta e a velha mulher da casa.

Endireito os ombros e junto toda a confiança que me resta. Não é muito, e minha voz mal chega ao grupo.

— O que é que foi isso? — ele pergunta, impaciente.

— Fala mais alto! — alguém grita.

Eu limpo minha garganta e tento novamente. — Estou aqui para um emprego.

Há outra rodada de risadas. Essas pessoas precisam seriamente de um clube de comédia, ou pelo menos alguns filmes de Adam Sandler em DVD. Eles acham hilárias as coisas mais normais.

— Ei Jack, ela poderia ser sua primeira funcionária com as unhas feitas da fazenda.

Os caras realmente riem disso.

Jack, por sua vez, não ri.

Ele balança a cabeça e dá um passo à frente. — Você deve ser a princesa.

— O que?

— Eu ouvi sua história. Eu estava torcendo pra você não aparecer.

Minha boca se abre, mas antes que eu possa dar uma resposta ardente, ele passa a mão em volta do meu bíceps e me afasta do grupo. Há protestos e comentários profanos atrás de nós. Eu faço uma careta para os caras por cima

do ombro, mas isso apenas alimenta o fogo.

— E a reunião, Jack? Você bem que queria ter uma a sós com ela!

— Ela pode me ajudar nos campos! Vou treiná-la rapidinho!

— Esta deve ser a boa hospitalidade do sul que se ouve falar. — eu assobio, tentando puxar meu braço para fora de seu aperto.

Seus olhos afiados focam em mim enquanto ele continua me levando em direção a casa. — Você terá que perdoar nossos pobres modos do interior, — ele responde em um sotaque afetado cheio de sarcasmo. — Não estamos acostumados a entreter a realeza.

— O que isso significa?

Ele abre a porta de tela e me empurra para dentro de casa.

Sem dúvida, é a pior recepção que já tive.

4

JACK

Você é um pouco rude, não é? — ela diz, nenhum sinal de diversão entrelaçado em suas palavras.

Levanto os olhos da minha mesa e vejo ela me estudando com uma carranca furiosa. Eu realmente a irritei. *Que bom.* Quanto mais cedo ela começar a odiar isso, mais cedo partirá.

Faço um gesto para a cadeira em frente à minha mesa.

— Sente-se.

— Prefiro ficar de pé.

— Fique à vontade.

Ela cruza os braços sobre o peito e participamos do que parece ser o concurso de olhar mais longo do mundo. Fumaça sai de seus ouvidos. Se ela tivesse um revólver, estaria apontando pro meu coração.

Inclino minha cabeça, estudando-a. — Você é mesmo a irmã da Helen?

— Nós temos os mesmos olhos.

Sem brincadeira — eles são azul claro, a cor mais rara que eu já vi —, mas as semelhanças começam e param por aí. Eu nunca pensei que Helen fosse atraente. Ela está em segurança em minha mente como minha assistente executiva matronal; ela não existe para me atrair ou não me atrair. Ela é minha funcionária e é muito boa nisso. Meredith, no entanto... ela é diferente.

— Helen disse que você precisa de um emprego.

Meredith assente. — Correto. Eu posso começar hoje.

Eu rio com isso. — Parece que você e eu não começamos muito bem e, às vezes, sua intuição sabe alguma coisa antes que o cérebro entenda. Talvez você deva procurar emprego em outro lugar.

Com isso, algo em sua expressão quebra. Ela ainda está furiosa, mas seus ombros caem. Sua atenção passa por meus ombros, pela janela. Os lábios dela tremem. Não sou muito bom em ler mulheres, mas tenho quase certeza de que ela está prestes a chorar. Eu pensei que estaria mais feliz em chegar nesse ponto.

— Você já trabalhou em um rancho antes?

— Eu acho que você provavelmente pode adivinhar a resposta para isso. — ela retruca, os olhos azuis voltando para mim.

Eu resisto à vontade de sorrir para o fogo dela. — Você pode guardar as garras. Estamos apenas conversando.

Ela suspira e dá um passo à frente, finalmente afundando no assento que eu lhe ofereci. Sua bolsa cai no chão a seus pés enquanto ela relaxa contra a almofada, e aproveito a oportunidade para estudá-la. Seu cabelo é da cor de café escuro, quase preto, provavelmente falso. Suas unhas são aparadas e bem cuidadas. Suas feições - embora atualmente manchadas de sujeira e o que parecem ser algumas gotas de sangue - são femininas e bonitas. Não tenho dúvida de que ela era uma destruidora de corações na Califórnia. Seu marido provavelmente está sentindo falta dela agora.

Uma vez situada, ela olha para mim, esperando.

— Então, nenhuma experiência no rancho. Você já teve um emprego?

Ela engole e levanta o queixo. É claro que o que lhe falta em experiência, ela compensa em confiança. Duvido que ela tenha deixado alguém passar por cima dela alguma vez.

— Eu me voluntariei em um hospital nos últimos anos.

— Estou falando de um *trabalho* real, com um salário, um chefe e responsabilidades.

Seus lábios se contraem e ela balança a cabeça. — Meus pais sempre quiseram que eu me concentrasse na escola.

Pais?

— Quantos anos você tem?

— 28 — Ela adivinha onde minhas perguntas estão levando. — Depois da faculdade... bem, certas circunstâncias significavam que eu não trabalhasse, mas garanto que serei uma ótima funcionária. Sou oportuna e dedicada.

— Você pode usar o QuickBooks?

— Sou uma aprendiz *rápida*! — ela brinca. — Heh.

— E o Outlook?

— Eu sempre mantenho uma perspectiva positiva.

Jesus Cristo.

— Sua irmã me disse que você é casada com algum milionário. Por que você precisa de um emprego?

Meus olhos se estreitam enquanto eu a estudo, procurando um motivo naquele rosto bonito. Eu pego a mudança sutil no ar com a menção de seu marido.

— Eu *era* casada, — ela morde com a mandíbula trancada. — Nós estamos separados.

— Desde quando?

— Ontem à noite. — ela anuncia com confiança.

Eu finalmente perco a batalha comigo mesma e rio. É tudo tão ridículo. Tiro o boné da cabeça, aliso a mão sobre o cabelo e o coloco de volta no lugar. Ela acompanha meus movimentos com muita atenção.

— Eles não fazem você esperar 24 horas para denunciar uma pessoa desaparecida? Parece que você deveria dar 48 horas para terminar um casamento. Você pode mudar de ideia.

— Eu não vou.

— Desculpe pelas minhas palavras, mas não tenho tempo para essa merda.

Mesmo agora, os problemas estão se acumulando do lado de fora da porta deste escritório.

Outra pessoa se levantaria e sairia. Eu sou conhecido por trazer homens crescidos de joelhos, mas ela não parece se importar. Na verdade, ela se inclina para a frente, coloca as mãos na minha mesa e trava o olhar no meu.

— Eu preciso desse emprego.

— Discordo. — Minha gentileza se foi. Minha paciência está toda esgotada. — Olha, você fez seu gesto dramático, agora acho que deveria voltar para a Califórnia. Sem dúvida, você ensinou uma lição ao seu marido. Tenho certeza de que ele comprará a você qualquer coisa bonita que ele esteja escondendo.— Fico de pé e começo a discar o número do meu gerente da fazenda para poder retornar a ligação que ele deixou mais cedo.

Ela estende a mão, pega o telefone no suporte e bate de volta.

Droga. Ela é mimada *e* louca.

— Eu sei que Helen se foi e você precisa de alguém. Me dê o trabalho.

— Você nunca trabalhou um dia na sua vida. Quando eu treinar você, Helen estará de volta.

— Não estamos falando de ciência de foguetes — quão difícil pode ser? Vou ficar fora do seu caminho.

Eu nivelo um olhar firme por seu pequeno corpo. — De alguma forma, duvido disso.

— Não vou sair deste escritório até que você me dê um emprego — qualquer emprego.

Nesse momento, acende uma luz que ilumina a saída dessa bagunça. É preciso toda a minha energia para manter meu rosto neutro. Ela não pode saber que é uma armadilha ou vai ver através das minhas intenções. Meredith quer um emprego, quero que ela saia da minha propriedade, e parece que podemos matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Qualquer trabalho? Isso funciona para mim. Eu preciso de uma empregada. A minha se demitiu na semana passada.

Ela arqueia uma sobrancelha delicada. — Não aguentava o chefe dela?

Eu cerro os dentes. Ela não deveria estar rastejando? Fazendo com que eu goste dela da melhor maneira possível? Em vez disso, parece que ela está dando as cartas no *meu* meu maldito escritório. — Ela se mudou para ficar mais perto da filha. Esse é o único trabalho que tenho para você. É pegar ou largar.

Ela se levanta, tirando as mãos da minha mesa. — Então eu seria sua empregada?

— Você também cozinharia, lavaria a roupa, daria banho no cachorro - esse tipo de coisa. Os banheiros precisam de limpeza pelo menos uma vez por dia. Você viu os caras que os usarão e hoje é noite de comida mexicana.

Estou lhe pressionando muito neste momento. De jeito nenhum ela vai ficar.

Ela desvia o olhar por um momento. — Eu não — ou seja, eu nunca...

Volto minha atenção para minha mesa, descartando-a. Eu nunca tive que lutar tanto com um sorriso na minha vida. Imaginei que não seria difícil assustá-la, mas isso era um pouco fácil demais. Uma menção a esfregar banheiros e seus joelhos estão tremendo. Ela está a um segundo de fugir. Depois que ela se for, finalmente terei um minuto para recuperar o atraso no trabalho. Vou ligar para minha gerente e enviar um e-mail para Helen, exigindo que ela retorne mais cedo em troca de me incomodar em lidar com essa pirralha.

Ocorre-me que Meredith não se mexeu. *Oh, certo.* Ela está presa aqui.

— Ou — eu olho para ela por baixo das minhas sobrancelhas, falando de

forma despreocupada — Vou falar para um dos funcionários te dar uma carona de volta para a cidade.

Ela está olhando para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça. — Do que você está falando? Eu não vou embora. Estou aceitando o trabalho, sob uma condição.

Oh, Meu Deus!

Aparentemente, o marido rico realmente cortou os gastos dela porque Meredith solicita alojamento e alimentação. Sem dúvida, ela estava planejando ficar com a irmã, mas a casa de Helen está em construção. A única opção dela é ficar aqui, mas eu serei condenado se a tiver em casa comigo. Ela está aqui há quinze minutos e eu já estou com uma forte dor de cabeça por causa da tensão.

Ao lado da minha casa, há uma pequeno barraco escondido no limite das árvores da propriedade. Sim, usei a palavra certa - é um barraco. Eu já emprestei para funcionários de fazendeiros no passado, caras engenhosos que não se importam de passar um mês ou dois em uma cama de solteiro ruim para que possam economizar para alugar. As ripas nas tábuas do assoalho têm algumas brechas e há algumas teias de aranha penduradas nos cantos, mas há um chuveiro improvisado e uma pia, mais do que Meredith provavelmente merece.

Assim como em todo o resto, espero que ela dê uma olhada no local e corra gritando de volta para a Califórnia, mas ela entra no pequeno espaço e se vira em um círculo lento. Eu a observo com cuidado, esperando uma lágrima solitária rolar por sua bochecha de porcelana. Não gosto de ver mulheres chorar, mas algo diz que ela precisa muito de uma dose de humildade.

— Esse chuveiro funciona? — ela pergunta, apontando para o canto.

Eu sorrio. — Apenas a melhor água de poço de 68 graus do Texas.

— E eu suponho que não haja ar condicionado?

Mesmo que esteja sombreada por árvores, parece estar cem graus aqui.

— Há uma brisa durante a noite, se você abrir as janelas.

Ela assente e leva o lábio inferior entre os dentes. Ela está pensando, provavelmente contemplando o quão longe ela está disposta a ir até voltar para seu marido. Certamente, se ela o informasse sobre essas condições de vida, ele lhe daria dinheiro suficiente para alugar um quarto no belo hotel na

First Street.

Seu olhar azul pálido muda da cama suja para o chão nu e, finalmente, ela me encara. A expressão que vejo é uma parte de resiliência, uma parte de desafio. É combustível e chamas.

Ela dá um suspiro e deixa a bolsa cair aos pés, efetivamente se preparando.

— Obrigada. Eu vou ficar.

5

MEREDITH

Eu não sei qual problema resolver primeiro, estou me afogando neles. Jack me deixou sozinha no meio do meu novo apartamento. Estou me referindo a ele como um apartamento e não como um galpão em ruínas, porque acredito no poder da ilusão. Se olhar para este dia e para esta *bizarra casinha de campo* como uma aventura, torna-se divertido e emocionante (!) Em vez de sombrio e deprimente.

O lugar é pequeno, mais ou menos do tamanho do meu dormitório de caloura na faculdade ... exceto que o meu dormitório estava equipado com a decoração Pottery Barn e uma colega de quarto animada chamada Janine. Este apartamento está equipado permanentemente com poeira no ar e o inconfundível cheiro de mofo. Minha única companheira é uma minúscula aranha olhando para mim da sua teia. Agora eu sei que o verdadeiro significado da palavra inóspito é um lugar que pode te colocar no hospital. Há um rastelo enferrujado encostado em uma parede e uma alegre faixa de pregos soltos espalhados pelo chão puído.

Sinto o senso e a razão tentando voltar à sala de controle do meu cérebro, mas os excluo em favor do otimismo cego. Claro, a estrutura deve provavelmente estar condenada, mas não é nada que eu não possa enfeitar com um pouco de imaginação e muito trabalho duro.

Decido começar pequeno e volto minha atenção para a cama de solteiro encostada a uma das paredes. Com um bom lugar para adormecer hoje à noite, toda a minha perspectiva de vida pode melhorar. *Olha*, eu digo a mim mesma, *ele já tem um cobertor* e *um travesseiro. Caramba, isso é um barraco ou o Ritz? Eu com certeza não sei dizer!*

Pego o cobertor e o travesseiro se mexe. Franzo a testa e inclino a cabeça para o lado, porque toda a minha vida até agora me levou a acreditar que travesseiros inanimados não deveriam ser capazes de movimentos independentes. Sentindo que estou à beira de um grande avanço científico, lentamente estendo a mão e puxo a ponta da fronha até ver o que está por baixo.

PELO. OLHOS PEQUENOS E BRILHANTES. RABOS LONGOS E SEM PELOS.

Eu pulo um metro no ar e grito quando um pequeno camundongo do campo seguido pelo maior rato que eu já vi sair correndo por baixo do travesseiro e atravessar uma rachadura irregular na base da parede.

SEJA OTIMISTA, SEJA OTIMISTA, eu repito enquanto minha frequência cardíaca retorna lentamente a um nível que não me mate.

Eu acho que é meio bonito, eu penso. *Um camundongo e um rato, movidos por paixão ilícita e romance proibido, arriscaram tudo para construir uma vida juntos neste barraco - ah, apartamento. Se eles podem fazer isso, eu também posso.*

Sorrio com um devaneio perturbado, pensando docemente sobre os roedores Romeu e Julieta, quando noto a quantidade impressionante de fezes no chão.

Assim, minha disposição ensolarada é banhada pelo desespero e um desejo irresistível de desistir. Exceto, não há desistência. Sem Helen, não tenho para onde ir. Minha mãe vive em uma comunidade de aposentados em Boca Raton. Ninguém com menos de 60 anos tem permissão para residir lá, aparentemente porque quadris flexíveis e audição em frequência total inflamariam ciúmes entre as massas osteoporóticas. Além disso, se eu ligasse para ela, ela tentaria me convencer a me reconciliar com Andrew. O mesmo vale para o meu pai. Eles estão cegos por sua riqueza e reputação, e eu não tentei convencê-los de seu lado sombrio. Na verdade, não somos muito próximos e eles têm o hábito de ouvir e acreditar no que for mais conveniente para eles.

Com meus pais e Helen fora da jogada, estou sem opções. Ainda mais triste, eu realmente não tinha amigos na Califórnia. Quando você entra em uma vida de conforto e luxo, quando a maioria dos seus amigos da faculdade ainda está arrasada com a dívida de empréstimos estudantis, você rapidamente se vê alienado. Claro, eu tinha as mulheres com quem eu almocei e que encontrei na aula de ioga algumas vezes por semana, mas elas

eram mais amigas de Andrew do que minhas, esposas de seus colegas e elas — como meus pais — acreditam que ele não tem nenhum defeito.

Estou realmente sozinha.

Tudo que eu tenho está da minha bolsa, no chão desta residência.

Eu tenho nove dólares amassados.

Eu tenho um novo chefe que já pensa o pior de mim.

Eu tenho um trabalho que colocará meu rosto perto dos banheiros dos homens todos os dias.

Eu tenho um pequeno apartamento triste — ok, NÃO, um pequeno *barraco triste* com ratos e aranhas e uma cobertor com uma odiosa mancha amarela. No começo, eu ia ignorar, mas é como tentar ignorar o maldito sol.

Antes que eu perceba, estou marchando de volta pelo quintal, em direção à casa da fazenda. Tenho certeza de que Jack já se foi há muito tempo, domando cavalos selvagens ou cortando ladrões de gado na passagem, mas vou sentar do lado de fora do escritório e esperar que ele volte. Exijo que ele veja a razão. Certamente ele está me odiando de brincadeira e realmente não espera que eu fique nessa cabana.

Abro a porta dos fundos da casa e imediatamente fico na defensiva, na ponta dos pés, com os ombros acima das orelhas. Ele poderia estar em qualquer esquina, sentado em qualquer um dos cômodos por onde passo, mas a casa está silenciosa e vazia. Meu silêncio é desperdiçado.

A minha segunda jornada, descobri que a casa da fazenda é extremamente agradável, nova construção. Há pisos de madeira, uma agradável cor cinza pálida nas paredes e muitas fotos de família e bugigangas. De alguma forma, não parece confuso. É quente e convidativo - ou pelo menos seria se não houvesse um monstro sem alma à espreita em algum lugar lá dentro.

Ouço a voz dele atrás da porta do escritório e sou grata por não ter que marchar por toda a propriedade caçando-o.

Dou de ombros, levanto o pescoço e me preparo. Rapidamente, repasso todos meus argumentos para ter todos os meus pontos em ordem. Vou dizer a ele que o barraco é um risco à saúde dos funcionários e apontar que a casa dele é enorme - deve haver pelo menos seis quartos. Passei por uma sala de jogos, sala de estar e uma copa, e eu dormiria feliz no chão em qualquer um deles. Eu não sou exigente.

Sei que tenho uma defesa vencedora, mas ainda não tenho coragem de bater na porta dele. Meu coração está batendo tão rápido, sem ritmo, apenas pulsos rápidos. Eu me transformei em um beija-flor. *É assim a sensação de*

desespero? É selvagem, como uma droga.

Tento me lembrar por que estou aqui, por que deixei Andrew em primeiro lugar. Nos últimos cinco anos, eu fui a esposa perfeita. Estudei as notícias e fiquei a par dos acontecimentos atuais. Eu era educada, espirituosa e engraçada, e quando necessário, era recatada e pensativa. Comi refeições bem distribuídas e malhei todos os dias, ensaboei-me em cremes noturnos e máscaras faciais e, consequentemente, tenho a pele e a bunda de uma menina de dezoito anos e, no final, não foi suficiente. Nada foi suficiente.

Minha conversa mental funciona – estou à procura de sangue. Eu bato na porta de seu escritório com a lateral do meu punho e entrei. Pobre Jack. Ele não sabe o que o atingiu. Se ele tivesse me pego semana passada, eu teria sido gentil e mansa. Eu usaria um tom doce, uma voz "ao telefone" quando falasse com ele, exatamente como Andrew preferia. Agora, ele obtém a versão não filtrada, o inferno, raiva e loucura em que estou enjaulada por muito tempo. Eu não ficaria surpresa ao encontrar manchas de tinta preta de guerra sob meus olhos.

— Claro, entre sempre que você quiser.

Suas palavras pingam sarcasmo. Está claro que ele está zangado com a interrupção enquanto olha para mim de trás da mesa. Esse olhar e seu tom irritado mudam minha perspectiva, e lembro que *não* me sinto mal por ele estar recebendo a versão não filtrada. Não, ele começou essa bagunça sendo rude comigo: me chamando de princesa, me arrastando para longe da reunião com todos os funcionários, e depois me jogando para aquele barracão glorificado que dá a outros barracos respeitáveis um nome ruim. Ele acha que eu sou uma criança mimada - sem dúvida o resultado do trabalho de Helen - e, em vez de me dar o benefício da dúvida, ele não fez nada além de duvidar dos meus benefícios. Ele tem sido nada além de brusco e hostil, então *não, SEM POBRE JACK*.

Ele ainda está usando aquele boné de beisebol e parece aquele atleta legal do ensino médio que cresceu. Eu tento não ser intimidada. Dou a ele o que só posso esperar que seja um olhar sério e direto. Minhas mãos vão para os meus quadris. Meus cotovelos se dobram. É uma pose de poder, é a Mulher Maravilha, e estou arrasando.

— Gostaria de propor um arranjo alternativo de moradia. — Seus olhos castanhos tentam queimar através de mim. Ainda assim, eu continuo. — Passei por um monte de quartos decentes a caminho de cá. Há um quarto no corredor...

— Nenhum dos quartos desta casa está disponível para você. Não estou dirigindo uma pousada.

Obviamente. Se ele fosse, seria chamado de Mansão Más Maneiras, e as resenhas de uma estrela no Yelp iriam ler: *dono grosseiro assusta possíveis hóspedes para longe*.

— Não se preocupe, tenho certeza de que você poderá alugar um lugar melhor após o seu primeiro salário — se você aguentar até lá.

— Tá. Quando exatamente é o dia de pagamento?

Ele se recosta na cadeira e esfrega a barba ao longo da mandíbula. — A folha de pagamento saiu na sexta-feira passada, então você receberá seu primeiro salário daqui a duas semanas, assim como todos os outros.

Duas semanas? Eu não vou durar tanto tempo. Eu tenho um par de roupas íntimas.

— Eu realmente poderia usar um adiantamento.

Digo isso com muita calma, como já vi nos filmes, e acho que ele responderá de volta. Ele não responde.

— Isso é uma pena.

— Bônus de assinatura?

Ele realmente ri disso, ri como se eu fosse a pessoa mais estúpida que ele já encontrou. Sua risada me faz sentir um pouco enjoada, e minhas mãos formam punhos ao meu lado. Se estivéssemos mais perto, acho que eu balançaria e tentaria dar um olho roxo nele, apenas para ver como seria. Ele tem pelo menos o dobro do meu tamanho, mas sou determinada. Ele nunca me veria chegando.

— Por que você precisa do dinheiro? Uma bolsa nova?

A acusação envolve meu coração como garras e ela *estoura* como um balão, esvaziando qualquer coragem que me resta. Deus, ele pensa tão pouco de mim. *Ele acha que eu me sujeitaria a essa humilhação por algo tão frívolo como uma nova bolsa?*

Devo dizer a ele a verdade, que quero o dinheiro para poder ir à cidade e comprar alguns itens essenciais: um travesseiro novo e um cobertor limpo. Eu preciso de um par de tênis porque meus sapatos deixaram meus pés em carne viva. Não tenho roupas, nada para vestir. Estou totalmente destituída e completamente à sua mercê. Eu vim para o Texas na esperança de encontrar algum conforto com minha irmã e, em vez disso, encontrei *ele*—o homem mais rude e desprezível a oeste do Mississippi.

Abro a boca, preparada para derramar tudo, para fazê-lo se sentir péssimo

pelas coisas que me disse, mas logo percebo que não posso. Assim que eu falar, vou soluçar. Eu sou uma daquelas pessoas que inexplicavelmente chora quando está com raiva. É irritante. Sempre que eu quero gritar com alguém, sai como uma bagunça chorosa. Raiva e tristeza vêm ao meu cérebro, sem esperança de aproveitar um sem o outro. Não vou dar a ele a satisfação de me ver chorar; portanto, não tenho escolha.

Sem outra palavra, dou meia-volta e saio de seu escritório, batendo a porta atrás de mim. É uma coisa estranha a se fazer, considerando que estávamos no meio de uma conversa. Acabei de lhe dar mais motivos para pensar que sou louca, mas pelo menos ainda tenho meu orgulho. *Pessoas com um único par de roupas íntimas têm orgulho?*

Eu manco com os pés cheios de bolhas, repetindo um mantra curto de novo e de novo na minha cabeça: *não chore, não chore, não chore.*

Surpreendentemente, meu cérebro escuta. Não derramei uma única lágrima ao descer as escadas, atravessar a cozinha e entrar na lavanderia que leva à porta dos fundos. Estou tão concentrada em sair que não reparo nas sacolas empilhadas ao lado do batente da porta até tropeçar em uma delas. Aparentemente, acabei com a minha cota de momentos embaraçosos para o dia, porque o universo me salva de cair de cara completamente. Eu me recupero e olho por cima do ombro para me certificar de que não houve audiência para meu pequeno tropeço - a barra está limpa. Volto para a porta, preparada para abri-la e fugir, mas depois olho para baixo.

Os sacos de lixo não estão cheios de lixo - estão cheios de roupas, roupas que, sem dúvida, estão esperando para serem carregadas e levadas à Goodwill para doação. Eu sei disso porque há um pequeno post-it em um deles que diz: *DOAÇÃO! PEGUE O QUE QUISER!*

Estou a meio caminho de cair de joelhos e chorar. Em vez disso, viro uma orelha para as escadas, confirmo que Jack não me seguiu e então começo a trabalhar vasculhando as sacolas. Eu justifico o fato que estou roubando porque as roupas estão prestes a ser doadas para os menos afortunados e adivinhem? Atualmente, estou menos afortunada que já estive. Essas roupas são minhas.

Encontro um par de meias pretas gastas, mas limpas, dobradas em pares. Talvez algumas semanas atrás, eu teria recusado a ideia de usar as meias velhas de um estranho. Hoje, agora, eles são mais valiosos que o ouro. Eu até coloco um par naquele momento para que funcionem como um amortecedor entre meus sapatos e meus pés com bolhas. Eu pareço um andarilho de

shopping indo para *Nifty After Fifty*.

Quando estou satisfeita que tenho meias suficientes, vasculho uma coleção de camisetas dobradas e deslizo algumas por cima. Desdobro uma para descobrir que é GG e, sem dúvida, me afogará, mas isso não importa; eu me viro. Jogo as camisas no chão ao meu lado e continuo vasculhando o conteúdo das bolsas até que uma voz fale atrás de mim e eu quase morro de susto.

— Pelo que entendi, o objetivo de ter uma governanta é que ela limpe as bagunças, não crie novas.

Eu me viro, surpresa ao encontrar a mulher mais velha de antes, aquela que atendeu a porta quando cheguei ao rancho. Ela está em pé na porta da lavanderia com os braços cruzados sobre o peito.

— Você está certa. Eu juro que vou colocar tudo de volta.

Começo a enfiar roupas em sacolas, mas ela balança a cabeça, levanta um dedo e depois desaparece de volta para a cozinha. Ela se foi por um momento antes de reaparecer com um novo saco de lixo preto na mão. Ela o abre e se abaixa ao meu lado, começando a jogar a roupa dentro.

— Isso é suficiente? Você só tem algumas camisetas aqui — ela aponta.

— Oh sim, deve ficar tudo bem. Eu posso lavá-las.

— E você encontrou algumas das meias que coloquei lá, isso é bom. Quanto você calça?

Estou pasma com essa mudança de eventos, mas tenho senso suficiente para responder rapidamente: — 36.

— Certo, bem, eu calço 38, então eles serão um pouco grandes, mas eu coloquei um par de tênis nessa bolsa ali.

— Você não precisava fazer isso.

— Eu sei muito bem, agora sai daí. Você está sentada em uma das camisas.

Inclino-me para que ela possa puxar a camiseta debaixo de mim e depois ela a coloca na bolsa com todas as outras.

— De quem são essas roupas?

Ela faz uma careta para mim. — O silêncio é uma virtude. Seja virtuosa.

Se elas são de Jack — e eu suspeito que sejam — eu as deixarei de lado? Não. Na verdade, ele terá que cortar meus pés se ele quiser essas meias de volta.

Estou surpresa que ela tenha tirado um tempo para recolher as roupas para mim e tenho bom senso suficiente para aceitar sua caridade. A menos

que…

— Ele sabe que você tirou essas coisas do armário dele?

HSua boca se achata em uma linha fina. — Dizem que não existe uma pergunta estúpida, mas isso significa que você precisa se esforçar tanto para pensar em uma? É muito chato.

Não sei dizer se ela me ama ou me odeia, então eu não arrisco e mantenho meus lábios fechados depois disso, vendo como ela continua vasculhando as sacolas, pegando coisas que eu não teria coragem de pegar antes. Há toalhas e lençóis brancos frescos. Ela me dá tudo. Meu saco de lixo está cheio.

— Eu sei que isso não é suficiente. Não tenho shorts para você — você é magra demais para usar o meu — mas esses jeans que você está vestindo devem funcionar até que possamos chegar à cidade.

— Eu não sei o que dizer.

Fico surpresa com o quão emocionada me sinto.

— Não. Pare. Se você chorar agora, eu vou levar tudo isso para a pilha de queimadas. Se há uma coisa que eu odeio, é choradeira. Agora ouça, meu neto é um durão, um demônio arrogante em todos os aspectos. Tentei convencê-lo a deixar você ficar em casa, mas ele já se decidiu, algo sobre lhe ensinar uma lição. Se você me perguntar, é mais provável que haja uma lição *para ele*, mas esta é a casa dele e eu não vou desrespeitá-lo entrando com você aqui.

— Seu neto? — Eu pergunto, cortando.

— Isso foi outra pergunta? — Ela faz uma pausa no trabalho e olha para mim. A partir desta proximidade, não há pretensão entre nós. Eu posso ver todos os tons de azul em seus olhos duros, todas as rugas gravadas em sua pele bronzeada. Não tenho dúvida de que ela pode ver o desespero absoluto refletido de volta pra ela. Ela provavelmente também pode cheirar os amendoins na minha respiração. — Oh, inferno. Tudo certo. Não fomos apresentadas adequadamente. — Sua mão encontra a minha. — Edith McKnight, a avó do diabo.

Eu pego a mão dela e a aperto, surpresa com a força de seu aperto.

— Meredith Wilchester... er, Avery. Meredith Avery — eu digo, me corrigindo e tirando a poeira do meu nome de solteira, aquele que voltarei a usar a partir deste dia.

— Prazer em conhecê-la, Meredith. Eu gostaria que fosse em termos melhores, mas vamos tirar o melhor proveito dessa situação. Agora aqui,

pegue isso. É muito pesado para mim ou eu te ajudaria.

Ela me entrega o saco e se levanta. Ela passa as mãos na parte de trás do jeans e se vira para ir embora, assim, como se ela não tivesse mudado meu dia inteiro.

— Isso não faz sentido — eu a chamo. — Por que você está me ajudando?

Sem se dar ao trabalho de se virar, ela divaga uma série de xingamentos caipiras. — Meu neto é um homem bom, mas muitas vezes pensa que o sol nasce apenas para ouvi-lo cantar. Ele pode ser arrogante quando quer. Quero dizer, eu o amo, mas às vezes é como abraçar uma roseira.

— Desculpa, o que?

— Estou ajudando você, porque sei que ele ainda não pode, mas quando você chega à minha idade, aprende que um pássaro ferido precisa de um ninho tranquilo.

É como se ela estivesse falando uma língua estrangeira.

6

JACK

Tenho grandes planos para hoje: vou manter meu temperamento fervendo perto de uma fervura baixa, vou evitar a princesa, não vou deixar meus funcionários do rancho fazerem nada como fizeram ontem com os porcos, e terei minha caixa de entrada vazia até o final do dia de trabalho. Esse é o plano — pelo menos era. Meu despertador ainda deve tocar em cinco minutos, mas já estou na beira da minha cama em minha cueca boxer, ouvindo Christine falar em meu ouvido. Alfred está roncando aos meus pés. Eu acho que os cães às vezes gostam de esfregar.

— Você *prometeu* que viria a San Antonio ainda esta semana.

Eu pisco o sono fora dos meus olhos e arrisco um olhar para o relógio ao lado da minha cama: 05:10 — muito cedo para uma briga.

— E expliquei que simplesmente não é possível. Helen saiu na semana passada e...

— Você está brincando comigo. Jack, você sabe a última vez que fez um esforço para vir aqui? Para me mostrar que você se importa pelo menos um pouquinho?

Apoio os cotovelos nos joelhos, fecho os olhos e belisco a ponta do nariz. Eu realmente poderia ter usado esses últimos cinco minutos de sono. — Tenho certeza de que poderia dar um bom exemplo se você não tivesse telefonado ao amanhecer. Eu nem tomei meu café.

Essa resposta não cai muito bem.

— Você é o homem mais emocionalmente vago que já conheci. Estamos juntos há dois anos, *DOIS ANOS*, e sinto que você não se importaria se eu terminasse com você aqui e agora.

Realmente faz tanto tempo?

— Chrissy, qual é.

— Não. Não se preocupe. — Ela faz uma pausa, respira fundo. Quando ela fala novamente, sua voz é mais suave, doce. — Estou apenas... estou chateada. Eu sinto sua falta, isso é tudo. Nós mal nos vemos.

— Você sabe que eu estaria aí com você, se pudesse.

— Estaria?

Nesse momento, meu despertador começa a tocar alto. *BEEP BEEP BEEP*. Meus olhos se abrem e eu me inclino para bater minha mão e desligá-lo. Alfred pula para cima e começa a abanar o rabo, exibindo a energia do seu sono extra.

— Chrissy, eu tenho que...

— Sim, eu sei, você tem que ir. É o que você faz de melhor.

Suas palavras tem a intenção de machucar, mas não machucam.

— Vejo você ainda esta semana? — Eu pergunto, tentando terminar a ligação em um bom tom.

— Eu não sei. Vou pensar sobre isso.

Nós dois sabemos que ela vai ceder e fará a viagem até aqui. É assim que nosso relacionamento funciona. Por dois anos, ela vive em San Antonio e eu moro aqui. Nos vemos uma ou duas vezes por mês, quando é conveniente. Não é o suficiente para ela, mas é todo o tempo que tenho para dar no momento. Com a saída da Helen, nem tenho certeza de que posso mudar isso.

Depois que desligamos, saio, acelerando no chuveiro antes de pegar um par de Wranglers desgastados e pegar uma das minhas camisetas favoritas do Blue Stone Ranch, exceto que minha mão volta vazia. Não há camisas penduradas onde deveriam estar — acho que é o que acontece quando Mary não está aqui para lavar minha roupa. Me satisfaço com uma camisa botão de pressão cor pérola e pego meu fiel boné. Até eu chegar na cidade para cortar o cabelo, terá que servir.

No andar de baixo, deixei Alfred sair pela porta dos fundos. Edith já está na cafeteira, enchendo uma caneca.

— Espero que você tenha feito ainda mais forte hoje.

Ela me entrega, com um escárnio como marca registrada.

— Está entre o petróleo bruto e o combustível de aviação. Eu não sei como você aguenta.

Eu tomo um grande gole e depois inclino a caneca em sua direção em agradecimento. — Está perfeito.

— Eu ouvi você lá em cima, no telefone. Um pouco cedo para Christine estar ligando, não é? Alguns de nós gostariam de dormir um pouco.

— Você não dorme depois das 05:00 em trinta anos.

— Não por falta de tentativa, e ainda gostaria da opção.

Ela serve café em uma caneca e adiciona creme antes de continuar respondendo à maioria das minhas perguntas com mais perguntas.

— Christine estava pegando no meu pé.

— O que há de novo?

— Talvez eu devesse me esforçar mais com ela.

— Você acha que ela vale a pena?

— Não me lembro da última vez que fui vê-la. Deve ter sido há alguns meses atrás.

— Você poderia pedir para ela se mudar para cá.

— Você acha que eu deveria?

— Você a ama?

— Eu não sei. Ela me disse nesta manhã que estamos juntos há dois anos — as pessoas geralmente se amam depois de dois anos?

— É difícil dizer. De um modo geral, as sementes não brotam em solo rochoso.

— Droga.

Ela me nivela com um olhar pensativo. — Eu poderia ter lhe dito há dois anos que ela não era para você.

Eu sorrio. — Você é tendenciosa. Vocês duas nunca se deram bem.

— Sério? Bem, de quem é a culpa? Eu me dou bem com todo mundo.

Eu arqueei uma sobrancelha, apontando o óbvio. — Metade da cidade tem muito medo de amar você. A outra metade tem muito medo de não amar você.

Ela ri e dá um passo em direção à janela perto da pia. — Não, é de *você* que metade da cidade tem medo. Estou apenas ao seu lado. Ah, olha quem está pronta para o primeiro dia de trabalho.

Eu sigo seu olhar pela janela e encontro Meredith saindo da cabana. Estou chocado. Não a imaginei como alguém que acorda cedo e me sinto privado — pensei em ter o prazer de despertá-la com um sino de vaca.

Ela se vira para o horizonte e protege os olhos com uma mão, observando o nascer do sol. Eu sei exatamente como é bonito desse ângulo — amarelo e laranja vívidos. A vista é ainda melhor pelo fato de não haver arranha-céus ou prédios que a obstruam. Depois de passar a noite naquela cabana sombria,

provavelmente é uma visão bem-vinda. Estou surpreso que ela tenha ficado por aqui.

Ainda a estou observando quando seu olhar se volta para o quintal. Seus olhos se arregalam de medo quando ela solta um grito. Suas mãos se levantam em defesa. Ela dá um passo hesitante para trás, depois outro, até as costas baterem na porta.

Merda. Devem ser coiotes.

Eu me movo rapidamente, abrindo a porta dos fundos e gritando para Edith pegar a espingarda. Existem coiotes e leões da montanha nesta parte do estado e, embora seja incomum que eles andem muito fundo na propriedade, isso não é inédito.

— Não corra! — grito para Meredith quando saio para o quintal.

Edith não está muito atrás de mim com a espingarda. Ela me entrega e eu examino a área, tentando espiar qualquer animal diferente. Quando a barra parece limpa, eu verifico a linha das árvores, estreitando os olhos e ouvindo o som de galhos estalando ou patas embaralhadas.

— Onde eles estão? — Eu falo.

— Ali!

Viro para onde ela está apontando e vejo meu golden retriever parado a alguns metros dela.

— Você quer dizer Alfred?

Ele chega mais perto dela e ela desencadeia uma enxurrada de chutes de karatê no estilo de Hollywood e corta o ar entre eles. — Não, não. Não se aproxime!

Alfred não escuta.

— Não! — ela exige. — Eu disse NÃO! Senta!

Alfred senta.

Edith ri, arranca a espingarda do meu alcance e volta para dentro, murmurando algo baixinho.

— É apenas um cachorro — aponto.

— Feroz? Indomável!?

Alfred pula de volta e começa a caminhar em sua direção novamente, abanando o rabo. Ele vai direto para ela e começa a lamber suas pernas enquanto ela se remexe.

— Não — golden retriever.

Ela se agacha e suas mãos cobrem o rosto. — Por favor, não me coma!

Eu tento me sentir mal por quão divertido eu acho essa situação. Eu

realmente deveria fazer alguma coisa, mas Alfred é o animal mais inofensivo do mundo. Ele é amado por todos... exceto, eu acho, Meredith.

— Você tem medo de cachorros?

— Não! — ela declara enfaticamente enquanto tenta se afastar das lambidas de Alfred.

— Você com certeza parece que tem.

— Eu tenho medo de formas estranhas e disformes vindo em minha direção no escuro! — ela explica antes de se virar e apontar o dedo para Alfred. — E você... você não notou?! Eu não concordo com isso!

Eu emito um assobio curto e alto que chama a atenção de Alfred, em seguida, corre em minha direção. Meredith deixa cair as mãos friamente e pressiona o cabelo para trás em seu rabo de cavalo alto. Ela está tentando fingir que não acabou de implorar por sua vida, mas quando nossos olhares se prendem, posso dizer que ela está chateada.

— Você ordenou esse ataque? Isso é mais do seu trote?

Eu tento não achá-la divertida. — Acho que você passou muito tempo naquele barraco. Alfred ficou feliz em vê-la.

— Bem, ele apenas – eu apenas – não estava pronta para esse nível de intimidade, mas eu te perdoo, Alfred.

Olho para onde Alfred está sentado educadamente aos meus pés. Ele é a imagem de inocência dócil, ao contrário da Barbie morena parada a alguns metros de mim.

— Minha vida acabou de passar diante dos meus olhos.

— Aposto que foi um pequeno filme de destaques fascinante.

Com isso, seus olhos se estreitam em duas fendas. Parece que realmente a irritei desta vez. Os braços dela cruzam o peito. O queixo dela se projeta. As sobrancelhas dela se uniram. Eu deveria estar tremendo nas minhas botas, mas parecia que eu estava olhando para um gatinho bravo.

Ela dá alguns passos mais perto de mim e coloca as mãos nos quadris. É quando finalmente percebo o que ela está vestindo: o mesmo jeans apertado de ontem, mas ela trocou a blusa branca por uma camiseta. Está amarrada com um nó no meio da barriga e as mangas estão arregaçadas da melhor forma possível. É muito grande para ela e, bem, deveria ser, considerando que é *minha*.

— Onde diabos você conseguiu essa camisa?

Os olhos dela se arregalam e as bochechas ficam vermelhas, mas ela tenta encobrir a reação embaraçada da melhor maneira possível.

— Edith me deu. — diz ela com confiança.

— Ela não tinha o direito de fazer isso.

— Estava em uma sacola de roupas destinadas à caridade.

Bem, isso explica por que todas as minhas camisetas estavam desaparecidas esta manhã.

— Você não tem roupas de grife chiques suficientes para vestir?

— Não enquanto eu limpo seu banheiro.

Isso não faz sentido. O tom dela não é nem um pouco mais suave do que era ontem. Eu me pergunto se é assim que ela sempre age — orgulhosa e irritada, mesmo quando ela claramente não tem o direito ou a razão para ser. Foi ela quem dormiu em uma cabana infestada de aranhas e, no entanto, ainda está andando por aí como se fosse a rainha da Inglaterra.

— Quero minhas roupas de volta.

Ela range os dentes e pega a camiseta como se fosse puxá-la sobre a cabeça aqui e agora.

— Você realmente quer que eu tire a camisa?

Eu fico quieto. Suas mãos caem e há um pequeno sorriso no canto dos lábios. Ela está satisfeita por vencer esta rodada. Mal sabe ela que, se estivéssemos sozinhos, eu teria tirado suas roupas até onde ela queria, mas meus funcionários estão começando a chegar para o trabalho e alguns deles estão assistindo nossa briga do celeiro. Eu teria que substituir toda a equipe, porque eles nunca me deixariam em paz. Se eu for apenas paciente, ela vai quebrar, e o problema se resolverá. Ela não ficará aqui por muito mais tempo.

Embora eu tenha menos certeza disso hoje do que ontem. Helen me convenceu a contratar Meredith com a suposição de que ela não duraria muito, mas aqui estamos, no segundo dia, e não estou tendo a impressão de que Meredith está ansiosa para voltar para a Califórnia.

Na verdade, ela acordou cedo e se vestiu (com minhas roupas), aparentemente pronta para começar a trabalhar. Eu decido testar os limites de sua resolução.

— Me siga.

7

MEREDITH

Sabe aqueles comerciais de turismo da Califórnia? Os que mostram celebridades tomando banho de sol, ou praticando ioga, ou jogando golfe, ou praticando parapente, ou fazendo compras na Rodeo Drive? Essa era a minha vida — bem, menos o parapente. Não tenho muitas regras na vida, mas uma inegociável é nunca confiar minha segurança a um estudante do ensino médio que amarra nós em uma corda pelo salário mínimo. Eu sei, é uma regra muito específica.

Todo o resto do comercial, porém, era assustadoramente semelhante. Eu tinha uma empregada, um jardineiro e um gerente de casa. Eu dirigia um Range Rover branco pérola e carregava o sobrenome de um homem que importava. Fui convidada para festas glamourosas e eventos exclusivos no tapete vermelho. Eu saía com estrelas de cinema (eu nunca daria nome aos bois, mas digamos que Jennifer Aniston realmente tem uma pele incrível pessoalmente) e eles se apoiavam em todas as minhas palavras, assumindo que, se eles gostassem de mim, Andrew gostaria de trabalhar com eles em seu próximo projeto.

Para o mundo, eu tinha tudo.

É assim que funciona quando você constrói uma vida de fora para dentro — acaba vazia.

Estranhamente, Andrew e eu fomos felizes uma vez, beeeeem no começo. Ficamos tão felizes que, na verdade, fiquei cega às mudanças sutis que aconteciam entre nós. Quando nos conhecemos, Andrew era um produtor associado novato em uma empresa de produção. Ele ganhava um bom dinheiro, trabalhava meio período e atuava no papel de marido apaixonado.

Éramos aquele casal com uma noite de encontros toda quarta-feira. *Comida mexicana esta semana, querida? Que tal italiana, amor?* Ele me trazia flores uma vez por semana. *Rosas amarelas, minhas favoritas!* Ele era mais velho, bonito, bem sucedido. Muitas pessoas, incluindo meus pais e Helen, me disseram que ele era a melhor coisa que já havia acontecido comigo, e eu acreditei nelas.

Os problemas começaram quando Andrew iniciou a escalada corporativa. Quanto mais impressionante seu cargo se tornava, mais estresse ele carregava em seus ombros. Os executivos foram duros com ele. Durante todo o dia ele absorvia o veneno deles como uma esponja e, à noite, torcia tudo em mim.

Ainda me lembro da primeira vez que ele explodiu. Tinha acabado de voltar de uma aula de ioga e estava na cozinha fazendo o jantar quando ele entrou pela porta. Minha aparência suada provocou algo nele.

— Você fica sentada o dia todo e nem parece apresentável quando eu chego em casa?

Eu fiquei congelada no lugar, absolutamente chocada que ele tivesse a audácia de dizer algo tão doloroso. Não era dele agir dessa maneira e ele se desculpou logo depois, disse que estava fora da linha, era o estresse falando, mas algumas semanas depois, aconteceu novamente. Desta vez, foi porque eu não estava disposto a sair para uma festa de Hollywood com ele.

— Milhares de mulheres dariam tudo para serem convidadas, para estar comigo. Você não sabe mais o que tem.

Quando eu o chamei de irracional, ele foi atrás de sangue.

— Você pode ser um rosto bonito, mas nesta cidade há um milhão de mulheres que se parecem com você. Você não é nada sem mim, lembre-se disso.

Depois de destilar o veneno, ele ainda foi à festa. Fiquei em casa e repeti suas palavras até começar a acreditar nelas. Obviamente agora, posso ver que são as palavras de um ser humano profundamente inseguro e perturbado, mas com o tempo, eu temia que ele estivesse certo. Sei que é doentio, mas Andrew era meu marido, minha suposta alma gêmea, *a melhor coisa que já me aconteceu.* Estávamos juntos há um tempo, e eu confiava nele implicitamente. Se ele estava chateado comigo, meu primeiro instinto era descobrir o que eu havia feito de errado.

Então, eu tentei melhorar. Desde então, eu sempre me certificava de estar vestida e maquiada quando ele chegava em casa do trabalho. Eu nunca rejeitei um convite para participar de uma festa com ele e, enquanto

estávamos juntos, fiz questão de ser uma esposa doce e amorosa. Em troca, nosso casamento continuou o curso. Andrew continuou trazendo flores para casa (*rosas amarelas, minhas favoritas!*) embora eu suspeitasse que ele tivesse encarregado a tarefa de ir busca-las à sua secretária. Continuamos saindo em um encontro toda quarta-feira à noite, mas na maioria das vezes eu compartilhava todo o tempo com o celular dele, que nunca ficava no silencioso.

Andrew continuou subindo mais alto em sua empresa, cada vez mais perto do sonho americano. Seu estresse preencheu o espaço vazio sob nosso verniz de construção fina, até que houvesse muitas rachaduras para controlar. Tornou-se impossível para mim diferenciar entre explosões conjugais normais e abuso emocional insidioso.

— *Jesus, que porra há de errado com você?!* — ele gritou comigo uma noite depois de perder a ereção no meio do sexo. Era uma situação impossível de navegar. Se eu o consolasse e o tranquilizasse, ele atacaria defensivamente. Então, eu não disse nada, e ele aproveitou o silêncio como uma arma. — *Eu consigo entender bem, acho que você não me excita mais.*

Caso você esteja se perguntando, eu sou uma amante *excelente* eu só tinha chegado ao ponto em que eu não aguentava o toque dele, e ele deve ter sentido. Claro, agora posso olhar para trás e identificar os abusos e manipulações como uma cópia vandalizada de um *jogo* dos sete erros. *Oh sim, aí está — circulado bem na sua frente.* Mas, quando eu estava lá, não sabia que *estava lá*, vivendo — uma participante complacente. Os incidentes foram tão espaçados que, durante os períodos pacíficos, eu me convenci de que ele havia mudado, que ele aprendeu a lidar melhor com o estresse e nunca mais diria uma palavra dolorosa para mim. Pior que isso, comecei a esperar o abuso. Cresceram calos em mim. Quando ele disse que eu era patética, burra e inútil, acreditei nele, porque ele associou cada insulto a uma dose de iluminação a gás. — *Quem mais gostaria de estar com você? Se você me deixasse, ninguém mais teria você. Você é uma esposa chata e uma foda chata.*

Fique feliz que estou com você.

Fique feliz que estou com você.

Ele estava segurando minha cabeça debaixo d'água, e eu não me afoguei, não quebrei. Cresceram brânquias em mim.

Quatro anos depois de nosso casamento, parecia que Andrew era perfeito. Todos concordaram e fiquei feliz.

Eu não tinha falado uma palavra sobre o comportamento dele com ninguém ao meu redor, e essa foi uma escolha intencional de ambas as partes. Após as primeiras discussões, ele me segurava na cama, esfregava minhas costas e me dizia que nossa vida pessoal era nossa. — *Somos estrelas, querida, e as estrelas brilham intensamente. As pessoas não vão entender.* Claro, concordo plenamente. No começo, eu ainda acreditava no melhor dele. Eu não queria trair sua confiança e vomitar toda nossa merda para o mundo, especialmente porque eu tinha plena certeza de que cada momento ruim era o último. Em algum lugar no meio disso tudo, porém, a negação de que isso continuaria se dissolvia em vergonha embaraço de que tinha sido ruim e continuaria sendo.

Eu me fechei, mantendo de fora minha família e todos os outros ainda mais, e Andrew aproveitou isso. Ele manteve contato com nossos amigos quando eu não o fiz. Ele colocou uma fachada calorosa e amigável quando estávamos em festas. Ele era um marionetista muito inteligente, especialmente quando você considera o fato de que não pode apresentar um relatório policial por causa de palavras mas você pode por socos, e Andrew sabia disso. Ele nunca me bateu.

Finalmente, tive coragem de falar sobre isso com Rebecca. Ela era a coisa mais próxima que eu tinha de uma amiga em Los Angeles. Almoçávamos algumas vezes por mês e nos encontrávamos para yoga aqui e ali.

Abordei o assunto em um sussurro, depois de uma resposta escrita sobre ele estar irritado com suas adoráveis peculiaridades.

— Na verdade, acho que não estou feliz... com o Andrew.

Ela levantou os olhos da salada, confusa. — O que você quer dizer? Ele está trabalhando muito?

— Sim, mas não é sobre isso — eu disse, falando em uma confissão de consciência que eu estava coletando em tempo real. — Sinto que digo a mim mesma que sou feliz tantas vezes que esqueci totalmente o que a palavra significa.

Ela acenou com a mão como se dissesse, bobagem. *— Isso é apenas a vida. Deus, Jeff esteve no escritório mais do que nunca. Eu juro que ele está fodendo com a recepcionista.*

Ela riu e continuou comendo sua salada tipo, chomp, chomp, chomp, meu marido está traindo, você pode passar o sal?

Eu me concentrei no meu macarrão intocado. — Estou pensando em deixar o Andrew. Estou realmente considerando isso, na verdade.

— Porque ele está trabalhando muito?

— Não. — Fiquei irritada porque não estávamos no mesmo barco. — Eu tenho pensado muito nisso, tentando objetivamente saber se estou feliz ou não. — Eu balancei minha cabeça, tentando deixar claro meu argumento. — Não acho que você possa medir. É só que — quando acordo de manhã, meu primeiro pensamento é fugir, fugir. — Eu me inclinei mais perto e abaixei minha voz. —Ele não é quem todo mundo pensa que é.

Ela revirou os olhos, recostou-se na cadeira e esfregou a boca com o guardanapo. — Escute, Andrew pode não ser o melhor marido do mundo, mas seu casamento parece muito perfeito para mim. Ele não acabou de comprar essa pulseira pra você na semana passada? A última coisa que Jeff me comprou foi um purificador de ar para o meu carro.

Eu olhei para os diamantes brilhando no meu pulso. Era verdade, ele comprou a pulseira para mim do nada, mas nós dois sabíamos que era um pedido de desculpas pelas coisas dolorosas que ele havia dito. Na noite anterior ao almoço, eu não estava usando, e ele me disse que eu era ingrata. Eu aprendi minha lição: nunca sairia do meu pulso enquanto ele estivesse por perto

Rebecca tomou meu silêncio como uma admissão de culpa. — Escute, se você está tentando conseguir algum tipo de acordo com ele após o divórcio, é melhor ter cuidado. Eu tenho uma amiga que seguiu esse caminho e ela acabou sem nada. Agora, o marido é casado com uma mulher com metade da idade dela e ela trabalha como garçonete em Santa Mônica.

Foi inútil. Eu estava chegando a lugar nenhum. Ela não queria ouvir a verdade mais do que eu queria falar. Eu sabia então que, se eu fosse embora, teria que fazer isso sozinha, então o fiz. Essa pulseira de diamantes está em uma loja de penhores em Beverly Hills e aqui estou eu, a nova governanta do Blue Stone Ranch.

É muito bom, embora tecnicamente ainda não tenha começado. Ainda estou trabalhando em por onde começar. Jack passou dois minutos inteiros me apontando na direção do armário de limpeza, o tempo todo me lembrando de meus deveres.

— Limpe a casa, lave a roupa, verifique se a geladeira e a despensa estão estocadas. Faça o almoço para Edith e eu, varra, aspire, esse tipo de coisa.

— Parece bom.

Minha atitude determinada pareceu irritá-lo. — Certo, e é claro, vou

precisar que você alimente e banhe seu novo amigo peludo também.

Juro que seus olhos tinham um brilho maligno.

Eu não estava brincando antes, quando disse que minha vida passou diante de meus olhos enquanto Alfred corria para mim. Cães simplesmente não são a minha praia, desde que um se agarrou na minha bunda quando eu era criança. Eu ainda tenho uma pequena cicatriz na minha nádega direita.

De todos os meus deveres, estou mais empolgada para cozinhar, mas Jack mencionou que ele e Edith estavam planejando comer sobras da noite passada para o almoço. Então, isso deixa as tarefas de limpeza e de cachorro. Limpar será! Sem problemas. Incrível. Vasculho o armário e atravesso a casa, coletando os suprimentos que acho que vou precisar para concluir minhas tarefas. Vou começar com os banheiros, principalmente para provar que Jack está errado.

Eu vi o quão alegre ele ficou me vendo de quatro de quatro, lavando banheiros. Ele acha que vou ceder e sair, ou implorar por outro emprego, algo um pouco mais glamouroso. Mal sabe ele: eu estou farta de glamour. Não é tão bom como dizem.

Depois de me vestir adequadamente, trabalho no banheiro dele. Não é tão sujo quanto eu previ, provavelmente porque a governanta dele não havia desistido há tanto tempo. Estou decepcionada por ele não ser um idiota total, mas então, talvez seja uma coisa boa, considerando que sou eu quem agora precisa limpar tudo depois dele usar.

Só posso imaginar o que meus "amigos" da minha vida antiga diriam se me vissem agora, esfregando o assento de uma privada com entusiasmo. Realmente não é tão ruim. Eu murmuro uma música otimista, jogo um pouco mais de limpador, esfrego. Uma gota do spray entra nos meus olhos e eu nem vacilo. Sou Meredith Avery, empregada extraordinária.

Ainda estou debruçada sobre o vaso sanitário dele quando Jack entra. Não esperava vê-lo novamente tão cedo, especialmente considerando o quanto ele estava ansioso para se livrar de mim mais cedo.

Faço uma pausa na minha lavagem e sento-me nos calcanhares. Do meu ângulo no chão, ele parece ainda maior do que o habitual, pairando lá como um demônio e bloqueando a luz da janela do banheiro.

Ele me vê com minhas luvas de borracha até os cotovelos e uma máscara esticada na metade inferior do meu rosto. Sua boca se contrai como se ele estivesse lutando contra um sorriso.

— Um pouco exagerado, você não acha?

Inclino minha cabeça para o lado e fico em silêncio, esperando que ele aceite a dica e vá embora.

Ele não vai.

— Você já limpou um banheiro antes?

Suspiro e puxo a máscara para baixo. — Bem, eu já usei banheiros antes — quão difícil pode ser fazer o oposto?

Ele aponta minha primeira falha do dia. — Tenho certeza de que as esponjas são para a pia da cozinha.

Certo.

— Bem, agora elas são para o banheiro.

— Tem um esfregão de banheiro no canto.

Na verdade, eu pensei que era para o banho. Fico feliz por não dizer isso.

— Eu tive a impressão de que você era um cara muito ocupado. Você planeja me vigiar o dia inteiro?

Ele abre a boca, pensa melhor no que ele estava prestes a dizer e depois se vira para sair. Ha. Vitória. Ouço-o caminhar em direção ao escritório e, quando tenho certeza que ele realmente se foi, pego o esfregão. É muito mais fácil de usar do que a esponja. Eu agradeceria a ele pela dica, mas, infelizmente, prefiro colocar toda essa esponja na minha boca.

Jack e eu definitivamente começamos com o pé errado. Embora raro, já dei e recebi más primeiras impressões antes. Isso é o cúmulo e é inquietante. Não estou acostumada a ter problemas com as pessoas. Orgulho-me de ser descontraída e sociável. De fato, na Califórnia, tenho certeza de que todos os meus conhecidos confirmariam minha genuína proficiência social. Minha vida inteira não foi apenas um ato para agradar Andrew. Eu sou legal, caramba!

Mas, por alguma razão, em torno de Jack, eu fico na defensiva. Fico com raiva e mal-humorada. Ele me atinge da maneira errada, fica no meu pé. É sua arrogância, sua total falta de simpatia por alguém claramente com pouca sorte. Não suporto ele, o que é um problema, considerando que ele é meu novo chefe.

Se ele não tivesse assumido o pior de mim logo de cara, poderíamos até nos tornar amigos, mas a palavra não demorou muito para se formar em seus lábios: princesa. Se ele me chamar assim novamente, eu vou agarrar aquela cabeça grande de cabelo, enfia-la nessa privada e dar descarga. Aquele boné estúpido de beisebol entupiria os canos e ele mesmo teria que

limpá-lo.

Eu termino no banheiro dele e passo para o próximo, o tempo todo pensando no enigma em que me meti. É interessante pensar que talvez eu só tenha trocado de cartas, um Drew por um Jack. Um é sem dúvida tão arrogante quanto o outro. Além disso, eles são bonitos e confiantes, mas as semelhanças terminam aí. Andrew tem uma intensidade suave e requinte. Ele é manhoso e astuto. Em dois dias, eu já vi que Jack é duro, grosseiro e opinativo. Ontem, ele me arrastou para longe daquela reunião na frente de todos os seus funcionários. Andrew nunca teria feito isso; ele teria segurado sua raiva até estarmos atrás de portas fechadas.

O mais curioso é que quase nunca tive coragem de revidar ou falar alto com Andrew. Ele minou minha confiança ao ponto de que, no final, eu era pouco mais que uma esposa de Stepford, submissa em todos os aspectos. No entanto, com Jack, não posso deixar de falar o que penso. Minha voz está de volta e dez vezes mais alta do que eu me lembro.

8

JACK

Edith não deixou café pra mim esta manhã. Não só isso, ela derramou o excesso na pia enquanto eu assistia. *Oh, você não tinha acabado?* Ela está chateada comigo, acha que estou sendo muito duro com Meredith, mas ela não sabe toda a verdade. Meredith não está aqui como uma donzela carente em busca de santuário; ela está aqui para enrolar até o marido implorar para ela voltar para casa, uma ovelha em pele de ovelha. Helen confirmou isso quando conversamos na noite passada. Liguei para ela, surpresa por Meredith ter durado o primeiro dia inteiro.

— Você sabia que ela nem se deu ao trabalho de ligar para casa? — Helen disse. — Aposto que Andrew está preocupado pra cacete.

— Talvez ela realmente esteja planejando deixá-lo.

— De jeito nenhum. Meredith é tudo menos independente — mimada pelos pais, apaixonada por namorados e depois completamente sustentada por Andrew. Lembra quando você era criança e ficava bravo, fugia e voltava para casa a tempo do jantar? Meu palpite é que tudo o que essa briga significa será esquecido na sexta-feira e ela estará longe de você.

A ligação deixou um gosto ruim na minha boca. Que tipo de mulher petulante acorda e deixa o marido assim? Ele provavelmente está muito preocupado com ela enquanto ela está brincando de esconde-esconde por alguns estados. Isso não faz sentido. Por outro lado, Helen realmente não descreveu Meredith da melhor maneira possível, e confio no julgamento de Helen. Ela é uma boa funcionária há anos, enquanto eu só conheço Meredith há 48 horas.

Ontem o dia inteiro fiquei esperando ela desistir, para alimentar a

impressão que Helen me deu, mas ela não o fez. Ela limpou o dia inteiro e só fez uma pausa rápida para o almoço — eu sei disso porque Edith disse que se sentia mal ao vê-la comer sozinha na varanda. Algumas vezes ao longo do dia, ouvi coisas caírem no chão seguidas de uma maldição alta, mas a casa estava limpa, nada estava quebrado (que eu podia ver) e, melhor ainda, ela não me incomodou nenhuma vez.

Penso na minha conversa com Helen enquanto faço um novo bule de café. Eu me pergunto quão bem Helen realmente conhece Meredith. Se ela nunca mencionou que tinha uma irmã, elas não podem ser tão próximas.

A porta dos fundos se abre e eu me viro para encontrar o assunto dos meus pensamentos correndo para a lavanderia adjacente e fechando a porta atrás dela. Ela pressiona as costas contra a porta e a mão no peito. Os olhos dela estão fechados. Sua respiração é irregular. Parece que ela tinha acabado de correr por sua própria vida.

— Alfred estava lá fora?

Seus olhos se abrem e seu olhar azul claro trava com o meu enquanto suas bochechas ficam um tom rosado de vermelho. Ela claramente pensou que estava sozinha.

— Descobri que, se jogar uma pedra no celeiro, posso distraí-lo por tempo suficiente para correr da cabana para a casa.

— O que quer que funcione. — Eu rio, voltando-me para a cafeteira para que ela possa se recompor sem que eu observe. — Mas quanto mais você tenta evitá-lo, mais ele tenta conquistar você. Ele é inteligente e gosta de um desafio.

— Você não pode simplesmente treiná-lo para me evitar?

Parece que ela realmente acha que essa é uma opção.

Olho para ela pelo canto dos meus olhos. — Na verdade, não mantenho um organograma com todas as classificações de todos os meus funcionários, mas é seguro dizer que Alfred é seu superior. Além disso, duvido que você estará aqui tempo suficiente para se preocupar.

Suas sobrancelhas franzem e seu olhar cai no chão. Se Edith estivesse assistindo, ela me cutucaria nas costelas com o cotovelo.

Eu suspiro. — Você está realmente com medo dele? Ele é só um ursinho de pelúcia gigante.

— Não. Claro que não. — ela diz arrogantemente, empurrando a porta e levantando o queixo enquanto entra na cozinha. — Eu apenas... não retribuo seu entusiasmo.

— Você tem certeza disso?

— Positivo.

Seu orgulho será sua queda. Se ela admitisse que estava com medo, eu faria um esforço para manter Alfred longe dela. Como ela jura que não, eu não vou me incomodar.

Ligo o botão na máquina de café e ela começa a coar imediatamente. O cheiro é melhor que sexo.

— Quando o café terminar, traga uma caneca para o meu escritório, sim?

Ela torce uma sobrancelha. — Isso faz parte da descrição do meu trabalho? Atender todas as suas necessidades?

— É uma xícara de café, não uma refeição de sete pratos.

— Ok... — Ela hesita, seu olhar se voltando para a cafeteira como se fosse sua salvação. — Posso pegar um pouco para mim?

A pergunta, feita em um tom gentil, me pega tão desprevenido que me viro para olhar para ela, *realmente* olho para ela. Obviamente, sei que ela é linda — esse é o requisito mínimo de trabalho para esposas troféus — mas mesmo com os cabelos escuros enrolados em um coque e um rosto limpo, ela é a coisa mais doce que já vi. Ignoro o pensamento e me concentro no fato de que hoje ela está usando outra das minhas camisetas da Blue Stone. Está amarrado como o de ontem, para não a afogar completamente. Ela está usando o mesmo jeans, mas agora está manchado e há um buraco logo acima do joelho esquerdo. Eu não acho que ela os estaria usando novamente se ela tivesse outras roupas. O pensamento é perturbador.

— Pare de me avaliar assim. — ela acusa de repente.

Meu olhar vai para o rosto dela. — Você está brincando comigo? Eu não estava avaliando você.

Ela apoia as mãos nos quadris. — Sério? O que você estava fazendo então?

Seus olhos azuis gelo me desafiam a dizer a verdade.

— Eu estava com pena de você.

Eu deveria saber que minha resposta não cairia bem. Suas mãos se fecham em pequenos punhos. Seus lábios puxam uma linha fina e raivosa.

— Por quê? Não quero tanto assim o café.

Eu aceno minha mão, gesticulando para sua aparência. — Não, porque você é obviamente uma pessoa muito instável.

— *O que*?

— Você faz as malas e deixa sua vida para trás e nem traz uma muda de

roupa. Ou você é louca ou não achou que ficaria fora por tanto tempo. — Eu acuso, com um tom desinteressado.

— Oh, *braaaavo*, Dr. Phil, — ela retruca, com raiva. — Excelente psicanálise. Você não tem sua própria vida pra cuidar?

Jesus Cristo. Essa mulher vai ser a minha morte.

Eu passo uma mão pelo meu cabelo e faço um movimento para contorná-la. — Basta trazer o café quando estiver pronto.

— Tudo bem. — ela retruca.

— E vá ao supermercado. Estamos sem comida.

Subo as escadas.

— Claro, chefe! — ela grita atrás de mim.

— E cozinhe algo para o almoço!

— *Com prazer*!

— Eu vou saber se você cuspir nele!

Com isso, bato a porta do meu escritório, fechando-a.

Estou fumegante e furioso, mais comigo do que com ela. Eu tinha toda a intenção de me manter calmo, mas ela me pressionou, assim como ela tem feito desde que chegou. Nunca na minha vida conversei com uma mulher do jeito que falo com ela. Eu deveria marchar de volta lá para baixo e demiti-la imediatamente.

Eu fico sentado, fervendo.

Alguns minutos depois, há uma batida suave e Meredith abre a porta do meu escritório. Meu sangue dispara com adrenalina como se estivéssemos prestes a começar exatamente de onde paramos. Minhas mãos seguram as bordas da minha mesa. Seu olhar bate no meu, e fico surpreso ao ver que é mais suave do que na cozinha. Seus lábios são treinados em um pequeno sorriso ausente.

Na mão dela está uma xícara fumegante de café - o café que eu esqueci completamente.

Eu a observo enquanto ela o carrega com cuidado em direção à minha mesa, onde atualmente estou ao telefone com o gerente geral da Blue Stone Farm. Ele está falando no meu ouvido sobre algumas melhorias que ele quer fazer no restaurante. Eu aponto para Meredith colocar o café ao lado do telefone e ela o faz. Então ela estica a mão e gentilmente coloca uma nota no meu monitor de computador.

Em uma caligrafia feminina, ela escreveu: *eu não pretendia atacar você. Você está certo, eu sou um pouco louca.*

É só isso. Sem desculpas, apenas uma piada.

Ainda assim, é alguma coisa. Sem esperar por uma resposta, ela se vira, e eu a assisto sair da sala, arrastando meu olhar dos fios de cabelo escuro que caíram de seu coque para a curva de sua bunda no único par de jeans que ela possui. Meu estômago aperta e meu coração bate forte. Um calor sobe pelo meu pescoço.

Quando ela se foi, eu encaro a nota dela, tentando redirecionar minha atenção para o telefonema. Na realidade, estou apenas ouvindo, focado demais na princesa.

9

MEREDITH

Jack mostrou seu rosto uma vez pela manhã toda, e foi para que descesse para fazer outra xícara de café. Quando o ouvi descer as escadas, fiz questão de parecer muito ocupada. Eu já estava aspirando, mas aspirei com mais força, agitando a coisa para frente e para trás o mais rápido que podia. Eu parecia estar correndo contra um relógio imaginário. Ele me ignorou completamente.

Quando ele voltou com sua nova xícara de café, eu fui para o corredor. Ele tinha que passar por mim para chegar às escadas e eu prendi a respiração, rezando em silêncio para que ele tropeçasse no cabo do aspirador. Seu café derramado seria bagunça para eu limpar, mas eu o faria com um meio sorriso escondido.

Infelizmente, ele pisou propositalmente no cabo sem me notar e depois correu de volta escada acima.

A calma indiferença dele é uma arma silenciosa que não consigo ignorar. Estou nervosa e assustada, ouvindo cada pequeno barulho e movendo minha atenção para as escadas toda vez que penso ouvi-lo descendo-as.

Ele não aparece novamente, mas isso não o impede de ficar em meus pensamentos. Não consigo tirar da cabeça a imagem dele esta manhã. Quando entrei em seu escritório, ele estava sentado atrás de sua mesa, telefone pressionado no ouvido, olhando direto para mim. O ódio fluía dele como fumaça. Ele tinha um olhar afiado e uma confiança fria, e eu dei uma boa olhada nele e quase derramei seu café por todo o chão.

É ruim o suficiente que eu não goste de sua personalidade, mas sua aparência não está exatamente ajudando. Eu realmente quero acha-lo feio,

mas eu não acho. Ele pode ser mais áspero do que os homens da Califórnia, mas com seu maxilar esculpido e olhar penetrante, é impossível chamá-lo de algo nada menos que bonito. Eu tento dizer a mim mesma que seu cabelo precisa de um corte e que ele é muito bronzeado. Ele poderia fazer a barba – seu rosto ficaria todo áspero. *Espere, o que? Se controle, Meredith. Não haverá nenhum toque em seu rosto*.

Eu não sou uma idiota. Se a personalidade dele não fosse tão inflexível, não tenho dúvidas de que teria uma mulher diferente a cada noite aquecendo seus lençóis. Ainda assim, aposto que não lhe falta atenção feminina. Eu me tremo com o pensamento de ter que lavar lençóis suados ou preservativos vazios de sua lata de lixo.

Ugh! Ok, é o suficiente, cérebro. Você teve sua diversão.

Eu corto essa linha de pensamento e decido que é hora de sair desta casa. Acho que a proximidade de Jack está contaminando meus pensamentos. Um pouco de ar fresco me fará bem.

É hora de uma ida ao supermercado.

Anoto uma lista de tudo que eu quero fazer para as refeições e depois examino a despensa e a geladeira. Edith e Jack têm molho de churrasco e feijão assados suficientes para durar um apocalipse. Vegetais e frutas não são encontrados em lugar algum, a não ser que você conte os frascos empoeirados de quiabo em conserva rotulados *Edith - Julho de 2002*. Yum. Isso vai mudar quando eu voltar com as compras. Pego o envelope com o dinheiro do supermercado no balcão e encontro Edith na varanda jogando a bola para Alfred. Felizmente, a atividade parece estar segurando bem sua atenção que ele não liga de me reconhecer. Ainda assim, quero tornar meu tempo perto dele o mais breve possível.

— Ei Edith, tem um carro que eu possa pegar emprestado para ir ao supermercado?

Ela se vira e levanta a mão para proteger os olhos do sol. — Sim, pergunte a um dos funcionários, eles lhe arranjarão uma caminhonete.

Eu me viro em direção ao celeiro e vejo meia dúzia de funcionários trabalhando. Há várias cores de chapéus de cowboy e uma larga quantidade de jeans. Sinto o cheiro de testosterona daqui.

— Hum... tem algum em particular que eu deveria procurar? *Talvez o mais fraco do rebanho?*

— Não acho que vá realmente importar. Tenho certeza que estarão loucos para ajudá-la assim que você chegar lá.

Ela está certa, é claro. Depois de rodear a casa o mais furtivamente que consigo para evitar o interesse de Alfred, não chego nem no meio caminho do celeiro antes que o primeiro funcionário me alcance. Ele segue ao meu lado e estende a mão. — Olá, me chamo Chris.

Ele não parece ter mais que dezoito anos, especialmente com a luz do sol brilhando em seus cabelos loiros. Com um sorriso bobo e bochechas queimadas pelo sol, ele parece relativamente inofensivo.

— Prazer em conhecê-lo, Chris. Eu sou Meredith.

— Te vi na reunião no outro dia. Preciso dizer que estou surpreso em vê-la por aí depois disso. Está trabalhando na casa agora?

— Comecei na segunda-feira.

Continuamos em direção à fila de veículos ao lado do celeiro.

— O que está achando até agora?

Cerro os olhos para observá-lo. Não sei o quanto Chris é leal a Jack, mas algo sobre seu modo gentil me faz querer dar uma resposta sincera.

— Vamos dizer que tive um começo interessante.

— Ruim assim, hein? — Ele ri e balança a cabeça. — Ele melhora, prometo. Quando comecei a trabalhar aqui, não conseguia olhá-lo nos olhos.

— Sério?

— Ele com certeza pode ser um malvado filho da mãe.

Estou decidindo se realmente o ouvi direito – *como assim um malvado filho da mãe?* – quando outro funcionário se junta a nós.

— Chris! Por que você está incomodando essa bela dama?

— David, Meredith. — Chris diz. — Meredith, David.

Apertamos as mãos e David fica do meu outro lado enquanto continuamos andando. De repente estou cercada por botas e sotaque de todos os lados. David parece um pouco mais velho que Chris, alto e magro, com uma barba comprida e grossa que meu queixo coça só de olhar. Percebo então que ambos estão usando camisas de trabalho iguais com o monograma BLUE STONE RANCH logo abaixo da lapela esquerda. Pergunto-me se Jack teria me dado o mesmo uniforme se eu já não tivesse roubado suas camisetas.

— Meredith estava apenas dizendo como Jack foi um verdadeiro idiota com ela. — Chris informa David de forma prática.

Jesus! Fale baixo. O cara deve ter o lugar cheio de microfones ou algo do tipo. Só para ter certeza, eu falo alto e claro: — Eu não disse!

David bate o ombro no meu. — Tudo bem. Você vai se acostumar — todo mundo o faz. Ele é um bom chefe, mas pode acabar sendo um cruel filho

da m...

— Mãe? — Eu termino por ele.

Ele pisca. — Claro.

— Onde você está ficando? — Pergunta David. — No centro da cidade? Não há muito que alugar por aqui, a não ser que você possa pagar o motel na 173.

— Não, estou ficando no rancho.

Eles trocam um olhar confuso, e Chris pergunta, — *Aqui*? Você quer dizer na casa com ele e Edith?

— Não, não, não. Ele está me deixando ficar lá. — Eu me viro e aponto para minha cabana-doce-cabana situada entre a fila de árvores atrás da casa da fazenda. A distância não suavizou sua aparência. A última das janelas antigas – mal se segurando por uma dobradiça enferrujada – finalmente quebra e cai no chão como se dando um sinal.

— *Deixando*? — repete David, quase caindo de rir. — Você está brincando! Onde realmente você está ficando?

Preciso convencê-los antes que eles realmente acreditem em mim. Aparentemente nem eles se dignariam a dormir lá, e isso me faz odiar Jack ainda mais que antes. Ele faz parecer que eu deveria ser grata pela acomodação fornecida.

— Isso não está certo — diz David, balançando a cabeça. — Sequer tem uma cozinha?

— De verdade, não é tão ruim. Eu tenho me virado.

Ontem no jantar eu comi um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia enquanto pairava sobre a pia. Eu teria sentado na cama, mas os ratos e as aranhas estavam envolvidos em uma cruel guerra de território.

— Na última vez que entrei lá, vi buracos nas tábuas do assoalho.

Eu assinto. — Sim, ainda estão lá.

Um deles é tão grande que meu pé quase caiu dentro.

— Senhorita Meredith — Chris diz solenemente, tirando o chapéu e segurando-o sobre o coração. Um olhar de profunda preocupação está gravado em seu rosto de bebê. — Como bons cristãos, não podemos deixar você continuar vivendo assim.

Arqueio as sobrancelhas. — Algum de vocês tem uma ideia melhor?

Ele pensa seriamente sobre. — Bem, David vai se casar em breve, então ele não pode ter você morando com ele, e eu ainda moro com meus pais ou iria chamá-la para ficar conosco. Minha mãe ficou muito brava da última vez

que trouxe uma mulher perdida para casa.

Ele fala como se eu fosse um vira-lata infestado de pulgas que encontrou na beira da estrada. *Por favor, mãe, podemos ficar com ela? Ela é treinada e tudo!* Eu não me ofendo. Além de Edith, Chris e David são as duas pessoas mais legais que conheci até agora no Texas.

— Bem, rapazes, agradeço pela preocupação, mas não irei ficar por muito tempo na cabana. Estou economizando para poder me mudar para outro lugar. — Finalmente chegamos à fila de veículos agrícolas espalhados pela lama, que iam de quadriciclos a caminhões. — Agora, algum de vocês pode conseguir as chaves de um desses? Eu preciso correr para o supermercado.

David inclina o chapéu de cowboy. — Fique aqui.

Enquanto ele vai, Chris me dá instruções detalhadas de como chegar ao supermercado. — Pegue a terceira esquerda depois da Igreja Luterana e depois a próxima direita após a Primeira Batista, e, agora, se você ver St. Mary's, você foi longe demais. — No momento que pulo atrás do volante de uma caminhonete velha da Ford, acho que vou deixar Jesus assumir o volante.

Chris fecha a porta pra mim e coloca o chapéu de volta sacudindo a cabeça. — Boa sorte senhorita Meredith. Iremos pensar em algo para você.

Viro-me para o painel para ver com o que estou trabalhando e tento não demonstrar minha preocupação. A caminhonete é de uma época em que os designers imaginavam que ser perfurado por uma coluna de direção de aço era um dispositivo de segurança tão bom quanto qualquer outro. O cinto de segurança, que está pendurado frouxamente no meu colo, tem alguns nós amarrando os pedaços juntos.

— Tem qualquer outra caminhonete disponível? Talvez uma automática? Faz um tempo desde que dirigi uma manual.

David franze a testa. — É tudo o que temos. Eu te daria uma rápida instrução, mas Chris e eu realmente precisamos voltar ao trabalho.

Certo, é claro. Terei que me virar. Não voltarei para casa para dizer a Jack que tive mais um fracasso. Ele provavelmente tem uma lista deles guardados em sua gaveta. É plastificado, e ele tira de vez em quando apenas para se fazer rir. A qualquer hora, ele vai fazer alarde e emoldurar.

Pro meu crédito, eu consigo sair pela estrada principal antes de parar pela primeira vez. A caminhonete é velha – pertence ao lado de um cavalo e uma carroça – e suas marchas mais baixas estão se deteriorando. Cada ranger da transmissão, é como se o veículo estivesse dizendo: *Por favor, apenas me*

mate.

Dou partida na caminhonete e continuo pela estrada sinuosa, tentando olhar pelas direções de Chris enquanto permaneço na minha designada faixa. Estou indo a 24 km/h, porque a terceira marcha parece ser a mais cooperativa. É uma ida lenta, mas eu tento aproveitar a viagem. Abro a janela e a brisa do verão traz o perfume de madressilva e jasmim. De vez em quando um carro surge atrás de mim e eu aceno para passarem. Eles oferecem divertidas saudações enquanto desviam de mim: *Senhora! O limite de velocidade é 40! E – SAIA DA ESTRADA!* Sorrio e aceno, porque estou fazendo um cruzeiro de verão, e cruzeiros de verão são feitos para serem lentos. Infelizmente, há uma encosta à frente e preciso acelerar ou mudar para uma marcha mais baixa, se tenho qualquer esperança de subi-lá.

Respiro fundo, solto o acelerador, empurro a embreagem e tento mudar para a segunda marcha. *Espere, a segunda marcha é alta ou baixa?* Antes que eu saiba, a encosta me desacelerou até me parar completamente no meio da estrada. Bato minha cabeça no volante antes de perceber o movimento de voltar para trás.

— Não, não, não! — Eu grito, pisando no freio.

Uma caminhonete toca a buzina tão alto atrás de mim que pulo de susto.

— Dê a volta! — Eu grito pela janela e eles escutam, passando por mim a um milhão de quilômetros por hora.

Depois disso, sou deixada sozinha de novo, só eu e a encosta. Dou partida na caminhonete mais uma vez, faço várias tentativas para frente, mas o movimento para trás me assusta toda vez, me fazendo parar. Finalmente, chego ao final da encosta— *literalmente o fundo do poço.*

Não estou mais resmungando baixinho; estou gritando palavrões a plenos pulmões (para cada igreja próxima ouvir) enquanto encaro a encosta intransponível. Estou bem no meio de uma fábula infantil, *A Pequena Meredith Que Podia*, exceto que tenho certeza de que não consigo.

Vejo outra caminhonete subindo a estrada no espelho retrovisor e me preparo para outra buzina estridente, mas ela nunca vem. O motorista para atrás de mim, liga o pisca alerta e depois abre a porta. Estou pronta para ver um fazendeiro ou outro funcionário, não um homem bonito de cabelos dourados usando terno. Acho que ele é uma invenção da minha imaginação hiperativa, mas estou tão desesperada que vou aceitar qualquer ajuda que conseguir, mesmo na forma de uma alucinação. Eu pisco. Ele ainda está lá. A gravata dele é de um azul escuro, e eu foco no meu espelho retrovisor quando

ele dá a volta na caminhonete e chega à janela do motorista.

— Está tendo problemas com o carro, madame?

Ele se apoia no peitoril da janela. Eu deveria avisá-lo de que a ferrugem provavelmente esfregaria no seu terno, mas estou muito focada no *madame*. Se isso não é a coisa mais fofa do mundo, não sei o que seria.

Eu sorrio gentilmente. — Não exatamente. Mais como problemas de direção. Faz uh... bem, já faz muito tempo desde que dirigi o câmbio manual.

Eu aceno em direção à encosta e ele finalmente entende. — Continua morrendo?

— Infelizmente.

Aqui é onde ele podia dizer: *Bem, boa sorte*, e voltar para sua caminhonete ou oferecer ajuda com o meu problema. Em vez disso, ele fica um minuto me observando. Eu imagino o que ele está vendo: rabo de cavalo bagunçado, camiseta grande demais, jeans rasgados. Se ele inalar, ele sentirá o cheiro do meu perfume preferido ultimamente: água de Lemon Pledge.

— Você não é daqui.

Não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

Eu arqueio a sobrancelha. — Como você sabe?

Ele ri e balança a cabeça. — A pergunta é: porque você está dirigindo um dos caminhões da Blue Stone?

Claro. Tenho certeza de que há um logotipo enorme em algum lugar que eu não vi – ou talvez essa caminhonete seja tão antiga que seja lendária.

— Sou a nova funcionária deles.

Eu sorrio orgulhosa do meu novo trabalho. *Trabalho. Trabalhotrabalhotrabalho.* Ainda soa engraçado na minha cabeça.

Seus olhos castanhos claros se arregalam. — Você está brincando. Não me diga que eles te têm trabalhando no vinhedo novo.

— Não. — Eu nem percebi que tinha um vinhedo.

— Está no restaurante então?

— O rancho — respondo simplesmente.

— Uma funcionária, hein? — ele brinca.

— Algo parecido.

— Desde quando?

— Há três dias.

Ele assente. — O que acha do cara que administra o lugar?

— Jack? Ele é seu amigo?

Ele ri e balança a cabeça. — Não exatamente. Estudamos juntos no

ensino médio. Nunca nos demos bem.

Um inimigo do meu inimigo? Isso ficou interessante.

— Tivemos um começo difícil — admito timidamente.

Uma faísca de interesse brilha em seu olhar castanho claro. — Não consigo imaginar o porquê. Você parece amável o suficiente pra mim.

EU SEI, NÉ! Finalmente alguém entende.

— Eu não acho que sou o problema...

Seu sorriso bonito se alarga. — Não, eu duvido que você seja.

Estamos flertando definitivamente e ele sem dúvidas é bonito, uma visão bem-vinda no meio de um deserto de homens solteiros. Eu sei que parece loucura pensar assim sobre homens tão logo depois de deixar meu marido, mas faz tanto tempo que eu *paquero* e não apenas *satisfaço*. É bom, é como coçar uma perna que esteve enterrada num molde de gesso há meses.

As roupas desse cara são legais. Seu rosto é agradável. Ele está barbeado. Seu cabelo é aparado curto e ele tem um daqueles clássicos sorrisos perolados. Aposto que ele se dá bem com quase todos, diferente de um demônio de cabelos e olhos escuros, esperando por mim de volta ao rancho. Eu sei que ele não me deu as chaves dessa lata velha, mas ele ainda é o culpado pela minha situação atual. Não tenho provas, mas tenho a sensação de que ele é o motivo de eu ter gripado antes da viagem pra Disney na sétima série e não pude ir.

— Vamos fazer um acordo: você chega pra lá no assento e eu te levo encosta acima. Para onde você está indo?

Começo a deslizar pelo banco e ele abre a porta para ocupar meu lugar atrás do volante. — O supermercado. — Eu seguro meu pedaço de papel. — Segundo minhas instruções incrivelmente detalhadas, estou quase lá.

— Sim. — Ele assente antes de dar partida na caminhonete e manobra-la como um profissional. — Você vai ficar bem. O mercado fica depois da curva à frente e não se preocupe, não há mais encostas depois dessa. Levo você o resto do caminho, mas tenho que estar no tribunal em quinze minutos.

— Tribunal, hein? Você é o infrator da lei ou o defensor da lei?

Ele ri. — Ficará feliz em saber que tenho um histórico limpo, madame. Ainda mais que você me deixou entrar nesta caminhonete com você.

Meus olhos se arregalam. Quão estúpida eu podia ser?

— Oh Deus. Eu deixei, não foi? — Eu cubro meu rosto com a palma das mãos. — Você poderia ser um ladrão de estrada ou algo assim!

— Não há muitos desses ao redor neste século. — Ele sorri. — Eu só não

recomendaria fazê-lo de novo no futuro. Cedar Creek é bastante segura, mas nunca se sabe quando algumas maçãs podres podem estar passando.

É divertido que cidades pequenas tenham um eufemismo otimista pra tudo. Nas grandes cidades, eles são criminosos inveterados. Aqui, eles são apenas frutas podres.

— Irei me lembrar disso na próxima vez. — Eu prometo.

— Talvez eu possa lhe dar meu número e você pode me ligar se tiver problemas de novo, na estrada ou outra coisa.

Eu juro que ele está corando um pouco.

Se eu estivesse disponível para o amor, ele seria o candidato perfeito: bonito, mas doce, gentil e simpático. Ele é como um golden retriever, ansioso para agradar na esperança de receber um petisco.

Eu acho que é melhor não encorajá-lo, então digo a verdade: — Eu não tenho um celular comigo.

— Você está brincando.

Eu dou um tapinha nos meus bolsos para provar. — Não. Eu não sou Amish nem nada, é apenas... bem, é complicado.

Eu o deixo na minha mesa de cabeceira no rancho. Eu raramente mexo e me livraria completamente, mas tenho medo de que Helen ou meus pais precisem me ligar. Na maior parte do tempo eu apenas o deixo desligado.

Ele estaciona a caminhonete. — Então acho que terei que me contentar ao modo antigo: eu te vejo por aí algum dia.

Eu sorrio e dou de ombros. — Tenho certeza de que estagnarei de novo em breve, ou talvez cometa um crime e precise de um advogado para me defender?

Ele passa a mão no queixo, as sobrancelhas franzidas. —Não vai funcionar. Sou procurador.

— Uau, então você realmente é um herói. Matando dragões e resgatando donzelas, tudo que você precisa é de uma armadura. — Ele não olha nos meus olhos, como se estivesse envergonhado pela atenção. Sorrio e estendo a mão. — Eu sou Meredith, a propósito.

Ele sorri quando sua mão quente encontra a minha. — Tucker.

Depois disso, seguimos caminhos diferentes. Tucker corre para o tribunal e eu continuo ao longo de um ou dois quilômetro que falta até o supermercado com um sorriso bobo no rosto. Tomo meu tempo examinando os corredores, agradavelmente surpresa com a virada que meu dia tomou. Jack pode ter começado com um estrondo, mas graças a Chris, David e

Tucker, estou começando a pensar que as pessoas no Texas são tão amigáveis quanto dizem os boatos. Checo os itens da minha lista e consigo ficar abaixo do orçamento. A comida é muito mais barata aqui do que na Califórnia, e até encontro uma seção do mercado cheia de produtos locais orgânicos de algumas das fazendas vizinhas.

Quando volto para o rancho – depois de estagnar apenas uma vez no caminho de casa, muito obrigada– carrego todas as compras e começo a fazer o almoço. Já são 12h45min e Jack e Edith estão com fome. Edith não sai da cozinha. Ela se senta numa das banquetas do balcão e me observa trabalhar.

— O que é isso? — ela pergunta.

— Azeite com infusão de alho.

— E isso?

— Panko.

— Pank-o que?

— PANK-OH. Farinha de pão para você. Eu gosto no salmão.

— Jack não é um grande fã de peixe.

Eu aperto os lábios. — Não diga.

— Sim, somos mais uma família de carne e batatas.

Nesse momento, a voz estridente de Jack grita do andar de cima. — Meredith já voltou do mercado? Acabei de receber uma ligação de Marty dizendo que viu uma morena parada na beira da estrada em um de nossos caminhões.

— Sim, estou de volta! — Eu grito de volta, irritada com esse tal de Marty por ser um delator. — E eu não sei do que está falando! Voltei do mercado e voltei muito bem, não graças à lata velha que seus funcionários me emprestaram!

— Aquela caminhonete funciona muito bem quando eu dirijo!

— Sim, o motor provavelmente corre de você como todo mundo por aqui!

Edith joga as mãos no ar. — Parem de gritar! Jack desça e converse com Meredith como uma pessoa normal ou volte ao trabalho. O almoço não estará pronto por mais trinta minutos!

— Quarenta — eu sussurro.

— Quarenta minutos! — ela corrige.

Jack volta ao seu escritório, e Edith e eu trocamos um sorriso conspiratório.

Quarenta minutos depois, Jack e sua avó se sentam para almoçar salada

de verão de couve, arroz de couve-flor e salmão assado.

Fico em pé na ponta da mesa, torcendo uma toalha na mão e esperando que eles deem as primeiras mordidas. Ambos olham para a comida como se fosse algum tipo de alimento alienígena.

— Não tem uma batata neste prato — aponta Jack.

— Eu acho que você vai gostar da couve-flor. É rica e tem alho.

— Esse é o primeiro prato? — ele pergunta, me olhando por baixo das sobrancelhas escuras.

— Jack, não seja tão rude — repreende Edith. — Meredith, sente-se e coma conosco.

— Ah, eu comi esse tempo todo — sabe, experimentando os sabores.

— Coma mais então — ela exige. — Você está muito magra.

Eu rio. — De onde eu venho isso é um elogio.

Sinceramente, eu *poderia* comer. Estou morrendo de fome, mas estou ciente do fato de que Jack não me pediu para me juntar a eles. Na verdade, sua linguagem corporal envia exatamente a mensagem oposta. Se estivéssemos na escola primária, ele largaria a mochila no assento vazio ao lado dele e proclamaria em voz alta: *o lugar está ocupado.*

Eu pego a dica e deixo-os. — Se me derem licença, preciso terminar de organizar as compras.

— Obrigado pelo almoço — diz Edith. — Parece muito... *exótico*.

Balanço a cabeça enquanto volto pra cozinha.

Há silêncio por alguns minutos, conforme garfos e facas batem nos pratos. Começo a organizar as compras na despensa, mas meus ouvidos estão atentos na sala de jantar, esperando por comentários.

— O salmão está muito bom — diz Edith.

Jack resmunga.

— Percebi que já quase limpou o prato — ressalta ela.

— Um homem tem que se alimentar.

—Uh-huh. Você quase lambeu tudo. Tenho certeza que Meredith lhe daria mais se você pedisse.

Não consigo ouvir nenhuma conversa depois disso e, alguns minutos depois, Jack entra na cozinha com os dois pratos. Não tem um pedaço de comida em ambos.

Eu estendo as mãos para tirá-los dele, mas ele passa por mim.

Minhas sobrancelhas saltam para a minha testa, mas eu mantenho meus lábios fechados.

Ele abre a máquina de lavar louça e se abaixa para colocar os pratos e talheres. Eu não encaro a bunda dele em seu jeans Wranglers desgastados, e definitivamente não tiro meus olhos antes que ele se levante e se vire pra mim. Ele coloca as mãos no balcão e se inclina para frente. Eu me ocupo dobrando uma toalha e pendurando-a ao lado da pia. Limpo um pedaço de sujeira do balcão. Abro um armário, olho dentro e depois o fecho novamente. Está claro que ele quer que eu pare o que estou fazendo e dê a ele minha atenção, mas não consigo. Tudo dentro de mim quer lutar com unhas e dentes, mesmo por algo tão simples como isso.

— Então a caminhonete lhe deu algum problema?

O tom dele é o mesmo que meus pais usavam quando sabiam que eu tinha feito algo errado, mas queriam que eu confessasse. *Meredith, você sabe o que poderia ter acontecido com o pacote de Oreos?*

Não tenho ideia, eu murmurava por lábios franzidos, bochechas estourando nas costuras, dentes parecendo uma mina de carvão ativa.

— Não. Problema algum.

— Isso é estranho, porque Marty, um amigo de confiança, me perguntou se eu tive algum caminhão roubado por uma mulher de cabelos negros.

Suponho que Marty, com seu nível de observação de detalhes, deva ser o desenhista do departamento de polícia local. Não tenho escolha a não ser ajustar minha estratégia atual de negação.

— Ohhh, ele deve ter me visto quando parei para admirar as flores silvestres.

— Que tipo?

— Girassóis.

— Eu ainda não vi nenhum este ano.

— Eles eram enormes, grandes como a sua cabeça. — Vejo a falha óbvia no meu plano e evito-a com maestria. — Mas embora alguém estivesse cortando, então provavelmente já se foram.

— Sabe, é uma caminhonete velha. Poderia ter sido difícil pra qualquer um.

Ele está brincando de bom policial, tentando me atrair para uma confissão fácil. Eu me viro e dou a ele um vazio e inocente olhar.

Ele inclina a cabeça para o lado.

Eu o imito.

Ele coloca as mãos nos quadris, e eu também.

Ele estreita os olhos e eu espelho o gesto.

Finalmente, ele cede. Quando ele se for, darei um soco no ar em vitória.

— Da próxima vez, venha pegar as chaves da minha caminhonete.

Sua caminhonete?

— É da Idade da Pedra ou da Idade do Bronze?

Ele respira fundo como se tivesse perdido a paciência comigo – isso ou ele está tentando não rir.

— É novinha em folha.

— E você confia em mim com ela?

— Eu tenho uma razão para não confiar?

Seu olhar é quente e frio ao mesmo tempo. Saber disso me faz sentir como se um pequeno punho estivesse me socando repetidamente no estômago. Estou surpresa por soar normal ao perguntar: — O que você achou do almoço?

Ele dá de ombros, olhando para a camisa que eu amarrei na cintura, mais uma das suas usadas. Seus olhos se estreitam quase imperceptivelmente antes que seu olhar encontre o meu novamente. — Normalmente não gosto de salmão.

Tem um elogio em algum lugar, mas eu precisaria usar uma picareta para encontrá-lo.

— Certo, bem eu guardei a pele. É bom para cães.

Suas sobrancelhas se arqueiam como se estivesse impressionado. — Vai dar para o Alfred?

— Dar, deixar cair pela porta quebrada — mesma coisa.

Ele balança a cabeça e se afasta do balcão. — Realmente temos que trabalhar nesse seu medo.

— Evitar completamente está funcionando muito bem — brinco. — Continuarei assim para sempre.

— Para sempre, hein? Palavras fortes para alguém no segundo dia.

— É o quanto pretendo ficar — isso ou até que fiquemos tão cansados um do outro que você terá que me demitir.

— É assim que você pensa que isso vai acabar?

Agora nós dois estamos tentando não sorrir. — Eu não vou desistir, se é isso que você está pensando.

Ele esfrega a nuca enquanto se vira para a porta dos fundos. — Nós veremos.

É uma despedida provocadora e como tudo mais a respeito de Jack, cava sob minha pele. *Veremos*, eu murmuro furtivamente pelas suas costas como

um estudante arrogante, o tempo todo assistindo enquanto ele se afasta. Ele pega o boné de beisebol no gancho ao lado da porta, coloca-o sobre o cabelo castanho e depois sai.

Mais tarde à noite, depois de encerrar o dia, encontro um envelope escondido debaixo da porta da cabana. Dentro tem um pequeno adiantamento: US $500 em dinheiro.

A letra torta de Jack enfeita a frente do envelope: *Pare de usar minhas roupas.*

10

JACK

Com o verão em pleno vapor, estamos no meio da estação movimentada para a Blue Stone, e o restaurante está mais popular que nunca. Hoje de manhã fui até lá para me encontrar com o chefe de cozinha e o gerente geral, e aprovei um novo modelo de cadeiras para que pudéssemos colocar mais algumas mesas na varanda dos fundos.

Nosso vinhedo e vinícola vêm se expandindo pelos últimos anos também. Venho trabalhando numa abertura de um canal de distribuição entre nós e algumas redes regionais de supermercados, mas ainda estamos trabalhando nos termos. O tempo seco no ano passado nos atingiu com força e não tínhamos certeza de que conseguiríamos manter o estoque. Curiosamente a escassez despertou mais interesse do que o habitual e o vinho que conseguimos estocar esgotaram assim que chegou às prateleiras. Contratei mais alguns produtores para garantir que esta temporada se saia melhor que a anterior.

O gerente do local do casamento garante que teremos mais eventos reservados do que nunca, diz que as noivas precisam consultar um ano antes para garantir as datas desejadas e, mesmo assim, a maioria dos finais de semana mais cobiçados já estão com reservas duplas, com casamentos de manhã e à noite.

O fato é que, com tudo acontecendo com os vários negócios da Blue

Stone, raramente encontro tempo para sair de trás da minha mesa. É uma pena considerando o quanto eu gosto de trabalhar fora, então aproveito todas as oportunidades que consigo – como agora, estou no meio de uma reunião com todos os funcionários, checando com os caras sobre o progresso em alguns projetos pelo rancho.

Pena que nenhum deles está me ouvindo. A alguns metros de distância, Meredith está roubando o show.

Ela está na varanda da frente com Alfred, tentando superar seu medo, tratando-o com um pouco da pele de salmão do almoço de ontem.

— Senta!

Alfred senta por dois segundos, fica dominado de orgulho por obedecer e depois pula animadamente em sua mão estendida.

— Eu disse pra sentar! Senta!

O problema é que ela está segurando o petisco acima da cabeça para manter fora do alcance dele, mas ele acha que ela está lhe dando um desafio: *Oh! Você quer que eu pule mais alto?!*

— Muito mal! — ela adverte, abanando o dedo como se ele fosse fluente em linguagem de sinais. — Vou alimentá-lo assim que você conseguir se sentar por mais que um piscar de olhos!

Ele pula de novo e ela grita jogando a pele de salmão como se fosse uma batata quente. Alfred faz desaparecer em dois segundos.

É lamentável. Nenhum de nós consegue desviar o olhar.

— Onde você a encontrou, afinal? — Garrett, meu gerente da fazenda, pergunta. — Eles têm noivas por encomenda na Califórnia agora?

— Ela é a nova governanta — interrompe Chris, meu funcionário mais jovem. — Ela começou alguns dias atrás.

Ele está com um sorriso orgulhoso que me confunde.

Garrett sacode o dedo na direção dela. — Por que ela está vestindo sua camisa?

Sim, por que ela *está* vestindo minha camisa? Eu gemo pensando na nota que deixei na sua porta ontem à tarde. Aparentemente, ela decidiu ignorar. Pior ainda, parece que ela cortou as mangas desta. Agora eu não quero de volta.

— Então ela é uma noiva russa ou está solteira? — alguém pergunta, incitando uma rodada de risadinhas.

Todas as cabeças se viram para mim como se estivessem esperando a resposta para essa pergunta o dia todo. Alguns deles esfregam o pescoço com

a súbita esticada.

Eu respondo rapidamente, aderindo ao meu tom áspero, aquele que os faz fazer xixi nas calças. — Ela não é assunto da conta de ninguém. Mostre-a algum respeito e volte ao trabalho.

Pego Chris sorrindo, aparentemente feliz comigo por defendê-la. O que diabos tem de errado com ele?

Eu consigo a resposta quando ele e David me alcançam enquanto ando de volta à casa.

— Ei, chefe, tem alguma madeira que possamos usar para consertar o barraco em que você enfiou a senhorita Meredith? Acho que poderíamos consertar o chão bem rápido, não deve demorar mais que um dia ou dois.

— Primeiro de tudo, por que está chamando ela de senhorita Meredith como se ela fosse amiga da sua mãe? Segundo, do que você está falando?

Eles trocam um olhar tipo, *lá vamos nós de novo,* e então David fala. — Qual parte você está confuso? A madeira ou o...

— Quem disse alguma coisa sobre consertar a cabana?

Os olhos de Chris se arregalam. — Você esteve lá ultimamente? Tem buracos no assoalho desse tamanho. — Ele estica os braços o máximo que pode. É um exagero... eu acho. — Uma cobra pode rastejar por ali.

David assente. — Sem dizer que está prestes a ficar quente como o inferno. Depois de consertarmos o piso, poderíamos deixar uma janela da loja de ferramentas. Elas são muito baratas hoje em dia...

Eu levanto minha mão para que ambos parem de falar. — Por que vocês se importam? Vocês nem a conhecem.

Chris franze a testa, claramente ofendido. — Nós a conhecemos ontem.

— Ah sim? Agora são melhores amigos?

Ele dá de ombros. — Eu dei-lhe instruções para o supermercado.

— E agora ela tem vocês correndo por aí trabalhando para ela?

Ele para de andar e coloca as mãos nos quadris. David faz o mesmo. — Oh não, ela não pediu. Apenas parece a coisa certa a fazer. Você sabe que ela fez muffins esta manhã, trouxe para todos os caras, ainda quentes do forno, como Gammy costumava fazer.

Mas o que está acontecendo? Quando todos os meus funcionários ficaram moles? E por que não ganhei nenhum desses muffins?

— Então, o que você acha? — Pergunta Chris, seus olhos comicamente grandes e repletos de esperança.

— Faremos isso no nosso tempo livre, se for esse o problema —

acrescenta David.

— Vou pensar sobre isso.

Eles sorriem, e eu os deixo lá como dois estudantes apaixonados.

Meredith está sentada nos degraus da varanda, absorvendo a luz do sol e observando eu me aproximar. Quando chego perto, ela levanta as mãos. — Antes que me acuse de negligenciar meu trabalho, estou fazendo minha pausa de quinze minutos. Eu perguntei por aí e todos os caras disseram que é permitido duas vezes ao dia.

Inclino minha cabeça para esconder minha diversão. — Eu não ia dizer nada.

— Ah, certo.

Eu chego às escadas e me agacho para acariciar Alfred, que está deitado na grama. — Estou surpreso que esteja sentada tão perto dele.

— É intencional. Estou tentando terapia de imersão.

Olho para ela com atenção e pisco para manter o sol longe dos meus olhos.

— E como isso tem funcionado?

Ela dá de ombros e se afasta um pouco dele, tentando parecer que estava apenas reajustando seu assento. — Não é tão ruim agora que a atenção dele está em você.

Faço questão de coçar a barriga dele para que ele role de costas. A língua dele pendura para fora da boca e a perna traseira começa a chutar o ar.

— Bem, agora você está se gabando — diz ela em um tom cortante.

— Eu prometo a você, ele é um amante, não um lutador.

— Isso é estranho.

— Por quê?

— Bem, eles dizem que os animais de estimação são um reflexo dos donos, mas acho que deve haver algumas exceções.

Eu me viro para vê-la recostada na escada, um sorriso tímido sugerindo que ela estava caçoando, não querendo ofender. Eu devo me levantar e voltar ao trabalho, mas estou focado nas pequenas sardas na aba do nariz dela. Estavam lá quando ela apareceu pela primeira vez?

— Os caras disseram que você levou muffins para eles esta manhã.

Ela inclina a cabeça para o lado e seu sorriso desaparece. — Se eu disser que sim, terei problemas?

— Claro que não. Porque você pensaria isso?

— Eu não sei, você soou meio irritado.

Eu franzo a testa. — Acho que esse é apenas o meu tom padrão.

Ela ri disso – uma risada rica e calorosa que me faz parar. Meu olhar se prende na covinha profunda que pontilha o lado esquerdo do seu sorriso. Quando ela me percebe olhando, limpa a garganta e faz um movimento de volta para casa.

— Eu guardei um para você, embora não tenha sido fácil. — Edith já farejou os dois que eu escondi atrás da caixa de pão. — Acho que ela não consegue ver o quanto estou chocado com o gesto, porque ela continua com indiferença. — Eu poderia levar ao seu escritório com um pouco de café.

— Eu pensei que você estava resistindo à ideia de fazer tudo pra mim?

Ela desvia o olhar, estreitando os olhos. — Se você não quer, é só dizer.

Essa expressão de mágoa mexe comigo, e meu primeiro instinto é ficar de joelhos e implorar por aquele maldito muffin, mas eu me paro. O que diabos eu estou fazendo parado aqui e conversando? Eu não deveria estar gostando de Meredith. Eu não deveria estar baixando minha guarda com ela. Ela é uma destruidora de corações. Ela é mimada e irresponsável. Se der para acreditar em Helen, ela deixou o marido para lhe ensinar algum tipo de lição malcriada. Eu seria prudente em manter minha distância, mesmo que isso signifique magoar os sentimentos dela.

Eu me levanto. — Sim, eu tomei um grande café da manhã. Você pode dar a Edith.

Mais tarde no almoço, Meredith apresenta outra de suas refeições saudáveis. Desta vez, há frango assado, aspargos e algum tipo de grão minúsculo que parece que devia ser polvilhado em um tanque de peixes.

— Cuscuz — ela anuncia suavemente.

Sinto minha boca recusar com desdém e tenho que lutar contra.

Ainda assim, ela sente minha relutância. — É trigo, garoto do campo. De uma chance. Prometo que você vai gostar.

Edith dá um tapinha no lugar vazio ao lado dela. — Sente-se e coma conosco.

Se ela não fosse minha avó, eu a chutaria a canela dela. O que há com ela e Meredith? Edith nunca se esforçou tanto para ser amigável com nossa antiga governanta.

Eu a encaro furiosamente, mas ela está muito ocupada admirando Meredith para perceber, então não tenho escolha a não ser falar. — Mary

nunca se sentou para almoçar conosco.

Meredith se irrita com o comentário e gira nos calcanhares para voltar para a cozinha.

Pronto. Problema resolvido.

Edith me envia um olhar fulminante do outro lado da mesa. Quando eu era mais novo, esse olhar me faria recuar de medo. Estou surpreso por não ter perdido completamente o efeito.

— Isso porque Mary preferia assistir Jerry Springer no quarto dela durante o almoço.

Dou de ombros e coloco um monte de cuscuz na colher. *E lá vamos nós.* — É melhor assim. Tenho certeza de que ela terá ido embora numa semana de qualquer forma. Não há sentido em ser amigável com ela.

Ela revira os olhos. — Acredite em mim, você não corre o risco disso.

Eu endireito os ombros, comida de peixe esquecida. — Você acha que estou sendo duro com ela?

— Bom, ela tem medo do Alfred, mas ainda acho que prefere a companhia dele à sua.

Eu cerro os dentes, e durante o resto da refeição não conversamos mais. Não adianta. Ela está brava comigo pelo modo como estou tratando Meredith, e estou bravo com ela por não ver meu lado. Se ela tivesse ouvido o jeito que Helen falava da irmã, ela não seria tão amigável também.

Estou muito focado em mastigar, mas não tanto que não percebo o quão boa é a comida de Meredith. Nunca comi aspargos de boa vontade, mas ela assou tão bem que fico um pouco decepcionado quando meu prato está limpo.

Afasto minha cadeira da mesa e carrego a louça para a cozinha. Meredith está lá limpando, e ela faz questão de me ignorar completamente. Não só isso, ela se vira e se afasta de mim. Seus ombros estão curvados e sua cabeça está inclinada para baixo enquanto ela limpa o fogão, esfregando com força.

Tudo bem. OK. Eu tive o suficiente. É assim que deve se sentir ser o pai responsável e mesquinho. É uma merda. Por que eu tenho que ser o cara mau? E daí? Eu não queria tê-la comendo conosco e ficando confortável, mas não suporto vê-la triste assim. Sem mencionar, quanto mais cedo ela e eu voltarmos aos meios termos, mais cedo Edith virá também.

— A comida estava boa. Um sucesso.

Ela cantarola e continua de costas para mim.

— Eu nunca tinha experimentado cuscuz antes.

Ela faz um barulho entediado, sem se impressionar, e sou deixado sem nada mais a dizer.

Meu temperamento começa a ferver dentro de mim, embora não direcionado a ela – mas a mim mesmo. Eu odeio isso. Odeio não saber decidir como devo lidar com ela. Um minuto eu a quero fora da minha casa. No próximo, quero ser legal e ficar do seu lado bom. Não posso deixar de imaginar como seria: muffins recém-assados com meu café da manhã, sorrisos doces, o retorno do amor e carinho da minha avó. Eu poderia me acostumar com isso bem rápido.

E é bem aí que está o problema.

11

MEREDITH

Me sinto obrigada a defender meu neto.

Balanço a cabeça. — Não tem necessidade, de verdade.

Edith dá a volta por mim e fecha a torneira da pia da cozinha. Estou até os cotovelos em bolhas de sabão, mas aparentemente essa conversa é mais importante do que a louça do almoço. Pego uma toalha e seco as mãos antes de me virar para ela.

Ela está me olhando com curiosidade revelada. — Ele acha que você está nos usando como um trampolim.

— Ah, é? — Eu cruzo meus braços. — Quem disse que ele não está certo?

— Quem de fato? — Depois de um breve silêncio, ela me dá um peteleco na testa com o dedo indicador. —Você, idiota! Então você vai ou não vai voltar para a Califórnia assim que seu marido rico descobrir para onde você fugiu?

Meu queixo treme de raiva.

— Seja o que for que você acha que sabe sobre mim, vá em frente e acredite. É tudo verdade.

Estou tão cansada de todo mundo metendo o nariz nos meus assuntos. Se esse fosse um trabalho normal com horas normais, ela não estaria perguntando sobre a minha vida pessoal, mas essa não tem sido uma situação normal desde o começo. Ela e Jack conhecem Helen e, portanto, acham que me conhecem. Não conhecem. É como olhar por uma única janela e achar que você sabe como é o mundo todo. Quaisquer trechos que contei a Helen sobre minha vida na Califórnia foram apenas meias-verdades. Minha vida lá

atrás não era um completo inferno, mas não era algodão-doce e arco-íris também.

— Talvez eu tenha vindo de uma vida confortável, mas tem muito mais nisso. Tudo que precisa saber é que não vou voltar. Fim da história. Agora, se você já terminou, preciso voltar a esses pratos.

— Alguma vez foi bom? Seu casamento?

Sua pergunta é tão chocante que uma lembrança nítida me atinge como um pássaro batendo em uma janela limpa. A última vez que Andrew e eu fomos íntimos, eu estava deitada de bruços na nossa cama com ele em cima de mim, deixando acontecer, tentando pensar em qualquer outra coisa além do quão revoltante era ele me tocando. Eu me virei e meu olhar se prendeu na foto emoldurada na minha mesa de cabeceira: nós, no dia do nosso casamento... Eu, sorrindo para Andrew como se ele fosse meu príncipe reluzente.

— Sim, fomos felizes uma vez.

— Bem, casamento é difícil. Você tem que trabalhar nele para manter o amor vivo.

Eu penso em todas as minhas tentativas desesperadas de mudá-lo. No fim, só consegui mudar a mim mesma.

Eu finjo estar chocada com o conselho dela. — Uau, *sério*? Acho que não me esforcei o suficiente. Mais algum conselho sábio? Talvez eu devesse ter sido mais ousada no quarto para mantê-lo interessado? Talvez eu devesse ter sido um pouco mais atenciosa? Mais amorosa? Engraçada? Distante? Misteriosa? Por favor, me diga como eu poderia ter salvado um casamento que você não sabe nada sobre.

Minha explosão a erra completamente. Ela cantarola com a confirmação e então se vira para a porta dos fundos. — Sim, foi o que eu pensei.

Eu franzo a testa. — O que?

Ela continua andando. — Nada. Você pode voltar para a sua louça agora.

— Edith!

A porta dos fundos bate atrás dela e eu levanto as mãos em derrota. *Jesus, o que tem de errado com essa família?*

É finalzinho de tarde e eu me pus em quarentena na cabana. É apenas eu e a vida selvagem local que ainda tenho que expulsar. Tenho um livro de capa dura aberto no colo, um thriller novinho em folha que encontrei Edith lendo

ontem. Aparentemente, compartilhamos os mesmos gostos literários – nos sentamos na sala de jogos conversando sobre livros por uns bons trinta minutos. Quando ouvi a porta do escritório de Jack abrir, fiquei de pé. Eu não queria que ele me pegasse negligenciando meu trabalho; não o darei nenhuma munição contra mim. Exceto nossas pequenas brigas, quero ser a melhor funcionária que ele já teve. Quero o meu retrato emoldurado em cima de uma pequena placa que diz: *Funcionário do ano!* Dessa forma, ele não terá nenhum motivo para me despedir.

Ele não me viu descansando com a avó dele, e ela insistiu que não importava. Ainda assim, não queria abusar da confiança dele, então voltei ao trabalho e Edith deve ter terminado o resto do romance, porque estava esperando por mim na minha porta mais cedo.

Até agora, é ótimo, muito assassinato e sangue – tudo o que uma garota precisa –, mas estou tendo problemas para me concentrar, porque está malditamente quente aqui. O sol está começando a se pôr, mas o ar continua úmido e sufocante. Tomei um banho gelado depois do trabalho, depois coloquei uma das camisetas de Jack e, em vez de dar um nó, estou usando-a como um vestido, enquanto meus jeans estão secando. Finalmente consegui lavá-los, mas tenho planos de ir à cidade neste fim de semana e gastar um pouco do meu adiantamento em alguns shorts. Mal posso esperar.

Eu abro a janela e boto a cara pra fora, esperando um pouco de ar fresco, mas em vez disso, sou recebida com um ar seco e morno. Uma gota de suor rola lentamente pela minha testa. Isto é ridículo. O Texas é uma sauna. Na Califórnia, provavelmente está uma brisa de 21 graus. Nesse momento, uma mulher está saindo com o namorado e implorando por sua jaqueta. Ele está chateado que ela não trouxe uma. *Eu não imaginei que estaria tão frio!* Namorados no Texas não devem ter esse problema.

Sem pensar duas vezes, pego meu livro da cama e abro a porta da cabana. Estou ciente de que a camiseta de Jack termina bem alto nas minhas coxas, mas não me importo. A ideia de enfiar minhas pernas em jeans molhados me faz querer vomitar. Além disso, ninguém vai me ver nesta roupa de qualquer maneira. Os caras já se foram visto que o trabalho no rancho começa cedo e termina cedo, e tenho certeza de que vi a caminhonete de Jack sair há uma ou duas horas atrás, então não há motivo para eu sufocar nessa banheira quente que chamo de lar.

Se tivesse uma piscina na propriedade, eu pularia nela de cabeça primeiro. Eu ficaria lá, flutuando de costas até o sol esfriar. Como está, estou

mirando para uma rede aninhada sob dois carvalhos atrás da casa. Eu a vi no meu primeiro dia no rancho, mas não vi ninguém usá-la. Pode estar um pouco suja, mas não me importo. Minha esperança é que, se eu realmente conseguir balança-la, gerarei um pouco de fluxo de ar para me refrescar. Se não, irei marchar até a casa de Jack e encaixarei meu corpo inteiro no freezer como uma peça de tetris. Morrerei feliz ao lado das ervilhas congeladas – apenas o pensamento envia um arrepio de prazer pela minha espinha.

Aprecio a sensação da grama macia sob meus pés descalços enquanto atravesso o quintal. Decido que isso já é infinitamente melhor que a cabana, até ouvir um assobio baixo que diz: *Olá, moça bonita.*

Minha atenção se volta para a esquerda, em direção ao celeiro, e eu congelo no meio do caminho.

Um grupo de funcionários está rodeado na frente da velha caminhonete que eu dirigi até o supermercado no outro dia, aparentemente trabalhando nele. Dois deles já estão olhando na minha direção – Chris e outro garoto da mesma idade que eu ainda não conheci. Os olhos de Chris se arregalam e rapidamente ele desvia o olhar, como se eu estivesse andando por aí de lingerie, em vez de uma camiseta folgada. O outro vaqueiro não desvia o olhar e aposto que o assobio veio dele. Ele está focado nas minhas pernas nuas, como se elas fossem dois hambúrgueres suculentos e ele estivesse morrendo de fome. O terceiro funcionário – aquele com a cabeça enfiada debaixo do capô do caminhão – finalmente dá um passo para trás e pausa o trabalho. Com um sobressalto, percebo que é Jack. Ele limpa a graxa das mãos com um pano e murmura algo que não consigo ouvir. Nenhum dos caras responde. Ele olha pra cima para encontrá-los distraídos e então segue o olhar do segundo vaqueiro direto... até... mim. Quando ele me encontra de pé no meio do gramado, meus joelhos quase cedem.

Eu faço a única coisa em que consigo pensar: levanto meu livro como se dissesse: *Olá queridos colegas, nada para ver aqui, apenas lendo um pouco.*

Ele faz uma careta e, assim, o olhar está completo. É a fantasia perfeita de caubói que eu não sabia que tinha: ele está lá trabalhando em um caminhão de fazenda com as mãos sujas de graxa, o começo de uma barba no maxilar esculpido, os cabelos escuros aparecendo por debaixo do boné de beisebol virado para trás. A camiseta esticada sobre o peito e os jeans escuros estão tão gastos que aposto que estão perfeitamente moldados nas coxas. Seus olhos escuros me alertam para longe. De fato, eles fazem mais que isso. Eles são um rosnado visual, retumbantes na luz minguante, mas não consigo

prestar atenção porque, naquele momento, ele é o homem mais gostoso que eu já vi, e isso é um problema.

Um *enorme* problema.

Ele pega o funcionário ainda focado em mim e lhe dá um tapa na nuca, derrubando seu chapéu de cowboy. O garoto corre para pegá-lo e pedir desculpas, e eu aproveito a oportunidade para voltar correndo para a cabana o mais rápido possível. Minhas pernas se movem tão rápido que eu quebro a barreira do som e uma janela aleatória a seis quilômetros de distância se quebra como resultado.

Quando estou lá, fecho a porta atrás de mim e começo a andar pra lá e pra cá. Eu entendi; não parece bom. Ele já pensa tão pouco de mim – inferno, ele provavelmente pensa que eu sou algum tipo de nudista da costa oeste, forçando meu liberalismo nesses bons cristãos.

Há uma batida pesada na porta um segundo depois, e eu xingo e fecho meus olhos.

— Meredith — diz Jack, batendo novamente. — Abra.

— Não! — Eu grito de volta. — Estou ocupada.

— Acabei de ver de fato que não está ocupada.

— Estou ocupada não lidando com isso agora!

— Besteira. Nós precisamos conversar.

— Bem! — Eu gemo. — OK!

Eu pego o jeans, que ainda está pendurado para secar, e tento vestir. Consigo vestir até os joelhos, mas ele não sobe mais; está muito molhado e apertado. *EU TINHA QUE DEIXAR MEU MARIDO EM APENAS UM PAR DE CALÇAS SKINNY!?* Eu pulo ao redor, puxando o máximo que posso. Eu sou Ross Geller tentando enfiar suas pernas suadas naquelas calças de couro, mas não adianta. O jeans não cede, e Jack está ficando mais impaciente lá fora.

— Meredith!

— Apenas espere um minuto!

Eu deito na cama e puxo com todas as minhas forças, e finalmente o jeans começa a cooperar comigo. *SIM. SIM. SIM.* Eu fecho o zíper e fecho o botão, pulo da cama e abro a porta com um bufo zangado.

Jack passa direto por mim e entra na cabana pisando com tanta força que as paredes frágeis tremem. Será um final apropriado, nós dois sufocando sob os escombros. Assim que estivermos ofegando por nosso último suspiro, vou me oferecer para fazer as pazes e, muito silenciosamente, ele vai sussurrar de

volta: *Vá para o inferno.*

— Sim, por favor — eu zombo rudemente. — Se convide e sinta-se em casa.

Ele se vira para mim.

— Que diabos foi aquilo? — ele pergunta, jogando o braço em direção ao quintal.

Eu faço uma careta. — *Aquilo* foi um acidente. Eu pensei que estava sozinha.

— Sozinha!? — Ele balança a cabeça como se eu fosse uma completa idiota e dá dois passos deliberados para perto de mim. Fico consciente de como sou pequena em comparação. Eu tenho que inclinar minha cabeça para trás para encontrar seus olhos castanhos. Sou uma criança parada aos pés de um gigante. — Permita-me deixar algo perfeitamente claro: este é um rancho em funcionamento. Você nunca estará sozinha nesta propriedade. Além disso, você é uma jovem funcionária – correção: *a* jovem funcionária. Já é difícil tentar manter os caras na linha, e aí você sai por aí vestida assim!

Eu fecho as mãos em punhos no meu cabelo úmido, resistindo à vontade de gritar enquanto berro para ele. — Entendi ok?! Eu não sou uma idiota. Foi um erro honesto e não vai acontecer novamente. — Eu ando até a porta, abro e faço um gesto para ele sair. — Agora, se você terminou de gritar comigo, eu gostaria de tentar salvar o resto da minha noite.

Ele não se mexe, e sua carranca raivosa se aprofunda. Seu olhar está na sua camiseta. — Eu pensei que tinha te dito para parar de usar minhas roupas.

— Eu planejo isso, assim que eu conseguir algumas para mim.

— Quando vai ser isso?

— Este fim de semana.

Por alguns segundos, nenhum de nós fala. Na verdade, nem respiramos. Ficamos ali, nos encarando. Suas mãos estão nos quadris. Há uma linha profunda gravada entre suas sobrancelhas escuras, e essa linha diz: *você não vale o esforço.*

Estou encarando-o, memorizando cada contorno bronzeado, quando ele de repente para. Ele suspira pesado e agarra a frente da camisa para puxá-la e receber um pouco de ar pela gola.

— Merda, está quente aqui.

— Viu só?!

Quero envolver minhas mãos no pescoço dele e sacudi-lo como uma boneca, mas isso só me irritaria mais quando ele não se mexesse. *Talvez se eu*

jogar todo o meu peso como se eu estivesse tentando derrubar uma porta...

— Por isso você não estava usando roupa nenhuma?

Eu aperto os lábios, sem me impressionar com a hipérbole dele. — Eu estava vestindo roupas.

— Não o suficiente.

Reviro os olhos e resisto à vontade de dar um peteleco na testa dele. — Sinto que estamos andando em círculos.

Ele balança a cabeça e gira lentamente, vendo a cabana com novos olhos. Gostaria de saber o que ele pensa dela agora que estou aqui há alguns dias. Minhas roupas estão penduradas em uma linha perto da janela. Meu sutiã rendado cor de creme trêmula ao lado de suas camisetas e eu coro, resistindo à vontade de puxá-lo para baixo. Se ele percebe, ele não diz nada. Seu olhar se move para a cama de solteiro e depois para o chão.

Não é o Taj Mahal, mas, considerando tudo, está um inferno muito mais limpo do que era quando a encontrei. Tenho planos de comprar algumas necessidades, como uma luminária e um tapete, neste fim de semana – isto é, se meu orçamento permitir. Estou juntando a maior parte do meu adiantamento. Portanto, a menos que o valor de um tapete seja de alguns dólares e um sorriso vencedor, é provável que eu fique sem.

— Vou conseguir um ar-condicionado para você este fim de semana — ele declara de repente.

Meu rosto é uma máscara de indiferença. Eu me recuso a dar a ele a satisfação de ver minha animação antes que ele pare e admita que está brincando.

Ele não percebe minha intenção, muito ocupado olhando para o chão. — E eu mandarei Chris e Daniel aqui para consertar o assoalho. Posso fazê-los virem na segunda-feira enquanto você trabalha, para que não te incomodem.

Concordo com a cabeça muito, *muito* devagar. Minha boca está tão aberta a este ponto que sou capaz de pegar uma mosca.

— Depois disso, veremos sobre consertar as paredes.

Com isso, ele se vira para a porta aberta, aparentemente encerrando comigo por enquanto.

Espera…

— Isso foi uma piada?! — Eu grito atrás dele. — Honestamente, se esse é mais um dos seus estranhos jogos mentais, eu não quero fazer parte!

Ele nem se incomoda em me responder, apenas continua andando, o que eu *acho* que significa que ele estava falando sério.

Eu mal posso acreditar.

Em breve, terei ar frio de ar-condicionado explodindo em meu rosto como se eu fosse algum tipo de rainha. Eu acho que posso chorar. Pensando bem, ainda está quente demais para chorar – tenho que ficar hidratada o possível até conseguir o ar-condicionado.

Sexta-feira chega voando e antes que eu perceba, está quase na hora de encerrar o dia. Estou prestes a experimentar meu primeiro fim de semana de liberdade aqui em Cedar Creek. Estou tão empolgada que nem fico chateada quando Jack me diz que tem uma garota vindo para a cidade para uma visita. *Christine.* Ele me dá zero detalhes sobre ela. Na verdade, tenho certeza que ele só a trouxe para garantir que eu coloque toalhas extras no banheiro principal. Estou decepcionada com a falta de fofocas dele. Eles estão namorando? Amigos? Amantes? *Mais?* Felizmente, Edith não tem escrúpulos em me informar. Sentamos à mesa da cozinha durante o meu intervalo, tomando café e conversando enquanto Jack está com os vaqueiros do rancho fazendo todo tipo de coisa máscula, tenho certeza. (No início da manhã, eu o vi carregando uma corda - uma CORDA de verdade! Eu sempre pensei que eram mais pra show. De qualquer forma, ao vê-lo, minhas fantasias de cowboy recentemente acesas podem ou não ter aumentado dez vezes mais.)

Recebo as seguintes informações sobre Christine de Edith: ela é uma "garota da cidade" como eu, apesar de ter morado em Cedar Creek e ter frequentado a mesma escola que Jack. Eles não namoraram na época – eu perguntei. Também digno de nota, Jack era o orador oficial da sua turma de graduandos. Eu não perguntei sobre, Edith apenas oferece a fofoquinha como qualquer avó orgulhosa faria. Ela também oferece o fato de que ele tinha uma dúzia de garotas correndo atrás dele em qualquer dia. Além disso, ele foi o lançador inicial do time universitário de beisebol. Ela provavelmente continuaria divagando sobre ele o dia todo, mas eu a puxo de volta ao tópico em questão.

— Mas eles estão namorando *atualmente*?

— Certo, sim... bom — continua ela, — Christine mora em San Antonio e tem algum trabalho chique de moda.

Isso desperta meu interesse, mas quando peço detalhes, Edith pisa na bola.

— Eu não sei o que ela faz — ela responde, rejeitando minha pergunta

como se a entediasse. — Olha roupas, veste manequins – algo do tipo.

Ela continua dizendo que Christine costumava ser mais ou menos gentil, mas que nos últimos anos ela mudou. A citação direta de Edith é que Christine "seu nariz é tão empinado que ela se afogaria em uma tempestade". Eu perguntaria a ela o que isso significa, mas ela se aproxima e sussurra: — Acho que ela está tentando compensar por ter crescido em um trailer no parque do outro lado da cidade com sua mãe.

Meu estômago revira e, de repente, me sinto mal por contribuir com fofocas sobre essa mulher que eu nem conheço. — Edith!

— É a verdade!

Balanço a cabeça. — Ela pode ser 'pomposa', como você a chamou, mas se ela faz Jack feliz...

— Ela não faz.

— Bem, se ela é boa para ele...

— Ela não é.

— Edith, lembre-me de nunca provocar o seu lado ruim.

— Onde você acha que Jack conseguiu o dele?

Ela se levanta e carrega nossas xícaras de café para a pia, embora eu ainda estivesse pela metade com a minha.

— Não estou tentando ser má — diz Edith, claramente magoada.

— Eu sei. É só que... Eu sei como é ser o alvo de... rumores.

Ela se vira e sorri calorosamente, seus olhos azuis brilhando. — Vê só? Você tenta não ver o mal nas pessoas. Você já é melhor do que ela. Mais bonita também.

Jogo as mãos pro alto e volto ao trabalho, embora não consiga deixar de pensar em Christine. Não é da minha conta o que (ou quem) Jack faz nas horas vagas, e eu definitivamente não ligo pro tipo de mulher que ele chama para dormir. Quem liga se ela é orgulhosa ou arrogante? Sabe com o que eu me importo? Se ela limpa a própria bagunça. Isso é tudo. Espero que ela coloque as toalhas usadas no cesto de roupas sujas e coloque a louça suja na máquina de lavar quando terminar. Ela pode ser má o quanto quiser desde que não torne meu trabalho mais difícil na segunda-feira de manhã.

Ainda assim, estou um pouco curiosa sobre ela. Chame isso de tédio, mas estive imaginado como ela é o dia todo e quase pulo de alegria quando ouço um carro estacionando no caminho de cascalho.

— Christine está aqui! — Edith grita da sala de estar.

Estou movendo as roupas da lavadora para a secadora quando a porta da

frente se abre e ela entra. Estou tão ansiosa para vê-la que enfio tudo o mais rápido possível e corro para a cozinha, assim como Jack a cumprimenta no hall de entrada. Eles se abraçam em vez de beijar, o que acho interessante. Christine parece distante, oferecendo a Edith um aceno educado, mas nada mais. Elas obviamente tem animosidade.

Ela é linda – eu obviamente não esperava nada menos. Seu cabelo loiro claro é cortado curto perto do queixo. Ela está usando um vestido branco e sandálias que amarram nos tornozelos. Colares de ouro delicados estão em camadas pelo pescoço dela, e imediatamente sinto inveja do quão elegante ela parece. Foi fácil esquecer de me comparar com outras mulheres quando a única que eu vi por uma semana tenha mais do que o dobro da minha idade.

Eu ainda estou olhando para a roupa dela quando ela traz a mala pra sala, trazendo um rastro de lama junto com ela. Droga. Esfreguei o chão esta manhã. Quanto mais ela entra na casa, mais suja fica.

— Oh! *oh*! Espere, parece que você tem algo em suas rodas.

Corro para frente com um pano que peguei no balcão da cozinha e faço um trabalho rápido com a lama. Quando termino, empurro os joelhos para ficar em pé e sorrio. *Pronto, não há mais lama riscando meus pisos de madeira.*

Todos estão me encarando como se eu fosse louca.

— Meredith, você já não terminou por hoje? — Edith brinca.

Eu aponto de volta para a cozinha. — Eu estava apenas terminando de lavar a roupa, não queria deixá-las na lavadora o fim de semana todo.

— Lavar as roupas? — Christine franze a testa, olhando de mim para Jack e depois de volta. — Sinto muito, acredito que não nos conhecemos.

Ela está olhando para mim como se eu não pertencesse. É exatamente o mesmo olhar que dou à fauna na cabana, mas não os intimida. Eles convidaram *mais* amigos ainda. *Vamos! Diga a Jerry e as outras aranhas que vamos fazer um churrasco mais tarde! Sim, teremos moscas de novo!*

— Meredith está ajudando com a casa por um tempo — explica Jack simplesmente.

Christine não está satisfeita, então eu sorrio e estendo minha mão limpa. — Eu sou a nova governanta. Prazer em conhecê-la.

Em um piscar, sua expressão suaviza. Aparentemente, meu trabalho como governanta de Jack imediatamente elimina qualquer ciúme que possa estar construindo dentro dela. É como se eu levantasse uma placa que diz: *Não se preocupe, você é melhor que eu, por dentro* e *por fora.*

Ainda assim, ela não pode deixar de me avaliar. Seu olhar me varre rapidamente, claramente avaliando conforme ela vai. Eu queria ter colocado um pouco mais de maquiagem esta manhã. Ela está enfeitada como uma blogueira na fashion week. Enquanto isso parece que eu fui puxada para fora do oceano depois de um ano sozinha em uma ilha deserta. Eu devo ser a mulher menos ameaçadora que ela já conheceu. Ainda assim, quando ela olha para os meus jeans, seus olhos se arregalam de admiração. — Esses são os novos skinnies da J Brand?

Eu olho para baixo. — Ah, umm... Eu não...

Ela anda ao meu redor para ver os bolsos traseiros. — Eles são! — Ela se vira para me encarar, segurando meus ombros em suas mãos, me sacudindo gentilmente. Meu cérebro sacode na minha cabeça. — Onde *você* conseguiu esses?! Eles estão com pedidos de espera em todos os sites que pesquiso.

Eu rio, um pouco envergonhada, um pouco consciente da ênfase que ela colocou no "você" dessa pergunta. — Eu os consegui na Califórnia, na verdade. — Sinceramente, eles eram apenas um de uma dúzia de pares de designers pendurados no meu armário. Não pensei sobre eles e agora me sinto um pouco culpada por usá-los a semana toda enquanto esfregava banheiros. Ela está tão impressionada que acho que ela os arrancaria de mim se pudesse. — Eu deixaria você tê-los, mas eles são tipo tudo que tenho no momento.

Ela ri e finalmente me solta. Eu respiro um suspiro de alívio.

— Eu sei o que quer dizer — ela diz enquanto sacode o cabelo. — Quando você encontra o par perfeito de jeans, parece que você não consegue usar outra coisa.

Edith abre a boca para informá-la que ela entendeu errado, para dizer que essas são realmente as únicas calças que eu tenho, mas eu a interrompo antes que isso aconteça.

— É isso aí, irmã.

Ela sorri e eu sorrio de volta.

— Califórnia, hein? — ela pergunta. — O que você está fazendo neste buraco do inferno?

Jack faz uma careta atrás dela, mas eu faço o meu melhor para ignorá-lo.

— É uma longa história.

Suas sobrancelhas bem cuidadas arqueiam com interesse. — Bem, estou morrendo de vontade de ouvir.

12

JACK

Christine não para de falar sobre Meredith. Saímos do rancho há trinta minutos e supostamente estaríamos em um encontro, conversando sobre nós e nosso futuro. Em vez disso, ela continua falando e falando sobre minha nova governanta. Não me interpretem mal, eu amo qualquer desculpa para evitar falar sobre o nosso relacionamento, mas não esta.

— É estranho que eu tenha uma queda nela?

Não é estranho, considerando que todo funcionário na minha propriedade tem uma queda *real* nela.

— Ela é realmente bonita — continua ela, um pouco alegre demais.

— Não reparei.

Eu coloco minha caminhonete na primeira vaga disponível no estacionamento fora da Hill Top Vineyards e desligo o motor.

Ela ri enquanto desafivela o cinto de segurança. — Obrigado por isso, mas não é necessário. Eu não estou acusando você de querer ela, então não faz sentido fingir que você é cego.

Eu reconheço uma armadilha quando vejo uma.

— Ela é minha funcionária e irmã de Helen. — aponto, esperando que isso a force a abandonar o assunto.

Funciona. Caminhamos em silêncio até a sala de degustação no topo da colina. A Hill Top Vineyards – apropriadamente nomeada por sua localização – existe há alguns anos. Eles são líderes no vinho da região central do Texas, e eu venho querendo sair e experimentar o lugar faz um tempo.

— É irritante, sério. Todo aquele rosto limpo e sem maquiagem só

funciona para cinco por cento das mulheres.

Acho que voltamos a falar sobre Meredith. Eu quero gemer.

— Eu sempre digo que você não precisa dessa porcaria — digo a ela.

Ela ri e dá um tapinha no meu ombro. — É muito gentil da sua parte, mas você nunca me viu sem maquiagem.

Eu estreito meus olhos, torturando meu cérebro. *Certamente…* — Como isso é possível? Estamos juntos há dois anos.

Ela encolhe os ombros. — É o que acontece quando você vê alguém uma vez por mês. Nós podemos estar juntos há um tempo, mas de certa forma ainda parece que começamos a namorar.

Eu sei o que ela quer dizer. Existem vendedores de porta em porta que eu sinto que conheço melhor do que Christine. É um pensamento perturbador, mas eu o sacudo fora e a conduzo para dentro da vinícola.

Como é sexta-feira à noite, o local está lotado, mas planejei com antecedência. Temos reservas para uma excursão e degustação, e chegamos bem a tempo de acompanharmos o próximo grupo.

Meu pai começou o vinhedo do Blue Stone Ranch há quase 20 anos e, embora eu tenha alguém dirigindo as operações do dia-a-dia, tento permanecer o mais educado possível sobre o setor. Não é como se eu fosse coletar segredos comerciais em uma excursão pública em Hill Top (a menos que tenha sorte), mas esse não é o meu objetivo. Gosto de provar o vinho, conversar com os funcionários, conferir a atmosfera. É importante ver como nos saímos contra a concorrência.

Estou fascinado por toda a excursão. A maioria das pessoas está lá para encher a cara enquanto se sentem superiores às pessoas mais pobres que bebem Bud Light. O nível de fingimento e falso interesse é alto, mas quando estamos na vinha, perdemos metade do grupo. Enquanto isso estou colado ao lado do guia, como se houvesse um exame escrito no final. O cara me odeia, desperdiçando meu tempo com informação inútil. — E você sabia que uma videira produz aproximadamente cerca de dez garrafas de vinho? — Ninguém se importa.

Eu interrompo. — Vocês estão administrando o fertilizante depois que a videira floresceu ou mais perto de quando as uvas têm cerca de um quarto de polegada?

Ele não sabe a resposta e seguimos para a área de recebimento ao ar livre, onde os produtores depositam as uvas recém-colhidas. De lá, entramos para ver os vasos de fermentação: os enormes tanques de aço inoxidável que

abrigam a polpa enquanto ela se transforma em vinho. Eles têm uma instalação maior do que a nossa (pergunto ao guia turístico a metragem quadrada exata, mas ele não sabe), e estou especialmente impressionado com as salas de envelhecimento. Também envelhecemos nosso vinho tinto em barris de carvalho, mas, pelo que parece eles produzem quase o dobro do volume que produzimos. Depois disso, pego Christine e pulo a parte da excursão que leva pela sala de engarrafamento — acabamos de pagar um braço e uma perna a uma empresa de marcas para projetar nossas embalagens. Além disso, estou ficando com fome.

Finalmente, encontrei uma fraqueza: a comida deles é uma merda. Sei que é comum ter refeições leves, como frutas e nozes, nas salas de degustação, mas na Blue Stone, garantimos que existem melhores e mais opções de enchimento disponíveis. Afinal, essas pessoas precisam eventualmente voltar para casa.

Enquanto experimentamos vários vinhos brancos, o proprietário – um homem da minha idade, chamado Vince Davies – vem me encontrar. Ele me dá um tapa no ombro e eu me viro para cumprimentá-lo.

— Meu guia diz que você o estava assediando — ele brinca.

— Apenas fazendo valer o meu dinheiro.

— Você sabe que eu mesmo teria levado você por todo o lugar se soubesse que você estava vindo.

Eu dispenso sua oferta. — Como eu devo roubar todos os seus segredos com você me acompanhando?

Seus olhos se voltam para Christine e eu os apresento.

Vince sorri. — Ah, agora vejo a verdadeira razão pela qual você não me queria por perto.

Eu rio de bom humor e depois volto a colocar semente de pássaro na minha boca. Estou faminto.

— Oh, pare — Christine diz com um rubor sutil. Ela obviamente está impressionada com Vince, e estou realmente feliz por ela estar tão ansiosa para conversar com ele por um tempo porque estou mais feliz em ficar em segundo plano em ambientes sociais como este.

— Você tem uma bela vinícola — diz ela com um sorriso paquerador. — Acho que sairemos para assistir ao pôr do sol daqui a pouco.

— Para ser sincero, a vista é provavelmente 90% do motivo pelo qual as pessoas vêm aqui — admite Vince. — O vinho é apenas a cereja no topo.

— É realmente de tirar o fôlego! —Christine continua, estendendo a mão

para tocar seu braço.

Essa é uma das coisas que Hill Top tem sobre nós: localização. Do seu amplo pátio traseiro, os convidados podem contemplar um vale profundo onde todas as uvas são cultivadas. A vista se estende por quilômetros, e é por isso que as degustações ao pôr do sol deles se esgotam meses antes.

Vince faz um gesto para o pátio. — Na verdade, eu mantenho uma das melhores mesas da casa reservada lá fora. Ficarei feliz em oferecer a vocês pela noite.

É tentador, mas acho que não vou durar até o pôr do sol. Meu plano era fazer a excursão, acelerar durante a degustação e, em seguida, encontrar um lugar para comer com Christine no caminho de volta ao rancho, de preferência em algum lugar com um drive-thru.

— Agradeço a oferta, mas...

— *Sim*! — Christine me interrompe. — Mas você deve se juntar a nós!

Vince ri e olha para ver o que eu quero fazer. Eu engulo um suspiro. – Sim, claro. Parece bom.

Durante a próxima hora, nós três sentamos do lado de fora, enquanto o sol do Texas pinta o céu de rosa e laranja enquanto desaparece no horizonte. Christine fala a maior parte do tempo. Vince tenta acompanhar, e eu em geral fico quieto, bebendo meu vinho, ignorando os murmúrios altos que saem do meu estômago e tentando descobrir por que não estou me divertindo.

Não são as pessoas com quem estou. Vince é um cara legal – seríamos melhores amigos se eu tivesse tempo para isso – e Christine é sempre uma boa companhia. Eles não são o problema. Não, sinto-me desconfortável, como se estivesse sentado aqui perdendo alguma coisa.

Sim, algo como um cheeseburger duplo com bacon.

Assim que Vince se desculpa para voltar ao trabalho, suspiro de alívio e começo a me levantar.

— Christine, você está pronta para ir?

Ela olha para mim e sou esfaqueado por um milhão de punhais minúsculos. *Oof.* Ela está brava.

— Não estamos aqui faz nem uma hora!

— Estou faminto.

— Então coma algumas nozes. — Ela empurra a tigela quase vazia em minha direção. — Jesus, você pelo menos sabe como relaxar? Você está sentado aí balançando a perna debaixo da mesa durante a última hora.

Eu franzo a testa. — Eu posso relaxar.

— Prove.

— Eu vou —*em casa*. Estou com fome e pronto para ir.

Ela engole uma resposta, pega sua bolsa e sai irada na minha frente. Não tenho ideia do que fiz para irritá-la e, sinceramente, não consigo reunir energia para me importar. Estou operando com o estômago vazio aqui. Só espero que ela não esteja tão brava que se oponha a parar para comer fast-food a caminho de casa.

Um silêncio tenso enche a caminhonete quando começamos a dirigir. Ela está sentada do lado do passageiro o mais longe possível de mim, braços cruzados e atenção agudamente focada lá fora pela janela. Pergunto se ela gosta dessa estação de rádio, mas ela não responde. Pergunto se ela está com fome, e ela vira de costas para mim. Se atualmente não estivéssemos voando pela estrada, acho que ela abriria a porta e pularia fora.

Está bem então.

Então é silêncio.

Dirigimos mais trinta minutos assim e embora eu não me importe com o silêncio, tenho senso suficiente para não parar em nenhum dos restaurantes pelos quais passamos. A única coisa pior do que ser desatento às necessidades dela seria atender às minhas – e eu realmente não quero um milk-shake despejado na minha cabeça.

Quando finalmente chegamos à casa da fazenda, estaciono minha caminhonete e viro para ela, preparado para dizer qualquer coisa que ela precisa que eu diga para que possamos continuar com a nossa noite.

— Escuta, eu sei que não tenho sido o namorado perfeito.

—*Namorado*?!— ela explode, jogando as mãos no ar e finalmente se virando na minha direção. — Mal somos *conhecidos* neste momento, Jack!

— Você não quis dizer isso.

Seus olhos viram fendas raivosas, e eu percebo que ela está muito mais irritada do que eu pensava. Numa escala de um a dez, ela está em vinte e cinco e eu estou pairando em algum lugar perto de dois.

— Não importa o que eu quis dizer. Você se ausentou deste relacionamento desde o início, e eu estive apaixonada demais por você pra fazer algo a respeito!

Meu estômago aperta diante da palavra com A.

O rosto dela desmorona. — Você tem ideia de como é querer alguém que nem consegue tempo pra você?

Merda. Agora me sinto mal. — Eu sinto muito. Eu vou compensar você.

— Sim? — ela encoraja. — Como você vai fazer isso? Dizer que me ama? Se mudar para San Antonio? Comprar um anel pra mim?

Claro… Essas são algumas opções realmente boas, mas eu sei que não farei nenhuma delas. Estou aqui sentado com uma mulher com quem estou envolvido há dois anos. Ela está chorando e gritando e ainda tem 40% de mim focado em jantar. O que diabos tem de errado comigo? Ela me chamou de insensível antes, e talvez seja verdade. Talvez eu seja feito de pedra. Talvez ao perder meus pais quando era mais novo, algo dentro de mim murchou e morreu.

Meu silêncio fala mais alto que qualquer resposta que ela espera ouvir.

Ela solta um suspiro de raiva e se vira para olhar pelo para-brisa dianteiro.

— Eu dirigi três horas num tráfego de pico na sexta-feira para vê-lo e você me arrastou para uma vinícola. — Abro a boca para defender minhas ações, mas ela não me dá a chance. — Você percebe que nas últimas quatro vezes que vim aqui, fizemos exatamente a mesma coisa? Você não está me levando em encontros, está me arrastando por regiões de vinícolas em viagens de pesquisa.

Isso não é *totalmente* verdade.

— E quando fomos para Fredericksburg há alguns meses atrás? Levei você naquela pequena pousada.

— Convenientemente conectado a um vinhedo.

É isso o que aquilo foi?

— Para piorar a situação, — continua ela — eu sentei lá esta noite, flertando abertamente com Vince, tentando acender um fogo em você e no final, não consegui nada. Nada. Nadinha.

Eu dou de ombros. Foi uma perda de tempo dela. — Eu não sou do tipo ciumento.

— Claro que você não é. Para ficar com ciúmes, você precisa realmente *valorizar* alguma coisa. Você tem que ter medo de que outra pessoa tenha o que você deseja. Você não tem medo de me perder.

— Vamos, isso não é verdade. Eu sei que seria um idiota se deixasse você ir.

— Seja como for, — diz ela, com o olhar caindo no colo, — você sabe que está fazendo isso de qualquer forma. Você está confortável demais para terminar as coisas comigo para sempre.

— Você é especial, Christine.

Ela fecha os olhos com força. — Você diz isso como se fosse um robô.

Eu soei frio? Eu não tive a intenção. Não sei como ser de outro jeito, nem como soar. Não sei o que dizer nem como agir. Estou andando numa corda bamba aqui. Não quero mentir para ela e alimentá-la com mais besteira só para mantê-la, mas também não quero que ela deixe essa caminhonete pensando menos de si mesma. Objetivamente, ela *é* especial. Eu *sou* um tolo se a deixar ir.

— Você é um cara legal, Jack, mas está na hora de eu seguir em frente.

— Então você está terminando comigo? Assim simplesmente?

Ela se vira e me oferece um sorriso triste. Há lágrimas nos olhos dela, e eu estendo a mão para pegar a sua e apertá-la uma vez antes que ela a afaste.

— Dê tchau a Edith por mim.

— Não quer dizer a ela você mesma?

Ela balança a cabeça e empurra a porta para sair da caminhonete. — Não. Ela nunca gostou de mim. Honestamente, prefiro apenas voltar para casa.

— Por que você não fica a noite? Não quero que você dirija no escuro. Você pode ficar em um quarto de hóspede ou ficar com minha cama, se preferir. Eu posso dormir no sofá.

Ela recusa e levamos nosso tempo saindo da caminhonete.

Ela esconde o rosto nas mãos. — Deus, essa é a separação mais estranha de todas. Deveríamos estar gritando um com o outro.

Eu franzo a testa. — Eu nunca gritei com você.

— Eu sei. — Ela abaixa as mãos e aponta um olhar firme para mim. — É exatamente por isso que estamos terminando.

Nenhuma quantidade de insistência faz com que Christine passe a noite, mas ela promete me mandar uma mensagem quando chegar em casa para me avisar que chegou em segurança. Eu a assisto ir embora, me viro para a casa e prontamente decido voltar para a minha caminhonete. Não quero entrar lá e encarar Edith. Além disso, há considerações práticas em jogo: ainda estou com muita fome.

Dirijo até o Whataburger mais próximo, peço meu combo favorito, sento no estacionamento e como sozinho. A comida tem um gosto tão bom que compensa o fato de que as palavras de Christine fizeram uma bagunça na minha psique.

Eu nunca gritei com você.

Eu sei. É exatamente por isso que estamos terminando.

Sou inteligente o suficiente para ler nas entrelinhas. Christine não queria que eu a maltratasse, ela queria que eu desse a mínima. Era um tema recorrente em todos os nossos argumentos e finalmente foi o motivo pela qual ela terminou comigo esta noite. Amor, ciúme, medo, raiva – essas são todas as emoções que ela teria prazer em lidar vindas de mim, mas, por alguma razão, eu simplesmente não podia dar a ela. Por dois anos, fui gentil e equilibrado, racional e distante. É o jeito que eu sempre preferi. Um homem sábio levaria o problema a um terapeuta, mas talvez eu não esteja pronto para admitir que precise de ajuda.

Além disso, eu tenho *sim* emoções.

Eu vivenciei raiva. Jesus, eu gritei tanto com Meredith esta semana que minha garganta deveria estar dolorida.

Eu vivenciei amor. É a sensação que sinto todas as manhãs quando Alfred coloca a cabeça no meu travesseiro e lambe minha bochecha até eu acordar.

Eu até vivenciei medo e perda e talvez não esteja tão ansioso para reviver essa dor tão cedo.

Então, processo meu rompimento com Christine com um hambúrguer com queijo duplo e batatas fritas e, quando saio do estacionamento, já aceitei a situação, simplesmente assim.

Porra, eu *sou* insensível.

Talvez Christine realmente esteja melhor sem mim.

13

MEREDITH

Eu não estou necessariamente *espionando*, quando ouço Jack e Christine voltarem do encontro. Só tenho as janelas abertas porque ainda estou vivendo sem ar-condicionado (até agora perdi um quilo de peso em água e só tive *várias* alucinações!). Eu os ouço parar no caminho de cascalho porque não há outros barulhos no país. Nenhum. Quero dizer, tem cigarras e o ocasional mugir de uma vaca, um oink de um porco, mas no geral, estou chocada com o quão quieto é aqui à noite. Não estou bem acostumada a isso, e é por isso que fico tão empolgada quando Jack e Christine param no caminho de cascalho. Não é que eu ache que eles vão me pedir para sair com eles. Quero dizer, Jack definitivamente não vai querer, mas Christine parecia muito legal e ela gostou dos meus jeans, e *OH MEU DEUS, EU ESTOU FICANDO TÃO ENTEDIADA NESSA CABANA QUE DISCUTIREI ANISTIA COM AS ARANHAS SE ELAS APENAS SE TORNAREM MINHAS AMIGAS!*

As primeiras noites aqui foram ótimas, como uma desintoxicação de Los Angeles. Eu estava satisfeita ao deixar os últimos fios soltos da minha antiga vida caírem no ar agradável, mas agora preciso de companhia. Eu incomodaria Edith, mas ela está fora com os amigos. Ela tem mais deles do que eu, apesar de ter 104 anos. Enquanto isso estou aqui, sozinha, fingindo fazer ioga – o que, a propósito, é extremamente difícil de fazer considerando que não tenho tapete de ioga. Não tem apenas buracos no assoalho, tem lascas também. Já é difícil me convencer a fazer exercícios numa sexta à noite sem ter que me preocupar em ser empalada por um pedaço de madeira irregular.

Então sim, estou ansiosa para sair e me tornar uma terceira roda no encontro deles, mas depois eu me lembro que eles provavelmente querem um tempo a sós. Christine veio visitá-lo e é mais do que provável que eles subam para o quarto de Jack e façam um selvagem não-te-vejo-há-semanas sexo. *Ah Deus, e se eu puder ouvi-los?* Eu nem mesmo tenho uma televisão ou rádio que possa colocar o volume no último para abafar. Terei que cantar hinos para mim mesma. *Oh por favor, não.*

Ainda estou no meio da ioga, me perguntando se vale a pena arriscar outro passeio na lata velha apenas para escapar dos sons iminentes de sexo suado, quando capto suas vozes e percebo que tem algo errado. Eles não estão rindo e brincando. Eles apenas soam... tristes.

Para que conste, eu quero ser uma boa pessoa. Quero fechar as janelas e deixá-los discutir em particular, mas está quente e estou entediada, e desde que eu me incline ao lado da janela e mantenha a maior parte do meu rosto escondida, eles nem devem perceber que estou aqui. Eu me sinto como uma criança com um olho aberto assistindo televisão durante a soneca.

Vejo Christine quando ela sai da caminhonete e balança a cabeça.

— Deus, esta é a separação mais estranha de todas — diz ela. — Deveríamos estar gritando um com o outro.

É o que?

E então Jack diz: — Eu nunca gritei com você.

Meu queixo cai. Isso é uma piada? *como isso é possível?!* Estou aqui há uma semana e ele gritou tanto comigo que nem tenho certeza de que ele possa falar num volume socialmente aceitável.

Ela toca os olhos, enxugando as lágrimas e Jack a puxa para um abraço.

Oh uau, isso é triste. Eu me inclino para frente. *Pobre, pobre Christine.* Eu queria ter binóculos.

É uma despedida tão estranha e, ainda assim não consigo desviar o olhar. Estou impressionada com o quão gentil ele está sendo com ela. Ele está alisando o cabelo dela! É como o momento em que você encontra seu professor no supermercado – e de repente, ele parece um cara normal.

Depois de mais um pouco de vai e volta que realmente não consigo ouvir – eu acho que são logísticas chatas sobre a separação – eles se abraçam novamente e então ele abre a porta pra ela. Nunca na minha vida testemunhei tanta maturidade, tanta restrição! Eles estão sorrindo, pelo amor de Deus! Christine está *rindo,* e Jack a faz prometer que mandará uma mensagem quando ela chegar em casa em segurança! Deve ser um daqueles términos

"verdadeiramente mútuos" dos quais só ouvi falar em livros. Eu não saberia como é isso. Deixei meu marido no meio da noite e nem tive o senso de pegar duas peças íntimas. Comparado a eles, sou uma criança petulante que foge dos problemas dela.

Christine vai embora depois disso e então Jack fica do lado de fora da casa, momentaneamente congelado. Não tenho ideia do que ele está pensando. Eu não tenho ideia se ele iniciou a separação ou se ele acabou de ser largado. Tudo o que eu sei é que neste momento, eu sinto pena dele. Fico na janela observando-o por alguns segundos, esperando para ver o que ele vai fazer. Então, sem pensar nas consequências, decido que vou checar pra ver se ele está bem. Eu estava falando comigo mesma sobre como eu precisava fazer alguns amigos, e consolo é o que os amigos fazem de melhor!

Visto a calça jeans e a blusa branca que não uso desde que cheguei à fazenda. Verifico meu reflexo no espelho sobre a pia e fico agradavelmente surpresa com o que vejo. Minha pele bronzeada está uniforme e levemente corada da ioga, meu cabelo está em um rabo de cavalo alto e algumas mechas suavizam o look. Checo meus dentes: retos, brancos e em geral livres da comida que tive no jantar. Eu poderia colocar rímel ou algo assim, mas de jeito nenhum vou me arrumar apenas para verificar Jack.

Eu viro com o coração acelerado. Não tenho ideia do que dizer quando o ver. Eu finjo não saber da sua separação? Ou vou direto ao ponto, admito que ouvi tudo e ofereço minhas condolências? Não é como se realmente importasse o que eu decida dizer – as chances são de que eu não tenha tempo de falar nada antes que ele saia e bata a porta na minha cara.

Eu limpo as palmas suadas nos meus jeans então saio pra fora, surpresa com a pequena energia no meu passo. O mundo sempre parece muito mais agradável depois de passar um tempo na cabana. Estou animada em ver Jack e talvez atualmente ele seja amigável pelo menos uma vez. Olho para o local onde ele estava congelado alguns minutos atrás, mas ele não está mais lá. Então ouço cascalho batendo em metal e arranco meu olhar na direção da estrada principal. Ele está na caminhonete, voltando ao caminho de cascalho. As luzes vermelhas do farol traseiro desaparecem à distância e então ele se foi.

Merda.

Eu me pergunto se ele está indo atrás dela. Talvez. No mínimo, ele está saindo daqui. Ele provavelmente tem outro lugar para estar numa sexta à noite, um bar local ou algo assim. Estou de volta à estaca zero, sozinha e

entediada, e pior, agora estou completamente vestida. Graças a Deus não me importei com meu cabelo ou em pôr maquiagem.

Eu rio e olho em volta, as bochechas queimando. Uma coisa é saber que eu quase me coloquei ali, outra coisa é fazê-lo na frente de qualquer outra pessoa. Meu olhar se depara com uma vaca perto da cerca do pasto, olhando para mim, provavelmente envergonhada por estar perto de mim.

— Não se preocupe! Eu não queria realmente falar com ele de qualquer maneira! — Eu grito. — Alarme falso.

Ela não se move, continua mascando lentamente um pouco de grama, me julgando.

— Oh, porque sua sexta à noite é muito melhor, por favor. Sim, okay — eu provoco.

A vaca se vira e se afasta, como se não pudesse esperar para se afastar de mim também.

— Boa conversa!

Ok, agora estou apenas gritando para o vazio. Ninguém, nem mesmo a vaca, está ouvindo.

Se controle, Meredith!

Eu marcho de volta para a cabana e tranco a porta. *Bom.* Isso é melhor – uma noite sem distrações. Eu tenho muito que fazer. Preciso enrolar meu tapete imaginário de ioga e dobrar aquela camiseta ali. Realmente, vou levar a noite toda para decidir se eu gosto da cama de solteiro onde ela está ou se talvez eu queira mudá-la de lugar. Eu poderia colocar a cama contra aquela parede, ou aquela parede, ou aquela outra. As possibilidades são infinitas. *Algumas.* Sinceramente, estou ocupadíssima. *Se aquela vaca pudesse me ver agora.*

Graças a Deus fiz planos com Edith para a manhã de sábado. Iremos para a cidade para fazer compras em um brechó, e então ela vai me levar ao seu local de almoço favorito. Estou tão animada que estou pronta e esperando por ela na frente da casa da fazenda quinze minutos antes de partirmos. Passei a manhã toda me arrumando como se estivéssemos indo ao Oscar. Tomei banho e me dei uma explosão com o secador de cabelo da época da Guerra Fria que Edith me emprestou (eu precisava de uma folga do rabo de cavalo) e depois apliquei um pouco de maquiagem da bolsinha que eu guardava na bolsa para os retoques do dia-a-dia.

Coloquei meu jeans e blusa branca novamente, já que ninguém me viu com essa roupa na noite passada (vaca não incluída), e então coloco os mocassins que tenho evitado pela última semana. Felizmente, minhas bolhas se transformaram em calos. No final, quase pareço do jeito que eu era na Califórnia: equilibrada e elegante. Quem se importa que eu esteja usando a única roupa que realmente possuo, ou que vivo em uma cabana suja? Quando eu voltar do brechó, terei mais algumas opções de roupas e espero que algumas coisas para suavizar esse lugar.

Tenho todo o meu dinheiro comigo guardado com segurança na minha carteira. Não pretendo gastar todos os $500 dólares, mas sim limitar as compras de hoje em $75 dólares. Uma semana atrás eu não teria piscado duas vezes pra gastar esse valor. Agora, faz meu estômago doer. É quase um quinto de toda a minha economia. Pena que eu realmente não tenha escolha. Preciso de mais algumas roupas e, embora os tênis de Edith tenham funcionado até agora, preciso de um par que realmente sirva.

O restante do dinheiro vai direto para o banco. Estou abrindo minha própria conta hoje — uma que Andrew não tenha direito. $425 dólares pode não ser muito, mas é melhor que nada e, mais importante, é tudo meu.

A porta de tela da fazenda se abre e eu olho com um sorriso, esperando ver Edith. Jack sai pra fora em vez disso. Ele tem uma caneca fumegante de café em uma mão e uma para viagem na outra. Fico surpresa ao ver que ele ainda está de pijama: moletom cinza folgados e camiseta branca de algodão. Normalmente, a essa altura, ele já está trabalhando há algumas horas e a versão final de semana do meu chefe é uma visão intrigante. Seu cabelo está levemente bagunçado. Sua expressão é suave, quase como se os efeitos do sono não tivessem passado ainda. Ele quase parece doce, mas eu sei que não é bem assim.

Ele fica lá, piscando os olhos para impedir que o sol da manhã o cegue enquanto ele me estuda.

Checo por sinais de um coração partido: olhos inchados, olhar abatido, postura caída.

Vejo características bem definidas, ombros largos e um rosto que parece bem descansado e bronzeado. Parece que ele nunca dormiu melhor.

— Edith me disse para te trazer café — ele diz como forma de cumprimento.

Oh. Eu estava planejando em conseguir um pouco na cidade, mas agora que penso nisso, não é realmente uma opção. Uma xícara de café de $5

dólares é um luxo agora, não uma necessidade.

Eu o encontro no meio do caminho e pego o copo para viagem.

— Isso é muito gentil da sua parte — eu digo, segurando-a em agradecimento. Mesmo que tenha sido ideia de Edith, ainda assim foi um gesto gentil.

Ele encolhe os ombros e me ignora. — Provavelmente coloquei muito creme.

O café está no tom exato de marrom claro que eu prefiro.

— Parece bom. Eu não posso nem dizer que você cuspiu nele — eu brinco.

— Seu cabelo parece diferente.

Eu levanto meu olhar de volta para encontrá-lo me encarando com uma expressão confusa. Sua cabeça está inclinada para o lado e, desse ângulo, a luz da manhã brilha em seus olhos, fazendo parecer que são mais dourados que castanhos. Já vi aquele tom exato uma vez antes, em um leão no zoológico de San Diego. Ele estava com o rosto pressionado contra o vidro de visualização e eu me forcei a não desviar o olhar. Olhar para Jack dessa perspectiva parece estranhamente semelhante.

— Você cortou? – pergunta ele.

Eu resisto a um sorriso. — Não, estou apenas usando solto para variar. Finalmente tive tempo de penteá-lo esta manhã.

— Oh. — Ele assente e desvia o olhar, virando-se para o pasto e bebendo seu café. Provavelmente é a coisa mais próxima de um elogio que receberei de Jack. – Eu venho querendo cortar o meu.

— Eu acho que ficaria bom um pouco mais curto.

Ele toma outro gole de café, e eu me pego encarando o perfil dele... não apenas encarando, totalmente paralisada. É o queixo forte e o pescoço — ele é um tipo de bonito que eu não estou acostumada. Andrew era bonito de uma forma agradável. O tipo bonito de Jack faz meu estômago torcer e minhas mãos ficarem um pouco úmidas. Ele me pega encarando pelo canto do olho e eu afasto meu olhar rapidamente, estreitando minha atenção em um prado ao longe. *Sim, flores – foi o que pensei que essas eram.*

Edith — abençoe seu coração (como ela me ensinou a dizer) - escolhe esse momento para se juntar a nós lá fora. Ela empurra a porta de tela com Alfred colado nos pés dela. O golden retriever me dá uma olhada e pula as escadas para uma saudação. *Oh Deus, estou prestes a ser pisoteado até a morte. Adeus mundo cruel.* Eu me preparo, segurando a xícara na minha

frente para impedir que o café quente derrame por toda a minha blusa branca, e então fecho meus olhos, pensando que é melhor não olhar a morte diretamente nos olhos.

Jack deve prever o incidente um momento antes que ele aconteça, porque ele emite um assobio alto e agudo. Eu espio assim que a atenção de Alfred dispara para ele e, em um instante, ele senta e mantém-se, feliz em obedecer seu dono.

— Bom garoto — diz Jack, dando um tapinha na cabeça dele.

Droga. — Eu realmente preciso aprender a fazer esse assobio.

— Jack, por favor, diga-me que você vai cortar o cabelo hoje — Edith interrompe com uma sacudida desdenhosa da cabeça. — Você parece um maldito hipster.

Hipster? Edith é cheia de surpresas.

— É o que pretendo — ele diz enquanto ela me acena em direção a sua caminhonete.

— Vamos — diz Edith rapidamente. — Se não chegarmos cedo, a loja de brechós será dominada por velhas e ainda precisamos parar no banco a caminho.

Edith parece estar inconsciente ao fato de que ela tecnicamente é uma velha também, mas eu certamente não aponto o fato pra ela. Eu apenas mantenho meus lábios fechados e obedientemente pulo no lado do passageiro da sua caminhonete. Jack nos acena em despedida da varanda antes de dar um tapinha na coxa para chamar Alfred e os dois voltam para a casa.

Paramos no banco e, de alguma forma, transformamos uma tarefa que deveria levar 20 minutos em um caso de uma hora. Edith conhece todo mundo. Todos os funcionários da agência param para conversar com ela, o que inevitavelmente leva a uma apresentação comigo, "irmã mais nova da Helen". Como recém-chegada numa cidade pequena, eles querem saber de tudo: de onde eu sou, por que estou aqui, tipo sanguíneo, pontuação no SAT. Entendo e, embora tenha o cuidado de evitar suas perguntas pessoais, fico feliz em conversar. Eu tive muito pouco em termos de interação humana nos últimos dias, então aceito alegremente a companhia de Lisa, a caixa conversadeira, e Dotty, a gerente idosa, com seus cabelos esvoaçantes, sotaques sulistas e maneirismos intrometidos. Quando partimos, sinto que fiz todo um grupo de novos amigos. Deve ser assim que se sente tendo um esquadrão de garotas.

Quando chegamos ao brechó, espero o mesmo tipo de cumprimento, mas

além do homem baixo de cabelo branco e óculos fundo de garrafa atrás do balcão, temos o lugar só para nós, e cara, eu faço a limpa. Eu esperava os preços da Califórnia, mas essas etiquetas me fazem sentir que posso sair e comprar uma Coca-Cola por cinco centavos.

— EDITH! ESSES SHORTS SÃO CINCO DÓLARES!

Ela os puxa para baixo de onde eu os seguro acima da cabeça, olha o material e balança a cabeça. — Podemos convencê-lo a fazer por três.

Estou sonhando? Como pode tudo ser tão barato?!

Encontro algumas camisetas justas que posso usar enquanto trabalho e pego dois pares de shorts jeans. Eu adiciono alguns shorts de pijama e dois vestidos de verão, um dos quais é um pouco chique. Eu tenho zero lugares para usar um vestido assim, mas é bonito demais para deixar no cabide. Depois disso, tropeço em uma seção da loja cheia de sutiãs e pacotes fechados de roupas íntimas, e eu tremo de empolgação. Claro, eles são cuecas de algodão da Fruit of the Loom, mas o pacote inteiro custa $3,50 dólares, e se eu os comprar, não precisarei lavar o mesmo par maldito repetidamente.

Basicamente, adquiro um guarda-roupa inteiro por $18,25 dólares, e depois vamos para os fundos da loja, onde os utensílios domésticos e bugigangas estão empilhados uns em cima dos outros.

Eu estalo os dedos, aceitando o desafio. Nesse ponto, sou uma assustadora, mas boa negociadora.

— Ei Robert! Robbie! Tem uma pequena mancha na ponta deste tapete. Eu tiro ele das suas mãos por $5 dólares!

Cá entre você e eu, a mancha é mínima e nada que eu não possa limpar quando chegar em casa.

— O quão ruim é? — ele grita de volta, com preguiça de se levantar detrás do balcão.

— Eu acho que é sangue! Provavelmente é evidência de algum crime horrível...

— Tudo bem! Eu te dou pela metade do preço.

Eu me viro para Edith, olhos arregalados. – Edith – eu silvo. – Isso são seis dólares!

Acrescento o tapete azul de estilo marroquino à minha crescente pilha de compras, junto com um pequeno abajur antigo e um banquinho gasto de madeira que quero usar como mesinha de cabeceira. Parece artisticamente depreciados, o que me faz rir. Conheço pessoas em Beverly Hills que pagam milhares de dólares a designers de interiores por móveis como os itens que

estou encontrando nesta loja de parede.

Quando me deparo com um espelho antigo que parece saído direto de um catálogo da Anthropologie, eu uso artilharia pesada. Foi originalmente marcado em $25 dólares, eu venço Robert no cansaço para $10 dólares ("Pense nisso como um novo-na-cidade desconto!"). Edith me lança um joinha conspiratório, e eu decido encerrar o dia. Sinto que estou basicamente roubando o lugar a este ponto. Além disso, as molduras fofas (4 por $1 dólar) que passamos no caminho para o caixa não são necessárias. Edith tenta me convencer a comprá-las, mas eu digo a ela que temos coisas suficientes já. Na verdade, tenho vergonha de dizer a ela que não tenho ninguém que eu gostaria de preenchê-los. Meus pais? Não, obrigada. Uma foto do meu casamento rasgada no meio? Sim, eu estou legal. Considero seriamente apenas manter a foto genérica de uma família desfrutando de um dia de praia. É tentador, mas muito triste até mesmo para mim. Além disso, os olhos do garoto me seguem aonde quer que eu vá — não, obrigado.

Colocamos minhas compras na caminhonete e então eu entro, pronta para o almoço.

— O que você está fazendo? — Edith pergunta, parada na calçada com as mãos nos quadris.

Eu paro de afivelar o cinto de segurança. — Não vamos comer agora?

Melhor estarmos. Todo aquelas negociações abriram meu apetite.

— Sim — ela aponta pro outro lado da rua — a lanchonete fica logo ali.

Eu rio e pulo para fora da caminhonete. Cidades pequenas, cara. É louco. Todos os lugares que fomos essa manhã ficam localizados na praça da cidade - uma visão que eu realmente não havia admirado até agora. É outro adorável set de filmagens, assim como o rancho. Não tem outro jeito de descrever como tudo é velho mundo e pitoresco. Os prédios são históricos e imponentes, mas estão preenchidos de antiquários e lojas de roupas, uma padaria, uma cafeteria, um dentista e um punhado de butiques que provavelmente são mais hobbies do que negócios. Vejo uma livraria independente e faço uma anotação mental para parar ali depois do almoço. Passamos por um restaurante movimentado, mas Edith balança a cabeça.

— Adoro esse bistrô, a melhor salada de frango da cidade, mas estou no clima para algo gorduroso.

Continuamos pela praça em direção ao restaurante, passando por uma loja de utensílios gourmet e um local de degustação de vinhos. As pessoas estão por toda parte, passeando pelas lojas e aproveitando o clima de finalzinho da

manhã antes que o sol escaldante atinja toda a força. Muitos deles estão reunidos no centro da praça, onde um parque bem cuidado circunda um brilhante tribunal de calcário. Existem pipas no ar e crianças adoráveis correndo por aí rindo. Os pais estão sorrindo. Em um canto do parque, embaixo da sombra de um carvalho, um vendedor de sorvete vende casquinhas de chocolate o mais rápido que pode. É tudo tão fofo que parece um pouco o começo de um suspense. A qualquer momento, todos olharão para o céu quando um meteoro ou um OVNI resulta em nossa ruína, ou uma horda de zumbis surgirá e começará a comer através de botas de cowboy.

— Tem um festival acontecendo neste fim de semana ou algo assim?

Edith balança a cabeça. — Tem uma competição de churrasco em algumas semanas. No entanto, não pense que algo de especial esteja acontecendo hoje.

— Então a praça da cidade está sempre lotada no sábado?

Ela segue meu olhar, não tão impressionada quanto eu. — As pessoas descem as montanhas em busca de uma escapadinha de fim de semana. É assim que sempre foi: as pessoas do campo fazem um grande alvoroço ao entrar na cidade, enquanto os trapaceiros da cidade procuram uma fuga por aqui.

Ela diz trapaceiros como se fosse uma palavra ruim e não consigo deixar de sorrir.

— Blue Stone tem um hotel próprio, certo?

Ela assente. — Ele fica ao lado da vinha, reservado com um ano de antecedência atualmente, graças a todos os casamentos.

Há uma breve espera na lanchonete e, conforme estamos sentadas em uma cabine perto da janela, ainda estou pensando na cena que vi do lado de fora e considerando se eu poderia ou não viver permanentemente em Cedar Creek. Não há shopping ou cinema num raio de 80 km. Eu não vi um estúdio de ioga e Edith confirma que não tem um. Se eu ficasse aqui, provavelmente sentiria falta das comodidades de viver em um lugar como Los Angeles, mas ainda não consigo deixar de pensar que as pessoas aqui podem ter descoberto algo. A vida na cidade pequena parece ótima.

Com esse pensamento, olho para a adorável adolescente loira esperando para anotar meu pedido.

Edith e eu pedimos ovos mexidos americanos e entregamos nossos menus.

Sento-me contra a cabine acolchoada e encontro o olhar observador de

Edith.

— Então, você sobreviveu à sua primeira semana — comenta ela.

Eu sorrio. — Claro que sim.

— Alguma cicatriz?

— De Jack? — Eu rio. — Não. Ele não é nada que eu não possa lidar.

— Ele nem sempre foi assim.

— Assim como? — Eu finjo inocência.

Ela faz uma careta e coloca um pouco de creme no café. — Não se preocupe em poupar meus sentimentos. Nós duas sabemos que meu neto é teimoso como uma mula e dá coice como uma também. Não escuta nada do que eu digo a ele esses dias...

— O que mudou?

Ela olha para mim, confusa. — Hã?

— Você disse que ele não costumava ser assim.

— Ah. — Ela assente pensativa e bebe um gole de café antes de responder. — Você provavelmente deveria ouvir isso de Jack, mas ele nunca vai lhe contar, então eu terei que fazê -lo. Quando ele estava no terceiro ano na faculdade, seus pais faleceram em um acidente de carro na I-38. Ele tinha apenas 20 anos e sei que isso pode não parecer tão jovem para você, mas éramos uma família unida e ele não tinha irmãos ou irmãs. Uma criança ainda, na verdade. Ele deveria estar preocupado com provas e brincando com seus amigos. Em vez disso, ele teve que lidar com a morte deles, enquanto lutava com a responsabilidade recém-descoberta para a qual não estava preparado: gerir a Blue Stone. Tentei fazer o possível para suavizar o golpe, mas o fato é que no dia em que eles morreram, o rancho e tudo que vinha com ele se tornou sua responsabilidade.

— Como ele lidou com isso?

Seu foco está no café dela enquanto ela continua, como se ela não pudesse me olhar nos olhos enquanto divulga detalhes sobre a vida de Jack. — Ele trabalhou duro na escola, se formou um ano antes. Ele estava quase pronto para abandonar e voltar pra casa, mas eu o fiz terminar. Eu sabia que ele se arrependeria caso contrário.

— Ele estava sem saber o que fazer quando chegou aqui?

Ela move o olhar para a janela como se recordando aquele tempo. — Você sabe, por mais louco que pareça, aquele garoto começou a trabalhar imediatamente e nunca olhou para trás. Nunca tinha sido o plano dele de entrar pros negócios da família tão jovem, mas ele trabalhou com o pai o

suficiente durante os verões para saber como os negócios funcionavam. Sem mencionar que o avô e pai dele nunca foram para a faculdade, então ele estava realmente mais preparado para assumir as rédeas do que imaginava.

Estou impressionada. Mesmo aos 28 anos, acho que não seria capaz de fazer o que ele fez.

— Mas isso teve um custo — continua ela, com culpa em sua voz. — Ele não é o mesmo garoto alegre que costumava ser. Acho que essa parte dele morreu junto com os pais na estrada naquele dia.

Eu atiro meu olhar para a mesa. — Tenho certeza. Não tem como uma perda dessas não mudar uma pessoa.

— Não é de todo ruim, mas acho que ele não se dá folgas o suficiente do trabalho. É como se ele estivesse constantemente tentando deixar seus pais orgulhosos, mas eles nunca terão outra chance de dizer isso, para dizer a ele que é permitido fazer uma pausa. Além disso, morar no rancho não oferece separação do trabalho e da vida pessoal.

— É tudo trabalho.

Ela assente, concordando. — Não ajuda que desde o acidente, ele afaste as pessoas - amigos, conhecidos, parentes. A um braço de distância não é o suficiente para Jack. Ele quer alguns metros de distância entre ele e todo mundo, e ele consegue... exceto por mim, é claro. É preciso mais do que um pequeno empurrão para me sacudir.

— E quanto a Alfred?

Ela sorri, recordando a lembrança. — Trouxe Alfred para casa há alguns anos sem o consentimento de Jack. Rapaz, ele estava bravo e não aceitou fácil também. Por semanas, o cachorro o seguiu pela casa, apenas uma pequena bolinha fofa órfã que não conhecia nada além de amor. — Ela estende as mãos para embalar as palmas, mostrando-me quão pequeno ele era naquela época. — Jack não queria nada com ele no começo, e conseguiu manter distância por um tempo.

Eu rio, pensando no jeito que os dois são agora. — Claramente você venceu no final.

Ela sorri orgulhosamente. — Isso é porque eu conheço o Jack. Sei que lá no fundo ele ainda quer amor e carinho. Ele apenas não se abre para essa vulnerabilidade. É lógico em sua mente: ele nunca terá que lidar com outra perda como essa se não deixar ninguém chegar muito perto.

Eu me inclino para frente, mais interessada no assunto do que deveria. — Como você o convenceu a dar uma chance a Alfred?

Ela dá um tapa no joelho, rindo. — Convencê-lo?! Você não estava ouvindo? Não há como convencer Jack. Eu usei truques sujos. Empurrei Alfred para o quarto de Jack todas as noites. Aquele filhote dormia no pé da cama e lambia o rosto dele para acordá-lo todas as manhãs. Jack passou a trancar a porta depois de um tempo, então eu tive que ser criativa. Treinei Alfred e certifiquei-me de que ele fosse o melhor cachorro que alguém poderia querer. Eu me certifiquei de que Jack estivesse ao redor dele o máximo possível. Eu até reclamei de uma dor no ombro para que Jack tivesse que tomar meu lugar e jogar a bola de tênis para ele algumas vezes por semana. — Ela pisca. — Sou apenas uma velhinha frágil, você sabe.

— Estou surpresa que você não tenha feito o mesmo com uma mulher.

Os olhos dela brilham com travessuras, mas não tenho a chance de cavar mais fundo. Nesse momento, uma voz masculina profunda interrompe nossa conversa.

— Meredith? É você?

Dirijo minha atenção em direção à pessoa que fala, atordoada pelo homem que vejo parado ali.

14

JACK

E você sabe quem nos fez uma surpresa no almoço?

— Ah, tenho certeza que você vai me dizer.

Edith não se importa com a minha óbvia indiferença.

— Tucker Carroway!

— Faz sentido, considerando que ele trabalha no tribunal do outro lado da rua. Ele provavelmente come lá o tempo todo. Você pode me passar essa chave? Não, essa não. À sua esquerda, essa.

Edith bota a ferramenta com impaciência na minha mão e continua. — Sim, obviamente ele come lá o tempo todo — essa não é a parte estranha! A parte estranha é que ele já conhecia Meredith! Você sabia que eles eram amigos?

Hã. Eu aperto a chave com mais força.

— Não fazia ideia.

Embora essa seja uma informação interessante, eu torço pra que essa conversa termine em breve. Edith me encontrou assim que ela e Meredith voltaram da cidade. Passei a maior parte da manhã no celeiro, trabalhando em um trator velho, tentando ver se consigo fazê-lo funcionar novamente. Provavelmente é inútil, mas uma parte de mim acha que a fera enferrujada ainda tenha um pouco de vida. Pertencia ao meu pai, e ele cuidava muito bem das coisas quando podia.

— No outro dia aparentemente, quando Meredith dirigiu aquele velho Chevy ao supermercado, Tucker a ajudou quando ele morreu na beira da estrada. Isso não é muito gentil?

Concentro minha atenção no trator, tentando descobrir por que o

carburador está inundando. A agulha e a sede podem estar sujas. Pode haver muita pressão do combustível e eu só preciso testar a bomba de combustível...

– *Jack*.

— Sim claro. Muito legal da parte dele.

— De qualquer forma, Tucker não veio apenas dizer olá e sair correndo. Ele convidou Meredith para um encontro bem na minha frente.

— *O que*?

Eu me levanto tão rápido que derrubo minha bancada e as ferramentas se espalham pelo chão. Edith sorri satisfeita, tendo atingido seu objetivo. Agora que eu lhe dei uma reação, não há como pará-la. Ela começa a circular em volta de mim, me avaliando. Se ela tivesse um canivete, estaria abrindo e fechando ameaçadoramente.

— Ah na minha velhice, faz tanto tempo que eu não vejo romance assim.

— O que ela disse?

— Ela tentou recusar educadamente, mas eu não deixei. A atração era óbvia, então eu o convidei a sentar e ficar para uma xícara de café. Eles conversaram o tempo todo – eu não conseguia nem dizer uma palavra. Ele é um homem tão legal e bonito aos olhos também.

— Você está ciente que ela é *casada.* – aponto mordazmente.

Edith revira os olhos. — Algo em seus olhos me diz que ela já saiu desse relacionamento há muito tempo. Agora que eles estão separados, o que ela deveria fazer, se transformar em uma velha aia aos 28 anos?

— Faz apenas *uma semana*!

Os olhos dela se arregalam. — Rapaz, o que te deixou tão irritado?

Eu me inclino e começo a arrancar as ferramentas do chão. — Isso diz muito sobre seu senso de lealdade, se ela está disposta a abandonar o barco dessa maneira. Também não tenho certeza de que essa característica produza o melhor funcionário.

As sobrancelhas de Edith arqueiam com interesse e seu tom adquire um tom afiado. — Bem, ela tem sido uma *boa* governanta até agora, então você não precisa se preocupar com isso, e você deixou muito claro sobre pensar que ela é a escória da terra. Vamos ver o que Tucker pensa.

Franzo as sobrancelhas e murmuro: — Ela não é a escória da terra.

Eu me levanto, tendo percebido meu erro, e encontro Edith sorrindo muito satisfeita consigo mesma.

Eu aponto um dedo acusador diretamente para ela. — Eu sei o que você

está fazendo.

Ela me ignora e volta a me contar sobre o almoço. — De qualquer forma, Tucker não pôde ficar muito tempo – teve que correr de volta para o tribunal, tenho certeza que para um caso muito importante – mas resumindo, ele vai levar ela pro casamento de David!

— David, meu funcionário David?

Ela sorri. — O próprio.

— Besteira. Era melhor ela ter recusado – digo antes de explicar por que me importo. — Eu não quero que todos fiquem chateados comigo quando ela desaparecer de volta à Califórnia.

Edith afasta minha raiva como se fosse uma bola de baseball, muito acostumada com ela. — Ela tentou, mas eu concordei por ela, disse a ela que a maior parte da cidade estaria lá e, como ela já tem muitos amigos aqui, seria estranho se ela *não* fosse.

— Você não está fazendo sentido nenhum. Meredith está vivendo aqui há uma semana – UMA semana. De jeito nenhum ela já tem tantos amigos.

Eu estou errado, é claro. Meredith tem mais amigos do que eu e isso se torna dolorosamente óbvio quando estou na cidade no domingo de manhã. Estou na loja de ferragens bem cedinho, verificando sua seleção de ar condicionado de janelas para a cabana, quando Chris e David aparecem sem aviso.

— Ei, chefe!

Aparentemente, eles *também* tinham planos de vir aqui e comprar um ar condicionado para Meredith. *Isso não é atencioso da parte deles?* O par mal tem dois centavos para esfregar um com o outro, mas eles estavam prestes a gastar mais de duzentos dólares para que Meredith pudesse ter um pouco de ar fresco soprando no rosto.

— Talvez fôssemos pedir que você nos reembolsasse — explica David com um sorriso orgulhoso.

E se eu disser não?

Algo me diz que eles teriam simplesmente colocado no cartão de crédito e esperado que o Senhor providenciasse.

Que diabos ela colocou naqueles muffins?

Espero que eles saiam assim que percebam que eu vou cuidar disso, mas em vez disso, eles ficam ao redor oferecendo conselhos não solicitados sobre

qual modelo devo comprar — eles parecem achar que ela merece a unidade mais cara que a loja tem. Assim que terminamos, eles falam sobre o assoalho novamente. Eu já decidi repará-los, mas eles exageram com monólogos preparados sobre o quão rápido eles podem consertar e "que não seria trabalho nenhum, *de verdade*." Eu concordo, mas vou ajudá-los, porque, embora sejam decentes funcionário no rancho, aposto que são péssimos carpinteiros. Passamos alguns minutos pegando esses materiais e então penso melhor. *Enquanto conserto o chão, posso aproveitar e consertar algumas outras coisas pelo local.*

Quando saímos, já gastei mais de mil dólares em materiais de construção para a Miss Califórnia, embora David e Chris sejam rápidos em apontar que a cabana está em *minha* minha propriedade, então na verdade, eu estou consertando para *mim mesmo*. — Você realmente está ganhando dinheiro com essa coisa toda. — *Certo.*

Saímos da loja de ferragens para carregar tudo na minha caminhonete quando vejo Dotty descendo a calçada direto na minha direção. Ela é a gerente do First National Bank e ela está lá desde que eu era criança.

— Jack! Yoo–hoo! Espere aí por um segundo.

Faço um sinal para que os caras continuem carregando os materiais e então me viro para cumprimentá–la. — O que posso fazer por você, Dotty?

— Trouxe um Dum Dum para você!

Gosto de Dotty, ela me ajudou a abrir minha primeira conta bancária, mas aparentemente, ela é outra das novas amigas de Meredith.

— Oh, além disso, eu realmente estava esperando que você pudesse entregar isso a Meredith por mim?

Ela está segurando uma tupperware cheia de cookies, caseiros pelo que parece.

— Ela veio ontem para abrir uma conta e experimentou um desses — explica Dotty, batendo na tampa. — Eu os tenho lá para os clientes — abro mais contas com cookies do que com conversa, você sabe. De qualquer forma, ela disse que eram os melhores cookies que ela já comeu e me pediu a receita.

— Então você decidiu assar uma fornada para ela? — Eu pergunto, divertido.

Ela bate no meu braço de brincadeira. — Bem, eu me senti tão mal por esquecer de dar a receita a ela. Ela era realmente tão querida e continuava falando e falando sobre como eles eram bons. Além disso, temos um novo

caixa no banco, uma jovem – filha de Patrick Smith? De qualquer forma, era seu primeiro dia e Meredith foi realmente paciente com ela. O Sr. Rogers tinha estado lá um pouco antes e foi tão rude, então seus nervos estavam uma bagunça. Ele quase a fez chorar...

— Vou garantir que Meredith receba os biscoitos — digo, interrompendo–a para não ficar preso aqui conversando com ela por Deus sabe quanto tempo.

— Oh, ok, eu vou deixar você ir. Lembre–se de que o cartão da receita está bem no topo. Certifique–se de que ela receba.

Eu assinto. — Pode deixar.

— É muito bom ver você. Oh! E meu cartão de visita está aí também, caso ela tenha alguma dúvida sobre o cozimento... ou sobre o banco!

— Entendido.

— Vamos garantir que ela receba os cookies, Srta. Dotty! — Chris grita por trás de mim.

— Obrigado rapazes. Tenho certeza de que vocês tem um grande dia pela frente — diz ela, acenando e se afastando. Então ela pensa melhor e se aproxima de mim, segurando a mão como se tivesse acabado de pensar em mais uma coisa. — Você sabe o que? Apenas peça para ela me ligar. Será mais fácil guiá-la pelas etapas. Minha letra provavelmente não é tão boa assim.

Inclino a cabeça, digo a ela aproximadamente vinte vezes que Meredith ligará para ela e depois saio correndo. No Texas, as pessoas têm o dom de transformar um simples adeus em um caso que dura o dia inteiro.

Quando volto para o rancho, estaciono minha caminhonete bem perto da cabana para que não demore tanto para descarregar. David e Chris se ofereceram para voltar e ajudar, mas eu os recusei. Não pretendo fazer nenhum outro trabalho hoje além da instalação do ar condicionado, e isso vai me levar cinco minutos para instalar. Abro o porta malas e começo a descarregar os materiais de construção. Normalmente, eu guardo tudo no celeiro, mas o tempo deve se manter bom e será mais conveniente ter tudo ao meu alcance quando começarmos amanhã.

Eu esperava que Meredith saísse para verificar toda a comoção, mas estou quase terminando de descarregar antes de a porta se abrir.

Olho para ela por baixo da aba do meu chapéu, surpreso por sua aparência. Ela ainda está de pijama – uma das minhas camisetas com shorts de dormir aparecendo por baixo. Abro a boca para exigir—*mais uma vez*—

que ela devolva minhas roupas ilicitamente adquiridas, mas então olho para o rosto dela. Normalmente, ela está radiando, uma daquelas mulheres com pele bronzeada e pele saudável, como se tivesse acabado de voltar de férias tropicais. Esta manhã, no entanto, suas bochechas estão manchadas e seus olhos estão um pouco vermelhos e inchados. Ela funga e cruza os braços sobre o peito.

— O que você está fazendo aqui fora? — ela pergunta, seu tom de voz entre aborrecida e brava.

— Interrompi uma ligação? — Ela está apertando o celular na mão direita. É a primeira vez que a vejo com ele desde que ela se mudou. — Eu nem sabia que você tinha um desses.

Até Edith carrega o dela o dia todo. Ela afirma que é para que possa me ligar quando cair e quebrar o quadril, mas nós dois sabemos que ela é viciada em Candy Crush. Ela é a maior pontuadora entre todos os seus amigos e não pode deixar o título cair. Além disso, ela já teve duas substituições de quadril. Nesse ponto, se ela cair, ela é responsável por quebrar o que quer que seja que ela caia em cima.

Meredith olha para baixo como se estivesse apenas se lembrando que o telefone estava em sua mão. — Ah não. Era a Helen. Ela... — Ela faz uma pausa e balança a cabeça. — Enfim, não. Você não interrompeu.

Eu me pergunto se ela está chateada porque teve um telefonema ruim com Helen ou se talvez ela esteja começando a se arrepender por deixar sua vida antiga. Helen disse que levaria apenas uma semana ou duas antes que ela percebesse seu erro e fugisse para casa.

De qualquer forma, não é da minha conta.

Eu aceno em direção à pilha de materiais. — Estou apenas descarregando algumas coisas. Arranjei pra você – a cabana – uma unidade de ar condicionado esta manhã. — O olhar dela segue para onde estou apontando. — É o melhor que eles tinham.

— Você pode descontar isso do meu salário — diz ela rapidamente, suas palavras curtas e duras.

Eu me irrito com a resposta. Não é exatamente o obrigado que eu estava procurando. Na verdade, parece que ela está com raiva de mim por ajudá-la.

— Não. Eu disse que lhe arranjaria um, então aqui está.

— Espero que você não tenha tido nenhum problema. Essa coisa parece pesada.

— Eu consigo levantar uma caixa sozinho.

Não sei por que estamos fazendo isso – porque eu e ela nos misturamos como água e óleo, por que ela não é alegre e animada comigo como é com todos os outros, por que brigamos por coisas estúpidas. Não estamos exatamente brigando, mas também não estamos sendo exatamente amigáveis.

— Para que são todas essas outras coisas? — ela pergunta, apontando para os suprimentos empilhados ordenadamente ao lado da cabana. — Por favor, não diga que você está aumentando a casa da fazenda – esse lugar não precisa de mais pisos para limpar.

Um segundo atrás eu estava empolgado em contar a ela meus planos para o lugar. Agora, acho que não conseguiria suportar a reação dela. Inferno, uma parte de mim quer carregar tudo de volta na minha caminhonete e levar de volta para a loja.

— É apenas material de construção — eu digo depois de limpar a garganta, ansioso para mudar de assunto. — Se importa se eu instalar o ar condicionado agora? Eu tenho outras coisas para fazer hoje.

Ela assente e se afasta para me deixar passar pela porta. Faço uma pausa na soleira da porta, chocado ao ver como está por dentro. Claro, a cabana ainda precisa de algumas reformas – ainda existem buracos no assoalho e as paredes realmente precisam de drywall e uma pintura nova – mas ela fez o melhor para torná–lo um lar. Há um tapete azul no chão que cobre a maior parte do chão e um banquinho de madeira encontra–se ao lado da cama de solteiro com uma delicada luminária antiga em cima. Um livro de bolso que vi Edith lendo outro dia está sentado do lado com a capa para baixo.

— Você comprou tudo isso com o adiantamento que lhe dei?

— Sim — ela responde hesitante.

— Por que desperdiçar seu dinheiro?

O que quero dizer é: *qual é o sentido de enfeitar um lugar em que você não planeja morar por muito mais tempo?* Mas minhas palavras saem distorcidas e mais cruéis do que eu pretendia.

— Encontrei boas ofertas, muito obrigada. — Então ela passa, batendo com o ombro em mim acidentalmente (ou provavelmente de propósito). Ela pega seu tênis e volta para a porta em um ritmo furioso. — Agora, se você vai começar, eu vou dar um passeio.

Eu me viro para o lado, para suavizar a situação, mas as palavras certas me falham. Não estou surpreso; esse parece ser um tema recorrente com Meredith. Toda vez que acho que estou progredindo com ela, eu acabo dizendo algo indelicado de uma maneira ou de outra. Parte disso tem a ver

com meus preconceitos, mas não vejo como contorná–los. Meredith não está aqui para ficar. Uma manhã eu vou acordar e descobrir que ela se foi como o marido dela descobriu, e não vejo razão para amolecer meu coração ou dar a ela o benefício da dúvida. Ela pode ter convencido todos os outros nesta cidade a amá–la, mas não a mim.

15

MEREDITH

Não há como evitar: estou realmente sozinha. Minha irmã oficialmente tomou forças com o lado sombrio (mais conhecido como Andrew) e não há como convencê-la de deixar isso. Não tenho forças para continuar tentando. Não só parece como uma adaga em meu coração toda vez que ela fica do lado dele, mas também parece que estou travando uma batalha perdida.

Aparentemente, durante a última semana, Helen e Brent estiveram discutindo maneiras de me levar de volta à Califórnia. Por isso Helen me ligou hoje de manhã. Eu esperava que ela me perguntasse como eu estava, possivelmente perguntar sobre minha saúde mental, mas a conversa parecia um político discursando em uma plataforma pró-Andrew.

— Você já tentou ligar para ele e resolver isso?

Eu soltei um suspiro irritado. — Estou ocupada trabalhando. Além disso, isso não é uma questão viável. Acabou. — *A menos que Andrew tenha feito uma lobotomia nos últimos dias.*

— Ele ligou para você?— ela perguntou, parecendo que já sabia a resposta.

— Algumas vezes. Estamos brincando de pega-pega pelo telefone. Não estou o evitando de propósito.

É verdade. Ele deixou duas mensagens de voz, ambas assustadoramente sedadas e pensativas. Ele falou sobre o quanto sente minha falta e implorou para que eu voltasse para casa na Califórnia, para que pudéssemos resolver as coisas. Eu as ouvi na esperança de que ele quebrasse e falasse comigo por telefone do jeito que ele fazia em particular—então eu poderia tocar as

mensagens para Helen e dizer, *Vê? Este é o monstro para o qual você deseja me enviar de volta.*

Eu deveria saber que ele nunca seria tão estúpido.

Alguns minutos depois, nossa conversa piorou.

— Eu me arrisquei por você, Meredith. Você precisa começar a ser honesta comigo.

Meus olhos se estreitaram em confusão. —Do que você está falando?

— Você não me disse que já fez isso antes. Andrew me falou seu lado das coisas no início desta semana. Ele me disse que você desapareceu do nada ano passado.

O QUÊ?!

— *Não*. Fui ficar em um hotel por alguns dias para clarear minha cabeça.

Era um Best Western na mesma rua. Havia baratas no banheiro, e o homem que estava no quarto ao lado definitivamente parecia ser tirado de um pôster PROCURADO que eu já tinha visto no noticiário – esse era o nível para eu não querer ir para casa.

— Segundo ele, você saiu, mudou de ideia e voltou rastejando.

Seu tom soou tão acusador que tive que cerrar os dentes para não gritar.

— Bem, ele está *mentindo*. Ele sabia que eu saí para ter espaço. Ele e eu tivemos uma briga ruim e eu precisava de um tempo longe dele para pensar.

— Não foi assim que ele deu a entender.

— Então ele está mentindo!— Meus braços estavam se agitando naquele momento. — Jesus, Helen, eu sou sua irmã – por que é tão difícil você acreditar na minha palavra em alguma coisa?

— Porque querendo ou não, Andrew é seu marido e meu cunhado, e estou tendo um pouco de dificuldade em assumir o pior dele quando você é quem embarca aleatoriamente em um avião no meio da noite!

— Então, em vez disso, você assume o pior de *mim*?

Ela suspirou, claramente exausta com a coisa toda. —Não é o que estou fazendo. Estou tentando ser a voz da razão em tudo isso. Escute, óbvio que se Andrew é o monstro que você diz, não quero que você fique com ele, mas você pode ver como isso parece do meu lado, certo? Você está com um homem há anos e, até recentemente, não ouvi nada além de coisas boas. No Facebook, sua vida parece incrível– é difícil acreditar que tudo poderia ter sido uma mentira.

— Bem, foi — eu insisti, com raiva de mim mesma pelo quão perto eu estava de chorar.

Nós duas respiramos fundo algumas vezes. Eu estava meio convencida de que mudamos o assunto, mas ela teve que continuar.

— Meredith, preciso que você se acalme e avalie a situação com a cabeça limpa. O caminho mais fácil é a reconciliação. Os divórcios são confusos e caros e você–

— Você acha que eu me importo com isso? Você acha que eu vou ficar casada com alguém como ele porque tenho medo do que vai custar para deixá-lo?

A ligação não durou muito mais tempo depois disso. Eu estava chorando, soluçando e me sentindo estúpida por perder o controle de minhas emoções. Eu poderia dizer que minha irmã não estava certa em como lidar comigo, sem mencionar que sabia que qualquer coisa que eu dissesse seria usado contra mim se ela decidisse ligar para Andrew novamente. Na minha cabeça, eu a xinguei por sua deslealdade antes de perceber que ela *estava* sendo leal, só que para uma versão minha que não existe mais.

Eu tinha acabado de terminar a ligação e estava enxugando vigorosamente as lágrimas e o ranho do rosto quando ouvi Jack descarregando coisas do lado de fora da cabana. Ele me pegou na hora errada e, como sempre, ele pegou uma situação ruim e a tornou ainda pior.

Por que desperdiçar seu dinheiro? ele perguntou com desdém quando viu as novas decorações dentro da cabana.

Quer saber, amigo?! Talvez seja porque viver nesta cabana acabada esteja me deixando miserável! Talvez seja porque tive que arrancar quatro lascas de madeira do meu pé na semana passada! Talvez SEJA PARA TE OFENDER POR ME FAZER SOFRER INTENCIONALMENTE PARA ASSIM EU SAIR!

Obviamente eu não gritei nada disso. Eu saí correndo e agora estou andando pela propriedade dele de pijama e tênis. Não faço ideia para onde estou indo ou até que ponto o terreno dele se estende. *Quão perto estamos do México?* Eu tenho estado furiosamente andando em uma direção por alguns minutos e ainda não há fim à vista. Não tive tempo de vestir sutiã, meias ou passar desodorante, e toda a minha tagarelice no telefone e aquela fuga furiosa realmente me suaram.

Eu definitivamente deveria me virar e voltar, mas sei que ele ainda estará lá, instalando aquela unidade na janela. Eu me senti tão culpada quando a vi, graças em parte ao meu telefonema com Helen. Antes de iniciar sua palestra sobre meu casamento, ela perguntou sobre Jack.

— Então ele te deu um emprego? — ela perguntou.

— Sim.

— Onde você está ficando?

— Nas instalações.— Hesitei em admitir que estou morando na cabana acabada.

— Sim? E quanto a aluguel e comida?

— Está incluído.

— É melhor você não estar se aproveitando dele, Meredith. Parece que ele está se esforçando para ajudá-la, uma completa estranha, e se você for voltar rapidamente para Andrew em algumas semanas...

— Eu não vou!

Ela não estava convencida.

— Isso é uma bagunça. Eu pedi para ele lhe dar um emprego, não para estender o tapete vermelho. Preciso descobrir uma maneira de pagá-lo de volta. Talvez eu deva interromper nossa viagem. Ainda teríamos que pagar pelos hotéis, mas–

— Não, Helen, não faça isso. Não é como se eu estivesse me aproveitando dele. Eu tenho trabalhado duro –

Ela me cortou, irritada. — Ouça, este é meu sustento, Meredith. Não espero que você entenda, mas Brent e eu dependemos muito da minha renda, especialmente com essa viagem e renovação. — Eu podia ouvir o estresse em sua voz. — Por favor, não faça nada para estragar meu relacionamento com Jack enquanto eu estiver fora. Mantenha a cabeça baixa, trabalhe e tente se tornar o mais útil possível.

Percebo agora que fiz exatamente o oposto. Não tenho sido nada além de um incômodo para Jack desde a minha chegada. Ele passou a manhã inteira comprando materiais de construção para consertar a cabana para mim, e eu sei que nunca pedi para ele fazer isso, mas ainda me sinto responsável. Havia muita coisa no porta-malas de sua caminhonete e não tenho ideia do quanto isso lhe custou, muito menos quanto tempo levará para ele fazer os reparos. Quero ser mais útil do que um incomodo, e me encolho pensando em como Helen reagiria se o visse descarregando suprimentos assim. Ela ficaria *irritadíssima*.

Não tenho ideia do que fazer... exigir que ele retire tudo isso? Recusar os reparos? Não quero ser rude, mas também não quero usar toda a boa vontade que Helen construiu para si mesma.

Se eu tivesse dinheiro, consideraria tentar encontrar outro lugar para

morar; pelo menos eu só dependeria dele para um emprego. Eu poderia deixar o rancho no horário de sair como o resto dos funcionários e ficar fora do caminho dele. Infelizmente, com a quantidade insignificante de dinheiro em minha nova conta corrente, isso não é uma opção no momento e provavelmente não será por um tempo.

Não tenho escolha a não ser marchar de volta para a cabana e pará-lo antes que ele comece. Vou convencê-lo de que não preciso de reparos. Com o tapete lá, quase esqueço que existem buracos no chão, e muitas pessoas viviam no Texas antes da chegada do ar-condicionado. É meio que agradável viver em uma sauna, e as aranhas não me incomodam na cama porque há suor suficiente ao meu redor para formar um fosso.

Bato na porta aberta quando chego novamente, como se estivesse invadindo o espaço dele em vez do meu. Ele está na janela perto da minha cama, usando uma furadeira elétrica para prender o ar-condicionado. Seu boné de beisebol sumiu e agora vejo o que não havia notado antes: ele cortou o cabelo. Os fios escuros estão aparados e curtos, evidenciando suas feições. Ele é a versão adulta de um garoto que já era intimidador. Meu estômago aperta quando luto contra as palavras que estão derramando em meus pensamentos: beijar, tocar, querer, *ansiar*.

— Não foi uma caminhada muito longa — observa ele, alheio ao fato de que minha boca está aberta e há baba pingando no chão aos meus pés.

Esqueci minha agenda, meu nome, o ano. *O presidente? O que é um presidente?*

Ele para o que está fazendo e se vira para mim. O perfil – que já estava me matando – muda para a visão frontal completa, e sou atingida com a constatação de que fui casada com Andrew por cinco anos e nunca senti uma fraqueza nos joelhos como sinto agora, mas isso não pode estar certo. Talvez eu esteja exausta da minha caminhada – todos os quatro minutos dela.

— Meredith?

— Você cortou o cabelo.— Parece que o inglês é minha segunda língua.

— Sim.

— Você parece diferente.— Eu tenho três anos de idade, juntando palavras iniciantes para formar minha primeira frase.

Sua sobrancelha arqueia e ele balança a cabeça. — O que há com você?

Eu forço minha atenção para outra coisa e meu olhar pousa no ar-condicionado. *Caixa que faz frio? Muito brr-brr-frio-frio?*

Oh, certo.

Eu tenho um propósito de ter voltado aqui e não é desmaiar.

— Não quero que você faça reparos na cabana — declaro com confiança. —Eu aprecio o gesto.

— Obrigado, chefe — ele retruca sarcasticamente — mas da última vez que verifiquei, não preciso de sua permissão para trabalhar em minha própria propriedade.

Então ele se vira e volta ao trabalho.

Eu fecho meus olhos por um segundo. É tão difícil ser legal com um idiota. — Não, eu só quero dizer... você não está fazendo isso por minha causa, certo?

Não há pausa antes que ele responda: — Certo.

Dou um passo à frente, tentando me inclinar para que eu possa ver sua expressão. Spoiler: não é feliz.

— Então, você gostaria de registrar que deseja consertar o local há algum tempo?

— Uhh... claro?

Eu expiro.

— Tudo bem, porque não preciso que você faça nada por minha causa. Eu não vou morar aqui por tanto tempo.

— Você está indo embora?

— Não, só quero dizer que depois do dia do pagamento eu devo conseguir meu próprio lugar, sair do seu caminho.

Não posso deixar de notar que, na confusão sobre minha partida, ele parecia mais decepcionado do que alegre, mas recupera a compostura em um instante.

Ele volta a instalar o ar-condicionado, e eu fico ali sem rumo. Eu viro os calcanhares e depois viro de volta. Não tenho para onde ir. Eu preciso de desodorante e sutiã, mas morreria antes de colocar um sutiã na frente dele.

Eu tento me tornar útil pegando uma chave inglesa no chão (pelo menos eu acho que é isso o que é). — Err... você quer minha ajuda ou –

— Sim, você pode não tocar em nada?

Solto rapidamente e declaro que vou dar outra volta, embora seja a última coisa que eu queira fazer. Ainda estou suada desde a primeira.

Desta vez, enquanto passeio pela propriedade dele, penso na minha conversa com Edith na lanchonete. Ela realmente deixou isso vazar sobre Jack. É como se ela tivesse aberto o arquivo do seu caso, empurrado em minha direção e dito: *Aqui, se atualize.* Todos esses segredos, todas essas

emoções foram impingidas em mim, e agora eu não sei o que fazer com elas. Até ontem, eu via Jack como bidimensional. Ele era um cowboy zangado e de cabeça quente. Suas principais tarefas na vida incluíam latir ordens e vestir jeans apertados. Dada a escolha, ele me queria fora de sua propriedade e fora de sua vida. Ele deixou isso bem claro, e eu estava bem com isso, mas Edith teve que mudar as coisas. Ela tinha que pegar um homem que eu geralmente não gostava e enchê-lo de emoções explanatórias.

Até então, eu quase podia acreditar que Jack havia surgido espontaneamente do submundo um dia do jeito que ele é: jeans, cabelo, olhar ardente. Edith refutou essa teoria. Ela o transformou em um garoto assustado de vinte anos, lamentando a perda de seus pais e aprendendo a carregar o peso de sua nova responsabilidade com o rancho. Claro que ele está com raiva! Claro que ele está estressado e mal-humorado! Ninguém é feliz depois de passar por uma experiência como essa.

Eu odeio isso. Eu odeio Edith por me contar seus segredos. Poderíamos ir direto a não se entender e insultar um ao outro, mas não é mais divertido. Não consigo olhar para ele da mesma maneira. Não posso voltar para a cabana sem desculpas saírem de mim. *Eu sinto muito. Sinto muito que você tenha passado por isso.* Então eu provavelmente tentaria lhe dar um abraço, e eu sei como isso seria: ele levantaria sua mão, me daria um tapa na testa e me seguraria na distância de seu braço para que eu ficasse balançando meus braços em vão.

Aí que fica o problema: só porque eu sei *por quê* Jack é do jeito que é, não significa que ele deixará de ser assim. Ele ainda me quer fora de sua propriedade e fora de sua vida. Ele ainda me acha um incômodo no geral e tenho certeza de que ele ainda pensa que sou uma pirralha mimada da Califórnia que nunca trabalhou um dia na vida dela. *Bem, adivinhe, amigo? Eu trabalhei CINCO DIAS AGORA! Então ha!*

Todo esse... esse *conhecimento* sobre Jack combinado com os avisos de Helen sobre não tirar proveito dele me fez sentir que as coisas precisam mudar entre nós.

Só não sei como.

16

MEREDITH

Eu começo a semana com um objetivo claro: ser a funcionária mais produtiva e útil que Jack já teve, como se Mary Poppins e Monica Geller tivessem um filho fora do casamento. Na segunda-feira, acordo ao amanhecer, jogo meu lençol fino para o lado e começo a trabalhar. Eu limpo tudo para fora da cabana para que Jack possa ter acesso fácil ao chão para seus reparos. Então, eu me certifico de ficar fora do caminho dele limpando, limpando, limpando. No final do dia, a casa da fazenda está brilhando, e estou confiante de que Jack poderia lamber qualquer superfície e sair com Pledge sabor limão em sua língua. *Yum!*

Meus esforços são interrompidos quando vejo que Jack tem meia dúzia de funcionários trabalhando na cabana o dia todo. À noite, eles não apenas consertaram o chão, mas também repararam a drywall e levaram todas as minhas coisas de volta para dentro, *além* de uma nova luz pendente pendurada no centro do teto. Nem parece mais uma cabana, mais como uma daquelas adoráveis casas pequenas da HGTV.

Com o ar-condicionado ligado, está — ouso dizer — *fresco* por dentro. Eu fico acordada naquela noite com DOIS cobertores macios dobrados ao redor do meu corpo, preocupada com o fato de Jack ter passado por todo esse problema.

As palavras de Helen continuam ecoando em minha mente, deixando machucados.

É melhor você não estar se aproveitando dele, Meredith.

Mantenha a cabeça baixa, trabalhe e tente ser o mais útil possível.

Minha única opção é redobrar meus esforços na terça-feira. Jack manda

alguns caras para refazer o chuveiro na cabana-que-virou-uma-casa-pequena, e eu decido esboçar uma lista de opções de menu para ele. Vi o jeito que ele faz uma careta quando coloco um prato de salmão ou tento passar aspargos cozidos como carboidrato. Sem mais! Se ele quer hambúrgueres com macarrão com queijo em muita quantidade, pois ele vai ter! A lista que eu criei, inclui tudo o que me sinto confortável em fazer (ou tento fazer) para seus almoços, para que ele possa tirar qualquer coisa que não pareça apetitosa.

Mais tarde naquela manhã, quando tenho certeza de que ele não está muito ocupado, bato, na porta de seu escritório e entro depois que ele me deu o sinal.

— Bom dia! — eu canto como um pássaro canoro.

— O que você precisa? — ele pergunta rispidamente, cético em relação à minha alegria.

Eu passo a ele o cardápio sobre sua mesa.

— O que é isso? — ele pergunta, nem mesmo olhando para mim.

— Pensei em saber sobre suas preferências de comida para evitar fazer qualquer coisa que você não queira comer no almoço. Separei as coisas em categorias para você. Existem opções de proteínas e acompanhamentos...

Ele balança a cabeça e empurra o cardápio de volta para mim, o olhar já voltando ao seu trabalho. — Continue fazendo o que estiver fazendo. Não tenho tempo para isso.

Meu lábio superior quer enrolar em aborrecimento, mas não deixo.

— Você tem certeza? Você poderia apenas...

— Tenho certeza.

Está bem então. Pego o cardápio e saio de lá, determinada a encontrar outra maneira de ser útil.

Estou carregando a cesta com roupas quando Edith me encontra.

— Eu estive procurando por você em todos os lugares!

Sorrio e continuo jogando as roupas na máquina de lavar. — Estive aqui, carregando e descarregando. Diga-me, *como* duas pessoas produzem tanta roupa suja? É como se vocês trocassem de roupa 45 vezes por dia.

Ela ignora minha pergunta e segura dois tapetes de ioga ainda em sua embalagem original. Meus olhos se arregalam de admiração.

— Onde você conseguiu isso?

— Na cidade, ontem.

Meus dedos estendem como se dissessem: *Me dê, me dê, me dê*. Meus

olhos brilham. Meus dedos tremem ansiosamente. Eu quero tanto um dos tapetes. *Eu preciso disso*. Mesmo com a perspectiva de novos pisos, ioga em um tapete de brechó está ficando meio antiga.

Pena que minha consciência me leva a lembrar da minha missão da semana: *Seja útil! Feliz! Prestativa! Especialmente, não aceite mais nenhuma ajuda de Jack ou de sua avó bem-intencionada, impossível de não amar.*

Eu abaixo minha mão e me afasto.

— Espero que sejam os dois para você.

— Não seja ridícula. O azul é seu. A resolução do meu ano novo é começar a fazer ioga e você vai me ajudar.

— É junho — aponto.

— Aprendi que, se não começar a resolver até o meio do ano, é muito mais fácil chegar à linha de chegada.

Eu sorrio para o raciocínio dela. — Certo, bem, você terá que encontrar outra pessoa para ajudá-la. Eu preciso continuar limpando.

— Não, você precisa vir me ajudar na ioga. Está bonito lá fora e você precisa de uma pausa dessa lavanderia.

— Eu não acho que Jack concordaria com isso.— Fecho a porta da lavadora e a máquina ronca.

— Eu acabei de perguntar a ele, e ele concordou.

— Oh sim?

— Bem, suas palavras exatas foram: "Eu não ligo. Me deixe em paz" mas vindo de Jack, essa é toda a aprovação que teremos e toda a aprovação que eu preciso. Agora vamos. Eu pretendo entrar em contato com a minha Postura da Criança.

— Isso é mais para descansar.

— Bom. É melhor começar devagar.

Sou incapaz de resistir a ela, não apenas porque adoraria fazer uma pausa da lavanderia, mas porque fazer ioga ao ar livre, debaixo de um carvalho com sombra parece bom demais para deixar passar. Eu me convenço que aceitar o tapete não vá contra a minha missão durante a semana, porque tecnicamente ajudar Edith com sua prática de ioga a tornará mais forte e saudável. Jack quer que sua avó seja saudável, portanto, devo me tornar seu Yoda da ioga.

Depois de me assegurar que minha lógica é sólida, corro para vestir as calças de ioga que comprei no brechó e a encontro lá fora. Pratico ioga há anos, mas nunca conduzi ninguém a praticar. Sou um pouco desajeitada, não sei como explicar melhor algumas posições para um iniciante, mas Edith

aprende rápido. Começamos devagar e, quando enrolamos nossos tapetes, ela provou que eu não deveria subestimá-la. Eu não estava pegando leve com ela; em suma, foi um treino bastante decente.

— Mesma hora amanhã? — ela pergunta, levantando-se com o tapete.

Eu sorrio. — Parece bom.

Sinto-me incrível quando voltamos para casa — melhor do que a muito tempo. Não só tive uma pequena pausa na limpeza, como também foi realmente divertido praticar ioga com Edith. Eu gostei de guiá-la e criar poses, e já tenho ideias para o que quero fazer amanhã.

Mais tarde, Edith tenta me fazer almoçar com eles, como faz todos os dias, mas eu insisto que preciso continuar trabalhando. O resto da tarde passa rapidamente enquanto eu continuo esfregando, vernizando e dobrando, e geralmente ficando fora do caminho de Jack. Acho que minha melhor chance de me manter fora de seu radar é me afastar dele completamente.

Funciona notavelmente bem. Nós não brigamos mesmo. De fato, já se passaram tantos dias desde que brigamos (dois, para vocês que contam em casa) que ele provavelmente já está se amolecendo por mim. Bônus: estou tão preocupada com Jack e minha ética de trabalho que mal tenho tempo para me lembrar da minha própria vida em ruínas. Massa.

Na quarta-feira, eu me transformo na Betty Crocker na cozinha. Eu visto um avental, uso um rolo e tenho meio quilo de farinha endurecida no cabelo quando termino de experimentar a receita que Dotty enviou para casa com Jack. Algumas dúzias de cookies de aveia com amora enchem no balcão. Coloquei pedaços de chocolate branco extras neles, e o resultado é nada menos que uma obra-prima da culinária. Depois de uma rápida ligação de agradecimento a Dotty — que dura 45 minutos — encho pequenos sacos com biscoitos e os entrego para todos os funcionários. Eles me agradecem tão profusamente. “Meredith, você é a melhor!” “Obrigado Meredith!” “Aw Meredith, você não pode ficar e conversar?”

Embora eles sejam notavelmente bons para o meu ego (muito melhor que Jack), não deixo os funcionários me convencerem a ficar. Eu não quero ser uma distração. Em vez disso, digo a eles para desfrutarem e volto correndo para dentro, para que eu possa pegar um prato cheio dos melhores cookies e um copo de leite gelado até o escritório de Jack. O copo entorpece minha mão enquanto subo as escadas, e os biscoitos são a mistura perfeita entre crocante e macio e diretamente tirado fora do forno. Eles poderiam fazer com que um esquadrão inteiro de mães que vendem bolos a se aposentarem mais

cedo.

A porta do escritório está aberta, e ele olha para mim de trás de sua mesa enquanto eu entro e saio de novo sem nem uma palavra, apenas um sorriso agradável e um aceno. Ele faz uma careta como se estivesse confuso com esta versão de mim. Meredith Avery: não incomoda. Aquele prêmio de *Funcionário do Ano* tem meu nome escrito nele.

Eu sorrio para mim mesma enquanto desço as escadas. Obviamente, eu gostaria de ficar e vê-lo rolar no chão, chorando com a glória das minhas habilidades de cozinhar, mas isso não faz parte do meu plano. Em vez disso, eu só posso imaginar.

Acho que estou me saindo bem, provando que Helen está errada, e mantendo o foco. Mais tarde, estou na cozinha fazendo uma marinada para o almoço de amanhã, quando Jack grita meu nome pela casa. *Uh, oh*. Isso não soa como êxtase de cookies. Quando eu o encontro, ele está em seu armário, uma mão no quadril, a outra gesticulando para suas prateleiras de roupas. Ele está com sua feição de Jack Irritado, os ombros bloqueando parte da luz do teto. Eu me pergunto se ele poderia me esmagar por baixo de seus sapatos ou se é assim quando ele está nervoso.

— Que diabos é tudo isso?

Sua voz me faz pular.

— O que é o *quê*?

Ele aponta para as roupas, lembrando-me da tarefa que realizei antes, enquanto os biscoitos estavam assando.

— Oh, certo. Organizei suas roupas por cor e categoria.

— Por que?

Eu passo minha mão através das roupas impecavelmente organizadas. — Estava tudo uma bagunça antes — estou surpresa que você tenha conseguido descobrir onde qualquer coisa estava.

Não acho necessário mencionar o fato de ter feito um trabalho fabuloso. Seus jeans estão em tons decrescentes de azul. Suas camisas são agrupadas para que suas camisetas pretas (das quais existem muitas) estejam todas em sua própria seção. Suas camisas de trabalho são separadas de suas boas camisas de manga longa. Os ternos que fiquei surpresa ao encontrar estão pendurados juntos no fundo. Também não mencionei o fato de que o imaginei vestindo aqueles ternos e tive que apoiar minha mão na parede do armário e pausar minha organização por cinco minutos sólidos enquanto deixava a fantasia acontecer em minha mente. Era chocante, para dizer o

mínimo.

— Parece bom, não é?

— Não gosto de mudanças.

— Ok-ok-ok — eu digo imediatamente adiantada. — Vou colocar tudo de volta. Só... enquanto isso, não olhe na sua gaveta cuecas. Nenhum motivo.

Depois que eu termino o trabalho do dia, os caras ainda estão finalizando alguns trabalhos de ladrilhos na cabana, então eu fiquei sem lugar para ir. Eu poderia ficar na casa da fazenda, mas Jack ainda parece irritado com seu armário e não quero impor a ele. Eu já pratiquei ioga com Edith, então não preciso muito do exercício, mas decido que darei outra caminhada pela propriedade. Quando conversei com Chris mais cedo, ele mencionou que havia um riacho agradável a oeste da casa. Ele disse que era mais ou menos quatrocentos metros para chegar lá, mas há uma trilha a seguir e vale a pena a caminhada.

Parti nessa direção e estou alguns minutos em minha caminhada quando sinto que estou sendo seguida.

Eu me viro e vejo Alfred trotando atrás de mim a distância. Ele se coloca pela metade atrás de um arbusto. Se ele pudesse, ele usaria um par desses óculos disfarçados com nariz e bigode comicamente grandes. Eu continuo andando e ele também. Eu paro e ele para e senta, balançando a língua, os olhos brilhando com amor estúpido.

— Volte para casa, Alfred! — eu grito, assumindo que minhas palavras atingirão seu significado.

Ele não se mexe. Seu rabo balança para frente e para trás na grama.

— Continue! — Eu aceno meus braços ameaçadoramente. — Pegue!

Eu me tornei Frankie Muniz em *Meu Cachorro Skip*. Alfred deveria sair desanimado e a plateia deveria chorar, mas Alfred, que prontamente escuta todos os comandos que Jack profere, parece não me dar ouvidos.

Suspiro e digo para ele ficar – adicionando um movimento dramático PARE com a mão – e depois continuo minha caminhada. Ele fica um pouco, mas depois pula em pé de volta.

Não é como se eu estivesse *com* medo dele. Nos últimos dias, eu até me acostumei a tê-lo por perto. Ele está sempre na casa da fazenda, dormindo na cama ou debaixo da mesa da cozinha, e eu o alimento e reabasteço sua tigela de água. Mais cedo, ele veio se deitar perto dos meus pés enquanto eu estava

assando, e eu nem percebi até quase pisar nele.

Ainda assim, há uma diferença entre tolerância e amizade ativa. Eu prefiro o primeiro; Alfred discorda claramente.

Ele se aproxima de mim e trota ao meu lado. Olho para ele com os lábios pressionados e ele cutuca minha palma com o nariz, como se estivesse dizendo: *Vê? Eu sou legal. Por favor me ame.*

Ele é muito fofo com suas orelhas de abano e pele dourada. *Droga*.

Eu suspiro e me rendo a ele. Caminhamos juntos por mais alguns minutos em silêncio antes de perguntar como ele gosta do clima. Ele me ignora. Então, por que diabos não, eu começo a contar a ele sobre o meu dia e, de alguma forma, isso se transforma em eu explicando a ele por que isso machuca meus sentimentos por não ter um relacionamento melhor com Helen. Eu divulgo o fato de que, mesmo quando éramos mais jovens, não nos dávamos bem. Ele é o ouvinte perfeito, não me interrompe nem uma vez e, antes que eu perceba, subimos o topo de uma colina e vejo o riacho.

Exceto que não é um riacho — é um rio! Ou pelo menos um para mim: largo, cristalino e cercado por ciprestes, flores silvestres e samambaias. O caminho em que chego acaba em uma pequena clareira na margem do riacho. Parece como uma entrada perfeita de praias com seixos.

Alfred e eu nos aproximamos. Mesmo que o riacho flua muito rápido, acho que não está indo tão veloz que me levaria para o Golfo do México.

Não consigo avaliar a profundidade que fica no centro, o que significa que provavelmente vai muito além da minha cabeça. À minha esquerda, há um carvalho coberto de vegetação com um balanço de corda pendurado. O nó no topo corta o galho da árvore e provavelmente já está lá há algum tempo.

Mesmo sendo o começo da noite, o sol ainda está brilhando no céu. A temperatura deve estar nos 30 graus, e nossa caminhada acumulou uma boa camada de suor na minha pele. Nadar soa divino.

Viro-me para Alfred e tiro o suor da testa com as costas da mão. — O que você acha? Devemos nadar?

Alfred pula na água antes que eu tenha tempo de tirar meus sapatos, espirrando, pulando e lambendo como se estivesse tendo o melhor momento de sua vida.

— Parece que finalmente encontramos um gosto comum — eu digo, chutando meu tênis e enfiando minhas meias dentro. — Vá em frente e certifique-se de assustar as cobras.

Eu arrisco um rápido olhar atrás de nós para confirmar que estamos

sozinhos e depois tiro minha camiseta e meu shorts — não que isso importe se um funcionário nos visse, tendo em vista que minha calcinha e sutiã oferecem mais cobertura do que a maioria dos biquínis que costumava usar.

— Como está? — pergunto depois de guardar minhas coisas em solo seco e fazer o meu caminho até a beira do riacho. A água é tão agradável e clara que poderei ver meus pés nas pedras cobertas de algas. — Refrescante?

Meus dedos bateram na água e eu soltei um grito: — *AH*!

Está CONGELANDO!

Alfred se vira e olha para mim, a cabeça inclinada.

— Como está tão frio!? — eu choramingo. — Isso é o resto de uma geleira?

Ele me ignora e volta a pular na água. Certo. Dou mais alguns passos, assobiando, bufando e suspirando enquanto me acostumo à temperatura. Sei que estou sendo covarde e nunca chegarei até o final assim. Só há uma maneira de nadar em água fria, que é mergulhar de uma vez só. Então, inspiro, seguro o nariz e mergulho.

A água fria me encobre de todos os lados como se eu tivesse me jogado em um balde de gelo. Está tão frio que queima, mas então, assim, meu corpo se acostumou com isso. Eu subo à superfície e tiro meu cabelo do meu rosto.

— Woo!

Alfred late e nada cachorrinho em minha direção.

Nadamos mais longe da beira, mas ainda estou a alguns metros de onde a corrente parece mais forte no centro do riacho. Onde estou, não há com o que se preocupar.

Alfred nada em minha direção com um graveto e o deixa cair na superfície da água, empurrando-o para a frente com o nariz. Pego a dica e a jogo em direção à costa, e ele corre atrás dele, trazendo-o de volta para mim em tempo recorde. Repetimos o ciclo por um tempo. Meu braço começa a doer, mas ignoro a dor porque ele parece muito feliz. Eventualmente, por desespero, jogo o bastão na corrente e digo: — Já deu! — depois me viro para flutuar nas minhas costas. Meus braços e pernas se esticam ao meu redor enquanto inclino meu queixo para o céu e fecho os olhos. Ele me circunda como um tubarão.

— O que você acha do seu dono? — eu pergunto preguiçosamente.

Ele late.

— Eu sei, bonito, mas essa *personalidade* — meio bruto, para dizer o mínimo.

Ele lambe minha mão.

— Oh, você acha que ele também tem um lado mais suave? Talvez. Edith parece pensar que ainda resta algum amor nele, mas não tenho tanta certeza. Gostaria de saber se ele comeu esses cookies ou se os jogou pela janela assim que eu saí da sala. — Ele não diz nada e eu me sinto uma idiota. —Oh, desculpe, Alfred! Acabei de perceber que não dei nenhum para você. Que grosseria da minha parte trazer isso à tona.

Ele me perdoa porque é um cachorro e não fala inglês. Além disso, acho que ele é meu melhor amigo.

Continuamos nadando e eu perco a noção do tempo. Meus dedos se transformam em ameixas secas. Estou começando a sentir a temperatura da água novamente e tenho certeza de que meus lábios estão roxos a essa altura, mas ainda não consigo sair. Todo esse tempo sozinha me deu a chance de refletir sobre até onde cheguei, o quanto consegui desde que aquele motorista de táxi me expulsou no meio do nada. Além disso, estou inspirada pelo meu progresso com Alfred, até onde consegui sair da minha zona de conforto. Com isso em mente, tenho uma missão antes de voltarmos para casa: testar o balanço de corda.

— Alfred, se eu morrer, você pode ter todo o dinheiro da minha conta corrente.

17

JACK

Meredith tem agido completamente diferente nos últimos dias. Desde domingo de manhã, quando ela me disse — com bochechas manchadas e olhos inchados — para não me preocupar em arrumar a cabana, ela estava irreconhecível. É como se estivesse andando em cascas de ovos ao meu redor e, se isso é possível, acho isso mais irritante do que quando ela estava me infernizando. Não tenho problema em ser agradável; tenho um problema com pessoas *fingindo* ser agradáveis. Posso dizer que ela está se restringindo. Quando briguei com ela por organizar meu guarda-roupa por cores, pude ver a paixão contida através dos seus olhos. Acho que ela queria me dizer para comer merda, mas ela apenas sorriu e se intimidou.

Algo não está certo.

Edith jura que não percebeu a mudança, mas, novamente, não posso confiar em Edith quando se trata de Meredith. Ela está do lado dela desde o começo.

Esta manhã, ela me disse para pegar leve com ela.

— Ela é uma garota legal — disse ela em defesa de Meredith. — Aquela que, por razões além da minha compreensão, te suporta.

— Sim, parece que todo mundo viu o lado de "garota legal" de Meredith, menos eu.

— Um cachorro malvado nunca vê um gato ronronando. Você faz seus pelos se leventarem. Você não foi nada menos que cruel desde que ela chegou.

Talvez seja por isso que Meredith mudou sua atitude em relação a mim.

Talvez ela concorde com Edith sobre como estou agindo e esteja cansada de eu perder a paciência com ela.

Quem se importa? Lembro-me que não tenho tempo para me preocupar com Meredith ou sua opinião a meu respeito.

Depois de terminar o trabalho do dia, vou procurar Alfred. Faz alguns dias desde quando eu brinquei com ele. Normalmente, ele fica ao meu redor o dia todo, mas ele está visivelmente afastado ultimamente.

Não o encontro na casa da fazenda e, quando pergunto a Edith, ela diz que a última vez que o viu, ele estava indo para o riacho.

Estranho.

Ele nunca foi tão longe sem mim. Nossa propriedade é enorme, mas ele prefere ficar perto da casa, o que é conveniente para mim, porque então não preciso persegui-lo no final do dia.

Saí pela trilha, apreciando a solidão. Não tomo esse caminho há algum tempo. Quando eu era criança, morava no riacho no verão. Meus amigos e eu enchíamos nossas boias e caminhamos até o topo da propriedade para que pudemos pegar a corrente e boiar todo o caminho de volta. No meu décimo segundo aniversário, meu pai instalou um balanço de corda em um dos carvalhos e eu passei meses fazendo piruetas idiotas para impressionar Carrie Suthers. Meus esforços não foram em vão — ela me deixou beijá-la no final do verão, bem na margem.

Estou sorrindo, pensando naquele verão, quando tropeço em uma pilha de roupas dobradas no caminho logo à frente. Não ouço nenhuma voz, mas Alfred está definitivamente aqui nadando com alguém e, pelo visual do short jeans, é Meredith.

Continuo descendo a trilha, ouvindo um pequeno respingo, e vejo Alfred nadando em um círculo no riacho, latindo e choramingando de preocupação. Não há Meredith à vista, mas alguns segundos depois, ela quebra a superfície da água com uma risada selvagem.

— Ali! — ela declara orgulhosa, afastando os cabelos escuros do rosto. — Você contou o tempo como eu pedi? Eu contei até 35 Mississippi, o que é como quatro minutos em tempo dos cachorros!

Alfred late bem na cara dela, obviamente feliz por ver que ela não estava se afogando como ele pensava que estava, e ela nem se encolhe, como eu esperava que fizesse.

— Tudo bem, então — ela continua. — você só precisa aceitar minha palavra de que eu apenas estabeleci um recorde mundial.

Quando dou um passo em direção ao riacho, um pedaço de pau quebra debaixo do meu sapato. As orelhas de Alfred se animam quando ele se vira, me encontrando, e um segundo depois, ele está saindo da água para dizer olá. Claro, ele para um pé na minha frente e treme como um louco, me cobrindo com água. Estendo minhas mãos, mas não adianta.

— Tudo bem, tudo bem! Você me pegou! — Eu me agacho e o acaricio enquanto ele ofega. Está respirando com dificuldade e seu peito está arfando, o que significa que eles provavelmente estão nadando há um tempo.

— Ok, você já olhou! Pode ir agora!

Levanto minha cabeça e encontro Meredith indo para a área profunda, deixando apenas sua cabeça visível acima da superfície.

Eu franzo a testa. — O quê?

— Eu não estou de biquíni!

Jesus Cristo, ela está nua?! Porra. Meu intestino aperta com a ideia e em um flash, eu empurro para ficar de pé e apoio minhas mãos nos meus quadris. — É melhor você não estar pelada no meu maldito riacho!

De todas as coisas idiotas que ela poderia fazer. Qualquer trabalhador do rancho poderia facilmente vagar por aqui e encontrá-la assim. Eu pensei que havíamos discutido isso outro dia — ela respeitando o fato de que este é um rancho em funcionamento, com dezenas de jovens idiotas com hormônios vagando por aí.

— Eu não estou pelada! Estou de roupa íntima, seu pervertido!

— Então não deveria ter um problema, e para constar, vim aqui para encontrar Alfred, não espionar você.

Ela se levanta e seus ombros se tornam visíveis acima da superfície. Eles estão bronzeados e sardentos do sol.

— Ele me seguiu até aqui, sem ser convidado - claramente aprendeu com seu mestre.

Olho para o meu cachorro, que parece muito orgulhoso de si mesmo. — Sim, bem, ele ama este lugar, e eu não o trago aqui há um tempo.

— Por quê?

— Você sabe porquê. — Eu suspiro. — Eu estive ocupado.

Olho para ver seu lábio inferior saindo um pouco, os olhos baixos na água. Parece que ela sente pena de mim e estou prestes a dizer para ela não se incomodar, mas seus olhos brilham e ela sorri, focando sua atenção em mim. Eu posso ver uma ideia se formando naquela cabecinha.

— Na verdade, estou feliz que você esteja aqui! Esse balanço de corda

ainda funciona?

Ela está apontando para o velho carvalho.

— O que você quer dizer?

— É seguro? Tipo, se eu tentasse me balançar, isso vai quebrar e me enviaria para a minha morte?

Apago o sorriso. — É resistente. Está lá em cima há anos e é tem aguentado pessoas muito mais pesadas do que você.

Ela pensa nisso por um segundo antes de responder: — Ah, você já usou isso antes? Então aguenta, tipo, uns 180 kg?

Minha sobrancelha se torce como se ela tivesse lançado um desafio. — Ha ha. Você está olhando para o atual campeão de piruetas de Cedar Creek.

— Bem, perfeito. A verdade é que estou criando coragem para usá-lo nos últimos trinta minutos, mas não quero ir primeiro.

Olho em volta como se estivesse tentando encontrar outro participante disposto. — Não vejo como você tem outra opção.

Seus olhos encontram os meus enquanto ela sorri, e o ar sai dos meus pulmões como se alguém tivesse enfiado uma adaga direto no meu peito. Naquele momento, não há como negar que ela é deslumbrante — não apenas bonita ou doce, mas a mais destruidora de corações que eu já vi. Seu cabelo escuro está molhado e pendurado em um lençol enrolado em volta do rosto. Seus cílios são longos e grossos, emoldurando ousadamente os expressivos olhos azuis. Seus lábios estão vermelho escuro, e seu nariz pequeno tem o mesmo pó de sardas que seus ombros. Ela é a garota da casa ao lado, toda crescida, e nadando no meu riacho com nada além de roupas íntimas.

— Quero um tutorial do suposto campeão.

— Eu não estou de roupa de banho.

Minha voz está fraca e sem emoção. Estou tentando voltar no tempo alguns minutos atrás, quando não permiti que esses pensamentos sobre ela se penteasse em minha mente. Reconhecer minha atração por ela é um jogo perigoso que não quero jogar.

— Essa é uma desculpa lamentável — diz ela, completamente alheia ao que está fazendo comigo agora. — Entrei sem roupa de banho. Além disso, lavo sua cueca o suficiente para saber que você não fica sem elas, então saia desse jeans Wrangler e me mostre como se faz, ou se prepare para perder a coroa.

Não resisto a ceder à tentação sutil de flertar com ela.

— Sabe, você está tentando muito fazer eu tirar a minha roupa. De fato, a

última vez que uma mulher me disse para tirar meu jeans e 'mostrar a ela como se faz', ela não estava falando de um balanço de corda.

Seu rosto fica vermelho como beterraba. — Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso!

Eu sorrio e olho para trás para ter certeza de que estamos sozinhos. Se é só eu e ela, posso fingir que essa não é uma ideia terrível. Eu posso ceder ao aqui e agora e me preocupar com o resto mais tarde.

— Espera! — ela grita. Eu paro. — Se você ficar e nadar, não pode ficar estranho comigo. Apenas finja que estou usando um biquíni conservador de bom gosto em vez da minha calcinha.

Reviro os olhos e começo a tirar minha camiseta. — Meredith, não se iluda. Não sou como aqueles ajudantes lá atrás — não perco o controle à primeira vista da pele nua.

— Você nunca viu minha pele — ela provoca.

— Que diabos isso significa?

— Eu não sei. Parecia legal na minha cabeça. Agora apenas me promete.

Suspiro enquanto tiro minhas botas e trabalho no zíper do meu jeans. — Eu prometo que eu, um homem crescido e não um adolescente excitado, não pensarei duas vezes antes de vê-lo no seu... como você disse? *Biquíni conservador de bom gosto.* Além disso, tenho o benefício de saber que você é uma mulher casada.

Eu pretendia dizer a última parte como um lembrete para mim mesmo mais do que para ela — estou praticamente ofegando com a ideia de que ela vai caminhar em direção à beira e vou ter um vislumbre de seu sutiã molhado agarrado às curvas — mas a menção de seu passado e seu marido de volta à Califórnia amortece a luz em seus olhos de uma vez só. É como se eu apenas parasse a música e acendesse as luzes — a festa acabou.

Ela se vira para olhar acima do riacho e eu me repreendo por mais uma vez por falar sem pensar. Estávamos surpreendentemente nos divertindo, e aposto que poderia continuar se engolisse um pouco meu orgulho.

— Esquece que eu disse isso, ok? Aqui está, estou de cueca agora também, então estamos iguais.

Ela se vira e eu pego o jeito sutil de arregalar os olhos quando ela me vê de pé na margem de cueca. Ela me dá a olhada mais rápida da cabeça aos pés que eu já vi e, em seguida, seu olhar muda para o céu. Como se estivesse rezando.

— Eu pensei que estava clara que a coisa toda de 'não ficar estranho' vale

dos dois lados.

— Não, não, eu estou bem. — Sua voz é alta e aguda, mas ela se recupera rapidamente. — Espere, então você realmente sabe como fazer uma pirueta?

Ela parece completamente impressionada, e eu não consigo deixar de pensar: *Saia da frente, Carrie Suthers.* Parece que minhas habilidades de balanço de corda ainda estão dando lucros.

Ela leva algumas tentativas para me jogar a corda na beira, mas então eu a agarro e subo até a parte mais alta do banco.

— Devo fazer contagem regressiva ? — ela pergunta.

Alfred late a alguns metros, ansioso pelo que estou prestes a fazer. Ele me viu balançar várias vezes, mas ainda o deixa nervoso.

— Certo.

— Vinte e cinco, vinte e quatro, vinte e três...

— Meredith.

— Ok, trêsdoisum VAI!

Eu pulo da borda e faço um arco sobre a água. Quando a corda se estende até o ponto mais distante, logo acima da parte mais profunda do riacho, solto-me e deixo a memória muscular assumir o controle. O vento quente corre em volta de mim quando eu viro e mergulho na água gelada com um respingo. Eu vou para a beira e sacudo a sensação de pequenas agulhas esfaqueando na minha pele. Eu sempre esqueço o quão intensamente frio é no riacho na primavera. A água borbulha diretamente de um aquífero subterrâneo, por isso nunca é quente, nem mesmo no calor do verão.

Meredith aplaude quando eu alcanço a superficie. — Bravo! Eu realmente achei que vocÊ estava bleando.

— Não foi ruim para a minha primeira da temporada. Irei mais alto na próxima vez.

— Mais alto!? Você estava praticamente voando lá por um segundo. Como você fez isso?

— Você está apenas tentando fugir da sua vez.

Ela finge que está chocada. — O que? Eu? Não! Eu só quero ouvir tudo sobre como você aprendeu a fazer uma pirueta. Diga-me com detalhes excruciantes. Não deixe nada de fora.

— Meredith.

Ela joga as mãos para cima e elas espirram água de volta. — Tá certo! OK. Estou indo…

Com um suspiro, ela começa a nadar para a margem enquanto eu seguro

o final da corda. Para constar, não tento olhar para ela enquanto ela sai da água. Tenho toda a intenção de manter minha promessa de não deixar as coisas ficarem estranhas, mas então a água começa a escorrer centímetro por centímetro e eu sou um homem completamente perdido. O sol brilha na água da maneira certa para criar um reflexo cintilante, e o efeito são duas Merediths, diferentes, mas iguais. Uma é uma ilusão, a outra é real demais.

Puta merda.

Suas costas bronzeadas e tonificadas dão lugar a uma cintura pequena e pernas longas. Seu sutiã é rendado de um creme pálido, mais sexy do que eu esperava. Suas roupas íntimas são calcinhas de algodão de cobertura total, mas, de alguma forma, eu as acho bonitinhas, especialmente enquanto elas estão agarradas à bunda dela.

Eu sabia que ela tinha um corpo bonito, mas não um corpo capaz de matar - não um corpo que me deixa muito agradecido pela a água que esconde a metade inferior do meu corpo estar gelada.

Se controle, porra, eu me repreendo.

Uma vez que está na margem, ela envolve os braços em volta do peito, como se estivesse envergonhada, e depois corre rapidamente para o balanço da corda.

— Não olhe, não olhe, não olhe. — Ela se vira para mim e provavelmente vê que meu cérebro perdeu todo o controle da função motora. — Eu disse para não olhar!

Bato com a mão nos olhos comicamente. — Melhorou?

— Sim. Para registrar, não é uma calcinha de senhora de brechó. É só um modelo mais largo.

— Sério? Tenho certeza de que eles são os mesmos que Edith usa. Fofo que vocês duas combinem.

— Por que você sabe tanto sobre as coisas íntimas da sua avó?

— Você não ouviu os rumores sobre nós em Deep South?

— Uau, isso é uma piada genuína vinda de Jack McNight? Estou chocada. Agora você poderia apenas me jogar a corda?

Tiro a mão que cobre meus olhos para saber para onde acertar. Ela é forçada a descruzar os braços para que possa pegá-lo, e eu realmente queria que ela estivesse usando um sutiã diferente, algo que combinasse com sua calcinha, porque a coisinha rendada que cobre seu peito está ensopada e eu duvido que ela perceba o quão translúcido é. Tenho certeza de que posso ver as pontas dos seios dela e, por *algum* motivo, perco a marca nos meus

primeiros lançamentos.

— Caramba, você é péssimo nisso.

Eu nem respondo porque sei que minha voz sairia rouco e grossa como uma criança de doze anos em sua primeira semana de puberdade. Eu nunca vi uma visão mais sexy. Uma mulher nua é uma coisa, mas uma mulher pouco coberta, cobrindo apenas o suficiente para fazer você se perguntar se está vendo alguma coisa ou se seus olhos estão apenas brincando com você? É sem comparação.

Eu tento o máximo possível para manter minha atenção em seu rosto.

Jogo a corda e ela a perde.

Eu acho que isso é o que eles chamam de punição cruel e incomum.

— OK!! Bem desse jeito. Eu juro que vou pegá-la agora.

Se ela não pegar, eu vou me afogar como castigo pelos meus pecados. Prometi a ela que não deixaria as coisas esquisitas e sou um maldito mentiroso.

Jogo a corda uma última vez e ela a pega no último segundo. — Uau! Ok, agora saia da frente para eu não bater em você.

Faço o que ela diz, porém sabia que não há chance de ela conseguir chegar tão longe.

— Segure com os cotovelos dobrados ou estenda os braços completamente, porque quando você chegar ao fim do arco, sentirá que pesa o dobro.

— Tá, tá. Tenho certeza de que não é tão difícil.

Ela pula e mal deixa a beira antes que a inércia vença e a puxe para a água. Era menos um balanço de corda e mais uma queda de corda.

— Oh meu Deus! Eu mal consegui sair da beira. — Ela ri assim que surge, enterrando o rosto nas mãos. — Você fez parecer tão fácil!

— Na média para sua primeira tentativa.

Estava abaixo da média.

— Oh, por favor, eu só caí na água como um peixe morto.

Eu rio. — Da próxima vez, deixe seus braços totalmente estendidos, como eu lhe disse, e não se esqueça de dobrar os joelhos. Quer tentar de novo?

— Eu não sei. — Ela morde o lábio inferior, pensando sobre isso. — Isso foi muito vergonhoso.

— Ninguém viu, além de mim — eu asseguro.

— E Alfred. — Ela aponta para onde ele está deitado na beira, tomando

banho de sol, meio adormecido.

— Algo me diz que ele não se importa. Aqui, vamos. Agora que você sabe o que esperar, deve ir muito melhor.

Ela nada e sobe de volta para a beira. Suas roupas íntimas subiram e eu posso ver as bordas das polpas de suas nádegas bronzeadas. Vi biquínis mais reveladores do que o que ela está vestindo, mas ainda é tão excitante. Eu mudo meu olhar para o carvalho e me concentro em um ninho. *Sim, olhe para isso — ahhh, a beleza da natureza.*

— Pronta! — ela declara.

Desta vez, ela faz o que eu digo e, na verdade, consegue balançar em minha direção antes que ela solte a corda e caia na água como uma profissional.

Ela está muito orgulhosa de si mesma quando aparece. Nado em direção a ela e vejo que ela está radiante, então percebo meu erro depois que é tarde demais. Eu não deveria ter chegado tão perto. Os cílios dela brilham quando pequenas gotas de água captam a luz, destacando o par de olhos mais azuis que eu já vi, um azul tão vibrante que parece elétrico, como o céu logo antes de uma tempestade.

A água lambe seus ombros e isso está enganando meu cérebro, pensando que ela não está usando nada. Ela é uma sereia. Ela se levanta, e a água mal esconde seus seios. Quero deslizar minha mão pelo pescoço delicado e pelos ombros lisos e puxar uma daquelas tiras delicadas.

Então pisco e percebo que minhas vontades e desejos se transformaram em ações. Meu cérebro é a última coisa a se recuperar. Minhas pontas dos dedos já estão no ombro de Meredith, mergulhando sob a alça do sutiã. Tudo o que eu imaginava fazer, *eu* estou fazendo. Sua pele é de seda molhada. Um puxão suave e ela está bem na minha frente. Seus quadris roçam os meus na água.

Ela está prendendo a respiração, os lábios entreabertos enquanto olha para mim.

— Você está tremendo.

— A água está fria — explica ela, umedecendo o lábio inferior. — O-o que você está fazendo?

Seu tom é a perfeita inocência.

— Não é óbvio?

Estou prestes a beijá-la porra.

Suas mãos atingiram meu peito e eu pisco meus olhos fechados, inalando

a sensação de suas mãos na minha pele nua.

Então ela sussurra meu nome, tentando nos tirar desse momento, mas eu não vou deixar.

— Eu realmente deveria voltar — diz ela, a voz trêmula.

Volto minha atenção para o rosto dela e vejo uma expressão que me dá um soco no estômago: medo.

Antes que eu possa dizer para ela ficar, ela se vira e começa a nadar para a beira. — Obrigada pela aula. Vejo você de volta em casa.

Eu já estou nadando atrás dela. — Eu posso voltar com você.

— Não! Não, você fica e continua nadando. Eu preciso ir para casa e tomar banho. Meus dedos estão enrugados e está ficando tarde. Não jantei e devo limpar um pouco.

Ela está lançando desculpas após desculpas quando elas vêm à mente, uma após a outra. — Grande dia de limpeza amanhã, estou cansada, preciso mesmo ligar para meus pais — então ela está fora da água e se cobrindo enquanto corre para recolher suas roupas. Ela está ensopada, mas ainda puxa a blusa e o short rapidamente. Eu chego à beira enquanto ela está calçando os sapatos, mas não corro atrás dela. Eu sei quando alguém está tentando se livrar de mim. Ela está sendo esperta, colocando distância entre nós. Tenho certeza que ela viu o jeito que eu estava olhando para ela, mas não chega nem perto do que eu estava pensando, da sedução que eu estava planejando em minha mente. Ela deveria fugir. Ela deveria correr de volta para a cabana, ou melhor ainda, todo o caminho de volta para a Califórnia, porque os pensamentos que passavam pela minha cabeça eram imundos. Se ela estivesse um pouco mais perto e eu um pouco mais tolo, eu a teria puxado para perto e enrolado suas pernas em volta da minha cintura. Eu teria inclinado o rosto dela para o meu e pressionado uma série de beijos em seus lábios, no queixo, na garganta. Esse sutiã teria sido tirado e a calcinha em seguida. Nada de bom teria vindo disso. Tudo de bom teria vindo disso.

Talvez eu tenha tido o meu primeiro beijo embaixo daquele carvalho, mas teria tirado muito mais do que isso de Meredith.

18

MEREDITH

No dia seguinte, não falo sobre o que aconteceu no riacho, nem o Jack. Pelo que sei, nós dois preferimos esquecer toda a sequência de eventos, e é isso que fazemos. Claro, eu estava quase nua e, com certeza, eu assisti ele tirar a roupa e ficar apenas de boxer e tive que fingir que meu coração não estava saindo pela boca. Existem corpos bonitos, e depois tem o corpo de Jack. Sabe o tipo de músculo que vem de shakes de proteína mutantes e treinos esporádicos do CrossFit? Sim, Jack não é assim. Ele tem músculos longos e magros, que vem de anos de trabalho duro diário. Na verdade, ele tem o tipo de corpo alto e musculoso que faria qualquer mulher se sentir pequena e delicada em seus braços, como — *ahem*— eu, por exemplo, apenas um exemplo aleatório.

De pé ali, observando ele tirar a roupa, meu olhar correu de um detalhe para o outro: seus ombros largos, seus antebraços tonificados, seu Adonis V. ELE TINHA O V, ALELUIA — exceto, pelo que vi com meus próprios olhos, ele deveria realmente ser chamado Adonis Y por razões que deixarei para sua imaginação. Tudo o que sei é que fiquei excitada e inquieta. Eu queria abanar a cara e gritar que *Senhor tenha piedade* com um sério sotaque sulista.

E isso foi antes de ele completar a pirueta sem esforço na água. Tenho vergonha de admitir o quão impressionante isso foi. Claro, eu estava mais focada no bíceps dele enquanto ele balançava (veja e aprenda, Tarzan), mas foi muito legal que ele pudesse levantar as pernas com o abdômen (respiração pesada) e girar para trás na água, especialmente considerando que eu mal consegui sair da beira.

Me arrependi de nadar com ele *mesmo quando* estávamos nadando. Eu sabia que isso nos levaria a um caminho que levaria a todos os tipos de pontos de interrogação, encontros estranhos e conversas onde evitamos o contato visual, e isso foi antes de eu tirar minhas roupas ensopadas em casa. Agora isso... *isso* era a verdadeira *pièce de résistance*. Fiquei na frente do meu espelho para me ver do jeito que Jack tinha me visto, e percebi com um corado tão forte que quase pôs meu rosto em chamas que ele podia ver totalmente meus seios inteiros - não apenas uma espiada sombria ou uma sugestão sensual, mas COMO TODA A ÁREA DO MAMILO E MAIS ALGUMAS.

Minhas emoções me sobrecarregaram tanto que tive que me sentar e resistir à vontade de vomitar. O constrangimento deu lugar à negação (*ele provavelmente não percebeu! Aposto que o sol estava muito claro.*), a negação deu lugar à raiva (*como ele ousa não me informar que eu estava piscando para ele?!*) e a raiva acabou dando lugar a aceitação. Meus peitos não são ruins. Na verdade, eles são ótimos. Na Europa, as mulheres nem piscavam ao caminhar como eu fazia. Concluindo: eu sou uma *femme Française* fantástica e descontraída, que não hesita em sair na vila-dos-mamilos com meu patrão.

Essa lógica funciona surpreendentemente bem, principalmente porque associo minha recém-descoberta atitude europeia com uma total evitação de Jack. Estamos sem nos falar por dois dias inteiros. Eu me mantenho excessivamente ocupada com o trabalho de sempre em sua casa. Eu lavo banheiros, banheiras, chuveiros, paredes, cantos, recantos. Eu lavo como se fosse meu talento dado por Deus para fazer roupas supreendentemente limpas e sem rugas. Se eu o ouvir chegar, encontro um motivo para arrumar dentro do guarda-roupa. Durante o almoço, deixo a comida dele e de Edith quente, esperando por eles na mesa, e volto para a cabana para comer sozinha enquanto ando agitada perto da janela, apenas no caso de precisar pular ao som de passos se aproximando.

Antecipo que o fim de semana apresentará um novo conjunto de problemas. Não terei trabalho para me ocupar de oito a nove horas, como faço durante a semana, mas o céu sorria para mim porque Jack está mais ocupado do que nunca na vinícola e no restaurante. Ele quase nunca está por perto. Edith e eu fomos jantar na cidade na sexta-feira e no sábado à noite assistimos um filme em nossos pijamas. Jack chega em casa no meio e eu congelo, a pipoca no meio do caminho até a minha boca, percebendo que me

senti confortável no sofá dele. Meus pés estão em cima de seu móvel. Meu corpo está debaixo de seu cobertor. Se ele tivesse uma cadeira de massagem sofisticada, tenho certeza de que também a usaria. Claro, Edith me convidou, mas tecnicamente ainda é a casa dele e eu devo manter distância e causando menos problemas do que normalmente causo. Ele entra, parecendo cansado de um longo dia de trabalho, joga as chaves na tigela perto da porta e depois olha para cima. Edith pergunta se ele quer se juntar a nós, e ela até pega a ponta do cobertor que estou tentando tirar rapidamente das minhas pernas.

— É um romance, mas você vai gostar. Eu prometo!

Ele balança a cabeça, evita o contato visual comigo e se dirige para as escadas.

Eu não o vejo pelo resto da noite.

No domingo à tarde, Edith me informa que convidou algumas de suas amigas para fazer ioga. Dotty e Lisa são do banco, algumas mulheres do clube do livro de Edith e a noiva do Daniel, Leanna. Ela é a mais próxima de mim em idade e tem uma personalidade brilhante e agitada, e cabelos loiros encaracolados. Ela fala no meu ouvido sobre o casamento dela na próxima semana e admito timidamente que fui convidada para ir com Tucker Carroway. Eu achei que ela ficaria irritada com a presença de um estranho, mas ela me abraça e me diz que ela e Daniel ficarão empolgados em me receber lá.

— E eu estou tão feliz que Tucker tenha convidado você! Ele é tão fofo e está solteiro há muito tempo.

Todo mundo concorda que Tucker é um cara legal. *Caridoso! Generoso! Um colírio para os olhos!*

— *Tão* gentil também — continua Leanna. — No ano passado, minha avó precisava de alguém para examinar seu testamento desatualizado e Tucker se ofereceu para fazer isso de graça. Isso não é gentil? Ela tentou pagá-lo, mas ele recusou.

Sinto-me desconfortável com tanta atenção focada no meu encontro com ele, considerando que não é um encontro de verdade. Eu nem concordei com isso — Edith concordou. Eu tento o meu melhor para voltar a atenção para o casamento de Leanna e Daniel e depois que passamos um bom tempo conversando sobre arranjos florais e surtos de última hora, finalmente começamos a praticar ioga. Tinha uma dúzia de pessoas e montamos aulas no quintal, onde o chão é plano e há uma brisa agradável e muita sombra. Estou nervosa por liderar tantas mulheres ao mesmo tempo, mas todo mundo é tão

gentil e descontraído que eu relaxo e acabamos nos divertindo. Após essa aula, decidimos que faremos isso toda semana. Nas tardes de domingo, nos encontraremos para praticar ioga e, se acontecer de nos comermos alguma comida e fofocar depois, pelo menos teremos um bom treino antes.

Começo minha terceira semana de trabalho torcendo por mais alguns dias fugindo de Jack, mas não realizo meu desejo. Na segunda-feira, estou na cozinha limpando depois do almoço, quando ele caminha e para perto do balcão ao meu lado. Então, ele diz a coisa mais chocante que alguém já me disse.

— Gostaria que você jantasse hoje à noite com Edith e comigo.

Eu não olho para ele. Se eu olhasse, ele saberia o quanto o convite dele significa para mim.

Eu melhoro minha voz para uma oitava normal. — Obrigada, mas está tudo bem. Eu estava indo comer sozinha.

Como sempre.

— Eu insisto.

É ela quem me quer no jantar, não ele, tenho certeza.

— Vamos, você está ferindo meu ego aqui.

Eu sorrio. — Edith acha que seu ego aguenta uma boa surra.

Finalmente, arrisco um olhar rápido para ele e descubro que seus olhos escuros estão me estudando, pensativos. Hoje, ele parece irresistível em uma camisa vermelha de trabalho, e eu não tenho ideia do que está acontecendo em sua mente, mas ele não parece estar enganando.

Na verdade, ele empurra o balcão com o quadril e declara com um tom final e final de discussão: — Vou assar alguns bifes e legumes. Vai ser muito bom, e vou odiar se você perder.

Eu arqueeei uma sobrancelha de forma desafiadora. — Você odiaria que eu perdesse? Quem é você e o que você fez com o verdadeiro Jack?

Ele continua ignorando minhas provocações. — Ele estará pronto às 7:30 em ponto. Se você quiser se tornar útil, pode pôr a mesa.

E assim, sou convidada para o jantar.

É uma coincidência, porque hoje também estou iniciando uma nova rotina de beleza que definitivamente não tem absolutamente nada a ver com Jack me convidar para jantar. Encerro meu dia de trabalho e tomo banho no meu banheiro com novos azulejos, fazendo um esforço extra com meu

condicionador. Então, esfrego com força meu cabelo até os fios escuros ficarem macios e sedosos. Aplico maquiagem porque você sabe o que eles dizem: é importante ter a melhor aparência nas noites de segunda-feira depois do trabalho, por nenhum motivo específico.

Examino os dois vestidos de verão que comprei no brechó e puxo o menos chique dos dois. É branco e o material é macio, solto ao redor das minhas pernas. As tiras de espaguete são perfeitas para uma noite de verão no Texas.

Fiel à sua palavra, Jack está cuidando da churrasqueira quando eu passo do barraco (que nem se parece mais com um barraco) até a casa da fazenda. Ele me leva da cabeça aos pés e *acho* que vi a sombra de um sorriso em seus lábios antes de ele voltar para a churrasqueira. Minha nova rotina noturna de beleza não-para-Jack valia claramente o esforço.

Lá dentro, digo a Edith que vou tirar a melhor porcelana, as coisas que elas nunca usam, porque hoje à noite é uma ocasião especial. Ela ri e diz que sempre imaginou que não seria usada novamente até seu funeral. Quando Jack entra com os bifes e legumes, Edith está sentada à mesa e eu estou arrumando os pratos e talheres. Está tudo pronto, exceto meu copo de água na cozinha. Eu corro de volta para pegá-lo e não assisto aonde estou indo, porque já conheço a rota com os olhos fechados... eeeeeeeeee tropeço em cima de um Alfred adormecido e caio no chão junto com a herança cara. O ótimo cristal se quebra em mil ótimos cacos de cristal, mas minha atenção está em outro lugar. O incidente me deixa tão rápida e vivamente na memória de Andrew que perco o fôlego. Parece déjà vu, mas pior.

Há quase um ano, Andrew estava sentado à nossa mesa de jantar enquanto eu trazia o jantar. Ele teve um dia ruim no trabalho e brigou comigo assim que entrou pela porta. Ele estava faminto e irritado que o jantar não estava pronto, e eu estava tão excitada que, a caminho da sala de jantar, acidentalmente deixei cair uma das travessas que ganhamos em nosso casamento. A comida foi para todos os lados. Estilhaços de cerâmica cortaram minha mão. Todos os primeiros instintos que você espera que um marido perfeito tenha — *Você está bem, querida? Não se preocupe, eu nunca gostei daquele prato feio, querida* — não estavam em lugar nenhum. Em vez disso, ele se levantou e repreendeu-me por sangrar no tapete, por estragar o jantar, por não apreciar coisas boas.

— Meredith, *saia*.

Lembro-me do tom exato de sua voz quando ele me disse para limpar,

como se eu fosse um animal — não, *pior*.

— Meredith!

A voz de Jack me leva de volta ao presente e percebo que estou de joelhos, pegando cacos de vidro individuais e colocando na minha palma.

— Oh meu Deus, eu sinto muito — murmuro quando começo a chorar. Eu estou tão envergonhada. — Não acredito que quebrei. Eu não deveria ter tirado os copos em primeiro lugar.

— Não é nada. — Ele está puxando meu braço, tentando me fazer ficar de pé.

Eu sei que ele está apenas dizendo isso para me fazer sentir melhor. Andrew estaria gritando bem agora. Eu percebi que os copos eram realmente belos quando os tirei e vou ter que descobrir uma maneira de substituí-los.

— Meredith! *Pare*.

Sua voz é suave, mas direta quando ele se abaixa para prender as mãos debaixo dos meus braços e me levantar. Ele me põe longe da bagunça, assim como outro copo quebrado na cabeceira da mesa. Dirijo minha atenção para Edith para ver sua mão ainda estendida, tendo acabado de jogar o dela também.

— Vovó, que diabos? — Jack pergunta sem acreditar.

Ela encolhe os ombros, tentando ser indiferente, mas eu posso ver a emoção em seus olhos, a empatia que ela sente por mim naquele momento. — O que? Não há nada de especial nesses copos velhos e empoeirados. Fico feliz em me livrar deles, honestamente. Esse lance de ioga me deixou mais consciente, menos apegada a bens materiais.

Nós dois a encaramos, atordoados em silêncio. Para Jack, ela pode muito bem estar falando grego.

— Não acredita em mim?

Ela encolhe os ombros, estendendo a mão casualmente e cutucando o copo de Jack na beira da mesa.

Ele se inclina para frente e o agarra antes que caia. — Jesus, mulher! Já entendi. Agora você pode jogar o resto no lixo em vez de arremessá-lo por todo o maldito rancho?

Eu viro e encontro a pá de lixo na cozinha para poder trabalhar na limpeza da bagunça. Jack rouba de mim e me diz para ir sentar. Sua voz não é exatamente dura, mas ainda não deixa espaço para discussão. Sento-me ao lado de Edith e ela puxa minha mão para dar uma olhada. Há um pequeno corte, mas nada que realmente precise de atenção. Eu fecho minha palma

rapidamente, querendo esconder os traços da minha falta de jeito. Estou envergonhada por não apenas quebrar a porcelana, mas também por ter um flashback estranho como esse bem na frente deles. Não é como se eu estivesse em uma guerra; eu não deveria ter TEPT.

— Você não precisava fazer isso — digo, incapaz de encontrar os olhos dela.

— Na minha idade, *não* preciso fazer nada, — ela declara com seu tom de costume. — Eu *quis* fazer isso. Inferno, eu tenho vontade de fazer isso há anos. Agora, Jack, você termina e se senta para que podemos voltar para o jantar? Esse bife tem um cheiro incrível e Alfred aqui está prestes a pular e comê-los, se não o impedirmos.

Eu tento me levantar para pegar novos copos de água para nós, mas ela me mantém sentada ao lado dela, insistindo que Jack pode fazê-lo. Ele serve o jantar também, tendo certeza de perguntar qual dos bifes eu quero e amontoando uma montanha de legumes caseiros no meu prato. Espero que ele se sente à minha frente, do outro lado de Edith, mas ele se senta ao meu lado, então estou entre eles. Não falamos sobre o copo, mesmo sabendo que eles provavelmente estão se perguntando por que tive a reação bizarra que tive. Edith leva a conversa para nós dois, mas mesmo assim, eu mal ouço.

Quando o jantar termina, eu só comi um quarto da comida no meu prato e estou pronta para voltar para a cabana e enterrar o rosto no travesseiro. Quero alguns minutos de paz e sossego para processar o que diabos aconteceu e tentar descobrir como impedir que isso aconteça novamente.

Termino de colocar a louça na máquina de lavar louça — uma tarefa que nenhum deles poderia me convencer a não fazer — e então Jack me encontra na cozinha com alguns Neosporin e curativo.

— Posso ver suas mãos? — ele pergunta, mas parece mais uma ordem do que uma pergunta.

Aceno para ele. — Não é nada. Acho que não preciso disso.

— Não acredito em você — diz ele, sua voz rouca e cheia de todo o aborrecimento que ele nutre por mim.

Penduro o pano de prato e ofereço minha melhor versão de um sorriso tranquilizador. — Eu aprecio sua preocupação.

Ele me ignora, dá um passo à frente e pega minhas mãos nas dele, virando-as com a palma para cima. Quero afastá-los, mas não quero parecer uma criança atrevida. Além disso, já causei drama suficiente por uma noite.

Ele segura minhas mãos como se fossem passarinhos delicados, e o toque

suave quebra meu peito. Há algo em um homem capaz de tal força escolhendo a delicadeza. Não me lembro da última vez que Andrew me tocou assim — não tenho certeza de que ele tenha tocado.

— Você está certa, não parece tão ruim — diz ele, parecendo aliviado.

Aceno e tento fingir que minha garganta não está ficando mais apertada.

Viro minha cabeça e pisco de volta as lágrimas.

Finalmente, ele solta minhas mãos e pego a pomada e o curativo dele com um rápido aceno de agradecimento. Então saio pela porta dos fundos o mais rápido que meus pés me levam.

No dia seguinte, Edith e eu nos encontramos lá fora para a nossa sessão de ioga.

— Você recebeu alguma entrega esta manhã — diz ela enquanto dobramos nossos cobertores.

— Oh sim? O que é?

— Flores do seu ex-marido. Rosas amarelas.

Maravilha. Acho que ele recebeu o endereço do rancho de Helen.

— Você quer que eu jogue elas fora? — ela pergunta.

— Sim, por favor — ou melhor ainda, não há uma pilha de coisas queimadas lá atrás?

— Eu trouxe o bilhete que veio com eles, caso você queira lê-lo. — Ela está segurando um pequeno envelope branco. Pego e rasgo. Agora que meus olhos estão abertos para sua infidelidade, as palavras são quase cômicas. O mesmo remorso artificial que pode ter me enganado antes dos anéis estão totalmente vazios agora.

— Quer que eu jogue fora isso também? — ela pergunta com um tom pragmático.

Eu entrego a ela. — Por favor.

Eu amo Edith. Amo porque ela pega esse envelope e não traz as flores novamente. Amo porque ela entende exatamente o que eu preciso antes mesmo de ter coragem de perguntar. Amo porque ela nunca me pede para me abrir com ela e nunca exige saber meus segredos. Ainda assim, ela oferece os dela. Enquanto nós estamos lá embaixo da árvore naquele dia, Edith me da certeza que antes de conhecer o avô de Jack, ela estava em um relacionamento podre, algo que ela achava que nunca conseguiria sair.

— Eme tinha uma sequência real de maldades — diz ela, olhando para

longe. — Ele ficava bêbado e me batia de vez em quando, e eu deixei porque nem sempre está claro o que é amor, o que o amor permite. Mas tive sorte — não durou muito. Minha família se mudou para o sul e nunca mais o vi. Não se incomodou em me seguir, apesar de uma parte de mim achar que ele poderia.

— Estou um pouco preocupada com isso — eu digo, mais para mim do que para ela.

— O bastardo te seguindo?

Eu não respondo.

— Bem — ela diz. — Quer saber? Uma coisa é *seguir* e outra coisa é *pegar*. Temos um pequeno ditado aqui no Texas — uma provocação, de uma batalha quando um pequeno grupo afastou um poderoso exército.

Eu olho para ela interrogativamente.

— É assim, querida: *Venha e pegue*.

19

JACK

Sei que Meredith e Edith praticam ioga todos os dias às 10 da manhã, porque a produtividade acontece em torno do rancho. Na quarta-feira, vou para fora e encontro metade dos meus ajudantes reunidos perto da cerca, ao lado da árvore . Alguns deles têm a decência de agir como se estivessem trabalhando — Max tem um martelo na mão (embora tem nem um prego) — mas a maioria deles estão apenas olhando fixamente.

— Esta agora é a mais sólida e segura seção de cerca que temos em todo esse maldito rancho. — Minha voz soa e eles se espalham como baratas. — Vocês acham que podemos começar a trabalhar no pasto leste agora?

Há desculpas abafadas e desculpas tímidas, mas a maioria deles é inteligente o suficiente para começar a trabalhar sem dizer outra palavra.

Chris não se espalhou. Ele vem até mim e me entrega algumas flores silvestres embrulhadas em papel vegetal.

— Você pode entregar para Meredith por mim?

— Por que diabos eu faria isso?

Ele franze a testa como se eu fosse um imbecil. — Porque você acabou de dizer que preciso voltar ao trabalho.

Ele me entendeu mal.

Olho para as flores coloridas. — Não, quero dizer, por que você está tentando entregá-las a Meredith?

Ele sorri muito largo, realmente orgulhoso de si mesmo. — Oh sim. Bem, ela me mandou para casa com aqueles biscoitos na semana passada, e eu queria retribuir o favor. São do jardim da minha mãe.

Arranco-os da mão dele e faço sinal para ele voltar ao trabalho,

murmurando baixinho.

Não entrego as flores para Meredith. Eu as carrego até o meu escritório e os coloco na minha mesa. Fico olhando para elas por tanto tempo que elas deveriam pegar fogo, mas isso não acontece. Elas permanecem embrulhadas, um belo presente para a bela mulher por quem todos neste maldito rancho parecem apaixonados, e eu as estudo até que um telefonema me distrai.

Eu respondo com uma saudação cortada.

— Jack! É Tucker... Tucker Carroway. Como você está?

— Estou bem, ocupado. — Empurro as flores para fora da minha linha de visão. — O que posso fazer por você, Tucker?

— Oh, eu também estou bem, *obrigado por perguntar*. — O sarcasmo dele me irrita, e eu lembro por que não nos damos bem no ensino médio. — Estou ligando para Meredith. Ela deveria ser minha acompanhante para o casamento de Dan e Leanna neste fim de semana e eu só queria confirmar que horas devo buscá-la.

— Então ligue para o celular dela. Não posso ter vocês dois bloqueando a linha principal do rancho.

— Eu ligaria, mas ela nunca me deu o número dela.

Eu perco a luta contra um sorriso orgulhoso.

— Lamento ouvir isso, cara. Espero que você descubra.

— McNight, por que sinto que você está sendo intencionalmente teimoso?

Eu desligo.

O telefone toca, eu pego da base apenas por tempo suficiente para ele receber a mensagem silenciosa e desligo novamente.

No final da tarde, entro na cozinha, embora não porque precise de algo. Ainda estou cheio do almoço, e não tenho sede desde que Meredith me trouxe limonada uma hora atrás. Foi um gesto agradável, mas seu sorriso gentil me distraiu com sucesso por meia hora depois disso. Agora estou aqui de novo. Tenho o suficiente para me ocupar no andar de cima, mas ainda abro a geladeira e fico na frente dela como se procurasse algo. Até mexo em alguns copos de iogurte para uma boa medida.

— O almoço estava muito leve? Posso fazer outra coisa para você, se você quiser mais?

Meredith está na pia lavando a louça. Não estou olhando para ela, mas

ainda sei exatamente como ela está hoje. Está vestindo um short jeans de ganga e uma camiseta branca, os cabelos escuros presos no alto da cabeça em um coque bagunçado. Hoje ela tem mais sardas na ponta do nariz do que na semana passada, e me pergunto se é por causa de suas sessões de ioga ao ar livre com Edith.

Eu posso até dizer que ela rindo por causa do jeito que perguntou isso. Acho que ela sabe que estou aqui sem uma boa razão.

Fecho a porta da geladeira ao mesmo tempo em que ela se move para tirar o lixo.

Está cheio até a borda, e ela tem dificuldade em levantá-lo.

— Aqui, deixe-me pegar isso.

Eu tento empurrá-la para fora do caminho e tirar o saco de lixo dela.

— Não, não, eu posso fazer isso. É o meu trabalho — sou *profissional*.

Ela geme enquanto levanta com todas as suas forças, mas o saco de lixo só chega até metade da lixeira antes de ser forçada a soltá-lo novamente.

— Meredith.

— Você *me paga* para fazer isso. Você sabe isso, certo?

Eu a nivelo com um olhar teimoso, e ela aponta um de volta para mim.

— A culpa é minha por deixá-la cheia demais — ressalta.

Pego seus ombros em minhas mãos e gentilmente deslizo um pé para a direita para que eu possa esvaziar o lixo.

— Tudo bem — ela grita atrás de mim enquanto eu volto. — Acho que isso conta como minha primeira pausa.

Abro a tampa da lata de lixo da rua e, quando estou prestes a jogar a sacola no topo da pilha, algo me chama a atenção: um buquê de flores de aparência cara espalhadas como se fossem jogadas diretamente para fora do vaso e um envelope rasgado no meio, colocado em cima. Largo o saco de lixo no chão e pego as duas metades da mensagem.

É uma mensagem privada, definitivamente não destinada aos meus olhos, mas eu a leio de qualquer maneira.

Meredith, meu amor, por favor, volte para casa. Não consigo pensar em nenhuma maneira de convencê-la de como sinto muito. Procurei maneiras de convencê-la de que você está cometendo um erro, e eu sei que essas flores e esta mensagem não serão suficientes. Você é o amor da minha vida, minha esposa, meu tudo. Por favor, não se afaste agora e jogue fora os votos que fizemos um ao outro há cinco anos. Eu sabia no momento em que te vi que

você era minha.
Venha para casa. Por favor.
Eu te amo,
Andrew

São as palavras de um homem com o coração partido, palavras que cortam meu peito tão dolorosamente como se eu as escrevesse. Eu sabia que Meredith deixou o marido quando ela veio para o Texas. Eu sabia que ela tinha uma vida inteira na Califórnia, mas ler isso coloca tudo em perspectiva. Ela ainda é casada com um homem que a ama e espera que ela volte. Ela não deixou um casamento sem amor; ela deixou um marido de coração partido que ainda está loucamente desejando por ela. Aposto que ele ficou meio louco quando acordou e percebeu que ela se foi naquele dia, três semanas atrás. Sem aviso, sem discussão — ela simplesmente desapareceu e o deixou pegar os pedaços. Me pergunto quantas vezes por dia ele liga para ela. Me pergunto quais foram as razões dela para deixá-lo. Me pergunto se o que Helen disse era verdade, que seu marido a adorava e lhe deu o mundo, que ela é mimada, entediada e o deixou para lhe ensinar uma lição.

Honestamente, porém, não tenho certeza de que os motivos dela sejam importantes. Independente do por quê ela foi embora, eu ainda sou um tolo. Eu tenho baixado a minha guarda ao redor dela, permitindo-a entrar na minha vida centímetro por centímetro. Estou ciente dela quando ela entra em uma sala e tento captar cada um de seus sorrisos, como se eles fossem para mim. Estou apaixonado e já faz mais tempo do que gostaria de admitir.

Pior, não sou a única pessoa sob seu feitiço. Estou na fila segurando um número. Os trabalhadores do rancho, Tucker, seu marido — todo mundo quer Meredith, e aposto que Meredith não quer ninguém. Ela é uma destruidora de corações, uma mulher egoísta que não quer nada além de ser desejada.

Penso em como ela chorou quando quebrou o copo no jantar na outra noite, como ela parecia tão delicada e frágil naquele momento que meu coração se amoleceu por ela.

Foi tudo um monte de merda? Tudo para se aparecer?

Pego o saco de lixo do chão e o jogo dentro.

Nesse caso, já é hora de Meredith voltar pra onde ela pertence.

20

MEREDITH

Não acredito na rapidez com que me estabeleci aqui. Fazem quase três semanas desde que cheguei e já estou construindo uma vida para mim. Eu uso uma caminhonete. Eu uso a palavra “cês” sem ironia. Ontem, acidentalmente tomei água com o meu almoço em vez de chá doce e engasguei.

Gosto mais de Cedar Creek do que pensei. O trabalho é duro, e eu não amo exatamente o que estou fazendo, mas ele vem com vantagens: adoro cozinhar o almoço para Edith e Jack, e eles parecem estar gostando dos meus pratos mais saudáveis. Jack até pediu meu salmão esta semana. Eu realmente gosto de fazer yoga com Edith, e ontem ela me disse que estava bem perto de tocar o pé no rosto.

— Não consigo fazer isso há anos!

No entanto, meu privilégio favorito absoluto é Jack. Conversar com ele, irrita-lo, encara-lo quando ele não está prestando atenção - realmente não há fim para a minha obsessão neste momento. Ele e eu não somos exatamente amigos, mas ainda gosto de nossas trocas. Estou ciente de onde ele está na casa o tempo todo, como se ele estivesse usando um dispositivo de rastreamento. Ainda assim, tento não incomodá-lo demais. Quero dizer, trazê-lo limonada ou um lanche não o está necessariamente *perturbando*, e isso me dá um rápido vislumbre dele trabalhando, uma pequena foto instantânea para me segurar enquanto estou naquele inferno de lavanderia.

Ontem de manhã, ele estava ajudando os caras a limpar uma seção do jardim. Eu não tenho ideia do que eles estavam fazendo — lavrando? Colheita? Eu realmente não me importo, e isso não importa, porque o que

quer que fosse, significava que Jack estava lá à vista, vestindo jeans, uma camisa azul escura e seu boné de beisebol. Eu estava na janela da cozinha, secando repetidamente um único prato enquanto o observava sujar as mãos.

Eu estava mordendo meu lábio inferior.

Apertando a toalha.

E então ele levantou a parte de baixo da camisa de trabalho para enxugar um pouco de suor no rosto e Edith entrou e foi até mim, curvada sobre a pia, com os olhos fechados enquanto eu recitava o que sabia da Oração do Senhor, que era praticamente as primeiras linhas. Eu perco a noção depois da parte sobre o pão.

— Você está tendo um ataque cardíaco ou algo assim?

— Cólicas menstruais — eu menti.

— Vá deitar e descansar. Eu vou terminar de secá-las.

Aqui está um pequeno segredo: eu a deixei secar o último desses pratos para que eu pudesse fazer uma pausa no barraco e deitei, mas não *descansei*.

Não descansei TRÊS VEZES.

Eu sei. Provavelmente é um pecado *não descansar* tão cedo depois de dizer a Oração do Senhor, mas às vezes você apenas *não descansa* bem quando bate a vontade.

Eu deveria me sentir culpada por fantasiar sobre meu chefe, mas uma parte de mim está tão aliviada que até estou interessada em fantasiar sobre alguém neste momento. Andrew e eu não dormíamos juntos por meses, perto do fim, e antes disso, sexo não era algo que eu gostava. Ele era como uma sanguessuga sugadora de alma, que mata a libido.

Agora... *agooooora*, é só nisso que estou interessada.

É como se eu estivesse com uma sede insaciável e, não importa quantas vezes eu descanse, isso nunca parece me saciar. Eu acho que tenho tudo sob controle e, em seguida, Jack dirá algo em seu tom áspero que deveria me irritar, mas realmente parece que há muitas preliminares neste momento. Ficar no pé dele de alguma forma se enrolou com os meus neurônios excitados, então agora, não é apenas *divertido* trabalhar com ele... é divertido. Eu sei — Meredith ruim, ruim. *Tanto faz*. Tenho problemas e tenho toda a intenção de resolvê-los, assim que eu ver aonde essa obsessão por Jack poderia levar.

É quinta-feira e não o vi o dia inteiro. Ele deixou o rancho mais cedo e não voltou até depois do almoço. Eu estava na sala, me alongando quando ele entrou pela porta da frente e passou direto por mim. Nenhum sorriso, nenhum

aceno, nem mesmo um comentário rabugento.

Hã.

Mais tarde, bato na porta e pergunto se posso lhe trazer alguma coisa, talvez um lanche ou algo para beber. Ele grita que está ao telefone e parece irritado que eu o esteja interrompendo. Eu me sinto mal, para não mencionar um pouco envergonhada que ele parecia tão desanimado. Como eu disse, não somos amigos, mas parece que estamos caminhando nessa direção. Ok, talvez não *amigos* no sentido tradicional, mas pelo menos estamos diminuindo o ódio para um nível sustentável.

Ele me dispensar é um pequeno passo na direção errada, mas eu dou de ombros. Talvez ele tenha tido um dia difícil. Talvez ele tenha uma rebarba na sela. (*Viu?* Eu realmente pertenço ao interior.)

Espero Jack fazer uma aparição depois que a ligação termina, mas ele não aparece. Essa rebarba deve ter sido entalhada profundamente.

No início da noite, preparo um bule de café descafeinado e Edith se junta a mim à mesa com alguns biscoitos amanteigados. Estamos arruinando nosso apetite para o jantar, mas nenhum de nós é mãe uma da outra. Falamos sobre como estamos entusiasmadas com o casamento no sábado e que tipo de lanches devemos fazer para a ioga no domingo à tarde. Depois que eu a falei de verdade, tenho coragem de perguntar se ela notou algo estranho com Jack.

— Ah, e não é grande coisa... apenas enquanto eu tenho você aqui... eu estava pensando se talvez, por acaso... deixa pra lá — você quer mais café? Aqui, deixe-me pegar para você.

Ela afasta minha mão quando tento pegar sua caneca.

— Fala logo, mulher!

— Você notou algo de estranho com o Jack ultimamente?

— Consigo menos informações dele do que um limão de um mês. Tudo o que sei é que ele jantou fora na noite passada e passou o dia todo fora. — Ela muda o olhar para mim. — Ele está lhe dando problemas de novo? Eu posso bater mais algum sentido nele...

— Não! Não, está tudo bem. — Sorrio secretamente para o meu café. — Chegamos a um entendimento, um equilíbrio.

— Equi-o que? Vocês estão se dando bem agora?

O tom dele de antes me vem à mente. — Eu não acho que seria *exatamente* isso. É como quando um bebê tigre e um bebê porco crescem juntos para serem amigos na idade adulta, mas você sabe no fundo que tudo pode explodir na próxima vez que o tigre pular uma refeição.

— Huh... tudo bem. Mas ele não está mais incomodando você?

— Não. — Um rubor aquece meu corpo. — Ele não está me incomodando.

Depois que terminamos, eu limpo a mesa e começo a preparar o almoço para amanhã. Estou tecnicamente fora do horário, mas não quero voltar ao barraco ainda. Uma parte de mim ainda espera que Jack desça, aja como seu habitual eu arrogante e me tire da minha miséria. Apenas um pequeno comentário provocador dele e eu posso ir para casa e me manter ocupada pelo resto da noite.

O som de um caminhonete estacionando no cascalho tira minha atenção da tábua de cortar. Outra coisa diferente no interior — o cascalho é a campainha universal. Alfred late como louco com o som. Pode ser um dos funcionários do rancho, mas todos saíram uma ou duas horas atrás, então duvido que seja. Eu limpo minhas mãos com uma toalha de cozinha e vou investigar. Há um sentimento ameaçador em meu intestino, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer, mas quando saio para a varanda, fico surpreso e aliviado ao encontrar Tucker pulando de seu caminhão.

É estranho, mas uma parte de mim estava preocupada que seria Andrew.

Afasto o medo e desço os degraus para cumprimentá-lo. Ele está no modo advogado completo, vestindo calças e uma camisa branca. A gravata está um pouco frouxa, como se ele a tivesse puxado no momento em que saiu do tribunal. Seu cabelo loiro é curto e bem arrumado.

— Tucker, o cavaleiro de armadura brilhante! Está aqui para ver o Jack?

Ele franze a testa. — Claro que não. Eu vim para te ver.

Eu? Não sei por que estou surpresa por ele estar aqui por mim, mas estou. Sei que devemos ir juntos ao casamento, mas uma parte de mim meio que esperava que ele esquecesse o convite. Não é como se tivéssemos conversado desde que ele o mencionou pela primeira vez. A culpa é minha; não dei a ele meu número de celular, mas foi uma jogada estratégica da minha parte. Não queria que ele entendesse errado. Atualmente não estou namorando. Inferno, eu nem estou mesmo divorciada. Eu tenho um ex maluco me enviando flores e atualmente estou louca por um demônio de cabelos escuros que parece estar me evitando.

Antes de me despedaçar, saio rapidamente dos trilhos dessa linha de pensamento e aceito um rápido abraço de Tucker.

— Ah? Bem, é bom te ver — digo a ele, apontando para a casa. — Acabei de fazer um bule de café descafeinado, ainda tem um pouco, se você

quiser?

A porta da tela se abre atrás de mim. *Falando no diabo*. Jack sai para a varanda e engulo meus nervos. Ele é a antítese completa de Tucker: sombria e agourenta, uma ameaça à sociedade. Seu cabelo curto e escuro está meio despenteado e ele está vestindo uma camiseta preta e jeans. Sua expressão é tão dura e agressiva contra o sorriso doce de Tucker, e é como um antigo impasse ocidental — o criminoso de preto contra o justo homem da lei.

— Tucker. Bom te ver. — Seu tom diz exatamente o oposto.

— Que entusiasmo! Você sabe que é meu trabalho saber quando as pessoas estão mentindo, certo?

Ele ignora o golpe seco de Tucker. — O que posso fazer por você?

— Nada. Parecia haver algo errado com o seu sistema telefônico, então pensei em vir aqui conversar pessoalmente com Meredith, se estiver tudo bem por você.

— É claro — ele responde, mas não sai e não tira os olhos de Tucker. Ele enfia as mãos nos bolsos da calça e se inclina contra a viga da varanda no topo da escada.

Quando eu viro de volta, percebo que Tucker está tentando manter o temperamento longe de uma explosão.

— Tucker? — Eu pergunto, tentando recuperar sua atenção e difundir a situação. Estou a segundos de estalar os dedos ou agitar os braços.

Ei, lembra de mim? A garota pela qual você aparentemente está aqui!?

Ele finalmente se vira para mim e sua expressão se suaviza. — Tentei ligar para você esta semana, mas Jack não parecia querer passar a mensagem.

— Minha secretária está na Europa — Jack fala da varanda, com um tom defensivo.

— E eu acho que você não tinha caneta e papel à mão? —Tucker responde rapidamente.

— Não tenho tempo para passar recados.

Ah, pelo amor de Deus. Isto é ridículo.

Dou um passo em direção a Tucker, tentando bloquear sua visão de Jack. —Está bem. Eu estou aqui agora. O que você ia me dizer?

— Eu só queria confirmar se você ainda quer ir ao casamento de Dan e Leanna comigo.

— Oh, certo.

Ele deve sentir minha hesitação porque continua. — Sei que não nos conhecemos bem, mas acho que pode ser divertido.

Jack está parado atrás de nós, ouvindo essa conversa. Mordo meu lábio inferior. *Noossa*. Isto é estranho. Tenho certeza que Edith está lá em cima espiando pelas persianas. Alfred é inteligente o suficiente para manter distância, e a maioria dos animais da fazenda provavelmente correu para o celeiro, para se enterrar no feno.

— A menos que você tenha concordado em ir com outra pessoa? — ele pergunta, olhando fixamente para Jack.

É óbvio o que ele quis dizer. Não preciso de olhos na parte de trás da cabeça para saber que Jack está atualmente carrancudo com a ideia de me acompanhar a um evento. Apenas a imagem mental é absurda. Eu em um vestido extravagante, ele em um terno... nossas mãos ligadas... seu hálito quente no meu pescoço enquanto ele se inclina para perto para me elogiar em vez de um insulto.

— Não! — Eu sou rápida em responder, picando a fantasia com um alfinete. — Não tenho outro encontro, mas...

Uma parte de mim quer recusar Tucker e acabar com tudo isso, mas o fato é que eu estava realmente ansiosa para participar do casamento. Já faz um tempo desde que eu participei de um evento como esse e não tive medo de incomodar Andrew, e eu ia me enfeitar e com o mais chique dos meus dois vestidos de brechó. Todo mundo que eu conheci até agora em Cedar Creek estará presente e, obviamente, há a parte mais importante: bolo de casamento. Talvez eu seja voluntária para ajudar na distribuição e eles me deixem ir para casa com algumas sobras. *Ah, não, eu não poderia... Mas insistimos!... Não, na verdade não posso — minha bolsa já está completamente cheia de bolo.*

— Bom. — Ele sorri, aliviado por eu ter concordado em ir com ele. Ele é realmente fofo, como um querubim loiro crescido.

— Eu posso te encontrar lá. Edith e Jack estão indo então eu possa pegar uma carona com eles. — Estou tentando encerrar as coisas porque tenho consciência de olhos escuros irradiando lasers na parte de trás da minha cabeça. *Sniff sniff — esse é o cheiro de cabelo queimado?*

Tucker não gosta dessa ideia; Eu posso ver isso na maneira como sua mandíbula muda e seus olhos se estreitam apenas por um fração de segundo quando ele decide forçar o problema. — Prefiro buscá-la. Vou passar aqui às 17:00.

— Estou tão feliz que tudo tenha dado certo — diz Jack sarcasticamente, efetivamente encerrando a conversa. — Foi ótimo ver você, Tucker. Agora

adeus.

O que ele quer dizer é: *saia da minha propriedade*. Se ele tivesse uma espingarda, ele atiraria.

Tucker ri e balança a cabeça, tentando me garantir que Jack o irrita. Ele se move para sair, mas não antes de se inclinar para beijar minha bochecha e sussurrar no meu ouvido: — Ansioso para sábado.

É uma tática um pouco suja da parte dele. Eu me pergunto se ele alguma vez dá um beijinho no juiz no tribunal. *Meretíssimo* — mwah — *eu encerro meu caso*. Eu fico lá quando ele sai e quando eu volto, Jack se foi. Ele voltou ao escritório com a porta fechada.

Isso não é bom, merda…

Eu entrei direto.

— O que é que foi isso?!

— Vou ter que ligar de volta — diz ele antes de desligar o telefone.

— Por que você foi tão rude lá em baixo? Você sempre está ocupado o dia todo, mas aparentemente teve tempo para moderar minha conversa com Tucker? Você ficou sobre nós como o Ceifador.

Ele me observa pisar e gritar com um olhar firme e estreito. — Acabou?

— Nem mesmo perto.

— Tucker e eu não nos damos bem.

Cê acha!?

— Sim, obviamente eu entendo isso agora. Por que você não me disse isso em vez de agir assim lá em baixo? — Eu respiro fundo e tento um tom mais calmo. — Se você não quer que eu vá com ele ao casamento, eu não vou. Não estou tentando causar problemas.

— Eu não quero que você vá com ele.

Estou surpresa que ele esteja sendo honesto sobre isso.

— Na verdade, — ele continua — eu não acho que você deva ir.

Percebo, então, que ambos estamos tentando manter a calma, mas é uma batalha perdida. Ele e eu esquentamos, e essa conversa não vai acabar bem. Ainda assim, eu continuo.

— Você está chateado comigo? — eu pergunto, um pouco envergonhada por minha voz parecer tão vacilante.

Em todas as nossas travessuras, nunca o vi agir assim. Sinto que ele está bravo com mais do que a visita de Tucker.

Ele se recosta na cadeira e me avalia friamente.

— Não, não estou chateado com você. Gostaria apenas de saber por

quanto tempo você planeja fazer isso.

— Fazer o que?

— Jogar este jogo. Ficar aqui e agir como se você pertencesse.

Algo torce no meu estômago, um sentimento tão doloroso quanto um soco. Não gosto do tom dele e não gosto de onde esta conversa está indo. Eu me viro e saio, me salvo da ponta afiada de seu temperamento, mas ele continua antes que eu possa me mover.

— Já fazem quase três semanas. Eu admito, Helen e eu... pensávamos que você já teria ido embora.

— O que lhe deu essa impressão? — Minha voz está envolta em confusão. — Não fui uma boa funcionária? Eu trabalho sem parar. Faço tudo o que você e Edith me pedem...

— Veja do meu ponto de vista. Uma dona de casa rica da porra da Califórnia aparece na minha porta com sangue no rosto, pedindo emprego. A única informação que tenho sobre ela é que ela é uma garota mimada com uma história de gestos dramáticos e de curta duração. A única razão de você estar aqui é como um favor para sua irmã — um favor do qual me arrependo desde que o concedi.

— Por que isso? Não fiz tudo o que você me pediu? Esfreguei o chão? Aguentei suas merdas?

— Você é uma distração.

— Para quem?

Sei que ele está se referindo aos funcionários de seu rancho, mas tenho uma suspeita furtiva de que ele possa ser incluído lá também. Eu não vou deixar ele se safar tão facilmente. Se ele quer me machucar, é melhor fazê-lo com a verdade.

Ele evita a pergunta. — Acho que é hora de você ir para casa, não é? Eu vi aquelas flores no lixo. Eu li aquele recado.

Eu ando em direção a sua mesa, mudando minha dor para raiva. — Isso não é da sua conta. Se você quer que eu vá embora, olhe nos meus olhos e diga que não sou boa no meu trabalho. Não acho que você tenha uma razão legítima para me odiar, apenas um monte de besteira de outras pessoas.

Minhas mãos seguram meus lados e meu lábio superior se curva. Seus olhos castanhos estão atirando adagas enquanto olhamos um para o outro sobre sua mesa.

— Isso simplesmente não faz sentido. Qual o jogo que você está jogando? Você não é daqui. Você não tem uma família real e a família que você possui

não ficou emocionada ao saber que você apareceu. Sem amigos de verdade. Não há mais motivo para você estar aqui.

— Parece que você já descobriu tudo. Você sabe exatamente quem eu sou, Jack. — Acrescento uma salva de palmas condescendente.

— Flertando com os funcionários do rancho, aceitando encontros com Tucker — seu marido sabe que você já seguiu em frente? Aposto que não. — Ele faz uma pausa por um instante. — Sim, eu tenho uma boa ideia de quem você é, Meredith. Você tem um marido em casa se preocupando com você, e eu nem acho que você se importe. Eu acho que você gosta da atenção, e eu acho que você gosta de brincar com homens que você não tem intenção de amar.

Uma coisa é ficar aqui e ter minhas culpas e falhas jogadas contra mim, e outra é ficar aqui e deixá-lo lançar acusações sem fundamento para mim. Ele decidiu bancar juiz, júri e carrasco. Ele acha que eu sou uma sociopata entediada com um marido apaixonado esperando por mim na Califórnia e um rastro de fãs no meu caminho. Ouvi-lo dizer essas coisas de verdade me deixa com tanta raiva que minhas unhas cravam na minha pele enquanto eu aperto minhas mãos ainda mais forte. Há um fogo queimando dentro de mim tão poderoso que não tenho certeza de que algum dia serei capaz de apagá-lo. É uma raiva que eu nunca senti. Se eu fosse uma super-heroína juvenil, seria o momento em que perderia o controle do meu poder e explodiria uma cidade. Mas, aqui, na realidade, as únicas coisas das quais perco o controle são as lágrimas que se acumulam nos cantos dos meus olhos.

Desde que me casei com Andrew, fui mal interpretada e mal compreendida pelas pessoas ao meu redor: meus pais, Helen, meus supostos amigos na Califórnia. Lidei com as suposições e as mentiras deles e aceitei a lealdade deles a Andrew e não a mim. Claro, é doloroso, mas eu tolerei porque *sabia a verdade*.

Mas ouvir Jack tão envolvido pela manipulação de Andrew a mais de mil quilômetros de distância é insuportável. É o nocaute. Não resta mais nada, porque agora percebo perfeitamente que, qualquer que seja o mal que há dentro de Andrew, ele me envenenou. Não importa para onde eu vá, carregarei comigo para sempre, arruinando minhas esperanças de um novo começo.

Se eu não estivesse tão furiosa, acho que meus joelhos trêmulos se dobrariam. Meu coração está batendo tão violentamente que me assusta. Sinto-me entorpecida, formigando e tão cheia de desamparo que quero gritar

até que minha garganta esteja dolorida e minha voz se vá.

Percebo então que Jack está olhando para mim com novos olhos, não tão cheios de raiva como estavam alguns minutos atrás. É óbvio que minha reação está o assustando. Fico feliz com isso. Espero que ele veja o quão profundamente suas palavras me feriram.

— Então a história de Meredith é aberta e fechada. Por que não falamos de você, Jack? — Eu cavo fundo para conjurar um sorriso perverso e meio louco. — Eu costumava pensar que a aparência áspera que você veste usa era só para se mostrar. No fundo, pensei que você não era o demônio que as pessoas pensam que você é. Eu estava errada, assim como você está errado sobre mim. Você é o idiota mais malvado que eu já conheci, o que é muita coisa porque eu era casada com um monstro, mas você? Você talvez tenha vencido ele. — Eu rio amargamente. — Eu até acho tudo um pouco hilário — eu escapei do inferno apenas para correr direto para os braços do diabo.

21

MEREDITH

Jack não está na fazenda na sexta-feira, e não quero perguntar a Edith para onde ele foi — de volta ao submundo, provavelmente. Eu ainda faço meu trabalho; eu esfrego a cozinha daquele idiota e penduro as roupas dele, faço o almoço e não coloco fogo no lugar. Na verdade, isso provavelmente o deixaria mais confortável, sentado entre as chamas e as brasas carbonizadas.

Penso em todas as maneiras pelas quais poderia sabotar sua vida, desde o extremo (envenenando o enxaguante bucal) até a mais simples (fazer café descafeinado pela manhã, para que ele fique sem cafeína). Repito a nossa briga em seu escritório e insiro respostas diferentes. Uma parte de mim deseja que eu tivesse dado a ele um *vai se foder* clássico — simples e direto ao ponto. Talvez da próxima vez que eu o veja, eu diga.

Eu sei que não vou. Serei a imagem da civilidade dócil. Vou cumprimentá-lo com um sorriso e um agradável olá. Continuarei com meu melhor comportamento, porque não farei nada que ele possa usar como desculpa para me demitir. Não, esse idiota está preso comigo até eu decidir que já tive o suficiente, até encontrar uma maneira de seguir em frente. Eu tenho um salário no banco, mais meu mísero adiantamento. Mesmo que eu quisesse (o que não quero!), acho que nem poderia voltar para a Califórnia neste momento.

Pedir a meus pais que me ajudem ainda é uma opção, mas eu simplesmente não consigo fazer isso. Até onde eles sabem, ainda estou felizmente casada com Andrew, vivendo a vida ensolarada da praia. Não direi o contrário até que eu tenha algum tipo de plano para o futuro. A única coisa

pior do que lidar com Jack seria enfrentá-los no meu estado atual. Eu posso imaginar o olhar de decepção no rosto da minha mãe. Ela pensou que eu ganhei o grande prêmio quando conheci Andrew e me casei jovem. Antes mesmo de eu andar pelo altar, ela admitiu como estava aliviada por nunca ter que me preocupar com dinheiro.

Ah bem. Eu aprendi minha lição. Eu sobrevivi a Andrew, e agora eu sei que não devo depender de um homem novamente. Vou abrir o caminho para o meu futuro por conta própria. Só preciso limitar o que esse futuro realmente acarretará.

Sábado de manhã, eu acordo cedo para começar a me preparar para o casamento. Eu como cereal seco enquanto estou na janela da cabana, tentando encontrar Jack dentro da casa da fazenda. Verifico a janela do escritório no andar de cima, a cozinha, a janela do quarto, repito. Ele não está em lugar nenhum. Após aquele período de reconhecimento excitante, faço um pouco de ioga para acalmar meus nervos. Não sei por que tenho borboletas no estômago e uma sensação estranha no peito — bem, além do fato de que provavelmente terei que enfrentar Jack no casamento, mas tanto faz. Eu posso lidar com ele. Eu tenho um plano, lembra? Indiferença educada. Às vezes, um sorriso diz *vai se foder* bem mais alto do que as palavras.

Tomo banho e tomo mais tempo com o meu cabelo, para que, quando terminar, esteja macio e ondulado. Aplico minha maquiagem com cuidado e visto meu vestido. É azul escuro com um decote triangular e tiras de espaguete. O top se encaixa em mim como uma luva, e a saia flui um pouco quando me movo. Eu gostaria de ter um bom par de sapatos para usar com ele, mas eu consegui pegar alguns saltos cor nude no brechó. Eles estão muito desgastados, mas, ei, eram três dólares, então, se durarem a noite, chamarei isso de vitória..

Edith vem ver como estou alguns minutos antes de Tucker chegar.

— Bem, você está muito bonita. Porém tem certeza que você não quer se cobrir? Talvez pegar um cardigã? Eu tenho um casaco de lã que você pode abotoar sobre essa coisa.

— Edith, este vestido não é tão revelador.

— Sim, bem, eu vi o jeito que Tucker olha para você.

— Você é quem insistiu nesse encontro — você praticamente assinou na linha pontilhada para mim!

Ela balança a cabeça com isso, irritada comigo como se eu estivesse deixando algo passar.

— Sim, certo. Tanto faz. Tem certeza de que não quer ir comigo e com Jack? Essas estradas rurais podem ser traiçoeiras.

— Ah, tenho certeza.

— Chuviscou mais cedo, então as estradas são escorregadias. Tucker provavelmente não sabe manobrar tão bem quanto Jack.

— Eu não ligo. De jeito nenhum eu vou entrar em uma caminhonete com Jack.

— Escute, eu não culpo você. Depois que você me contou sobre o que vocês dois brigaram, também não quero estar em uma caminhonete com ele. Podemos deixá-lo aqui, irmos sozinhas?

Tucker estaciona e buzina antes que ela possa me convencer a mudar de ideia.

Ela se despede de mim, sem se preocupar em acenar para Tucker. Não sei por que ela de repente o odeia, considerando o quanto ela me pressionou a ser o par dele.

Jack não aparece.

Enquanto dirigimos em direção à igreja, Tucker e eu temos uma dolorosa conversa no primeiro encontro que faz meus sovacos suarem.

Você teve um bom descanso da sua semana?

O clima está bom, não é?

Que tipo de música você gosta?

Estou com coceira com o quanto isso parece ser um interrogatório.

Ele elogia meu vestido e me diz que esteve animado para me buscar o dia todo. Ele está bonito em um terno azul escuro. Tudo o que falamos é leve e agradável. Eu deveria estar me divertindo. Em vez disso, quase me jogo para fora da caminhonete depois que ele entra em uma vaga de estacionamento.

A igreja fica a uma quadra da praça da cidade. Há carros na rua e Tucker me diz que a maioria dos restaurantes e lojas em Cedar Creek está fechada para a noite, porque muitas pessoas estarão no casamento. Ele não está brincando. Quando entramos na igreja, está transbordando. Não há lado da noiva e do noivo; pra sentar é simplesmente em ordem de chegada. Há uma boa chance de eu acabar no colo de Tucker durante a cerimônia.

Parece que quase todo mundo se conhece e Tucker é muito popular. A cada passo que damos, dois amigos aparecem para cumprimentá-lo. Ele me apresenta a todos e quase todos eles proclamam que gostam de abraçar. Eu

vejo algumas mulheres do yoga, e elas estão animadas por me ver aqui, nos braços de Tucker. Eu recebo alguns polegares notáveis e um alto: *"Vai lá, garota!"* Parece que a cidade inteira o vê como o menino de ouro.

— Vamos — ele diz depois que terminamos de fazer as rondas. — Meus amigos guardaram alguns assentos para nós na frente do altar.

É claro que são necessários mais dez minutos para lutar contra a multidão de pessoas que se reúnem no corredor, mas acabamos chegando ao outro lado.

Um cara baixo de terno cinza acena para nós e Tucker me diz que esse é o melhor amigo dele, Jacob.

— Tucker me falou muito sobre você — diz ele, apertando minha mão com entusiasmo.

Meu sorriso vacila por um momento e, felizmente, Tucker me salva de ter que responder.

— Nada demais, eu juro, apenas disse que tinha uma acompanhante gostosa para o casamento.

Ah!

Um elogio agradável, considerando que toda a minha roupa me custou menos do que um coquetel na Califórnia.

Eu o deixei passar para sentar ao lado de Jacob, então me sento no corredor e viro para examinar a multidão, procurando a única pessoa que ainda não vi. Ele saiu depois de mim, mas a cerimônia deve começar em breve.

Não é difícil encontrá-lo.

Alto, moreno e bonito, Jack se destaca das pessoas ao seu redor.

Ele está sentado no quarto banco do outro lado do corredor, sozinho, olhando para a frente, com o queixo travado. Ele está focado no altar como se estivesse pensando profundamente. Enquanto isso, a vida continua ao seu redor — conversas e risadas entre os adultos, risada das crianças pequenas. Ele está separado de tudo, uma nuvem negra no meio daquela igreja. Ele não se vira para cumprimentar ninguém e, por sua vez, todo mundo havia lhe deixado de lado. Eles o descartaram completamente. Até Edith o abandonou, optando por sentar-se com seus amigos do clube de leitura do outro lado da igreja.

Eu o estudo disfarçadamente enquanto Tucker fala com seus amigos. Seus ombros largos estão vestidos com um paletó preto — aquele que eu o imaginei vestindo no dia em que organizei seu armário. Seu cabelo escuro é

domado e sexy, e seu queixo forte é barbeado. Ele poderia ser tão popular, tão amado, se apenas deixasse isso acontecer.

Estou focada como se fosse tentar pintá-lo da memória mais tarde, quando seus olhos cortaram para mim, como se ele soubesse que eu estava lá o tempo todo. Uma cascata de arrepios desliza pelo meu corpo e eu dirijo minha atenção de volta para o altar. Meu coração bate forte. Minha respiração está irregular. Felizmente, posso apenas fingir estar emocionado com o santo matrimônio prestes a acontecer diante de mim.

O status de solitário de Jack não passa despercebido. Um dos amigos de Tucker menciona isso.

— Acha que alguém deveria salvar o pobre rapaz? Eu me sinto meio mal.

Tucker zomba. — Ele faz isso consigo mesmo com aquela atitude maldita.

Eles riem e concordam, e eu fico sentada lá mordendo minha língua. Meu instinto é defender Jack, mas como? Ao admitir que ele também me tratou mal? Ao confirmar que ele é tão mau quanto todos pensam que ele é?

— Você não concorda, Meredith?

Não.

Suas ações podem ser indefensáveis, mas eu não vou criticá-lo com todos os outros.

Balanço a cabeça. — Ele é legal.

— Você poderia concorrer a um cargo com uma cara de pôquer assim. — Jacob ri com vontade. — Você mora naquela propriedade com ele dia após dia. Ele provavelmente arrancou sua cabeça mais vezes do que você pode contar.

— Sim, bem, eu revidei. — *Agora cale a boca.*

Tucker ri e passa o braço em volta do meu ombro, me puxando. — Essa é minha garota.

Eu arrisco outro olhar para Jack e, se possível, ele parece ainda mais irritado e mal-humorado do que há um minuto atrás. Suas sobrancelhas estão franzidas e sua atenção está mais uma vez no altar à frente, inabalável. Eu quero quebrar seu crânio como um molusco e ler seus pensamentos. *Por que você está sozinho? Por que você teve que me afastar?*

O grupo de amigos ao meu redor continua conversando, mas não percebo a conversa deles. Minha atenção está em Jack até Dotty caminhar até o banco e perguntar se ela pode se sentar ao lado dele. As sobrancelhas dele arqueiam de surpresa e ele se aproxima, dando a ela o assento do corredor.

— Por que você está sorrindo? — Tucker diz, seguindo o meu olhar.

Eu pisco e penso rápido, apontando para algum arranjo floral a alguns metros além do banco de Jack. — Eu estava pensando que essas são algumas das rosas mais bonitas que eu já vi.

Ele ri e esfrega o polegar ao longo do meu ombro. — Você gosta tanto assim de rosas? Certamente lembrarei disso.

Eu forço meus ouvidos para tentar entender um pouco da conversa de Jack e Dotty, mas há muitas pessoas nos separando. Alguns minutos depois, eu pego sua risada, profunda e gutural, e meu intestino se aperta.

Então a cerimônia começa e todos nós ficamos assistindo Leanna andando pelo corredor. Pela primeira vez desde que cheguei, não tenho problemas em manter minha atenção em alguém que não seja Jack. Ela caminha em direção a Daniel com o maior sorriso no rosto e lágrimas de felicidade escorrendo pelo rosto. O seu vestido de noiva é incrível. Ela optou pelo visual completo da princesa e está valendo a pena – ela está de tirar o fôlego. Daniel obviamente concorda, o olhar de pura adoração em seus olhos gerando mais do que algumas lágrimas na plateia.

É uma experiência inebriante assistir um casamento começar a saber que o meu está em processo de dissolução. Penso nisso, enquanto Daniel e Leanna fazem seus votos, encarando os olhos um do outro e prometendo permanecer juntos na alegria e na tristeza. Fiz esses mesmos votos e uma parte de mim se sente culpada por estar quebrando-os. Então me lembro de que Andrew era uma pessoa diferente quando nos casamos, alguém em quem eu confiava para cuidar de mim e proteger meu coração. Ele escolheu quebrar nosso contrato muito antes de mim.

Talvez eu deva ser cínica sobre o casamento agora, mas não sou. Nem todo homem é como Andrew. Há Danieis flutuando ao redor do mundo, você só precisa ficar de olho neles. *Ah sim, Meredith? E os Jacks do mundo? O que você faz por eles?*

Olho para vê-lo se mexendo no banco. Ele inclina a cabeça em direção à parte de trás da igreja e depois examina a multidão, pulando de pessoa para pessoa antes de aterrissar em mim. Nossos olhares se encaixam no lugar como duas peças de quebra-cabeça. Desta vez, nenhum de nós desvia o olhar. Seus olhos escuros são tudo o que vejo.

O pastor fala enquanto Leanna e Daniel trocam anéis: — Que esses anéis sejam um símbolo visível do amor que une esses dois jovens corações. Que eles sirvam como um lembrete diário das promessas que você fez aqui hoje.

Eu sei que as palavras não são para nós. Não somos os que estão de pé sobre o altar, mas não consigo desviar o olhar, e ele também não.

— Meredith, — sussurra Tucker. Eu jogo meu olhar de volta para o altar, como se ele tivesse me pegado em flagrante. — Você precisa de um lenço?

— Oh, não, obrigada. — Eu não estou chorando. Na verdade, eu tinha esquecido completamente do casamento.

Eu dou outra olhada rápida e descubro que Jack está voltado para a frente novamente.

Enquanto os noivos tiram fotos com seus familiares após a cerimônia, a maioria de nós caminha um quarteirão até a recepção. Fica no meio da praça da cidade, no parque ao redor do tribunal. As luzes cintilantes brilham no alto e todas as mesas estão cobertas por toalhas vermelhas e brancas de algodão. Para as peças centrais, os frascos de pedreiro são preenchidos com girassóis e rosas brancas. Os barris de uísque são servidos como mesas de coquetel e a bebida flui em todas as direções. Tucker vai me pegar uma taça de vinho enquanto eu fico com seus amigos. Eles são realmente legais e, apesar de todos terem crescido juntos, não me fazem sentir como alguém de fora. Jacob até promete que me ensinará a dançar dois pra lá e dois pra cá depois de descobrir que nunca fiz isso antes. Todos se apegam a isso, completamente chocados por eu existir há 28 anos sem nunca ter pisado em um bar de música country.

— Aqui está. — diz Tucker, juntando-se ao grupo com uma Corona para si e um copo de vinho branco para mim. — Sauvignon blanc, espero que esteja bom para você.

O vinho é delicioso, tão fresco e refrescante. Já faz um tempo desde que eu provei um vinho tão bom, e tomo uma nota mental para me segurar ou vou me fazer de boba na pista de dança mais tarde com Jacob e Tucker.

Depois que a noiva e o noivo aparecem, eles abrem duas filas de buffet e todo mundo trabalha rapidamente para empilhar seus pratos com churrasco no restaurante Blue Stone. Estou carregando meu prato de volta à mesa do nosso grupo quando avisto Jack.

O que há em um homem bonito sentado sozinho que faz seu coração doer, mesmo que você saiba que o homem bonito está sentado sozinho por um motivo muito bom? Ele provavelmente ofendeu metade das pessoas presentes e, no fundo, sei que não deveria desistir dele.

Não!

Afasto o sentimento.

Não vou marchar até lá e salvá-lo. Ele teve atitudes ruins e agora pode arcar com as consequências. Sigo Tucker de volta à mesa e começo a comer. Enfio um pouco de salada de batata na garganta e depois mordisco um pouco de pão, mas não tenho apetite e não consigo lidar com o pensamento de Jack sentado sozinho durante toda a recepção do casamento.

Deus me ajude.

Eu me viro para Tucker e ofereço um sorriso fácil. — Eu volto já.

22

JACK

Edith me convenceu a vir para este casamento. Eles não são realmente a minha praia. De fato, dada a escolha entre assistir a um casamento e fazer um tratamento de canal, eu me inclino para trás e digo: *Ahhhh*.

Daniel é um cara legal, e ele trabalha para mim há anos. Estou feliz por estar aqui agora, embora pretenda sair assim que eles cortarem o bolo. Eu odeio casamentos; eu não odeio bolo. Talvez eu possa convencer Edith a pegar outro pedaço pra mim quando sair. Ao contrário da maioria dos mais velhos que reclamam do atraso da hora, ela vai ficar aqui até tudo terminar, exceto que ela não vai concordar com a ideia do bolo. Ela não está falando comigo agora. Ela está chateada comigo por causa da minha briga com Meredith.

"Você acha que ela deixou o marido por atenção?! Quão grosso é esse seu crânio?"

Essas foram as palavras exatas dela. Então, ela me chamou de idiota e bateu na minha nuca antes de sair da sala.

Eu me pergunto se estou mesmo tão errado sobre Meredith. Eu achei que era a única pessoa em Cedar Creek pensando claramente sobre essa mulher, mas acho que é possível que o oposto seja verdade. Eu não deveria ter confiado no julgamento de Helen sobre sua própria irmã? No dia em que ela apareceu, ela se encaixou no estereótipo que eu tinha sido avisado: linda, embonecada, teimosa. Ela não parecia um pássaro ferido para mim. Inferno, ela me bicou em cada chance que teve.

Eu pensei que finalmente tinha a atingido no meu escritório outro dia.

Expressei todas as minhas suspeitas e depois observei, esperando a fúria, a raiva e as mentiras. Eu sabia que ela negaria tudo, e ela negou, mas algo pareceu... errado. Eu nunca vi a mágoa como vi nos olhos dela. Minhas palavras não eram apenas insultantes, mas machucaram profundamente o orgulho dela. Percebi naquele momento que minhas acusações poderiam estar fora de linha.

Eu odeio admitir um erro, porque tento muito não cometê-los, mas há uma possibilidade de que eu esteja errado. Ok, há mais do que uma possibilidade. Tenho certeza de que ela não ficaria tanto tempo por aqui se estivesse apenas tentando incomodar o marido. Fui dito que ela era egoísta e mimada, mas, além do adiantamento, ela não pediu mais nada. Ela trabalhou muito e depois mais ainda. Eu nunca disse que ela tinha que fazer biscoitos para os funcionários ou organizar o meu armário. Ela trabalhou por mais horas do que qualquer outra pessoa além de mim, e eu agradeci — como eu a agradeci? Ah, sim, eu a acusei de ser uma namoradeira mimada e sem coração. Cara, eu tenho jeito com as palavras.

Christine estaria uivando de rir se pudesse me ver agora, sentado sozinho em um casamento — bem, não totalmente sozinho. De alguma forma, acabei na mesa das crianças. Elas deveriam se comportar e comer o jantar, mas entre você e eu, o garoto de cabelos castanhos — aquele que me lembra de mim mesmo — está agindo como um idiota, colocando meleca no vestido da garota ao lado dele. Eu digo para ele parar e seus olhos se arregalam de medo. É praticamente da mesma maneira que todo mundo me olhou hoje à noite. Gostaria de saber se as crianças ao redor de Cedar Creek pensam em minha casa como a casa escura, assustadora e mal-assombrada na rua sem saída. Aparentemente, criei uma reputação para mim.

É por isso que estou aqui sozinho.

Meredith não está sozinha no entanto. Mesmo agora, todos os amigos de Tucker estão em volta dela, comendo na palma da sua mão. Ela tem jeito com as pessoas. Ela faz as pessoas rirem e coloca estrelas em seus olhos. Dois dias atrás, eu a acusei de usar o charme dela por interesse, mas agora eu não tenho certeza se esse não é o efeito natural dela sobre as pessoas. *Adicionar isso na lista de coisas pelas quais eu preciso me desculpar.*

Empurro o churrasco no meu prato porque não aguento dar mais nenhuma mordida.

Pego o movimento pelo canto do olho. É o irmão de Daniel andando — um cara legal com quem eu saí uma ou duas vezes. Eu sorrio e puxo uma

cadeira para ele se sentar.

— Oh, na verdade eu só ia perguntar se alguém estava usando a cadeira...

O garoto problemático ri. Somos apenas ele e eu na mesa agora. Parece apropriado.

— Eles dizem que você é mau como o diabo.

— E o que você acha?

Ele olha para o topo da minha cabeça, em busca de chifres vermelhos.

— Eu acho que é verdade.

— Bem, você vai descobrir se continuar mexendo com a garota que estava sentada ao seu lado mais cedo.

Ele faz uma careta e sai andando.

— Ah, sim, e também se você não comer seus vegetais!

Me afasto da mesa e vou para o bar. Eles estão servindo vinho Blue Stone hoje a noite. Doei algumas garrafas como presente de casamento para Daniel, além de um cheque gordo e uma semana de folga do trabalho. Aparentemente, ele vai levar Leanna para Cancun. Eu poderia fazer uma viagem para lá ainda este ano; eu poderia usar alguns dias longe da fazenda. Percebo neste momento que Christine tentou por dois anos me fazer tirar férias e eu rejeitava toda vez. O problema é que eu não queria ir com ela. Agora, a morena mal-humorada que odeia minhas entranhas? Eu não me importaria de estar em uma praia com ela. Piña coladas, biquíni de coco, linhas bronzeadas… *sí señora.*

Estou pensando na perspectiva quando ela aparece ao meu lado no bar. Eu não falo com ela há dois dias e agora aqui está ela, ao alcance de um braço.

Olho para ela e ofereço um sorriso conciliatório.

Ela não responde.

— Você acabou de furar a fila — brinco, tentando puxar algum tipo de conversa dela.

Ela me ignora, pede outro sauvignon blanc e depois diz ao barman para colocá-lo na minha conta.

Eu sorrio mais largamente. — É open bar.

Ela emite um *humph* irritado e depois gira nos calcanhares. Antes que eu saiba o que estou fazendo, minha mão se estende e eu a pego pelo cotovelo, girando-a de volta para mim e gentilmente a levando para longe do bar.

— Ainda chateada comigo? — Eu pergunto, me inclinando para tentar encarar seus olhos azuis. Hoje à noite eles estão mais elétricos do que nunca,

vivos com desdém por mim.

— Chateada é dizer o mínimo.

A voz dela é cortante, mas a minha não.

— Justo. Ainda assim, eu vi você me observando durante a cerimônia.

— Estávamos em uma igreja, então eu estava esperando para ver se você entraria ou não em combustão espontânea. Eu não queria perder isso.

Estou sorrindo, mesmo sabendo que não deveria estar. Eu simplesmente não posso evitar. Ela é engraçada.

— Dance comigo.

Seus olhos se transformam em dois discos enormes.

— Você está brincando.

Nunca brinquei menos.

Minha mão solta o cotovelo dela e eu estendo a palma da mão, esperando ela aceitar.

— Não diga não.

Não com todos olhando..

Ela olha para a minha mão como se fosse uma cobra.

— *Acabei* de comprar uma bebida para você.

— É open bar — ela aponta, jogando minhas palavras de volta para mim.

— Sim, mas esse é o vinho Blue Stone.

Ela zomba do copo e o coloca em uma mesa próxima.

Não tenho escolha a não ser resolver o assunto com minhas próprias mãos. Ela não vai aceitar dançar comigo — e ela não deveria — então eu só vou ter que guiá-la para a pista de dança enquanto ela está atordoada demais para me rejeitar.

Eu a puxo em meus braços, apreciando a música lenta tocando nos alto-falantes. Suas mãos pendem como macarrão mole ao seu lado e eu a puxo para mais perto. Nós não estamos quadril com quadril, mas não estamos muito longe.

— Por que você quer dançar comigo? — ela pergunta, sua voz desprovida de qualquer raiva real. — Depois de tudo o que você disse em seu escritório, estou surpresa que você possa sequer olhar para mim.

— Você deveria colocar as mãos nos meus ombros —, eu digo, ignorando a pergunta dela. — Ou se você estiver se sentindo bem, pode colocar os braços em volta do meu pescoço.

— Isso pode dar às pessoas a ideia de que eu gosto de você. Onde devo colocar minhas mãos para mostrar que *não suporto você*?

Sua provocação recebe alguns olhares desconfiados e risadas estranhas dos casais dançando ao nosso redor.

— Acho que não sou a única que pensa que você é um idiota. — continua ela, disparando tiros a cada chance que tem.

Eu sorrio. — Alfred não acha que eu sou um idiota.

Ela bufa. — Você não merece Alfred.

Finalmente, resignada, ela move as mãos timidamente para os meus ombros. Aproveito a oportunidade para nos aproximar um pouco mais. Ela se parece bem nos meus braços, embora todos os átomos dentro dela estejam tentando se afastar de mim. Um cara mais educado respeitaria isso e se afastaria, mas acho que estabelecemos que não tenho muito respeito a perder pelos olhos dela.

— E você? — eu pergunto gentilmente. — Você me odeia?

O olhar dela está focado na beira da pista de dança, com o perfil voltado para mim. Ainda vejo a raiva crescendo por trás de seus olhos azuis. — Odeio.

— Então eu não vou tentar fazer você mudar de ideia.

Ela assente. — Não há sentido. Você não vai me convencer de que não passa de um idiota arrogante.

— Que bom que isto está resolvido.

Minha capitulação só a deixa mais brava. Ela está louca por uma briga, mas estou pronto para me humilhar e me desculpar.

— Não. Quer saber? — Seu temperamento explode. — Em um segundo você está quente, no outro frio. O que você disse em seu escritório foi imperdoável.

— Eu concordo completamente.

Ela olha para mim e espero que ela possa ver o arrependimento enterrado lá. Por um segundo, acho que sim, mas depois ela balança a cabeça e tenta se afastar.

— Por favor não vá. Todo mundo está nos observando.

Sua expressão quebra e eu sei que a tenho. O coração dela é grande demais para ir embora agora. Ela não vai me envergonhar.

— Isso não é justo. Não quero dançar com você, não depois do que você disse.

— Eu quero pedir desculpas.

— Eu não aceito.

Eu abaixo minha voz. — Olhe, Helen criou uma imagem sua no início

que não era bonita, e eu não sabia nada mais para não acreditar nela. Mas estou começando a ver que ela não o conhece melhor do que eu há três semanas.

— Eu não quero ouvir isso.

Inclino minha cabeça e sussurro contra seus cabelos. — Meredith, me desculpe. Eu queria ter certeza de que você não era a pessoa que eu pensava que era. Depois que vi sua reação no meu escritório, percebi que estava errado.

— Oh sim? É por isso que você precisou de dois dias para se desculpar?

— Não é uma coisa fácil para mim. — Eu sorrio. — Além disso, você pode ser muito esquentadinha também. Eu sei como é precisar de tempo para esfriar.

Ela é uma bola de raiva ardente nos meus braços. Na verdade, tenho certeza de que ela está pensando em me dar um soco na mandíbula.

A música termina e ela finalmente se afasta, enxugando o canto do olho. *Porra*. Eu a fiz chorar.

— Eu quero ir para casa.

— Eu levo você.

— Vou pedir pro Tucker.

— Ele está bebendo.

Eu o vi tomando uma cerveja antes, então tecnicamente não estou mentindo.

— Então eu vou pedir Edith.

Edith, mulher inteligente como ela é, diz a Meredith que ela não está pronta para ir ainda.

— Apenas mande Jack te levar. — diz Edith, apontando para mim.

— Eu vou andando.

Edith balança a cabeça severamente. — Minha professora de yoga não vai acabar sendo comida de coiote.

Meredith faz uma pausa, como se realmente estivesse pensando em escolher um passeio de carro comigo ou ser comida de um bando de cães selvagens. Para ela, é uma decisão difícil.

Felizmente, ela tem bom senso para concordar, mas Tucker não está feliz com isso. Quando eu ando com ela para me despedir, seus olhos estão focados em mim acusadoramente.

— Você realmente quer ir embora? Você não quer ficar para o bolo e o buquê? Eu pensei que as mulheres amavam essas coisas.

Ela oferece um sorriso fraco. — Obrigada, mas estou cansada. Eu tive uma longa semana e finalmente fui pega.

— Você tem certeza que quer ir com ele? — Seus olhos se voltam para mim. — Eu poderia te levar.

— Ela tem certeza.

A volta para casa é tensa e silenciosa. Meredith está se mexendo no banco do passageiro, com os braços cruzados, olhando pela janela. Não posso deixar as coisas como estão. Eu sei que ela ainda está chateada comigo e quero que ela ponha para fora, grite comigo como se quisesse voltar para a pista de dança.

Saio da estrada principal, descendo uma rua que leva à antiga pedreira. Nos dois lados da estrada de terra, pés de milho se projetam em direção ao céu. Não há nada na noite além dos meus faróis. Estamos sozinhos.

Parei a caminhonete, desliguei o motor e virei para Meredith.

— Entendi, você se sente enganada – quer discutir — digo calmamente. — Ok, então, vamos discutir.

23

MEREDITH

Estamos estacionados em uma estrada de terra no meio de um milharal, e não tenho ideia de onde estamos ou como voltar para o rancho daqui. Eu deveria estar prestando atenção enquanto estávamos dirigindo, mas estava muito ocupada o ignorando. Está escuro lá fora. Se eu saísse e tentasse andar, acabaria marchando cegamente até a boca de um leão da montanha.

— Você quer discutir. Ok, então, vamos discutir.

É o que ele me diz.

Eu me viro para ele no momento em que ele desliga o motor e se vira para me encarar no assento.

— Eu não quero discutir.

Eu não tenho energia. Estou tão cansada, tão derrotada. Não posso continuar fazendo cara de corajosa para o mundo. Eu usei toda a minha confiança, queimei toda a minha falsa bravura. Quase chorei na pista de dança e estou perigosamente perto de chorar agora. Depois de começar, acho que não vou conseguir conter o fluxo de lágrimas.

— Que tal a gente conversar então?

Eu balanço a cabeça e me viro para o milharal.

— Me leva para casa, por favor.

Nós ficamos sentados aqui por mais alguns minutos, mas então ele suspira religa a caminhonete e voltamos para a estrada principal.

Quando chegamos em casa, eu pulo para fora da caminhonete antes mesmo que ele estacione e corro para dentro da cabana. Eu não o agradeço pela carona e definitivamente não fico perto para poder ouvir mais uma das

desculpas dele. Eu estou tão cansada das pessoas, do vai e vem, da montanha russa emocional. Talvez eu devesse ir viver em uma ilha isolada em qualquer lugar, só eu e um monte de porcos nadadores selvagens. Isso soa fodidamente perfeito.

Eu saio do meu vestido e chuto os meus sapatos. Eu visto uma das camisas de Jack — a que eu não devolvi para ele com as outras alguns dias atrás — e encaro a minha cama. Ainda está cedo. Eu estou muito nervosa para ir dormir. Eu quero algo forte para beber — uma bebida grande, alguma coisa maior que um shot mas menor que uma piscina. Eu vou até a janela e checo a casa. A luz do quarto de Jack está acesa, mas está escuro no andar de baixo. Eu poderia ir até o armário de bebidas e sair sem que ele perceba.

Por limpar lá eu sei que está bem abastecido. Eu hesito, não muito afim de ter outro confronto com ele, mas a minha necessidade por álcool acaba vencendo. Eu sou o agente especial Tom Cruise entrando e desviando dos lasers vermelhos enquanto eu atravesso na ponta dos pés pelo gramado e abro a porta devagar. Alfred está aqui, balançando a cauda, empolgado pela minha visita surpresa.

— Shhhh — eu sibilo, fazendo carinho atrás das orelhas dele antes que ele comece a pular ou algo assim. — Vá embora — você não percebeu que eu estou brigada com o seu humano? Para de acertar a parede com o seu rabo! Você está fazendo muito barulho.

Faço uma pausa e escuto Jack, ouço passos lá em cima e sei que estou livre. Eu corro em direção ao armário de bebidas, agarro o que quer que minha mão caia primeiro e depois corro de volta para fora.

Alfred me segue, agindo como meu cúmplice, e juntos, voltamos para a cabana. Quando entramos, bato a porta e pressiono minhas costas contra ela. Missão: Possível, aparentemente.

Olho para minha recompensa. Consegui pegar uma garrafa de Jack Daniels. Apropriado. Eu me sirvo um pouco e engasgo com um pouco na boca quando tomo meu primeiro gole.

— É tão ruim — digo a Alfred, tentando engolir o resto.

Ele me olha com olhos tristes e questionadores, como se dissesse: *Hmm, e eu que pensei que você não era uma covarde.*

Eu concordo. — Você está certo. Aqui vou eu.

Eu bebo do meu copo em um gole longo, depois me sento no chão e acaricio Alfred.

Continuo assim por um tempo, por tanto tempo que perco a noção do

tempo, do espaço e do número de vezes que me forcei a engolir mais licor marrom nojento.

O que eu sei é que o álcool é ótimo e Alfred é muuuuito macio. Meus dedos estão formigando. Eu esqueço que tenho algum problema. Não conheço nada além dessa pequena cabana e deste adorável golden retriever lambendo meus dedos dos pés. Estou deitada no tapete, espalhado como um anjo da neve.

— Estou pensando em mudar para o México. — digo a Alfred. — Entendo que a maioria das pessoas só foge para o México se cometeu um crime, mas o que há de errado em fugir da moda? Eu tenhoqueroubarumbanco ou algo assim para EXPLICAR fugir dos meus problemas?

Ele brinca ao meu lado.

— Claro, você pode vir comigo, se quiser. Eu só preciso te ensinar seus comandos em espanhol para não nos destacarmos. Okay, Oi é Hola. Senta é siéntate. Ficar é... não sei, vamos com... *estée lauder*.

Um punho bate na porta da cabana e me faz gritar de susto.

— Relaxe. — diz Jack do lado de fora. — Sou eu. A porta estava entreaberta na casa da fazenda, por isso estou apenas me certificando de que Alfred não fugiu. Ele está aí com você?

— Uhh... — Olho para o cachorro em questão. Ele lambe meu pé. — Não! Mas tenho um pressentimento muito forte de que ele está bem!

— Ele estava em casa quando cheguei, mas agora não consigo encontrá-lo.

Aparentemente empolgado por ouvir a voz de seu dono, Alfred se põe de pé e vai até a porta, coçando-a com a pata.

— Alfred? — Jack pergunta, aparentemente ouvindo o coçar.

Penso em dizer a ele que sou eu, gravando marcas de escotilha na parede como um prisioneiro contando meus dias.

Alfred gane.

Cubro meus olhos com o braço. — Ugh, tudo bem. Ele está aqui.

A porta se abre e o dono e o cachorro se reencontram. *Whoop dee doo*. Não tenho energia para sair do chão... ou abrir os olhos.

— Meredith?

— É como eles me chamam.

— Você está bêbada?

— Qual é com as vinte perguntas?

— Você bebeu toda a garrafa de Jack?

Depende de quanto tinha quando comecei – não me lembro.

— Quem pode dizer, realmente, hoje em dia?

— Por que você está no chão?

— Por-*que* é confortável e minha cama de solteiro não é grande o suficiente para Alfred *e* eu.

Ele entra na cabana e tira o copo de bebida da minha mão.

Ainda tenho o braço jogado sobre os olhos, mas ouço o que ele está fazendo. — Ei, eu ia beber isso.

— Eu acho que você já bebeu o suficiente.

— Lá vai você de novo, com os *eu achos*. Eu acho *isso* sobre Meredith, eu acho *aquilo* sobre Meredith. Bem, adivinhe? Não preciso que Jack me diga quando já bebi demais... JACK. Pffffff. Agora por favor saia.

— Não até ter certeza de que você não ficará enjoada. Não me lembro de quanto licor tinha naquela garrafa.

— Ok, mas você pode fechar a porta? Você está deixando todo o ar fresquinho sair.

Ele se move, então eu o ouço tirar os sapatos e me sentar na minha cama. Enquanto isso, estou deitada na forma de um contorno de giz de um homicídio, com as pernas espalhadas pelo chão.

— Eu não sabia que você bebia. — ele diz gentilmente.

— Eu não bebo. Eu odiei cada gole. Alfred me pressionou.

— Cuidado com ele, ele também é um grande fã de tatuagens.

— Ha ha, homem engraçado. Agora, fique quieto. Eu estava no meio de chafurdar e não terminei. Você pode ficar, mas precisa parar de me fazer perguntas.

A cama range e talvez ele esteja ficando confortável onde eu durmo. Talvez ele esteja deixando seu perfume sexy nos meus cobertores. Vou ter que lavar tudo duas vezes amanhã de manhã, ou poderia deixar o cheiro dele lá... talvez não seja tão ruim. Eu empurro o pensamento desonesto para o lado e tento voltar ao que eu estava pensando antes dele me interromper com tanta grosseria. Ah, certo, México. *México*... não me lembro por que estava pensando no México. Eu gemo, afasto meu braço e me sento, os olhos piscando abertos enquanto tento encontrar meu equilíbrio.

Jack está sentado na cama, como eu imaginava, exceto que ele não está mais de terno. Como eu, ele se trocou quando chegamos em casa. Calça de moletom e camiseta – que adorável da parte dele.

— Você já está aqui há tempo suficiente para confirmar que não vou ficar enjoada?

A ponta de sua boca sexy se inclina como um emoji sorridente. — Não.

Eu olho para longe. — Certo.

— Por que você estava bebendo?

— Você.

Suspiro e deito no tapete. Minha cabeça está girando.

— Você está bem?

Eu levanto os dois polegares. — Bem.

— Por que eu te levei a beber?

— Porque você machucou meus sentimentos na quinta-feira.

— Sinto muito por isso, Meredith.

— É, eu já ouvi isso antes. Eu conheço a rotina. É assim: faça-me apaixonar por você, seja mau comigo, peça desculpas e depois faça de novo. É a mesma coisa que Andrew costumava fazer.

— Ele foi mau com você?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Como ele foi mau para você?

Há um longo silêncio enquanto olho para o teto.

— Eu não quero falar sobre isso. — Enuncio as palavras como se cada uma delas compusesse sua própria sentença.

— Que tal uma troca? — ele incita. — Um segredo por outro?

— Eu conheço todos os seus segredos.

— Ah é?

— Edith me contou sobre o acidente de seus pais. Ela me contou como você mudou. É por isso que eu sei que você não é tão mau quanto finge ser.

— Você me disse na quinta-feira que eu era a pessoa mais má que você já conheceu.

— Ainda pode ser verdade, mas eu só queria fazer você se sentir mal por me machucar.

— Viu? Você já começou. Isso é um segredo.

Isso não foi tão ruim, eu acho.

— Me diga um dos seus.

Olhando para o teto, é como se eu estivesse deitada no sofá de um terapeuta. É quase como se ele não estivesse aqui, como se não estivéssemos conversando.

— Tudo bem. Eu realmente gosto da sua comida. — Ele admite.

Eu sorrio e então paro rápido antes que ele veja. — Isso não conta. Todo mundo gosta da minha comida. Eu quero um de verdade.

— Ok, tudo bem. Você quer ir fundo? — Ele pensa por um segundo, e então suspira. — Pelo jeito que eu vejo, existem apenas algumas pessoas que se importam com você nessa vida. Eu não estou falando dos amigos que você encontra nas festas do Super Bowl. Eu estou falando de pessoas que levariam um tiro por você. Não existem muitas, para muitas pessoas.

— Eu sei do que você está falando.

— Eu costumava ter três pessoas assim, e então meus pais morreram, eu perdi duas dessas pessoas. Agora somos só eu e Edith.

Eu viro minha cabeça para olhar para ele. Ele está me encarando da beirada da cama. Eu acho que ele esteve me olhando todo esse tempo, me estudando com uma emoção indecifrável nos olhos. É aquele olhar que tira a verdade da minha boca.

— Você quer saber algo ainda mais triste? — Eu engulo e desvio o olhar, de volta à segurança do teto. — Eu não acho que tenha alguém.

— E os seus pais? Helen?

— Claro, no papel, eles são a minha família, mas eu não sou próxima deles. Eu mal os conheço.

Quando ele fala de novo, tem um remorso na voz dele. Tão pesado e triste que parte meu coração.

— No meu escritório, quando eu disse que você não tinha nenhuma família ou amigos aqui...

— É aquilo acertou fundo.

— Eu sinto muito.

Eu seco a lágrima descendo pela minha bochecha e balanço a cabeça.

— Esse jogo é uma droga.

— É a minha vez.

— Bem. Mande algo suculento.

— Eu fiquei com ciúmes porque você foi ao casamento com Tucker.

Isso *é* suculento.

— Quão enciumado?

Quando ele não responde, eu me viro para descobrir que ele ainda está me estudando, exceto agora que seu olhar está na camiseta, a minha blusa de pijama preferida. Eu me pergunto se ele está irritado por eu não ter devolvido junto com todas as outros.

Me sento e viro para encará-lo, de pernas cruzadas no tapete.

— Se isso ajudar, todas as mulheres no casamento estavam admiradas por você, exceto Leanna. Você pode ter passado uma vibe meio saiam daqui, mas se tivesse sorrido para qualquer uma delas, teria feito ela se apaixonar por você no local.

Ele inclina a cabeça para o lado. — Eu sorri para você e, pelo que me lembro, você quase me largou na pista de dança.

— Essa era uma situação diferente.

— Certo. — Ele franze a testa, e talvez seja o álcool, mas eu juro que ele está me olhando com desejo. Sim, ele definitivamente está: é o mesmo jeito que Alfred olha para a tigela de comida dele.

— Minha vez? — Eu digo rapidamente, ansiosa para acabar com a tensão começando a se formar nessa cabana pequena. — Ok, aqui está o meu: estou realmente chateada por não comer um pedaço de bolo de casamento. Eu realmente queria uma fatia.

Ele sorri. — Fofo. Agora, é a sua vez.

— Essa *foi* a minha vez.

— Eu acabei de dizer que sinto que estou sozinho neste mundo.

— E confessei que tenho um vício em açúcar.

Parece igualmente importante para mim.

— Tudo bem. OK. — Eu balanço minhas mãos pelo ar e me afasto, olhos estreitos na direção do espelho do meu banheiro. Ele quer honestidade? Ele está prestes a ter honestidade. — Eu acho que você é bonito, g-o-s-t-o-s-o.

— Quão bonito?

Eu o repreendo com o meu olhar, e ele nem tem decência de esconder sua arrogância.

Suficiente. Eu já tive o suficiente. Eu empurro para ficar de pé e arranco até a porta.

— Que tal transformar isso em um jogo de verdade ou desafio? — Eu brinco. — Eu te desafio a deixar essa cabana agora.

— Esse é um desafio terrível.

— Tudo bem, verdade: você quis dizer todas as coisas que disse no seu escritório? Você realmente pensa tão pouco de mim?

— Meredith, eu estava errado. Eu estava com raiva, com ciúmes e preocupado que você fosse boa demais para ser verdade. Eu sinto muito.

Quero me afundar em cada palavra que ele acabou de dizer, mas estou muito bêbada e já esqueci metade delas.

Eu concordo. — Certo, tudo bem. Vamos esquecer isso.

— Como Andrew era mau com você?

Eu fecho meus olhos com força. Eu sabia que ele iria trazer isso de volta, sabia que ele não seria capaz de deixar isso para trás. Aprendi da maneira mais difícil que é melhor manter a boca fechada quando o assunto for o meu casamento. As razões estão empilhadas uma sobre a outra neste momento: tenho vergonha de ter me colocado nessa situação em primeiro lugar. Tenho vergonha, por ter ficado tanto tempo quanto fiquei. Hesito em chamá-lo de abusivo e em me abrir sobre as coisas que Andrew costumava dizer, porquê, na verdade, teria que reconhecer que fui vítima. Eu não gosto dessa palavra. Não quero usá-la como um albatroz no pescoço. Eu só quero seguir em frente.

Todas essas são boas razões, mas ainda há mais uma: Eu já *tentei* falar sobre Andrew no passado e não foi bem.

Honestamente, por que eu me importo se Jack sabe a verdade sobre o meu casamento? Até alguns dias atrás, ele tinha suposições incorretas sobre mim e minha vida como adagas afiadas. Talvez ele tenha percebido o erro de seus pensamentos agora, mas ainda estou irritada. Quero citar Clark Gable e dizer: *Francamente, meu querido, não dou a mínima.* Não dou a mínima para o que ele pensa de mim ou de minhas escolhas.

Não mais.

— Meredith.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Como Andrew foi mau com você?

— Eu disse que não quero falar sobre isso.

Acho que estou fazendo um bom trabalho em expressar minha resistência quanto a esse tópico, mas ele não é tão facilmente influenciado.

— Gostaria de saber o que ele fez com você.

Jesus Cristo! Ele não vai desistir.

Eu bato a porta novamente e balanço minhas mãos em derrota. — Era o jeito que ele falava comigo. Foram as coisas que ele me dizia... as coisas de que ele me chamava.

Aqui, ele tem sua resposta.

— Como o quê?

— Isso importa? — Eu passo para endireitar uma toalha pendurada perto do chuveiro. Então eu vou checar Alfred.

— Você não precisa me dizer se não quer, mas deve conversar com alguém sobre isso.

— Eu já conversei com alguém — resmungo — e não acabou bem.

— Por que não acabou bem?

— Porque é difícil de explicar! Não faz sentido para outras pessoas. Se eu estava vivendo com um monstro abusivo, por que não fui embora? Ele não estava me mantendo em cativeiro, não estava ameaçando me matar se eu fosse embora. Ele era um idiota tão manipulador que levei anos para perceber o que ele era, o que eu me tornei! Isso não faz sentido. Ele é uma pessoa feliz e extrovertida. Para o mundo, Andrew Wilchester é perfeito. Ninguém quer acreditar que ele tem outro lado — apenas pergunte a Helen.

— Você contou a ela sobre o abuso?

O jeito que ele diz a palavra faz minha pele arrepiar. Eu não gosto desse rótulo. Não quero reivindicar isso.

— Eu tentei.

— E ela não quis ouvir?

Ele parece zangado, mas tomo cuidado com minhas próximas palavras. Helen me ajudou a conseguir esse emprego; Não quero traí-la.

— Ela não estava tentando me machucar. Nós não somos próximas — a culpa é minha. Eu escondi a verdade dela por muito tempo, e agora é tarde demais. Para ela, é tudo tão confuso. Ela quer que eu me reconcilie com ele.

— Foi o que ela me disse que aconteceria. — Sua voz é firme e calma. Tenho inveja da sobriedade dele. — Ela disse que você voltaria para a Califórnia depois de receber uma dose da realidade.

Eu rio e fico com vergonha ao descobrir que não é uma risada, mas um soluço quebrado.

Dói saber que ela disse essas coisas sobre mim para outra pessoa. Uma coisa é suspeitar, outra é ter certeza. Eu respiro fundo e tento me recompor. Isso é embaraçoso. Eu estou bêbada.

— Eu juro que não sou fraca. Não fiquei porque tinha medo de ficar sozinha. — Estou andando agora, elétrica por toda a verdade que sai de mim. — Foi realmente muito confuso — o que ele me fez passar. Isso se tornou um ciclo, era como estar no fim de uma linha. Ele me jogava fora e me puxava de volta. Os seres humanos gravitam em direção a ciclos, rotinas, e nós nos tornamos isso.

— Eu sinto muito.

— Meu casamento com ele é parte da razão pela qual me sinto tão isolada agora. Eu coloquei distância entre mim e as pessoas ao meu redor, porque tive medo que as pessoas descobrissem que eu estava vivendo essa... mentira.

Ele está fora da cama agora, se curvando para onde estou sentada no tapete. Não me lembro de sentar, mas ele está aqui agora, bem na minha frente, secando minhas lágrimas e embalando minha cabeça.

— Não é sua culpa que Helen não tenha acreditado em você.

— Por favor, não fique bravo com ela. Ela não é quem deve ser culpada em tudo isso. Eu deveria ter deixado ele a muito tempo...

Seus olhos brilham com fúria. — Pare de falar assim. Você é a vítima, não Helen, e não Andrew. Você o deixou quando conseguiu, e isso é tudo o que importa.

Ele está embalando meu rosto e estou chorando como nunca chorei na vida. Estou perdendo peso por perder tanta água corporal, murchando como uva passa. Estarei desidratada e morta até o final desta sessão de soluço.

— Eu só quero seguir em frente.

— Então siga.

— Eu pensei que *estivesse* — eu choro, com raiva agora. — Mas Andrew ainda me seguiu até aqui! Eu ainda sou casada com o cara, pelo amor de Deus! É por isso que tenho que ir para o México — *MÉXICO!* — Eu estalo meus dedos. — É por isso que eu estava pensando no México antes!

— Se é possível, acho que você está ficando mais bêbada. Aqui, assoe.

Não percebo que estava criando bolhas de catarro até que ele coloque um lenço de papel sob o meu nariz. Isto é engraçado. Consolidei com êxito meu papel na vida dele como Empregada Maluca Que Ele Deve Manter Distância. Gostaria de saber se posso usar meu estado emocional tênue para financiar alguns benefícios, como seguro de saúde ou folga remunerada. Tem que haver um lado positivo em ter um colapso mental na frente do seu chefe.

— Eu *estou* mais bêbada. — Tento novamente, perdendo meu domínio frágil da linguagem. — Beebebadaa.

— Você se sente mal?

— Apenas chorosa e com sono. — Eu rio. — Se você afastar as mãos das minhas bochechas, acho que vou cair direto no chão primeiro. Estou tão cansada.

— Vou colocar você na cama.

Ele coloca as mãos debaixo dos meus braços e me levanta do chão. O ar frio explode nas minhas pernas nuas. Envolvo-as na cintura dele para me aquecer. Deus, ele é tão quente... tão quente, alto e forte. Quero que ele me coloque no chão e me pegue de novo. Acontece que me excita que ele possa me tirar do chão simples assim. Isso realiza as necessidades da mulher das

cavernas vestigial que eu nem sabia que existia em mim.

Ele me levanta mais alto e lembro que ainda estou enrolada em volta dele como uma anaconda. *Droga*. Isso é gostoso, mas não está certo. Quando imaginei fazer sexo com ele nessa cama de solteiro, estava totalmente sóbria e no topo, montando nele como... bem, uma cowgirl.

— Eu não pensei que era assim que a noite terminaria — eu sussurro contra sua bochecha. — Eu acho você muito bonito, tão sexy, não me entenda mal, mas estou bem bêbada e com sono.

Estou arranhando o peito dele. Estou passando minhas mãos pela mandíbula forte dele, sentindo pela primeira vez. É magnífico. Ele é magnífico.

— Meredith, eu disse que vou *colocar* você na cama, não *levar* você para a cama.

— Oh, entendo, Sr. Verbo, tem verbos diferentes para todas as ocasiões.

Ele me coloca na cama e puxa meus cobertores para o lado para que eu possa deslizar minhas pernas por baixo.

Em vez disso, ele puxa as cobertas e se senta ao meu lado.

Seus olhos castanhos são poças de simpatia. Eu me pergunto se estava imaginando o desejo que vi neles antes.

— Como está se sentindo, campeã?

Ele passa a mão na minha testa, empurrando meu cabelo para trás.

— Como se eu fosse cair se não estivesse deitada.

— Eu vou ficar com você até você dormir.

— Isso me lembra — Alfred pode ficar comigo esta noite?

— Ele já está dormindo nos pés da sua cama.

— Eba.

— Vai dormir.

Eu fecho os olhos.

— Jack

— Sim?

— Eu realmente queria te odiar depois das coisas que você disse na quinta-feira, mas não consegui. Quando você estava no casamento sozinho, eu me senti tão mal. Só vim ao bar porque queria falar com você, mas não sabia como. Eu estava tão brava. Talvez eu ainda devesse estar com raiva, mas não estou.

— Bem, se você acordar amanhã e perceber que ainda está com raiva de mim, tudo bem. Eu sei que isso provavelmente é apenas o álcool falando.

— Obrigada. Sim... talvez eu fique duas vezes mais brava pela manhã.

— Talvez.

— Você poderia enrolar o cobertor em volta de mim agora?

Ele ri. — Como se você fosse uma criança?

— Sim, exatamente. Faz muito tempo desde que alguém me colocou na cama assim.

Ele ri e eu mantenho meus olhos fechados enquanto ele se inclina e enrola, enrola, enrola meu corpo inteiro. Estou em um pequeno casulo de calor quando ele termina. Acho que ele está prestes a sair, mas não estou pronta para que ele vá.

Eu mantenho meus olhos fechados, mas estou sorrindo enquanto pergunto: — Espere, ainda estamos jogando esse jogo? Porque tenho mais uma coisa que quero saber.

— Você deveria estar dormindo.

— Vou dormir assim que você responder, prometo.

— Ok, manda.

— Naquele dia que estávamos nadando, você viu alguma coisa que não deveria? Tipo, debaixo do meu sutiã?

Eu posso ouvir o sorriso na voz dele quando ele pergunta: — Você quer dizer, seu sutiã completamente transparente? Sim.

— Certo. Isso foi o que eu pensei. Se você puder sair agora, eu vou me virar e me sufocar com o meu travesseiro.

Ele ri e beija a minha testa, e então eu devo estar realmente muito bêbada porque cinco segundos depois eu estou como morta para o mundo.

Quando eu acordo, Jack e Alfred estão dormindo, esparramados juntos no chão.

Eles não foram embora.

24

MEREDITH

Jack dormiu no chão na cabana a noite toda. Ele deveria sair quando eu fui dormir, mas ele ficou. Ele ainda está lá, deitado de lado, usando um dos meus cobertores como um travesseiro improvisado. Sua camiseta está amassada, e eu posso ver metade de seu abdômen e a parte de cima da cueca boxer. Se eu tivesse uma câmera, tiraria duas fotos. A primeira eu enviaria a Calvin Klein para que ele pudesse ser o novo modelo deles. A segunda eu colocaria em uma caixa de segurança máxima em um depósito.

Eu rolo e o cutuco com o dedo.

— Você está acordado?

Ele geme e continua de olhos fechados.

Alfred — que está animado por ver que estou de pé e em movimento — trota e lambe minha mão, vira e começa a lamber o rosto de Jack.

— Sai — diz Jack, fingindo uma voz severa. — Saia daqui.

Ele tenta afastá-lo, mas não adianta. Ele não vai voltar a dormir agora que Alfred e eu estamos acordados.

Ele impulsiona para se sentar e segura o cachorro no comprimento do braço para que ele não fique na cara dele. Então ele esfrega o sono dos olhos e passa a mão pelos cabelos. Eu me sento muito, muito quieta, como se estivesse vestindo uma camuflagem, observando os hábitos de um animal selvagem em seu habitat natural. A visão de Jack lá no chão é um pouco engraçada e muito sexy. Seu cabelo foi amassado pelo travesseiro. A barba por fazer começa a aparecer em seu queixo, e sua bochecha exibe uma marca vermelha de dormir nela. Eu quero sair da cama e derrubá-lo, prendê-lo no

chão e esfregar minha bochecha contra a sua barba por fazer.

— Merda, minhas costas doem. — Ele geme.

Eu sorrio. — cabana-doce-cabana.

Ele vira para a esquerda e para a direita, tentando torcer a espinha.

— Você devia ter saído depois que eu dormisse. — Eu aponto.

Pelo menos é o que me lembro, mas claramente existem algumas lacunas na minha memória porque a guia mais recente do navegador no meu telefone mostra uma pesquisa por passeios de burro no México.

Ele assente e fica de pé. — Esse era o plano, mas fiquei preocupado que você se afogaria em seu próprio vômito ou algo assim. Me assustou.

Minhas bochechas coram. — Foi estupidez minha beber tanto.

Ele se vira para mim piscando um olho, como se estivesse tentando impedir que a luz da manhã o cegasse. — Todo mundo precisa sair da própria cabeça de vez em quando.

Eu aceno, apreciando que ele não sinta a necessidade de me repreender por minhas más escolhas.

Empurro os cobertores para o lado e ponho as pernas ao lado da cama. — Eu realmente deveria ir tomar café da manhã ou algo assim. Edith precisa de mim para ensinar ioga para metade da cidade hoje à tarde e acho que ainda estou um pouco bêbada.

Eu levanto e estico minhas mãos acima da cabeça. Minha cabeça decide aproveitar a oportunidade para me lembrar de que basicamente me envenenei na noite passada e agora vou pagar por isso. Pressiono a mão na minha testa e estremeço.

— Ahhhh...eu provavelmente deveria beber um pouco de água. — Ele ri e eu abaixo a mão. — O que?

Ele se afasta, mas não consegue tirar o sorriso do rosto. — Sua camiseta está enfiada na cueca.

Olho para baixo e, com certeza, ele não está brincando.

Bem, essa é uma ótima maneira de começar minha manhã.

— Oh Deus — eu gemo, puxando a camiseta até que ela esteja pendurada em mim como um vestido.

— Parecia meio estiloso — ele me garante.

Vou pegar um short de pijamas, um pouco envergonhada por não colocá-los para dormir. Quantas vezes eu lhe mostrei minha bunda durante a noite? *Ah, certo — o limite não existe.*

— Farei panquecas para você, se prometer apagar essa imagem da sua

memória.

Ele coloca os sapatos e se dirige para a porta. — Eu gosto delas cobertas com fatias de banana.

— Óbvio. Eu não sou uma amadora fazendo panquecas.

Nós andamos juntos para a casa da fazenda, Alfred correndo entre nossas pernas.

Edith está sentada à mesa da cozinha tomando café quando entramos. Ela está lendo o jornal de domingo e, quando nos ouve entrar, dobra uma ponta e nos olha por cima.

— Bom dia, para vocês dois. Jack, eu não sabia que você estava trabalhando como despertador atualmente.

Jack limpa a garganta e se dirige para a cafeteira. Eu vou para a despensa para pegar suprimentos de panqueca.

— Noite longa?

— Não. — Eu digo rápido, a voz estridente e muito óbvia.

— Quando você voltou do casamento, Edith?— Jack pergunta mudando de assunto.

— Ah, não muito tarde. Acho que antes de você porque eu vi que seu quarto estava vazio.

Jack me oferece uma xícara de café e eu aceito avidamente, esperando que a cafeína apague minha dor de cabeça. — Obrigada.

— Sim, eu fui dormir muito tarde — ele admite suavemente.

— E você Meredith? *Você* foi para a cama tarde também?

— Edith — adverte Jack.

— Só estou tentando puxar uma conversa educada, Jesus. — Ela sacode o jornal e finge voltar a ler.

— Você quer panquecas, Edith?

— Não, obrigada. Eu já comi. Ao contrário de vocês, estou acordada há algumas horas.

Jack suspira e eu finalmente desmorono. — Edith, nós não estamos guardando segredos. Não há nada para contar. Fiquei bêbada como uma idiota, e Jack teve que se certificar de que eu não morresse durante o sono.

Ela parece decepcionada. — Isso é tudo?

— Isso é tudo.

— Bem, caramba, isso é chato. — Sua cadeira chia para longe da mesa quando ela levanta, então ela pega seu café e seu jornal. — E isso significa que devo a Dotty e Deedee vinte dólares.

Jack e eu trocamos um olhar divertido e algo acende entre nós — um sentimento que poderia facilmente me dominar se eu deixasse. Volto minha atenção para as panquecas e as encho de bananas e mirtilos. Jack pega uma aspirina e um pouco de água e fico muito agradecida por deixá-lo pegar as panquecas do primeiro lote. Ele pega as maiores, o que é bom, porque todo mundo sabe que as menores são as mais saborosas, com uma melhor relação crosta-penugem. Sentamo-nos à mesa em frente um do outro, com Alfred preguiçoso a nossos pés, esperando pegar uma migalha errante.

Minha atenção está fixada na janela na minha frente enquanto a de Jack está na parede da cozinha — de repente, estamos jogando um jogo de medrosos. Não falamos por longos minutos enquanto cortamos nossas panquecas, colocamos garfos na boca e mastigamos. Ontem à noite, vimos lados ocultos um do outro, as partes profundas e secretas que você deveria expor apenas após três anos de namoro, quando você já compartilha um contrato, um sofá e, possivelmente, um animal, quando não tem medo de fazer barulhos corporais um diante do outro. Fizemos tudo errado. Nós pulamos as camadas bobas entre a conversa educada e conversa fiada. Eu disse a ele a verdade sobre Andrew. Nos unimos ao medo debilitante de ficarmos sozinhos, apenas um sábado à noite casual entre chefe bonitão solteiro e, "é complicado" funcionária.

Que perturbador. Eu realmente pensei que ele fosse o diabo. Agora, eu sei que é um disfarce. Por trás de toda essa arrogância e cabelo bonito, ele é engraçado, atencioso e gentil. Ele dormiu no meu tapete porque não queria que eu engasgasse com meu vômito — não exatamente um anjo caído e líder dos condenados.

Agora sei a verdade sobre ele e é impossível saber como devo seguir daqui. Tento limpar da minha memória completamente a noite passada? Eu finjo que ele estava sendo educado? Nada mais e nada menos? Eu não acho que é possível. Eu teria que bater na minha própria cabeça com uma pedra ou algo assim.

Talvez, em vez disso, eu possa falar sobre isso casualmente e rir. *Ha ha, eu tenho um medo paralisante de que Andrew tenha me quebrado de uma maneira que não pode ser consertada. HAHAHA, ENGRAÇADO CERTO?!*

Obviamente, nada disso vai funcionar.

Suspiro e depois, como tolos, tentamos falar exatamente ao mesmo tempo.

— Sobre a noite passada...

— Eu estava me perguntando...

Eu rio e ele sorri, acenando para eu falar primeiro.

— Eu ia dizer obrigada pela noite passada. Você não precisava ser tão legal. Acho que me lembro de 90% do que aconteceu, mas são esses 10% que realmente me assustam. Estou preocupada que eu possa ter me exposto ou me juntado a um cartel mexicano ou algo assim.

— Você pode ter feito às duas coisas, mas eu ouvi dizer que esses caras têm uma política de experimentar antes de comprar.

Eu largo minha cabeça em minhas mãos e fecho meus olhos. — Foi muito ruim, hein?

— Muito ruim? Não. Você foi honesta comigo, e eu estou feliz. E, sim você se expôs a sua roupa intima algumas vezes, mas eu fui criado como um cavalheiro e não olhei.

Eu olho para ele e levanto uma sobrancelha.

O lado direito da boca dele se levanta um pouco. — Bem, quando eu pude evitar isso.

— O que está acontecendo comigo?! Primeiro o desastre da natação e agora isso. Eu juro que não sou sempre tão esquisita com os meus amigos.

— Amigos, hein?

Sinto calor se espalhar pelo meu pescoço. Engraçado como *amigos* se sentem íntimos depois de serem inimigos.

— Quero dizer, nós somos, certo? Amigos?

— Eu acho que sim.

Ele não parece muito entusiasmado. *DÊ A ELE UMA SAÍDA ANTES QUE AS COISAS FIQUEM ESTRANHAS.*

— Mas não se preocupe eu tenho uma politica de experimentar antes de comprar.

— Legal. — Ele ri.

— Porque talvez você queira amigos que bebam o álcool melhor do que eu? Ou melhor ainda, amigos que não joguem meleca em você? Ou, acima de tudo, amigos que não choram histericamente sobre seus casamentos desastrosos?

Ele sorri e balança a cabeça. — Você não precisa se sentir estranha sobre a noite passada. Eu não me sinto.

— Mesmo que você tenha assoado meu nariz?

— Mesmo assim.

Interessante.

— O que você ia dizer antes de eu te interromper? — eu pergunto.

Ele engole e volta para o prato meio comido de panquecas. — Bem, eu só estava pensando se talvez você acordou ainda chateada com a nossa briga? Lembre-se, eu lhe disse que te daria uma saída. Você estava bêbada.

— Não tão bêbada.

Ele me da um sorriso travesso. — Muito bêbada.

Depois disso, voltamos a comer em um silêncio confortável. Eu tenho que me apressar e terminar para que eu possa me limpar e me preparar para a ioga. As pessoas chegarão em breve e eu ainda preciso me trocar. Eu poderia realmente tomar um banho, mas deixarei isso para depois, já que estou prestes a ficar suada.

Termino minha última mordida e fico de pé.

Jack pega minha mão para me parar. — Meredith?

Sua voz é quase mais alta que um sussurro.

Eu engulo e olho para a minha mão dobrada na dele. Aposto que ele pode sentir minha pulsação acelerada — seu polegar está pressionado sobre minha artéria. Eu me mantenho focada lá enquanto ele continua.

— Você se lembra do que conversamos ontem à noite? Como você me disse que não tem ninguém para cuidar de você? Para colocar suas necessidades acima das dela?

Minha garganta se contrai. Eu esperava que parte da conversa fosse uma ilusão induzida por álcool. *Se isso foi real, eu também disse a ele que ele é bonito? Eu disse a palavra g-o-s-t-o-s-o?!*

— Humm... — Eu paro, esperando para ver se um meteoro vai cair e me impedir de admitir que eu disse algo tão triste e deprimente. A terra continua girando, então eu não tenho escolha a não ser murmurar: — Uh-huh. — Eu limpo minha garganta e uso uma máscara de frieza fingida. — Quero dizer, sim.

Ele solta minha mão e eu dou um passo para trás.

Suas sobrancelhas estão franzidas, sua voz firme e pensativa quando ele diz: — Eu sei que eu e você não nos conhecemos há muito tempo, mas se você quiser, Edith e eu poderíamos ser as suas pessoas — isto é, se você decidir não se juntar ao cartel.

Meu peito se parte ao meio.

A emoção aperta minha garganta e fica impossível falar.

Ele se afasta da mesa e leva nossos pratos para a pia. — Pense nisso.

Ele não precisa se inclinar dessa maneira para lavar um prato. Ele não

precisa manter a atenção na pia. Ele poderia ter me pressionado por uma resposta, mas não o fez. Ele está me deixando ficar aqui com lágrimas enchendo meus olhos e gratidão avassaladora borbulhando dentro de mim, e ele está me dando privacidade.

Estou empurrando a porta dos fundos e tropeçando pelo quintal antes que eu possa processar que estou me movendo.

Isso... isso não é o que eu estava esperando dele esta manhã.

Um tapinha no ombro e um sorriso triste de pena — *talvez*. Uma passagem só de ida deste rancho — muito mais provável. Em vez disso, ele apenas me olhou nos olhos e me disse que eu era o tipo dele, que minhas falhas e fracassos não o assustam, que ele acredita em mim sobre por que eu deixei meu casamento.

Estou quase de volta à cabana quando giro nos calcanhares e corro de volta para a cozinha. Ele anda está lá, lavando a louça quando eu bato a porta e me inclino para dentro.

— OK! Mas também quero Alfred!

NOS DIAS seguintes ao casamento, Jack e eu solidificamos o que só pode ser descrito como amizade. Nós sorrimos um para o outro. Nós fazemos piadas e brincamos e eu o imagino de cueca. *Coisas de amigos.*

Edith e Jack não têm uma cerimônia oficial de adoção para mim, mas eu sou deles mesmo assim. Eu tenho um convite permanente para jantar todas as noites. Na maioria das vezes, Jack grelha frango ou bife e eu preparo um prato ou dois. Edith oferece duas coisas: chá doce e fofocas locais.

Se alguém fizesse um filme sobre a minha vida, esse pedaço estaria contido em cenas no estilo de montagem endossadas por uma música animada de uma banda com banjos. Eu estaria rindo e limpando em um segundo e depois correndo em câmera lenta alegre através do irrigador de grama com Alfred atrás de mim.

É ótimo.

Tudo é ótimo.

Existe apenas um pequeno problema microscópico: desenvolvi o que só posso descrever como a maior paixão do mundo por Jack.

Para quem assiste a montagem, é dolorosamente óbvio. Há cenas rápidas em que eu o assisto e no segundo em que ele se vira para mim, eu mudo meu olhar para outra direção tão rápido que meu pescoço quase quebra. A

montagem então recebe uma dose rápida de alívio cômico quando visito um quiroprático para resolver meu novo problema no pescoço.

Mas não termina aí. Gasto mais tempo arrumando meu cabelo e maquiagem de manhã, como se ele fosse notar que eu pareço mais bonita do que o normal enquanto esvazio suas latas de lixo. Eu faço suas comidas favoritas e levo para ele o café da tarde apenas para ter uma desculpa para vê-lo. É patético. *Eu sou* patética. Todos os espectadores se mexem desconfortavelmente em seus assentos

Nas primeiras semanas de trabalho na Blue Stone, eu estava tão consumida pela turbulência que nos cercava que minha atração por ele não estava em primeiro plano na minha mente. Eu estava descobrindo a arte da sobrevivência e aprendendo a compartilhar a barraca com os bichos da floresta. Eu era basicamente Harry Potter em um universo paralelo em que ele nunca recebe uma carta de Hogwarts, mas morava no armário cheio de aranhas debaixo da escada até os vinte e poucos anos, amaldiçoando os trouxas com quem ele mora. Agora que as coisas se acalmaram, parece que alguém ajustou a conexão entre nós como uma antena de TV. Toda a estática e ruído de fundo sumiu — ele está alto e claro. Esse belo rosto dele está aparecendo em plena glória em HD, e não há como voltar atrás agora.

Eu gosto dele. Eu realmente gosto dele. No entanto, sou inteligente o suficiente para esconder minha paixão, empurrá-la e cutucá-la para que talvez, apenas talvez, vá embora. Por quê? Porque nada de bom virá de querer meu chefe, o homem que atualmente me oferece um refúgio seguro e que também é o meu único amigo (além de você Alfred! Você vai ser sempre o meu numero uno).

Para seu crédito, ele não é nada além de respeitoso e gentil. Eu nunca tenho a sensação de que ele está nutrindo sentimentos por mim como eu por ele — e acredite, eu procuro por sinais. Existem coisas óbvias que os homens fazem quando se interessam por uma mulher: passar um tempo com ela, rindo de suas piadas — mas ele *tem* que passar um tempo comigo porque eu estou sempre por perto, e ele provavelmente está rindo de mim e não comigo. Além disso, existem maneiras mais sutis de saber se um cara está interessado, como se ele sempre encontra desculpas para tocar em você (ele não toca) ou se você o flagra checando você (eu não flagro) ou se ele cria situações para ter algum tempo a sós com você (eu não saberia — Edith está sempre por perto).

Minha paixão está ferrando com a minha cabeça. O fato de que durante todo o dia eu tento ativamente tirar Jack de meus pensamentos significa que

durante a noite, meu desejo volta mais forte e mais exigente do que nunca. Noite após noite, minhas horas de sono estão cheias de sonhos cheios de sexo vulgar. Eu acordo com as mãos em diferentes partes do corpo (peitos, coxa, estômago, meio caminho abaixo das minhas Fruit of the Tooms), ou acordo suando e com tesão então não tenho escolha a não ser terminar o que meu subconsciente incorrigível começou.

É um problema real. Noite após noite de sono ruim significa que tenho menos energia para enfrentar minha paixão por ele na manhã seguinte. Estou nervosa, constrangida e preocupada que meus verdadeiros sentimentos estejam se tornando óbvios demais para serem ignorados. Todas essas fantasias abrigadas precisam se manifestar de alguma forma. Aposto que estou exalando feromônios como um animal de fazenda no cio.

Sem dúvida, Jack sabe que eu tenho uma queda por ele. Não tem como ele não saber. Só não tenho certeza do que ele fará sobre isso.

25

JACK

Meredith está aqui há quase sete semanas e eu estou oficialmente preso entre a cruz e a espada. É um inferno sombrio que eu gosto de chamar de friendzone. Não posso agir com base nos sentimentos que estou desenvolvendo por ela. Ela se abriu para mim sobre seu casamento, estou solteiro há pouco tempo, ela está solteira há um mês e meio e, tecnicamente, isso nem é verdade, considerando que ela ainda é casada legalmente. Eu sei que ela está em uma condição frágil. Ela provavelmente está feliz por estar sozinha e livre do marido louco; a última coisa que ela quer é outro cara a rondando. Eu preciso ficar longe e ajudá-la a se recuperar, pelo menos é o que eu digo a mim mesmo enquanto estou embaixo do chuveiro e com a mão em volta do meu pau.

O que? Eu estou tentando ser um cavalheiro, não um santo.

Fecho os olhos e apoio a mão contra a parede, lembrando o quão gostosa Meredith estava no outro dia enquanto ela dava banho em Alfred no quintal. Ela estava mais molhada que ele, com a camiseta agarrada às curvas. Eram férias de primavera em South Beach. Ela ficava dizendo coisas como "Ok, grandão, você vai ganhar isso!" e "Fique parado, estou quase terminando! Eu só preciso terminar no seu rosto.” Era pornográfico, e se algum dos funcionários tivesse visto, eu precisaria arrastá-los no chão como um cão raivoso.

— Jack! — Sua voz soa do outro lado da porta do banheiro. — Você está aí?

Abro os olhos, inclino a cabeça para trás e olho para o teto. *Uau, minha imaginação é tão boa assim?*

— Jack? — Meredith chama de novo, toda doce e ingênua. Sua voz é suave, e meu pau endurece ainda mais.

Eu cerro os dentes. — Sim. O que foi?

— Acabei de perceber que você não tem toalhas limpas! Eu as lavei mais cedo e esqueci de colocar uma aqui antes do seu banho.

— Apenas deixe uma na porta! — *Ou melhor ainda, vire-se e vá cerca de mil jardas para o outro lado*. Não preciso de uma toalha — vou me sacudir e me secar como Alfred.

— Tem certeza? — ela pergunta. — Eu posso fechar meus olhos. Não é nada demais!

Nada demais? NADA DEMAIS? Se ela entrar neste banheiro para me trazer uma toalha, há uma chance de 100% que eu vá abrir a cortina do chuveiro e arrastá-la aqui pra dentro. Vou encosta-la contra a parede de azulejos e cobrir seu corpo com o meu, rodar meus quadris contra sua bunda e dar a ela a revisão do funcionário que eu tanto quero.

— Só sei que odeio sair do chuveiro sem uma toalha por perto — continua ela.

Oh, bom, agora estou pensando nela no chuveiro comigo... espuma escorrendo pela barriga, entre as pernas. Acho que a maior parte do sangue no meu cérebro foi embora, indo para o sul em busca de pastos mais verdes.

— Meredith, apenas deixe a toalha do lado de fora, ok?

Minha voz é rouca e ela repara.

— Cristo. Está bem, *des-desculpa*. Eu não sabia que estava interrompendo um momento tão *particular*.

— *O que*? Estou apenas tomando banho, mais nada.

— Uh-huh. Parece-me que a dama fez demasiados protestos.

Depois que ela vai embora, eu saio de lá, encarando minha mão, congelado. Não posso terminar, não porque não estou com um tesão do caralho, mas porque me sinto um tarado repugnante desejando Meredith assim, sem mencionar que ela obviamente adivinhou o que eu estava fazendo. Fecho a água e saio para pegar a toalha que ela deixou do outro lado da porta do banheiro.

Ela é incapaz de encontrar meus olhos quando entro na cozinha alguns minutos depois.

— Se sentindo melhor?— ela pergunta com uma voz aguda e impotente.

— Do meu banho? — eu pergunto, não enganando ninguém.

Ela limpa a garganta meia dúzia de vezes. É como se ela tivesse um lago

inteiro de sapos presos lá.

Eu tento chamar sua atenção, mas ela olha para todos os lugares, menos para mim — teto, parede, tábua de cortar.

Eu suspiro. — Eu não estava me masturbando.

— Eu sei disso — ela responde rapidamente, os olhos pálidos se arregalando. — Você não acha que eu sei? Ah, obviamente.

— Mas, para ficar claro, mesmo que eu estivesse, é perfeitamente normal — aponto, caminhando para pegar uma fatia da maçã que ela está cortando. Cá entre nós, eu realmente não quero a maçã. Quero dar uma olhada mais de perto no rubor rosa nas bochechas dela.

— Claro que é normal — diz ela na defensiva. — Todo mundo faz isso.

— Todo mundo? — eu provoco.

— *Jack.*

— O que? — eu provoco. — Agora estamos quites. Nós dois sabemos o que o outro faz quando está no chuveiro.

— Eu não faço isso no chuveiro — ela murmura, quase como se não percebesse que estava dizendo as palavras em voz alta.

— Interessante.

Ela se segura e balança a cabeça, cortando duas vezes mais rápido agora. Ela entrou em algum tipo de competição de cortar maçã com ela mesma.

— Isso é inapropriado.

Chop, chop, chop. Ela está prestes a perder um dedo.

— Foi você quem tentou entrar no banheiro enquanto eu tomava banho.

— Para te dar uma toalha!

Ela está ficando histérica.

Eu me viro para ir ao meu escritório. — Uh-huh.

Um pedaço de maçã me bate bem na parte de trás da cabeça enquanto eu me afasto. Alfred pega antes que eu possa.

Uma semana depois, Meredith me convence a assistir uma comédia romântica com ela. Edith saiu com as amigas, então somos apenas Meredith, eu e Alfred. Ele está no sofá entre nós, ocupando mais espaço do que nós dois juntos. Meredith está vestindo uma blusa e shorts de pijama. Suas pernas estão escondidas debaixo de um cobertor, e sua atenção está focada diretamente na TV.

No colo dela está uma tigela de pipoca que ela acabou de fazer para nós

dois. Estou assistindo ela levar cada caroço aos lábios e tenho um travesseiro estrategicamente colocado no meu colo.

Alfred está me encarando como se pensasse: *sério, cara? A garota não pode nem comer pipoca em paz?*

Meredith sorri. — Eu amo essa parte.

Faço um som sem compromisso e soa muito como se alguém tivesse me machucado na virilha, mas ela não percebe. Ela segura a tigela de pipoca para mim.

— Quer um pouco?

Eu levanto minha mão. — Não, obrigado.

Ela coloca a tigela sobre a mesa e se levanta. — Eu tenho que lavar minhas mãos. Você quer uma cerveja?

— Sim, isso seria ótimo. — *E enquanto você está lá, você se importaria de pegar uma arma e me tirar da minha miséria?*

Ela joga uma garrafa gelada de Blue Moon no meu ombro alguns minutos depois.

— Aqui, eu coloquei uma fatia de laranja aí para você.

Meu favorito.

Ela anda pelo sofá e ela empurra Alfred pro chão. — Ah — ela suspira, esticando-se com um pequeno sorriso satisfeito no rosto. — Muito melhor.

Suas pernas estão esticadas em minha direção agora, e seus dedos dos pés atingem minhas coxas.

— Opa — diz ela, afastando-os um pouco.

— Está bem.

Estendo a mão e as puxo de volta para onde estavam. Não é nada – ou não deveria ser. Estou tocando apenas o tornozelo dela, e ainda assim é erótico. O tecido do travesseiro está esticado.

O filme continua e eu tomo minha cerveja, o tempo todo tentando argumentar comigo mesma sobre por que seria uma boa ideia me virar e beijá-la. Talvez ela queira seguir em frente depois do ex? Talvez ela esteja tão privada de sexo quanto eu? *Talvez você seja um idiota oportunista. Deixe-a em paz.*

Os personagens nos quais não prestei atenção estão subitamente rasgando suas roupas na tela. Eles estavam se evitando durante todo o filme, criando uma tensão que os trouxe em direção a essa cena sexy. Eles realmente estão fazendo isso — tropeçando nas coisas, esbarrando nas paredes, fazendo com que as molduras caiam no chão.

— Não seria engraçado se o sexo fosse realmente assim?— Meredith ri. — Como se você continuasse correndo para a IKEA para substituir todas os abajures quebrados e vasos despedaçados porque estava tão excitado que perdeu toda a noção de espaço?

Não posso deixar de sorrir. — Isso já aconteceu comigo antes.

— Você quebrou um abajur ?

Ela faz parecer que é completamente absurdo.

— Não quebrei a base, apenas a lâmpada.

— Você está brincando.

Tomo um gole de cerveja, ansioso pelo próximo assunto.

— *Como*? — ela pergunta, maravilhada.

— Eu precisava usar a mesa lateral para... bem... — Eu limpo minha garganta, ciente de que não há como continuar sem dar detalhes. — Alavancagem, e acidentalmente joguei o abajur no chão. A lâmpada quebrou, mas você está certa, não foi tão dramático assim.

— Oh.

Parece que ela está atordoada. Eu olho fixamente para a TV.

— Então você estava em cima da garota.

Sua voz soa trêmula.

— Mulher — eu corrijo. — Sim.

— E quanta... alavancagem... você geralmente precisa?

Essa pergunta, feita com sua inocente inclinação, é agravada pelo fato de que os personagens na tela estão mandando ver, cena após cena de giros rítmicos cobertas por gemidos e suspiros. O tempo parece diminuir a velocidade.

Eu fico de pé, termino minha cerveja e coloco a garrafa vazia na mesa de café.

Eu sei quando chego ao meu limite, falar sobre fazer sexo, enquanto ouço as pessoas fazerem sexo, enquanto Meredith está sentada ali, perfeitamente... bem, perfeita, é... *porra.*

— De qualquer forma, vou correr — anuncio, puxando o tênis que deixei na porta.

Então eu apenas me viro e saio.

Correr não é algo que eu faço. Eu não preciso; trabalhar na fazenda é exercício suficiente por si só. Ultimamente, tenho corrido muito — o tempo todo, na verdade. Corro depois de avistar um pedaço da barriga de Meredith quando ela pega um copo na prateleira mais alta dos armários. Eu corro

depois que ela faz uma piada no jantar e acaricia meu braço suavemente. Corro depois que ela entra no meu escritório com um café da tarde e um bolinho recém-assado. Ela o coloca na minha mesa e pisca, em seguida sai com os quadris balançando. Eu corro porque é a única coisa que posso fazer que me ajuda a desabafar sem me sentir como um predador.

Inferno, a essa altura talvez eu devesse treinar para um triatlo Ironman. Se Meredith continuar morando aqui, eu provavelmente poderia ganhar a maldita coisa.

Quando volto para a fazenda, meia hora depois, estou suado e respirando com dificuldade, mas não menos excitado do que estava antes da minha corrida. *Merda*. Meus mecanismos de enfrentamento estão começando a perder eficácia. Terei que ser criativo, talvez considere um banho frio ou...

Meus pensamentos congelam quando abro a porta e encontro Meredith na sala, andando de um lado para outro. Imaginei que ela já estaria dormido. O filme provavelmente terminou alguns minutos depois que eu saí.

Ela dirige sua atenção para mim e torce as mãos.

— Você ainda está aqui — digo, decidindo que é a coisa mais segura que poderia sair da minha boca neste momento.

Ela dá um passo em minha direção, abaixa as mãos, vira, mexe no rabo de cavalo e depois se vira para mim de novo.

— Ok, eu estive pensando...

Os olhos dela estão arregalados de preocupação. Seus dentes mordiscam o lábio inferior. Eu nunca a vi parecer tão nervosa, nem mesmo quando ela costumava ter medo de Alfred.

— Sobre o que? — pergunto, ficando muito parado, com a mão apoiada no batente da porta.

— Você me acha atraente, certo? Como mulher?

Eu pisco. Pisco, pisco, pisco.

Isso é um truque? Uma armadilha?

Eu sou o empregador dela, seu confidente.

— Umm... claro?

Ela franze a testa e um profundo vinco se instala entre as sobrancelhas. — As mulheres geralmente esperam um pouco mais de entusiasmo.

— Você? — *Quanto menos palavras, melhor*, penso comigo mesmo. Vou usar apenas mais uma: — Esperava?

— Bem, sim, porque eu te acho... — ela acena a mão para cima e para baixo na direção do meu corpo e depois limpa a garganta. — Muito bonito.

— Uhum.

— E nós dois estamos solteiros.

— Estou ciente.

— E acho que devíamos nos beijar.

Gulp.

— E quebrar abajures.

O eufemismo dela me faz sorrir, mas a realidade me alcança.

— Acredite, eu quero quebrar milhares de abajures com você, mas você acabou de sair de um relacionamento ruim.

— Certo. Assim como você.

— Não quero tirar vantagem de você.

— Nobre, mas desnecessário.

— Além disso, você trabalha para mim.

— Verdade, mas irrelevante.

— Isso pode tornar nosso relacionamento realmente complicado.

— De fato, mas vale o risco.

— E bem…

Estou no final da linha. Estou sem desculpas. Ela deveria concordar com uma delas e interromper toda a conversa. Ela deveria assentir e dizer: *Oh, sabe de uma coisa? Eu não tinha pensado nisso. Bem, até mais!* Depois apertamos as mãos e ela sai da minha casa.

Em vez disso, ela está me encarando com aqueles grandes e esperançosos olhos azuis e pode muito bem estar dizendo: *vamos encontrar o maior e mais quebrável abajur do Texas.*

— Porra. — Viro, abro a porta da frente e saio.

Não. Faça. Isso.

Eu tenho que ser melhor que isso. Eu tenho que definir os limites e me apegar a eles. Ela não sabe o que está pedindo, está sob a influência de um coração partido. Arrasto minhas mãos pelo rosto e as fecho atrás do pescoço. Eu conto até dez. Eu respiro fundo. Eu tento ouvir o anjo sentado no meu ombro. Ele deveria estar lá em algum lugar... ah, ali está ele, sendo estrangulado pelo diabo do meu outro ombro. Bem, tenho a minha resposta, galera. Abro a porta e a fecho atrás de mim.

Nossos olhos se encontram e o pavio queima, contando os últimos milissegundos antes que ela e eu colidamos. Tenho um pensamento antes de procurá-la: *se houver consequências, faça com que valham a pena.*

Meredith corre direto para mim e eu a encontro no meio do caminho. Seu

corpo colide com o meu quando eu a levanto e ela envolve as pernas em volta da minha cintura. Eu me viro a empurro contra a porta da frente e a levanto um pouco mais alto. Somos uma bagunça, como adolescentes loucos por sexo, nos movendo muito rápido, desarticulados e selvagens. Eu beijo sua bochecha e o canto de sua boca. Ela passa as mãos pelo meu cabelo e puxa. Meus lábios finalmente encontram os dela e eu sou um homem moribundo que encontrou sua salvação. Sua boca quente, seus lábios carnudos, *seu beijo* — no momento em que nossas bocas se conectam, eu sei que não há mais volta agora que a tenho em meus braços.

Eu mostro a ela o quão bem nos encaixamos. A respiração dela é a minha respiração. O gosto dela é o meu gosto. Inclino minha cabeça e aprofundo o beijo, deslizando minha língua sobre a dela. Nossos quadris rolam juntos. Ela é tão ansiosa e receptiva, apertando mais as pernas para que, mesmo que eu nos puxasse para longe da porta, ela não caía.

Não é difícil decidir o que fazer com ela quando não faço nada além de imaginar cenários há uma semana. Perco a noção do tempo enquanto nos beijamos. Os dias passam enquanto eu aprendo cada centímetro de sua boca impaciente. Por tanto tempo, eu a mantenho ali, cuidando para não pressionar minha sorte. Quero arrancar as roupas dela e preenchê-la, mas minhas necessidades não importam.

Ela é quem toma uma iniciativa. A mão dela desliza pelo meu pescoço e peito. Ela puxa minha camisa e então sua mão está cobrindo meu abdômen nu. Meu estômago aperta quando ela desliza mais para baixo.

Suas mãos encontram meu short.

Ela puxa o cordão.

Eu rosno em sua boca.

Não é o meu momento de maior orgulho.

Seu short de pijama sobe e suas coxas lisas ficam completamente expostas. Seus dedos ainda estão deslizando para frente e para trás ao longo do meu short. Ela está excitada, tão viva com a tensão explodindo entre nós quanto eu.

Minha mão desliza entre nós. Se ela pode se aventurar ao sul, eu também posso.

Deslizo pela barriga esticada, pela cintura do short, por dentro da calcinha de algodão. Então encontro calor e umidade.

Mais tarde, quando alguém me perguntar sobre o momento mais feliz da minha vida, lembrarei disso. Mentirei e direi algo sobre classificação PG, mas

saberei a verdade.

Enfio meu dedo médio nela e suas pernas caem no chão. Eu preciso de melhor acesso, mais acesso. Ela não sai da porta, no entanto. Eu gosto dela assim. Entre meu corpo e a porta, sem fim à vista. Eu bombeio dentro e fora dela e passo minha língua pela boca dela. *É isso que estávamos esperando*, digo a ela com meu toque. *Isto.*

Minha outra mão está sozinha, e a blusa que ela está usando pode muito bem ser fina como papel. Eu posso sentir seu peito tremendo contra o meu. Ela está tremendo, e pode ser por nervosismo, mas eu sei que não é — é adrenalina.

Sinto que ela não está usando sutiã. *Sem. A. Merda. Do. Sutiã.* Se eu soubesse disso enquanto estávamos assistindo o filme, eu a teria preso a esta porta uma hora atrás. Agora, estou chateado por ter esperado tanto tempo. Estou ansioso e com fome. Não me incomodo em tirar a blusa dela, apenas puxo a parte da frente até que um de seus seios macios preencha minha palma. Ela estremece, como se apenas aquele pequeno toque pudesse levá-la a um orgasmo. Eu sorrio maliciosamente contra sua boca, memorizando as pistas sem palavras que seu corpo grita para mim. *Então você é sensível aqui?* Deslizo a ponta do meu polegar sobre a ponta do seu peito e ela puxa meu cabelo em resposta.

Minha outra mão ainda está fazendo maravilhas dentro de sua calcinha molhada. Pobre Meredith, ela realmente não tem chance.

Minha palma cobre seu peito, e eu rolo minha mão para cima e para baixo. Com um toque suave no começo, nada muito agressivo, apenas provocações e torturas sutis eu tenho melhor reação possível dela. Pelo jeito como ela está apertando seus quadris contra os meus sei que estou atingindo o ponto.

Eu interrompo nosso beijo e inclino minha cabeça para baixo, substituindo minha mão por minha boca. Minha língua brinca com seu mamilo. Sua cabeça cai contra a porta e seus olhos se fecham. Faço de novo e envolvo meus lábios em torno da ponta corada.

Ela solta uma expiração lenta e acho que talvez eu deva levar isso para o quarto, mas há muitas coisas na vida que eu *deveria* fazer. Estou feliz exatamente onde estou, persuadindo, lambendo e seduzindo até que os dedos dela se enterrem nos meus ombros, e ela me promete que está prestes a chegar lá.

Eu a mantenho contra a porta, mesmo quando saio de seu peito e continuo

mais ao sul. Ela geme, irritada com a perda de atrito entre as coxas, mas então eu estou de joelhos e seus olhos se arregalam de admiração.

— Ah não — diz ela, em choque.

Ah sim.

Sabendo o que sei do marido dela, ele provavelmente nunca colocou as necessidades dela antes das dele. Aposto que ele nunca se ajoelhou assim e puxou esses shorts minúsculos para o lado e a olhou com admiração. Existe apenas uma fina camada de algodão entre mim e meu objetivo final.

— Jack — ela sussurra, incerta.

Parece que estamos indo rápido, mas não há desaceleração, nem estabilidade. Este momento está sendo construído há semanas. Eu escrevi uma tese na minha cabeça sobre as coisas que gostaria de fazer no corpo dela.

Nossos olhos se encontram e vejo todas as palavras não ditas lá, toda a incerteza e preocupação. Vejo que isso não é confortável para ela, que eu a olhe assim, mas não recuarei a menos que ela me peça, porque não vejo arrependimento em seu olhar — vejo necessidade, quente e crua.

Eu movo meu polegar para cima e para baixo no centro de sua calcinha e ela balança os quadris em minha direção. Eu tento não me gabar. Mesmo assim, um sorriso se forma no meu rosto. Com a mão livre coloco os quadris dela contra a porta e tento novamente. Desta vez, não há alívio dos movimentos suaves, dos pequenos círculos que desenhei contra o algodão molhado. A respiração dela acelera.

Eu poderia deixar ela gozar assim, com meus dedos e minha respiração nela, mas eu quero mais. Ela quer mais, *merece* mais.

Eu puxo seu pijama e calcinha até cair no chão e levanto uma das pernas dela para que o pé esteja apoiado no meu ombro. Eu tenho o ângulo perfeito, bem entre suas coxas abertas.

Ela tenta mover a perna, apertar as coxas e se fechar. Eu a seguro firme e olho para cima. O rabo de cavalo dela se foi agora. Seus cabelos escuros emolduram seu rosto, suavizando ainda mais suas feições delicadas. Ela engole e eu arrasto minha mão pela coxa lentamente. Estou dizendo: *vê como é bom isso? Vê quanto melhor* pode *ficar*? Eu alcanço a curva do quadril dela e paro; é uma pergunta. Nossos olhos se encontram novamente, e peço seu consentimento em voz alta. Eu preciso ouvir isso.

— Você quer que eu continue?

Nada de palavras ou promessas bonitas.

Eu poderia dizer a ela coisas para facilitar sua decisão, coisas como a

verdade: nunca quis ninguém mais do que a quero.

Mas as palavras foram usadas contra ela no passado e, talvez para ela, falar é insignificante. Eu não tenho como saber o que aquele bastardo disse a ela, que absurdos ele jogou sobre ela em momentos como esse para fazer com que ela tenha medo de me deixar tocá-la. Mesmo assim, eu sei o suficiente para não prometer coisas a ela com palavras quando posso usar meu corpo. Posso provar a ela que existem caras melhores no mundo, caras que se ajoelham e a adoram.

— Meredith.

Seu nome sai duro e implorado.

Eu sei que ela está desconfortável. Sei que ela está pensando demais no que estamos fazendo, por isso decido sobrecarregar seu cérebro, dar a ela algo para focar, de modo que o passado seja a última coisa na mente dela.

Eu puxo sua coxa e ela deixa as pernas abertas. Eu mantenho meu olhar fixo no dela enquanto minha mão cobre sua umidade. Eu deslizo para cima e para baixo suavemente. É um ritmo destinado a torturar. Ela mexe os quadris e dois dos meus dedos afundam nela.

Ela fecha os olhos por um momento e depois os abre.

— *Sim, por favor*.

É tudo o que eu preciso. Esfrego em círculos suaves enquanto beijo o interior de sua coxa. Nós dois sabemos para onde estou indo, mas ela ainda perde o equilíbrio quando minha boca finalmente chega lá. A perna que ela está apoiada treme e eu envolvo minha mão direita em torno de sua coxa, a segurando. Minha outra mão passa pela cintura dela para que eu possa pressionar seus quadris contra a minha boca.

A respiração dela acelera quando eu enterro minha cabeça entre suas coxas. Meus dedos entram e saem mais rápido. Ela segura o meu cabelo e arqueia as costas enquanto eu chupo, beijo e giro minha língua em círculos suaves.

Suas inibições vão embora com o vento do Texas.

Seu foco está na minha boca e o clímax se acumulando dentro dela.

Eu arrasto minha língua pelo comprimento dela e nossos olhos travam.

Ela é um caso perdido.

Suas pernas estão tremendo e ela está me observando fazer isso com ela, me observando enquanto eu abro suas coxas ainda mais e a puxo para baixo até que minha língua afunda nela. Meu polegar começa a esfregar círculos contra sua umidade, e a combinação é intensa demais para ela.

Seus olhos se fecham quando suas coxas tremem. Eu posso sentir as ondas de prazer através dela, sentir seu aperto, e — *porra* — é a coisa mais sexy de assistir ela ser desfeita assim, *provando* tudo enquanto ela se desfaz.

Sou insaciável, arrastando cada gota desse orgasmo que consigo. Ela ainda está tremendo com os efeitos do orgasmo, tão sensíveis que cada puxão da minha língua faz seus quadris dobrarem. Somente quando tenho certeza de que ela realmente terminou, eu sorrio e me levanto.

Ela pisca, pisca, pisca.

— Onde estou? *Quem* sou eu?

A perna dela cai de volta ao chão e ela está ali, nua da cintura para baixo, com a blusa torta. Ainda estou completamente vestido e percebemos isso ao mesmo tempo. Suas mãos disparam para consertar sua blusa e eu a ajudo a vestir sua calcinha e shorts. Então eu levanto e sorrio.

— Uau. — Seus olhos estão brilhantes e suas bochechas estão coradas.

Sorrio e concerto a alça da blusa, colocando-a de volta no ombro dela.

— E agora? — ela pergunta a voz trêmula.

— Agora eu vou tomar banho.

Ainda estou suado da minha corrida.

— E eu?

Ela é tão fofa de pé ali, insegura de si mesma. Não consigo entender como uma mulher tão bonita quanto ela ainda dúvida de si mesma. Então me ocorre: é claro que ela é incerta e reservada.

Foi o que ele me disse... as coisas que ele me chamou.

Lembro-me do que ela viveu, que eventos a levaram à minha porta, literalmente, e decido que fizemos o suficiente por esta noite.

— Jack? — ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado, me estudando.

— Hum?

— Vamos continuar?

Eu sorrio e balanço minha cabeça. — Não essa noite. Não porque eu não queira — eu quero — simplesmente não vejo sentido em apressar as coisas.

Ela franze as sobrancelhas. — Você tem certeza?

— Sim. Você quer assistir outro filme? Eu só preciso me lavar, rápido.

Ela ri. — Você acha que sou capaz de ficar com você agora? Sinto que preciso fumar um cigarro e nunca nem fumei um.

Eu rio. — Você quer passar a noite?

— Tipo, no seu quarto de hóspedes?

— Eu estava pensando na minha cama.

Os olhos dela se arregalam como se fosse uma ideia maluca.

— Eu acho que quero ficar na minha cama hoje à noite.

Eu entendo a dica.

— Vamos lá, por que não te acompanho até em casa?

O sorriso dela ilumina todo o rosto. — Eu acho que posso andar quinze metros.

— Eu insisto.

Ela aceita meu braço estendido e eu lidero o caminho para fora.

— Isso é estranho — ela anuncia.

— Sim, um pouco.

Ela corta o olhar para mim. — Só para estarmos na mesma página, vamos acordar amanhã e fingir que isso nunca aconteceu ou vamos ficar de boa com isso e apenas fazer referência a essa noite como a única vez que você me chupou contra a porta da frente?

— Talvez em algum lugar no meio?

Ela ri e puxa a porta da cabana.

Ficamos ali nos olhando por alguns segundos. Não há uma saída adequada para isso. Um abraço, um beijo, um aperto de mão — tudo parece errado. Ela toma a atitude, fica na ponta dos pés e dá um beijo na minha bochecha antes de desaparecer para dentro.

Fiquei lá parado por alguns segundos antes de balançar a cabeça e voltar para a casa da fazenda.

Não me lembro da última vez que tive tanta dificuldade para dormir. Fico acordado na cama com uma tensão nervosa na boca do estômago que não sentia desde a infância. Isso me lembra como eu me sentia na véspera de Natal, nervoso e excitado, ansioso pelo dia seguinte. Isso me deixa acordado metade da noite. Me lamento por não ter insistido que Meredith dormisse aqui comigo. Eu quero saber como ela está se sentindo. Quero saber se ela já arrumou tudo o que tem e está agora mesmo pedindo carona para fora da cidade. Quero saber exatamente quando exatamente baixei a guarda o suficiente para me apaixonar.

26

MEREDITH

Na manhã seguinte ao episódio *JACK ESTÁ ABAIXANDO A MINHA CALCINHA E EU ESTOU PRESTES A TER UM ORGASMO DOS DEUSES CONTRA ESSA PORTA*, eu acordo cedo e a vida continua – e você não vai acreditar — *normalmente*. Estou surpresa com o quão fácil é estar na mesma sala que ele. Quando entro na casa da fazenda para fazer o café da manhã, Jack me cumprimenta com um sorriso caloroso e uma inclinação da cabeça, e nem por um segundo sequer penso em como algumas horas atrás ele estava cara a cara com a minha vagina, nem mesmo uma vez. O nome disso é maturidade — você vai encontrar a definição em livros grandes chamados de dicionários.

Ando até a despensa para pegar os ingredientes para as panquecas com um passo confiante e com os ombros para trás, e pisco o sono fora dos meus olhos. Estou mais cansada que o normal hoje de manhã, porque eu tive apenas metade de um minuto de sono profundo ontem à noite. O resto das oito horas eu gastei girando e debatendo, enquanto simultaneamente imaginava com detalhes excruciantes todos os resultados possíveis para esta manhã.

Felizmente, parece que estamos vivendo o resultado 145, no qual estou irremediavelmente apaixonada por ele e ele ainda gosta de mim. É o melhor cenário possível — bem, além do resultado 509, em que Andrew é atropelado por um ônibus, Jack está apaixonado por mim e eu tenho um novo emprego com nenhum banheiro para esfregar.

Mas eu não estou reclamando. Isso é maravilhoso. Parte de mim não tinha certeza de como ele reagiria a minha presença na cozinha nessa manhã. A

noite passada foi muito... Tipo, eu *literalmente* tive um orgasmo na cara dele. Se isso não é intimidade, eu não sei o que é. Hoje, ele poderia se arrepender. Ele poderia me pedir para entregar minha demissão, entregar minhas luvas de limpeza de borracha e, na verdadeira moda do Texas, “xispar.”

Em vez disso, ele se apoia no meu ombro enquanto eu despejo a massa de panqueca em uma frigideira quente.

— Como você está essa manhã?

Meu rosto fica tão quente que ele provavelmente pode sentir.

— Ah, sim... Merda.— Eu acidentalmente derramei massa a mais e criei uma panqueca enorme que cobre toda a frigideira. — Sim. Eu estou bem.

— Eu fico com essa – você sabe que eu gosto das grandes — ele diz antes de chamar minha atenção e piscar os olhos.

ELE PISCA.

E não é uma daquelas piscadelas masculinas sexy tentando mostrar poder; é uma provocação. Homens com mãos calejadas e sabem como consertar um radiador de caminhão deveriam ter que tirar uma licença especial antes de sair piscando assim para as mulheres.

— O que vocês dois estão sussurrando aí? — Edith pergunta.

Eu pulo um quilômetro no ar. — Edith! De onde você veio?!

Ela está tomando café na mesa. — Estou aqui desde que você entrou.

Eu nem a vi — estava completamente focada em Jack. Passei por Edith como se ela fosse uma estátua de mármore.

Eu rio e transpiro. — Hahaha, é claro. Você está tão magra com toda a ioga. Quer uma panqueca?

Ela olha minha frigideira por cima dos óculos de leitura, os lábios puxados em uma linha fina e desaprovadora. — Não, se vai ser desse jeito.

— Eu vou te fazer melhores.

Ela é cética em relação à minha estranheza. Eu preciso me acalmar, mas tenho medo que ela saiba o que fizemos nesta casa na noite passada. Eu tenho medo que Alfred tenha nos entregado. Ele provavelmente nem precisava. Inferno, minha bunda provavelmente deixou marcas de suor na porta. Faço uma anotação mental para verificar assim que terminar o café da manhã.

— Jack, o que você vai fazer hoje? — Edith pergunta enquanto ele vai encher a xícara de café. Ele geralmente não enrola ela assim, mas acho que ele está tentando uma distração.

— Vou trabalhar boa parte do dia. Posso levar você e Meredith para jantar na cidade, se quiserem.

UM ENCONTRO!

UM ENCONTRO *COM* A AVÓ DELE! Isso é basicamente pular todas as etapas direto para conhecer a família.

— Isso seria bom, mas é melhor não ser em algum lugar barato — diz Edith. — Se eu vou me vestir bem, então quero um bife.

Ele concordou e se vira para mim com uma sobrancelha erguida. — E você Meredith, está livre?

Eu encaro seus olhos castanhos por tanto tempo que a panqueca dele queima. Então, eu a levo de volta e jogo no lixo para que não deixe o cheiro queimado na cozinha.

— O que você tem hoje? — Edith pergunta quando eu volto para dentro — Você está gripada? Você está vermelha e pálida ao mesmo tempo.

Eu nem acho que essa pergunta mereça uma resposta, mas eu dou uma de qualquer maneira. — Não Edith, eu não estou gripada. Mas eu vou checar a minha temperatura de qualquer maneira. Sim, Jack, jantar seria ótimo desde que eu não esteja gripada — eu não estou. Agora vocês dois podem parar de me distrair para eu poder fazer panquecas decentes?

Jack levanta as mãos em rendição e diz que vai voltar a jogar bolas para Alfred. Na verdade, ele está apenas tentando escapar de Edith. Ele sabe que se ficarmos juntos em uma sala com ela tempo suficiente, ela vai nos pegar. Ela é como um detetive astuto, bom policial, mau policial e avó, tudo junto.

Você pensaria que eu não sou do tipo que guarda segredos. *Segredos, segredos não são divertidos se você não pode contar para ninguém* — blá, blá, blá. Quem inventou essa rima nunca se envolveu em um caso secreto, porque adivinha só? Guardar segredo de Edith é divertido pra caramba, como quando eu levei café para Jack no escritório a tarde e ele me puxou e me sentou no colo dele. A porta estava aberta. Nós podíamos ser pegos no flagra. Edith poderia nos dar um tapa na cabeça com um jornal enrolado.

— Como você se sente sobre ontem à noite?

— Bem — eu respondo sonhadoramente.

Ele está encarando a minha boca. — Nenhum arrependimento?

Agora eu estou encarando a boca dele também. — Nenhum.

Ele coloca a mão na minha nuca e uma faísca corre pela minha espinha. Eu tremo e ele puxa meu rosto para ele. Então nos beijamos como adolescentes. Nos beijamos até que eu seja fluente nos costumes dos

franceses. Nós nos beijamos até meu peito ficar apertado e minha calcinha molhada, e então ele me solta e eu manco para fora da sala. Estou ofegando como um daqueles cães de trenó que acabaram de carregar um humano preguiçoso até a linha de chegada da Iditarod. Ele me diz que está animado para me levar para jantar e eu digo: — Eu também estou, uh, animada com o jantar.

Meus lábios estão inchados. Edith me pergunta sobre isso quando eu volto para a sala depois de um rápido descanso de 38 minutos nas escadas.

Eu digo a ela que fui picada por uma abelha.

— Nos lábios? — Ela pergunta, suspeita.

— Sim, foi estranho, ela voou direito da janela da cozinha.— Minha voz vacila. — Agora se você me da licença, eu queria ler... — eu olho para o canto — *Técnicas avançadas de criação.*

Ela joga as mãos para o alto e vai embora — Escolha estranha para uma leitura leve. Você sabe que criação não significa o que você acha que significa, certo? Nenhum livro pode te ensinar a criar um homem decente.

Na churrascaria, ela exige estar sentada em uma cabine e faz com que Jack e eu sentemos do mesmo lado, porque ela tem "quadris de grávida". Jack lembra que ela esteve grávida já faz quase cinquenta anos e ela o olha fixamente enquanto pede a garrafa de vinho mais cara do menu em retaliação. Não tenho escolha a não ser beber um pouco também.

Não acho que Edith tenha escolhido uma cabine para intencionalmente me fazer sentar mais perto de Jack, mas, se o fez, ela é uma santa milagrosa. Nós estamos basicamente esmagados juntos. Sua coxa está pressionada contra a minha. A cabine não é pequena, mas Jack também não é. Estou presa entre ele e a parede e não tenho certeza de qual é mais duro.

Nós nos movemos e nos acomodamos, então ele estica o braço ao longo da parte traseira do estande, atrás dos meus ombros. Se tivéssemos quatorze anos e estivéssemos no cinema, eu consideraria isso a quinta base. A mão dele está perto do meu ombro, o que é muuuiiito perto do canto do meu peito. Seu dedo roça a alça do meu vestido inocentemente. Tento me concentrar no cardápio, mas meus olhos estão vidrados com visões do que eu estaria fazendo se estivéssemos sozinhos agora. Quero subir no colo dele e comê-lo no jantar.

— Jesus, eles não tem churrascarias na California? — Edith pergunta, chamando minha atenção. — Você parece um pouco perturbada pelas cinco opções.

Eu rio como se eu estivesse fazendo isso pela primeira vez.

Jack me salva. — Quer dividir alguma coisa?

— Sim. — Eu digo como se essa fosse a melhor ideia que eu já ouvi.

Fizemos o pedido com a garçonete que é amiga de Edith. Edith decide convidá-la para nossa sessão de ioga amanhã, que, depois de algumas semanas com ela divulgando a notícia, agora inclui mais de 30 pessoas todo fim de semana. Na semana passada, tínhamos 48. Em breve, precisarei encontrar um estádio para abrigar todo mundo.

— Ah, e custará apenas uma doação de cinco dólares — Edith acrescenta rapidamente.

Até agora, eu nunca tinha cobrado de ninguém. E eu nunca considerei começar a cobrar.

Nossa garçonete nem se incomoda com o preço. Quando ela se afasta, eu me inclino para a frente.

— Desde quando eu comecei a cobrar das pessoas?

Edith bebe o vinho casualmente. — Desde agora. Você é uma ótima professora e cinco dólares não é nada. Eu gasto essa mesma quantia em um copo da Starbusk.

— Você quer dizer Starbucks — eu a corrijo.

— Foi o que eu disse, Starbusk.

Jack está nos observando com um sorriso divertido.

— O que você acha? — eu pergunto.

— Acho que se as pessoas estão dispostas a pagar pelo seu tempo, então claramente o seu tempo tem valor.

Sento-me ereta. *Sim, certo. Meu tempo é valioso.*

— Ok, Edith, vou perguntar sobre as doações amanhã e veremos como as pessoas respondem. Se todo mundo voltar para suas caminhonetes e sair, voltarei a dar aulas de graça.

Depois de resolvido, viro para a cesta de pãezinhos quentes no centro da mesa. Estou derramando manteiga batida em cada pedaço duro que consigo encontrar quando ouço meu nome a alguns metros de distância.

Eu levanto meu olhar e vejo Tucker caminhando em nossa direção. Não o vejo desde o casamento, mas conversamos. Ele ligou para a fazenda no dia seguinte para ver se eu estava bem, já que ele não pode de me levar para casa. Jack estava trabalhando, então eu atendi o telefone primeiro.

Eu sorrio. — Oi, Tucker, bom ver você.

Edith mal o cumprimenta. Agora percebo que ela nunca nos quis

realmente juntos. Ela o estava usando como um peão.

Jack chega um pouco mais perto de mim. Nesse ritmo, meu rosto acabará esmagado entre a parede e o bíceps dele. Meus lábios franzem como os de um peixe.

— Como vocês estão? — Tucker pergunta, olhando para ninguém além de mim.

— Estamos bem. Jack nos trouxe para um jantar — responde Edith.

Ela fala a palavra final com mais força.

Tucker percebe o braço de Jack em volta do meu ombro e franze a testa. — Meredith, eu tentei ligar para você outro dia, mas você sabe o quão inconstante esse telefone do Blue Stone pode ser.

Olho para Jack e ele nem se importa em fingir remorso. Na verdade, seu rosto é uma máscara de indiferença. É como se ele nem soubesse que Tucker está lá. Quero cutucá-lo nas costelas e dizer-lhe para ser legal.

— Ah, hm, claro. — Eu olho de volta para Tucker. — O que você precisava me dizer?

Ele olha para longe da mesa. — Bem, provavelmente deveríamos falar sobre isso em particular. É sobre o seu divórcio.

Ele diz a palavra divórcio como se fosse desagradável e cheia de pus.

Eu franzo a testa. — O que tem?

Ele recua, entendendo que qualquer coisa que ele precise dizer, ele terá que dizer na frente de Edith e Jack. — Eu estava apenas oferecendo meu conselho legal de graça, se você precisar.

— Não é necessário — interrompe Jack. — Já estamos providenciando tudo.

— Ah, eu não sabia. — Seu olhar corta para mim. — Bem, independentemente, se você precisar de alguma ajuda, Meredith, você sabe onde me encontrar.

Quando ele se afasta, nós três sentamos em um silêncio constrangedor. Meu pão ainda está amanteigado e intocado. Parece estranho encher meu rosto em um momento como esse, embora, para ficar claro, eu ainda pudesse facilmente comer de quatro a cinco pães com manteiga neste exato momento.

— Desde quando meu divórcio está sendo providenciado? — eu pergunto para o meu pão.

Jack suspira e move o braço em volta dos meus ombros. — Liguei para meu advogado outro dia e perguntei sobre nossas opções.

— “Nossas” opções?

Ele limpa a garganta. — Suas opções.

Edith pede licença para ir ao banheiro, então eu olho para cima e a vejo sentar no bar. Que se saiba, nunca conheci uma pessoa mais inteligente que Edith.

— Não é que eu não esteja agradecida, eu estou, eu só... — Eu suspiro e largo o pão. Ninguém está mais triste com isso do que eu. — Parece errado que você me ajude com isso, como se eu estivesse fugindo de um cara para outro, procurando por você para resolver meus problemas.

Suas sobrancelhas escuras se enrugam. — Você realmente acha isso ou acha que *deveria* pensar isso?

Ah.

Bem, boa pergunta.

— Eu não sei.

Uma boa parte de mim está preocupada sobre o que as pessoas vão pensar.

— Não estamos falando de um reembolso aqui — continua Jack. — Estou falando do seu futuro, de você reconstruindo sua vida e aceitando a ajuda dada gratuitamente.

O canto da minha boca se curva. — Gratuitamente?

Ele recua, quase ofendido com a pergunta. Ainda assim, preciso perguntar. — Claro que é dada gratuitamente. Quando perguntei na outra noite se você queria que Edith e eu fossemos as suas pessoas, isso fazia parte do acordo. Você pode sair da minha vida amanhã. Parar de trabalhar para mim. Namorar Tucker. Voltar para o seu marido e eu continuarei sendo sua pessoa se precisar de mim. É assim que funciona.

Bem, droga.

Estou chorando dentro de uma churrascaria enquanto uma música country exagerada toca alto. Que clichê.

— Eu aprecio o que você está dizendo, de verdade, mas pense sobre isso da minha perspectiva. Você tem todas as cartas na mão. Você me deu um lugar para morar e um lugar para trabalhar — abaixo minha voz caso as pessoas na cabine atrás de nós estejam ouvindo — para não mencionar o que aconteceu ontem à noite. *Isso* traz uma série de complicações.

— Então, vamos descomplicar isso.

Ah merda.

— Você não quer repetir o que fizemos na noite passada? — eu pergunto baixinho.

Se não, o que foi tudo aquilo que fizemos durante a tarde?

— Eu quero.

— Você está me demitindo?

— Não.

— Você está me expulsando da cabana? Porquê agora que é adorável e moderno, eu realmente gosto de morar lá.

Ele acha isso divertido. — Não, você pode viver na *cabana chique* pelo tempo que quiser.

— Bem, então como vamos descomplicar as coisas?

— Acho que vou contratar outra governanta, talvez uma com experiência em tarefas domésticas.

— Você não gosta do jeito que eu dobro sua cueca?

Ele ri com isso.

— Estou fazendo isso porque é muito trabalho e, se você tiver alguma ajuda, terá mais tempo para se decidir qual será seu próximo passo.

— Próximo passo.

— Sim, como o que Edith estava dizendo sobre cobrar das pessoas pelas aulas de ioga. Essa é uma boa ideia.

Interessante…

— Bem, se você vai me tirar minhas funções, vou precisar de um seguro e, se continuarmos fazendo essa outra coisa, preciso de um fundo de garantia.

Ele move o braço em volta do meu ombro. — Vou considerar.

— Além disso, a nova governanta pode dar banho em Alfred. Eu nunca mais vou fazer isso.

Ele está com um sorriso de cair a calcinha enquanto diz: — Ele gosta de você.

— Ele gosta de todo mundo.

— Ele gosta de todo mundo.

Estamos flertando. Flertando abertamente e preciso me concentrar.

Eu me endireito e volto minha atenção para a mesa. — Certo, mas e o que você acabou de dizer a Tucker? Sobre ter meu divórcio sob controle?

— Podemos ligar para o meu cara de manhã. Ele vai explicar melhor do que eu, mas basicamente depende muito de você chegar ou não a um acordo incontestado sobre os termos do divórcio.

Eu concordo. — Eu já decidi que é isso que eu quero.

— E quanto a pensão alimentícia? Meu advogado diz que você pode facilmente obter dois ou três anos de apoio conjugal.

Meu estômago torce em um nó. — Não. Eu não quero nada dele.

— Não desperdice isso só para incomodar ele.

Eu me viro e o olho nos olhos. — Pense no que fiz nas últimas oito semanas. Você acha que eu teria lavado banheiros de bom grado se não fosse absolutamente necessário? Você acha que eu teria sobrevivido naquele barraco sujo sem ar condicionado se houvesse outro caminho a seguir? Eu ficaria feliz em desistir de todo o dinheiro do mundo em troca de não ter mais que lidar com ele.

Ele concorda. — Bom. Isso significa que o divórcio provavelmente será feito o mais rápido possível.

Olho para os lábios dele, subitamente dominada pelo desejo de dar um beijo nele.

— Esta é a conversa sobre direito de família mais sexy que já tive em um encontro.

Ele sorri. — Quer mudar de assunto?

— Faz essa coisa com o dedo de novo? Que você brinca com a minha alça de vestido?

— Oh, eu não percebi que estava fazendo isso.

Nossos olhares se prendem, e eu acho que se Edith não estivesse voltando para nós, ele se inclinaria e me beijaria. Talvez seja melhor que ela esteja aqui; Dessa forma, temos que comer nossos bifes em vez de um ao outro.

— Oh, não liguem para mim — diz Edith quando se senta. — Sou apenas uma velhinha que não consegue ouvir nada nesse restaurante barulhento.

27

MEREDITH

Chegamos em casa tarde depois do jantar e Edith anuncia em voz alta para quem estiver ouvindo que ela vai dormir.

— E vocês dois também deviam. Esse é o meu segredo para ter uma boa saúde — oito horas de sono todas as noites!

Jack me leva de volta até minha cabana, o que é estranho, considerando que o quarto dele é exatamente na outra direção.

Estou pensando em maneiras de faze-lo entrar para uma bebida (*Ooh, liguei para meu advogado do sexo e ele está prestes a te intimar*), quando ele me diz que precisa ir para San Antonio em uma viagem de um dia amanhã cedo.

Ele poderia muito bem ter me dito que está indo para a guerra pela maneira como meu corpo reage à informação.

— Por quê?

O que realmente quero perguntar é: *você tem mesmo que ir?*

— Tenho reuniões com um distribuidor de supermercado lá. Estamos trabalhando para colocar o vinho Blue Stone em suas lojas. Há muitos detalhes a serem discutidos e preciso estar lá para ajudar meu gerente de projeto.

— Quando você volta?

— Pouco depois da hora do jantar.

Eu não deveria ficar triste com isso, mas fico.

— Você vai começar a me "Christinezar"?

— Nunca — diz ele, apertando minha mão. — Vou trazer pra você uma lembrança.

Agora estamos nos entendendo. Eu me animo imediatamente.

Então, ele joga uma cereja em cima do bolo. — E talvez no dia seguinte, você e eu possamos sair para um encontro de verdade, só nós dois.

— Sério? Eu não sei... Edith é uma ótima companhia, como quando ela falou sobre as joanetes dela na volta para casa? Eu nunca teria mencionado isso em um primeiro encontro, mas gostei da sinceridade.

Ele ri da minha piada estúpida, o que significa que ele definitivamente gosta de mim.

Quando chegamos à cabana, ele me vira para encará-lo e passa as mãos em volta da minha cintura. Seus dedos mal passam pela barra do meu jeans enquanto ele me aperta e me puxa em sua direção.

— Então, aqui é o nosso boa noite?

Inclino minha cabeça para trás para olhar para ele. Sua cabeça está cercada de estrelas. Nesse lugar, você pode ver milhões deles.

— Ou? — eu pergunto, como um flerte sem vergonha.

— Ou eu poderia te beijar?

Ele está curvado antes mesmo de terminar a pergunta e a última palavra é sussurrada nos meus lábios logo antes de sua boca pressionar contra a minha. Eu me derreto por dentro. Meus braços se enrolam envolta do pescoço dele, em parte porque eu quero mantê-lo exatamente onde ele está, e em parte porque ele é alto, eu meio que tenho que me esticar para alcançar seus lábios sem forçar meu pescoço.

Assim como contra a porta da frente e em seu escritório, nossos beijos vão direto de zero a sessenta graus. Se um cientista colocasse um termômetro antigo entre nós, o mercúrio explodiria quando chegasse ao topo.

A mão dele desliza ao longo do lado do meu peito e meu cérebro diz: *Sim! Vamos fazer isso, garotão!* Mas ele se afasta e pressiona a testa na minha.

— É só que a minha reunião é muito, muito cedo amanhã de manhã e eu temo não posso me atrasar.

— Tudo bem, podemos fazer sexo bem rápido.

Ele ri. — Quero que a gente vá devagar. Depois de tudo o que você passou, quero ser cuidadoso.

— Eu não sou frágil. — Belisco meu antebraço para provar meu argumento. — Olha, tá vendo? Isso nem doeu.

Ele acaricia o pedaço de pele levemente vermelha. Eu quase morro.

— Você não quer vir comigo amanhã? — ele continua, obviamente

percebendo como estou triste por ele ter que ir.

Eu sorrio. — Pode ir. Faça todos os acordos, aperte um monte de mãos, assine contratos, beije bebês. Estarei aqui, protegendo a fortaleza com Edith.

Ele fecha os olhos, respira fundo (como se estivesse reunindo toda a força dentro de si) e então ele se afasta e me solta.

— Então eu te vejo quando voltar?— ele pergunta. — Pode ser muito tarde.

— Eu vou ficar acordada.

Ele parece feliz com isso e rouba um último beijo antes de voltar para a fazenda.

Eu o assisto ir embora e um pensamento muito claro brilha na minha cabeça como um sinal de néon. Tento ignorá-lo e ele começa a brilhar ainda mais, como se alguém tivesse acionado um botão para chegar ao brilho máximo. Afasto o pensamento e meu cérebro diz: *Boa tentativa,* depois acrescenta pontos de exclamação. No final, não tenho escolha a não ser reconhecer o pensamento intensamente ardente:

ESTOU ME APAIXONANDO POR JACK MCNIGHT!!!!!!

Se você estiver curioso, um dia é composto por 24 horas, ou seja, 1.440 minutos ou 86.400 segundos. 86.400 segundos parece muito tempo para ficar sem Jack. Claro, tecnicamente, passei 28 anos sem ele, mas agora estou contando segundos. Até agora, ele só se foi por 10.800 deles; eu tenho muito mais segundos para viver antes que ele entre pela porta da frente novamente. Felizmente, a vida acha conveniente tornar esses segundos os mais interessantes possíveis.

Enquanto esfrego o banheiro no andar de cima, um SUV preto desconhecido aparece na estrada de cascalho. Isso chama minha atenção por dois motivos: é mais sofisticado do que qualquer carro que eu já vi no Rancho Blue Stone e não estaciona perto dos caminhões da fazenda. Ele para bem na frente da casa. Fico de pé e espio pela janela do banheiro bem a tempo de ver a porta do lado do motorista aberta e um homem alto e bem vestido sair.

Meu marido, Andrew, finalmente decidiu vir para o Texas.

Tive a sensação de que esse dia chegaria. Eu sabia que ele acabaria me localizando e mostrando seu rosto. Andrew construiu um grande ego nos últimos anos, e eu imagino que eu sair no meio da noite foi um golpe e tanto.

Ele está aqui para exigir que eu volte para casa ou para procurar algum tipo de retribuição. De qualquer forma, ele vai querer algum tipo de desculpas de mim. Ele não amava nada mais do que quando eu me arrastava a seus pés, implorando por seu perdão e amor.

Eu odeio a mulher em que ele me transformou e me recuso a voltar para aquela versão desatualizada de mim mesma — a dona de casa subordinada, a mulher que sofreu abuso verbal por anos sem dizer uma palavra. Eu mudei.

Ele está olhando para a casa da fazenda com as mãos nos quadris, um olhar de nojo contorcendo seu rosto classicamente bonito. Ele cospe na terra. Me afasto da janela e tiro minhas luvas de borracha.

Estou surpresa; pensei que ficaria mais nervosa do que estou agora. Me sinto exatamente o oposto: calma e resoluta. Saio do banheiro e desço as escadas sem hesitar. Sinto que, se desabotoasse minha camisa, encontraria um uniforme de super-herói.

Talvez eu não o tenha convidado, mas estou feliz que ele esteja aqui. Fico feliz, porque me lembro que ele provavelmente ainda pensa que eu sou a velha Meredith de sempre, pronta para tremer só de vê-lo. Pela primeira vez em nosso casamento, ele não sabe com quem está mexendo.

Quando chego lá embaixo, chamo Edith, mas não recebo resposta. Acho que ela deve ter ido à cidade. *Bom*. Eu vou para a porta da frente. Andrew ainda está parado no caminho de cascalho, aparentemente esperando que eu apareça.

Eu me pergunto o quão diferente seria essa reunião se Jack estivesse aqui. Duvido que ele teria me deixado enfrentar Andrew sozinha, mas é exatamente isso que estou fazendo. Estou enfrentando meu demônio sozinha.

A sensação é melhor do que eu imaginava, semelhante à sensação de deixá-lo naquela noite.

A porta de tela bate atrás de mim quando eu saio.

— Bom dia, Andrew — digo com um sorriso falso.

O olhar penetrante dele se agarra a mim e eu vejo raiva como nunca tinha visto antes. Aposto que ele ficou chateado por ele ter que vir até aqui para falar comigo. Ele odeia perder tempo; homens ocupados e importantes como ele nunca se cansam disso.

— Legal da sua parte fazer a viagem. Por um tempo, não achei que você se incomodaria. Como foi seu voo? — eu perguntei.

Minha voz é um cone mergulhado em açúcar com chantilly e uma cereja por cima.

— Esqueça essa merda, Meredith.

Meu sorriso se mantém firme. — Boas maneiras, Andrew. Lembre-se, você está no sul agora. Mas, se você quiser ir direto ao ponto, tenho más notícias: não vou voltar para a Califórnia com você.

Ele zomba da sugestão. — Você honestamente acha que eu ainda quero você? Olhe para você. Jesus.

Ele está falando sobre minhas roupas de trabalho, minha camiseta e shorts jeans. Meu cabelo, que ele só viu estilizado e perfeito, está em um rabo de cavalo alto com vários fios soltos. Não acho que ele tenha visto meu rosto sem maquiagem em alguns anos.

— Bem, você viajou toda essa distância só para me dizer que eu estou horrível, embora eu me lembre que você sempre teve um talento para o drama. O que você veio ouvir? Que você arruinou a minha vida?

Ele ri alto. — Arruinei a sua vida?! *Arruinar*... — Ele balança a cabeça e gira nos calcanhares, virando-se e limpando a boca antes de dar meia-volta e apontar um dedo diretamente para mim. — Eu te dei mais do que você merecia. Você acha que é a única coisa bonita que vale alguma coisa? Você não vale nada.

As palavras dele rebatem em mim como se eu tivesse usando equipamento repelente de xingamentos. — Já ouvi isso antes, Andrew. Não resta mais nada na sua sacola de insultos?

Algo nele se quebra com isso. — O que você acabou de me dizer?

Minha voz fica mais alta quando continuo: — Você disse exatamente a mesma coisa um milhão de vezes. — Eu aceno minha mão em círculos contínuos. — Eu não valho nada. Bem, junte seus trocados e fiquei com eles, querido, porque eu não dou a mínima para o que você pensa de mim.

Eu acho que ele vai perder a cabeça. Eu nunca falei com ele assim, mas ele é mais esperto que isso. Ele se recompõe tão rapidamente que, pela primeira vez durante todo o dia, um arrepio de medo percorre minha espinha.

— Isso é bom. — Ele sorri. — Você está corajosa agora, hein? Você acha que pode me deixar e fazer uma nova vida para si mesma? Sua irmã me disse que você é a empregada do cara que mora aqui. Você gosta de limpar banheiros. Esfregar o chão? Se soubesse que você gosta tanto de ficar de joelhos, não teria gasto todo esse dinheiro para ter uma empregada.

É estranho para mim que eu o tenha achado atraente. Olhando para ele agora, sua estrutura óssea afiada parece muito severa — cruel, até.

— Você está se prostituindo para ele também?

Suas palavras chegaram perto demais de me atingir, mas forço uma expressão entediada.

— Você soa quase enciumado.

Ele bufa e inclina a cabeça de volta para o SUV preto. Eu não tinha visto ela antes, mas há uma loira bonita sentada no banco da frente assistindo a nossa discussão. Gostaria de saber se ela é uma das garotas com quem ele dormia durante o casamento ou se é nova. De qualquer maneira, eu me sinto mal por ela. *Um conselho para você: corra enquanto ainda pode.*

Qualquer motivo que o levasse a enviar aquelas flores e pedidos de desculpas está morto e enterrado. A presença dela é a confirmação de que Andrew não está aqui para me arrastar de volta para casa com ele — isso, e o envelope de papel pardo na mão direita.

— O que há no envelope? Mais cartas de amor?

— Os papéis do divórcio — Ele disse isso como se fosse algo para me ferir. Então tomo cuidado para não parecer muito grata. Eu não quero que ele saiba que mal posso esperar para me livrar dele. — Eu imaginei que você fosse ficar aqui por apenas algumas semanas e depois voltaria correndo para casa, mas depois esse tempo longe de você tem sido legal. Eu percebi o quão feliz eu estava por estar livre de você. No final de tudo você era realmente uma foda chata. Eu gostaria de tentar com alguém que fosse mais grata pela vida que eu daria a ela.

Eu assumo que ele está se referindo a garota loira no SUV.

— Você veio até aqui para terminar comigo? Você poderia ter enviado esses papéis por e-mail.

— Eu estava curioso para ver a sua nova vida.— Ele acena para a casa da fazenda. — Você acha que esse novo cara vai querer alguma coisa com você quando ele descobrir a boceta ingrata que você é? — Ele deve me ver piscar porque ele ri. — Não me diga que você tem sentimentos por ele?

A risada dele fica um pouco sinistra, eu quero dizer alguma coisa, quero dizer a ele para ir para o inferno, mas as palavras morrem na minha garganta.

— Meu Deus, Meredith. Você é patética.

Eu levanto as mãos e falo, mas minha voz é pouco mais alta que um sussurro. — Me dê os papéis e saia.

Ele segura os papéis contra o peito, me provocando. — Você devia estar de joelhos me agradecendo. Você sequer percebe o que eu fiz? Eu mal pude esperar para me ver livre de você, então eu cobrei alguns favores. Se você assinar isso e mandar isso para o meu advogado até segunda-feira, ele vai

poder adiantar o processo.

— Quanto tempo?

— Duas semanas.

Na California, deveria levar seis meses.

Eu me pergunto que tipo de pauzinhos ele teve que mexer para se livrar de mim tão rápido, mas honestamente, eu não me importo. Estou tão empolgada que quero arrancar o envelope das mãos dele. Eu não vou. Eu não quero chegar tão perto dele.

— Eu preciso que um advogado examine tudo.

Ele sorri. — Se você acha que vai conseguir tirar um centavo de mim, está errada. Ficamos casados apenas por cinco anos. Meu advogado confirmou que você não tem perna para se apoiar. Você me deixou. Parece ruim, você não acha? Eu sou o marido amoroso que tem procurado sua irmã e enviado flores enquanto você nem se dá ao trabalho de me ligar de volta. Na verdade, todos que conhecemos estão se referindo amorosamente a você como oportunista desaparecida. Tem um som legal nisso.

Nesse momento, sua atenção passa por trás de mim quando a porta da tela é aberta. Olho para trás e vejo Edith sair para a varanda da frente com uma espingarda ao seu lado.

— Há algum problema aqui fora?

— Quem diabos é você? — Andrew se encaixa. — Estou conversando com minha esposa.

Edith estreita os olhos e olha pensativa para a distância. — Agora, veja bem, não é assim que cumprimentamos as pessoas aqui em Cedar Creek. Gostaria de tentar de novo?

A porta do SUV se abre e a loira sai. — Andrew! Isso é estúpido. Vamos embora.

— Volte para o carro! — ele grita de volta.

Olho para Edith e balanço a cabeça. Ela não larga a espingarda, embora eu não ache que ela planeja usá-la. Com Edith, no entanto, você nunca sabe.

— Vou pedir que meu advogado veja os papéis e depois assino — digo a Andrew. — Depois disso, você me deixa em paz.

Ele joga o envelope no cascalho a seus pés e a poeira levanta em torno dele.

Mesmo no final, ele não pode agir como um ser humano decente. É uma vergonha. Se ele tivesse apenas passado e me entregado o envelope, talvez Edith não tivesse apontado a espingarda e atirado.

Algumas balas acertam uma lata de lixo ao longe e Andrew se encolhe, as mãos cobrindo a cabeça.

— Porra você é louca?!.

Edith recarrega a espingarda. — A senilidade *é* extremamente comum na minha idade.

A namorada dele bate a porta do carro e se esconde atrás do painel.

Andrew se levanta, os olhos brilhando. — Vou chamar a polícia!

Edith bombeia a espingarda. — Boa. Eu tenho o número da estação, se você precisar. Petey provavelmente responderá. Deixe ele saber que Edith McKnight foi a única a encher sua bunda de tiros.

Ele xinga baixinho e corre para o SUV como se estivesse preocupado que ela vá abrir fogo novamente. Não tenho 100% de certeza de que ela não vá.

Ele coloca o SUV em marcha à ré e embala no caminho de cascalho. Não tenho dúvida de que ele estava falando sério sobre chamar a polícia.

— Você acha que vai ter problemas? — eu pergunto um pouco preocupada.

Edith me dá um olhar entediado. — Bem-vinda ao Texas, querida.

28

JACK

Estou almoçando em San Antonio com os donos da franquia de supermercados na segunda-feira à tarde, quando recebo uma ligação do xerife de Cedar Creek. Peço licença e saio antes de atender.

— Pete, aconteceu alguma coisa?

— Jack, oi. Eu não quero te preocupar, mas tem um Andrew Winchester aqui na delegacia querendo denunciar Edith por "tentativa de assassinato".

Levo apenas alguns segundos para reconhecer o nome, e quando reconheço, vejo tudo vermelho.

— Espera, espera, repete — Andrew Wilchester está ai agora? Em Cedar Creek?

— Eu o coloquei do lado de fora, na sala de espera. Ele não vai embora até eu emitir um mandado de prisão para Edith. Pelo que parece, ele está gritando com um dos meus policiais neste exato momento. Antes ele do que eu.

— O que Edith tem a ver com tudo isso? Aconteceu alguma coisa na fazenda?

— Provavelmente, embora eu não tenha conseguido tirar a história toda dele. Ele está realmente estressado, divagando sobre como seus advogados vão tomar o Blue Stone por tudo que vale depois de prender Edith. Acho que ele realmente espera que eu vá até lá e algeme sua avó. Você pode imaginar? Ela é quem me algemaria antes que eu chegasse a dez passos de distância dela.

Ele não está fazendo sentido nenhum. Por que Edith precisaria ser algemada?

— Pete, comece do começo. O que aconteceu?

— Andrew apareceu lá querendo falar com uma das suas funcionárias — Meredith? Ele alegou que tinha alguns assuntos com ela. Aparentemente, Edith não gostou do jeito dele, porque ela, bem, atirou nele com uma espingarda.

Claro que atirou.

— Alguém se machucou? Como Meredith está? E Edith?

— Todo mundo está bem e é por isso que não estou muito preocupado com esse cara causando problemas. Eu tenho a obrigação de investigar, então Martinez foi até o rancho para checar. Do jeito que esse Wilchester é, eu também imaginei que Edith atacaria Martinez, mas lá estava ela na varanda, convidando ele para um chá doce e biscoitos caseiros. Ele ainda está lá, se empanturrado.

— Bom. Mantenha ele ai por favor, até eu voltar para a cidade.

— Eu devia me preocupar com esse cara?

— Eu não sei. Mas se esse Andrew está tão estressado eu não quero ele voltando na minha casa. Prefiro que você fique de olho nele até ele se acalmar.

— Não posso segurar ele aqui, mas posso enrolar ele.

— Eu provavelmente consigo chegar à delegacia em uma hora, no máximo.

— Você não acha que é melhor voltar para a fazenda?

— Eu só preciso de cinco minutos com ele.

Ele abaixa a voz. — Escuta, eu não considero Edith uma ameaça à segurança pública, e ela estava protegendo a própriedade dela. Mas se você bater nele dentro da delegacia eu vou ter que te deter.

— Então diga a ele para me esperar do lado de fora.

— Jack. — Ele avisa, mas eu já estou voltando para dentro para me desculpar por ir antes da hora.

A viagem de volta para Cedar Creek é uma benção e uma maldição — uma benção porque me da tempo para me acalmar da raiva por Andrew ter a audácia de aparecer na minha propriedade sem ser convidado, uma maldição porque a calma não dura muito. Eu tenho tempo suficiente pra reviver a minha raiva uma dúzia de vezes, bem em tempo de estacionar a minha caminhonete na frente da delegacia e atrás de um SUV preto de luxo.

Quando eu entro, Andrew ainda está lá, andando na sala de espera como um animal selvagem enjaulado. Ele está gritando sobre “porcaria de polícia caipira desperdiçando o tempo dele” e eu não hesito. Eu não penso nas consequências. Eu penso na noite em que Meredith estava bêbada e se abriu para mim e me contou sobre os abusos que ela aguentou ao longo dos anos, a manipulação distorcida que esse merda doente tinha sobre ela, e eu marcho até ele e dou um soco na cara dele.

Meu soco é forte. Eu não ficaria surpreso se tivesse quebrado um osso

Estou atordoado quando ele atinge o chão, nocauteado.

Os policiais correm e eu sou algemado.

Pete me encontra na minha cela, minhas mãos nos meus joelhos, encarando o chão.

— Maldição, eu te disse para não tocar nele — ele adverte com um tom irritado.

Eu olho para ele quando ele puxa um chaveiro da fivela do cinto e abre a porta.

— Você poderia ter matado ele, seu idiota. Então você realmente estaria encrencado.

— Ele está pressionando?

— Obviamente, você ouviu que tipo de cara ele é. Felizmente, a maioria das testemunhas viu isso como um soco leve. A multa para agressão de contravenção é $500.

Eu concordo. — Eu duvido que a loira com ele corrobore essa versão da história. Ela viu o que aconteceu.

— Oh, ela saiu há cerca de uma hora, cansada da besteira desse cara, provavelmente. Os policiais ouviram ela gritando que estava voltando para a Califórnia sem ele. Tanto quanto posso dizer, é a sua palavra contra a dele.

Ele abre a porta da cela e eu empurro para ficar de pé.

— Os melhores 500 dólares que já gastei.

— Ah, e isso também está na sua ficha, então não faça disso um hábito.

— Eu não planejei bater nele. Eu só queria conversar.

Ele ri baixinho e dá um tapinha no meu ombro. — Esse soco com certeza parecia valer mais que mil palavras.

Eu não vejo Andrew novamente quando saio da delegacia, e isso é bom. Aquele soco foi muito bom; um segundo provavelmente seria ainda melhor.

Tive tempo para esfriar a cabeça naquela cela, mas agora estou mais ansioso do que nunca para ver Meredith. Quero saber por que Andrew veio à cidade e o que ele disse a ela. Eu quero saber se ele a ameaçou de alguma forma. Eu não vou permitir. Vou pedir uma ordem de restrição, uma cerca, um maldito exército particular estacionado na frente da Blue Stone, o que for preciso para ela nunca mais ter que vê-lo novamente.

Fico aliviado quando estaciono em casa e vejo uma viatura estacionada na frente. O oficial Martinez está lá dentro, jogando Scrabble com Meredith e Edith. Exatamente como Pete disse, há chá doce e um prato de biscoitos espalhados sobre a mesa. Martinez parece muito confortável sentado lá, mas assim que me vê entrar, ele se levanta.

Inclino minha cabeça em agradecimento. — É bom ver você, Connor.

— As coisas se acalmaram na delegacia?

Seu olhar muda para os nós dos meus dedos ensanguentados e eu me pergunto se ele recebeu notícias sobre o incidente.

— Tudo está bem.

Olho para onde Meredith está sentada, os olhos arregalados de preocupação. Sem uma palavra, ela se levanta e dá a volta na mesa, caminhando em minha direção, atordoada. Há uma emoção em seus olhos que eu nunca vi quando ela se aproxima de mim e passa os braços em volta da minha cintura. Ainda estou congelado quando a testa dela bate no meu peito e ela me aperta com força. Uma reação em cadeia acontece de repente, emoções disparando uma após a outra: raiva substituída por alívio, preocupação substituída por amor. Me inclino e dou um beijo no topo de sua cabeça enquanto seus ombros tremem. Gostaria de saber que tipo de dia ela teve, se ficou assustada quando Andrew apareceu assim. Eu gostaria de estar aqui com ela e me senti culpado por não estar. Eu sussurro isso contra sua orelha e ela balança a cabeça, mas não há palavras.

Edith e Martinez saem e eu envolvo minha mão em seu pescoço para poder inclinar a cabeça para trás e olhar para o rosto dela.

— O que está de errado? — eu pergunto, olhando rapidamente para os olhos dela.

Eu finalmente percebo que ela não está chorando... ela está rindo.

— Você deveria ter visto Edith com a espingarda.

— Me conte o que aconteceu com Andrew. Por que ele estava aqui?

Ela solta um pequeno suspiro e sorri — *sorri*!

— Ele veio para entregar documentos do divórcio pessoalmente.

A esperança explode no meu peito. — Você está brincando.

Ela recua para pegar uma pilha de papéis da mesa de café para poder entregá-los para mim.

— Não. Aparentemente, ele está tão ansioso para se livrar de mim quanto eu para me livrar dele. Ele disse que tem uma maneira de agilizar o processo depois que eu os assinar.

Começo a folhear os papéis rapidamente. Vou precisar de um pouco de tempo para lê-los e, é claro, vou repassá-los ao meu advogado, mas eles são documentos de divórcio reais. Ela não está brincando.

— Por que Edith disparou a espingarda então?

Uma pequena risada escapa quando ela balança a cabeça com a memória.

— Ah, ele estava sendo um idiota. Edith já estava cheia e queria assustar ele um pouco.

— Tentando matar ele?

Ela revira os olhos. — Foi isso que ele disse que aconteceu? O tiro não chegou nem perto. Ela estava mirando a alguns metros de distância.

Eu sorrio com o bom senso de Edith. — Andrew estava tentando fazer acusações de assassinato. Ela poderia ter passado o resto da vida em uma cela suja do presídio porque não conseguiu se conter.

— Não há um júri na terra que me condene! — Edith grita da cozinha. Aparentemente, ela não foi longe demais quando nos deixou sozinhos. — Aquele covarde pulou no chão como se estivesse no meio de uma zona de guerra. Grande covarde, se você me perguntar, é por isso que ele teve que escolher Meredith, fez com que ele se sentisse melhor consigo mesmo!

Meredith e eu trocamos um sorriso e então sua expressão fica pensativa.

— Espere... — Meredith diz, franzindo a testa. — Como você descobriu tudo isso? Você não deveria estar em San Antonio?

— O xerife me ligou, me contou o que aconteceu. Corri para cá assim que soube de tudo.

Seus olhos se estreitam nas minhas roupas amarrotadas, em seguida, seu olhar cai nos meus dedos sangrentos.

— Você correu direto para cá? — ela pergunta, pegando minha mão para inspecioná-la.

Seu lábio inferior se projeta enquanto ela examina os danos. Não é nada.

— Eu posso ter feito uma parada rápida na delegacia primeiro, mas trouxe a lembrança que prometi.

É um daqueles crachás plásticos de polícia que eles distribuem para

crianças em excursões escolares. Ele proclama que o usuário é um Xerife Policial Júnior. Tenho certeza de que é legítimo.

— Bem-vinda à força!

Os olhos azuis dela me atacam. Ela não está impressionada. — Jack! — ela adverte. — Por favor, me diga que você não fez nada com Andrew.

— Tudo bem — eu digo, me abaixando para beijar sua bochecha. — Eu não fiz nada.

— Jack! — ela geme enquanto eu vou em direção à cozinha. Eu preciso limpar meus dedos.

Edith está lá, sentada à mesa, bebendo seu chá.

Meredith tenta traze-la para o seu lado. — Seu neto sangrou os nós dos dedos em uma briga com Andrew!

Edith parece pouco interessada.

— Tecnicamente, não foi uma briga — digo enquanto lavo minha mão na água fria. — Eu dei um soco nele e o nocauteei.

Agora *isso* provoca um sorriso de Edith.

Meredith aponta o dedo para nós dois. — Vocês dois! Eu *juro*! Violência não é a resposta — vocês não podem simplesmente disparar espingardas e nocautear as pessoas. — Ela está andando agora, se preparando de verdade. — E se ele apresentar queixa? E se ele envolver a polícia?!

Lembro a ela que os policiais já estão envolvidos.

— E se vocês forem presos? — Seus olhos ficam muito arregalados e sua mão dispara para a boca.

Não há como convencê-la. Eu digo a ela que tudo vai funcionar da maneira que deveria, mas ela não acredita em mim até recebermos uma ligação do xerife algumas horas depois, informando que Andrew está retirando todas as acusações.

Coloquei-o no viva-voz e todos ouvimos. Aparentemente, meu advogado apresentou meia dúzia de acusações, como transgressão e conduta desordeira. Ele chegou a acusar Andrew de perseguição e informou que Meredith iria pedir uma ordem de restrição. Se essas acusações vão ou não serem mantidas em um tribunal não importa. O que quer que Andrew esperasse encontrar no Texas, tenho certeza de que não incluía Edith e eu. Minhas suspeitas estão comprovadas quando ele deixa uma mensagem de voz acalorada para Meredith naquela noite, informando-a que ele acha que eles devem se comportar como adultos a partir de agora.

— Assine os malditos papéis e vamos acabar logo com isso — ele

implorou logo antes do correio de voz ser cortado.

29

MEREDITH

No final, tenho que aceitar dinheiro de Andrew. Quando redigiram os papéis do divórcio, ele e seu advogado calcularam uma cifra que foi considerada mais do que uma compensação adequada pelo nosso casamento de cinco anos. Se você está se perguntando, foram 500.000 dólares. Para Andrew, isso são centavos. Para mim, isso é meio milhão de dólares. Meio milhão de camisas que não tenho que dobrar. Meio milhão de pratos que não preciso lavar. Mesmo assim, eu teria recusado o dinheiro completamente, mas meu advogado deixou claro que o caminho mais rápido a seguir seria concordar com seus termos e seguir em frente. Se eu quisesse recusar o dinheiro, teriam que redigir um novo conjunto de documentos e pagar as taxas legais necessárias. Eu não tenho exatamente dinheiro para queimar no momento, então... beleza, *tanto faz*. Eu vou aceitar.

Pensei muito no que farei com o dinheiro, mas é óbvio, na verdade. No momento em que for depositado em minha conta, doarei para três abrigos de mulheres diferentes na região central do Texas, a região que fico feliz em chamar de minha nova casa. Sei que poderia usar o dinheiro para cobrir minha conta poupança ou comprar uma casa ou iniciar um negócio, mas não parece certo — não apenas porque não quero o dinheiro sujo de Andrew em qualquer lugar perto de mim, mas também porque não preciso desse dinheiro. A maioria das mulheres nesses abrigos não tem ninguém ao seu lado. Eu sei como é isso. Estive nessa posição uma vez, não faz muito tempo, e se meu dinheiro puder ajudar a aliviar um pouco a carga delas, fico feliz em dá-lo. Além disso, caso você ache que estou fazendo isso por razões completamente altruístas, também fico impressionada com o fato de que o dinheiro de

Andrew vai ajudar essas mulheres. Ele odiaria isso. Ele não tem um osso filantrópico no corpo.

De qualquer forma, o fato de eu estar dando o dinheiro dele para essas mulheres me faz sorrir pelo menos duas vezes por dia. Se eu não quisesse deixar por isso mesmo, pediria às organizações que construíssem uma nova ala: O Abrigo Andrew Wilchester Para Mulheres Que Escapam de Andrew Wilchester. Quem sabe, eu ainda posso. Não é como se a raiva dele pudesse me machucar mais porque — *chuva de confetes* — nosso divórcio foi finalizado hoje.

Recebi uma ligação do meu advogado às 13h35 e afundei no chão, depois chorei como um bebê. Foi totalmente inesperado. Se alguém tivesse perguntado como eu reagiria quando recebesse essa ligação, eu teria assumido que iria tomar um champanhe, ligar “Single Ladies” da Beyoncé e dançar até ficar com cãibras. Em vez disso, desmoronei em um monte de lágrimas e meleca. Foi como quando Frodo finalmente jogou aquele maldito anel no fogo depois de três livros longos e cheios de problemas para si mesmo: acabou. *Está feito.*

Não havia como identificar a fonte exata das minhas lágrimas. Era alívio, é claro, mas também havia emoções estranhas e conflitantes, como medo, raiva e pena. Chorei pela versão mais jovem de mim mesma, a garota ingênua que se apaixonou por um monstro. Chorei pelo fato de ter perdido cinco bons anos em um casamento manipulador antes de finalmente ter a coragem de ir embora. Chorei porque, apesar de querer ser independente e controlar meu futuro, uma parte de mim ainda está com medo de não conseguir fazer isso. Eu também chorei porque tenho medo das cicatrizes. Não quero que isso endureça meu coração. Eu quero aprender com meus erros sem jurar amor por completo. Quero ganhar meu próprio dinheiro e abrir meu próprio caminho sem assumir que me apoiar em um parceiro me deixa fraca, estúpida ou aleijada.

Mesmo depois da minha provação, ainda acredito no poder do amor, e talvez eu deva isso a Jack. Gostaria de saber se ainda estaria tão relutante em evitar o amor se não estivesse *apaixonada no momento*.

Um observador objetivo diria que é muito cedo. Ele franziria os lábios e cruzaria os braços, me advertindo por considerar o amor em um momento como este. Ele declararia que eu deveria ficar solteira exatamente por um ano e um dia e não um momento antes, que eu deveria dedicar um tempo para a autodescoberta (*você leu Comer, Rezar e Amar?!*) antes mesmo de pensar em

abrir meu coração para outro homem. Se fosse a década de 1850, ele exigiria que eu usasse o luto em público e evitasse todos os compromissos sociais.

Eu entendo. De verdade. Seria ótimo se a vida funcionasse assim. Quão conveniente seria conhecer alguém especial no momento exato em que é considerado socialmente aceitável?

A verdade é que a vida me apresentou a Jack menos de 24 horas depois que eu deixei Andrew. Insano, eu sei, e com certeza, na época, eu não o via como um potencial interesse amoroso. De fato, dada a escolha entre amante e potencial assassino, eu teria apostado dinheiro nessa última opção.

Mas o melhor da *minha* vida é que é a minha vida, não a vida *deles*. Se eles acham que eu deveria deixar meu coração virar pedra, tudo bem. Eles podem pensar isso, mas eu estarei aqui, aceitando o amor pelo valor nominal. É simples se você não pensa muito. Quero amar Jack, ferozmente, ingenuamente, e com tanta força como se o amor nunca tivesse me queimado no passado, porque a outra alternativa? Me transformar em uma megera miserável? Pois é, escolha difícil.

Hoje é um grande dia, não apenas porque meu divórcio foi finalizado, mas porque eu vou ver Helen. Ela e Brent retornaram da Europa no início da semana e estão organizando um pequeno jantar para mostrar as reformas na casa deles. Estou nervosa com isso desde que ela me convidou, planejando e re-planejando minha roupa cinco vezes diferentes. Ela e eu conversamos um pouco nas últimas semanas, mas tem sido besteira no nível da superfície, as coisas que eu odeio. Esta noite será diferente. Escrevi uma carta longa para ela e quero dizer *longa*. São 10 páginas, frente e verso. Nela, pedi desculpas pelos meus erros e descrevi exatamente o que quero para o nosso futuro. Eu poderia vomitar só de pensar nisso. Pode parecer estranho. Ela é minha irmã, mas nunca *fomos* irmãs de verdade. Eu quero tentar. Estou basicamente entregando meu coração a ela e declarando abertamente que, embora cada uma de nós tenha muitas razões para sermos amargas, merecemos mais do que isso. Quero que sejamos próximas e confiemos uma na outra. Eu a quero na minha vida daqui em diante.

Contei a Jack sobre a carta outro dia.

— São dez páginas.

— Você vai encadernar em brochura ou capa dura?

Eu o empurrei. — É grande, porque eu tinha muito a dizer!

Ele riu. Espero que Helen não ria.

Eu tenho meu trabalho. Nosso relacionamento está danificado com D maiúsculo. Andrew era uma barreira entre nós, juntamente com a distância, ciúmes profundos e a diferença de idade de dez anos. Agora, eu vou ser a cola — pegajosa, irritante e resistente. Ela vai me amar porque não tem outra escolha. Esse é o plano.

Edith e eu viajamos juntas para a casa de Helen; Jack teve que correr primeiro para o restaurante, para nos encontrar lá depois. Fico quieta no carro, segurando a carta no meu colo. Edith me pergunta se estou nervosa e respondo com um grunhido sem compromisso. Na verdade, sim, estou nervosa ou meu estômago parou de funcionar. Não consegui comer o dia inteiro e minhas mãos estão tremendo. Eu digo a Edith que devemos continuar circulando o quarteirão quando paramos na frente da casa.

— Eu cresci no despertar da Depressão, não vou desperdiçar gasolina — ela diz antes de estacionar.

Edith não é uma facilitadora, e isso é uma coisa boa. Ela me dá o chute na bunda que eu preciso, tanto no carro quanto no meio do caminho, quando me viro e digo a ela que deixei algo na casa da fazenda. Ela pega meu vestido e me puxa até a porta da frente.

Quando é aberta, é como se estivesse vendo minha irmã pela primeira vez em cinco anos. Seu cabelo castanho claro está curto, logo abaixo do queixo. O seu vestido simples acentua suas curvas e sua pele brilhante. Fico feliz em ver que ela parece feliz.

Eu seguro o buquê que pegamos no caminho — girassóis. Lembro que ela os amava quando era mais jovem, e digo isso a ela. Ela sorri.

— Eles ainda são os meus favoritos.

Estou agradavelmente surpreendida ao ver Daniel e Leanna, juntamente com alguns outros convidados na sala de estar. Helen me apresenta como sua irmã caçula, e talvez seja uma ilusão, mas acho que quase consigo detectar orgulho em sua voz. Depois de acenar para a sala, sigo Helen até a cozinha.

— Posso ajudar com alguma coisa?

Ela está com as mãos cheias para terminar o jantar e eu realmente espero que ela diga sim, porque isso é muito estranho e eu não tenho nada para fazer com as mãos. Eu não posso continuar torcendo elas. Tento cruzar os braços, mas então pareço tensa. Eu apoio uma mão no meu quadril e tento agir de maneira natural.

— Claro, você pode colocar aquelas flores na água? Tem um vaso

naquele armário ali.

Enquanto eu os ajusto e arrumo, ela me conta sobre a Europa. Ela diz que foi a viagem de uma vida, mas ela e Brent estão felizes por voltar para casa.

— Nós andamos por quilômetros, mas eu ainda ganhei 4 quilos. São todos esses malditos croissants! Eu acho que comi seis por dia. A partir de amanhã, Brent e eu vamos fazer uma dieta.

— Eu acho que você está ótima. Você esta com um brilho pós-viagem. Mas, se você quiser, tenho algumas receitas saudáveis que venho fazendo para Jack e Edith recentemente. Eu posso anotá-las para você.

Depois que terminamos de conversar sobre a viagem dela, ficamos em silêncio por alguns minutos enquanto ela me coloca para trabalhar misturando os ingredientes da salada. Temos coisas para conversar. A carta está queimando um buraco na minha bolsa e eu sei que ela sabe sobre o divórcio. Eu mencionei isso outro dia em um texto.

— Você teve notícias de Andrew ultimamente? — eu pergunto.

— Eu não te contei que bloqueei o número dele?

Ela diz isso de maneira tão casual que acho que não a ouvi direito.

— *O que*?

Ela olha por cima do ombro. — Sim. Depois que Jack me contou o que aconteceu quando ele veio para o Texas, eu bloqueei ele.

Uau. Hum, está bem.

Fale sobre o fim de uma era.

Estou tão chocada que não tenho nada a dizer, então peço desculpas. — Sinto muito por... bem, tudo.

Ela pousa a colher que estava usando para mexer o macarrão. — Por favor, não peça desculpas, ok? Eu não queria entrar nisso essa noite, não com todos aqui, mas... — Ela interrompe o contato visual e desvia o olhar, respirando fundo. — Eu estava tão errada sobre... muito, na verdade. — Eu me mantenho imóvel enquanto ela continua. — Essa situação tem sido difícil para mim. Eu sempre quis o melhor para você e achei que isso significava ficar com Andrew. Você tem que entender, Meredith — sua voz falha — pensei que você fosse feliz. Eu realmente pensei.

Estou dando a volta na ilha da cozinha e a abraço antes que ela possa terminar.

— Eu sei, eu sei. Eu também sinto muito. Se eu não tivesse tirado você da minha vida, você saberia. Você teria acreditado em mim. — Eu me afasto e tento dar um grande sorriso. Parece apertado e estranho. — Vamos tomar

café esta semana, sim? Você e eu? Eu tenho uma carta para lhe dar, mas vou esperar para entregá-la. Não quero fazer você chorar no seu jantar.

Ela ri e balança a cabeça, secando os olhos com as costas da mão. — Eu jurei que não choraria quando te visse, mas é tão estranho tê-la aqui em Cedar Creek. Ainda não acredito que você realmente vai ficar.

— Eu realmente gosto daqui.

— Estou feliz. Eu nunca imaginei que nós viveriamos tão perto uma da outra novamente.

Depois de nos recompor, voltamos a preparar o jantar e não falamos sobre nada muito pesado. Ela me disse que está animada para voltar ao trabalho na segunda-feira.

— Eu sei que parece estranho, mas eu realmente senti falta.

Eu ri. — Bem, Jack definitivamente também sentiu sua falta. Ele está contando os dias até você voltar.

Ela sorri. — Honestamente, não sei como você consegue. Eu trabalho principalmente em casa e vou ao rancho algumas vezes por semana para reuniões, mas você mora lá! Deus, você deve ficar tão cansada dele até o final do dia.

— Oh, umm...

Sim... Helen não sabe sobre Jack e eu, principalmente porque estamos namorando oficialmente há um mês, e também porque tenho medo do que ela dirá quando descobrir. Uma parte de mim teme que ela seja rápida em me julgar.

Eu até tentei fazer uma estratégia com Jack sobre esse jantar ontem à noite. Eu estava deitada com ele no sofá enquanto fingíamos assistir TV. Realmente, estávamos nos beijando mas atentos a chegada de Edith. Suas mãos estavam debaixo do meu sutiã e as minhas estavam trabalhando no zíper do seu jeans. Ultimamente temos sido assim — quentes e ansiosos — e isso está me deixando louca. Jack nos manteve em segurança na zona das preliminares. Sem sexo, porque aparentemente não há pressa. Ele não quer tirar vantagem de mim — DE MIM! Ele está brincando?! Estou prestes a marchar até o celeiro para encontrar uma corda para amarrá-lo na minha cama e tirar proveito *dele*! Nenhuma quantidade de convencimento da minha parte também funcionará. Ele tem em mente que ele precisa trabalhar conosco até esse ponto devagar, *tortuosamente*. Eu sou insistente. Olho-o bem nos olhos e digo claramente: "Jack, eu quero." Outro dia, escrevi em uma nota adesiva e coloquei na tela do computador: *SEXO HOJE A NOITE*.

Até desenhei dois bonequinhos anatomicamente corretos, caso ele precisasse de um visual. Não deu certo.

De qualquer forma, ontem à noite, tentei conversar com ele sobre o jantar entre beijos.

— Devemos agir como se não estivéssemos namorando?

— Não.

— Tudo bem, mas Helen não sabe sobre nós. Devemos diminuir um pouco?

Do jeito que está, nossa delicadeza amorosa leva Edith à beira da náusea pelo menos uma vez por dia. Eu não quero fazer Helen se sentir assim também.

— Você está pensando demais nas coisas.

Homens, *sério*. Estou "pensando demais"? Ele não percebe que esta é uma situação frágil? Ele não percebe que estou tentando consertar meu relacionamento com Helen e precisamos lidar com isso com tato ou tudo pode explodir na nossa cara?

É por isso que, quando Helen diz: "Você deve ficar tão cansada dele até o final do dia", minha resposta é: "Oh, umm...".

Ela nem percebe minha confusão, mas agora meus nervos estão mais fortes do que nunca. Nós não podíamos fazer isso. Eu não posso namorar Jack. Vou terminar com ele e nunca mais vou contar para Helen, e com certeza acho que realmente o amo, mas há outros peixes no mar e muito mais cowboys de onde ele veio. *Ufa, feliz que isso esteja resolvido.*

— Jack! — alguém grita na sala de estar e o assunto de todas as minhas fantasias acaba de chegar. Eu posso ouvi-lo cumprimentando os convidados na outra sala com aquela voz rouca e profunda, e meu coração está uma bagunça palpitante. Minhas mãos estão tremendo tanto, eu tenho que parar de cortar cenouras.

Helen sorri. — Oh, Jack está aqui!

Eu mantenho minha boca fechada. A única reação que não vai nos denunciar é a não reação.

Quando não me mexo, ela levanta uma sobrancelha. — Você não vai dizer oi?

Eu respondo assim: — Oh... hmm... hum... sim... ha!

Ela olha para mim como se eu tivesse sofrido um derrame na cozinha dela, e então o Sr. Cowboy Sexy entra pela porta e todo o meu tato bem planejado voa direto pela janela porque ele é tão bonito que minha boca fica

molhada.

— Aí está você — diz ele com um sorriso.

Helen olha entre nós como se estivesse confusa. Eu tento a mesma expressão. *Sim, eu sei, Helen — por que* ele *está olhando para mim como se tivesse visto minha calcinha de perto e pessoalmente? Tão estranho!*

Jack pega o sinal. Ele marcha em minha direção, se abaixa e pressiona um beijo nos meus lábios. Meus joelhos dobram um pouco. Quando ele mostra seu ponto, ele se afasta, passa a mão pela minha cintura e nos vira para encarar Helen.

— Helen, sua irmã estava preocupada em lhe dizer que estamos namorando, mas você sabe que eu sempre preferi ser direto.

Oh.

Meu.

Deus.

Eu largo meu rosto em minhas mãos.

— Espera, *o que*?! — ela exclama.

Que maneira divertida de morrer — de pura mortificação, bem no meio da cozinha recentemente remodelada.

— Por quanto tempo?

— Ah, eu não sei... um mês? Jack responde indiferente.

Ela não parece exatamente chateada, o que me dá coragem suficiente para olhar para ela. A mão dela está na boca e os olhos tem um líquido brotando que se parece muito com lágrimas.

Eu me encolho e corro em direção a ela para agarrá-la pelos ombros, para que ela seja forçada a me ouvir. — Juro que isso é tão inesperado para mim quanto para você. Eu o odiei quando me mudei para cá!

Jack assente. — É verdade. Eu era um verdadeiro idiota. Além disso, ela não era exatamente a contratação ideal.

— Mas então nós meio que nos tornamos amigos? — Eu olho para ele em busca de ajuda. — Certo? Eu não sei.

— Não, tem sido mais do que isso da minha parte, há um tempo — desde o balanço da corda.

Minha boca cai aberta. — Desde lá?

Ele encolhe os ombros, todo confiante e indiferente a essa conversa obviamente embaraçosa.

Uau. Ok.

Então, na virada mais chocante dos acontecimentos, Helen puxa uma

toalha do balcão e corre para acertar no bíceps de Jack.

— Jack McKnight! Pedi a você que ajudasse minha irmãzinha a se recuperar, e não levar ela para a sua maldita cama!

Ela enrola a toalha novamente, mas ele aprendeu a lição e se afasta antes que ela o pegue novamente.

Ele levanta as mãos em defesa. — Eu a ajudei!

— É melhor você não estar tirando vantagem dela — ela retruca com um tom protetor.

Eu coro um vermelho escuro. — *Acredite em mim*, ele não está.

Jack sorri com isso, o que apenas irrita Helen mais. Ela realmente vai bater para mim, o que é definitivamente uma coisa nova. Eu gosto disso.

É preciso um pouco mais de conversa para Helen se acalmar e parar de rosnar para ele sobre namorar "sua irmãzinha", mas ela finalmente cede. Na verdade, ela chora e está tão feliz por nós.

— Vocês dois… — ela funga. — Eu não acredito. Se você tivesse me perguntado antes, eu teria dito que nunca funcionaria, mas agora que os vejo juntos, faz todo o sentido. — Ela está balançando a cabeça. — Jesus! Com o que mais você vai me surpreender?! Vocês dois não estão noivos, estão? *Oh meu Deus*, eu vou ser tia?!

Eu não me incomodo em dizer a ela que é realmente impossível para mim estar grávida no momento. Em vez disso, rio e balanço a cabeça. — Eu juro que é só isso. Chega de surpresas.

Depois disso, o resto da noite é um turbilhão. Jack e eu nos sentamos um ao lado do outro durante o jantar e, apesar de gostar de me arrastar e sentar no colo dele, resisto e sou uma ótima convidada para o jantar. Eu mantenho minhas mãos para mim mesma, mesmo quando, enquanto Helen serve a sobremesa e todos tomamos café, Jack se inclina para trás e deixa o braço cair nas costas da minha cadeira. Quero estender a mão e tocar sua coxa, mas não confio em mim mesma. Minha libido tem um gatilho de grampo de cabelo neste momento. Claro, eu já tive orgasmos e não me entendam mal, eles têm sido M- A-R-A-V-I-L-H-O-S-O-S, mas há algo faltando, algo que eu quero ainda mais — algo que decidi que cansei de esperar.

30

MEREDITH

Nenhum de nós fala no caminho de casa. O rádio toca suavemente ao fundo e chegaremos em quinze minutos... quinze minutos de estradas tranquilas. Olho por cima do ombro e vejo uma de suas jaquetas na traseira da caminhonete, provavelmente esquecida do inverno.

À nossa direita, não há nada além de campos de milho. À esquerda, colinas e carvalhos.

— Esta terra pertence a Blue Stone?

Ele concorda. — Começa nos arredores da cidade e se estende por alguns quilômetros.

Bom.

— Pare lá em cima, onde a estrada corta o milharal.

— Por quê?

— Eu quero ver uma coisa.

— Um milharal?

Não exatamente.

Apesar do ceticismo em seu tom, ele ouve e sai da estrada. Mergulhamos entre as fileiras de milho.

— Continue. — A estrada se torna sujeira e não há nada além de talos até onde os olhos podem ver. Estamos a pouco mais de um quilômetro da estrada principal, não há outra alma à vista.

— Aqui está bom — eu digo, desafivelando o cinto de segurança e pegando a jaqueta atrás dele.

Ele estaciona e se vira, uma pergunta em seus olhos, mas eu não dou tempo para pensar. Saio da caminhonete e dou a volta para poder abaixar a

porta da carroceria e subir. Felizmente, está vazio e bem limpo — não que isso me pararia se não estivesse.

Jack desliga o motor e sai, deixando a porta aberta.

Ele não percebe que vamos ficar aqui um tempo.

— Você pode querer fechar a porta ou a luz do teto vai matar a bateria.

— Por que você não me diz o que planejou?

Sacudo a jaqueta e a largo na carroceria. Peguei o telefone e "Like a Virgin" de Madonna toca suavemente nos alto-falantes.

— Oh meu Deus— diz ele, balançando a cabeça.

— Você ainda não percebeu? — eu pergunto, pisando na beira da carroceria e me inclinando para apoiar minhas mãos na borda. Eu sorrio e ele se aproxima para que eu possa beijá-lo. Sua mão envolve meu pescoço e seus dedos se enroscam nos meus cabelos, me mantendo curvada enquanto ele aprofunda o beijo.

Seus dedos massageiam meu pescoço. Sua língua desliza contra a minha e meus braços começam a tremer com o peso de me segurar. Sorrio e quebro o beijo, pressionando as costas da minha mão nos meus lábios.

Seus olhos estão iluminados com travessura, mas ele ainda está lá no chão. Talvez eu precise ser um pouco mais convincente.

Desabotoo o primeiro botão do meu vestido de verão. Existem cinco. Cada uma deles revelará um pouco mais do meu sutiã creme claro — o mesmo que eu usei no dia em que pulamos do balanço de corda.

— Sabe, sou legalmente uma mulher solteira a partir de hoje.

Sua sobrancelha arqueia, mas seus olhos estão nos meus dedos enquanto eu lentamente puxo cada botão.

— Isso significa que todas as suas desculpas acabaram.

Ele balança a cabeça e acena para eu descer. — Me deixa levar você de volta para a fazenda, para uma cama.

— Isso é uma cama — bem, uma cama na carroceria. Você está preocupado que alguém nos veja?

Minha provocação traz um pequeno sorriso para seus lábios. Ele a limpa e olha para a estrada, contemplando algo. Eu quero saber o que ele está pensando. Quero saber quanto mais será necessário convencê-lo antes que ele suba aqui.

Todos os cinco botões estão livres e eu empurro a alça do meu vestido no meu ombro.

Ele está me olhando, hipnotizado.

— *Meredith* — ele adverte.

— *Jack*.

Seus olhos castanhos imploram que eu abaixe, mas balanço minha cabeça e ofereço um sorriso doce.

Seus olhos castanhos imploram que eu abaixe, mas balanço minha cabeça e ofereço um sorriso doce.

Empurro a segunda alça do meu vestido para baixo e — *opa* — o tecido cai na minha cintura. Seus olhos deslizam para baixo, abrindo um caminho através da minha pele nua. A brincadeira acabou. Agora, ele está me olhando como um homem que é um pouco anjo e muito demônio.

Uma brisa de verão pega mechas do meu cabelo e me envolve em um calor suave. Arrepios florescem na minha pele e, o tempo todo, ele fica lá, me olhando.

Termino de tirar o meu vestido e tiro meus sapatos junto. Eu estou lá de calcinha e sutiã, exposta e vulnerável. Ele ainda poderia me forçar a descer. Ele poderia me arrastar para a casa da fazenda e me deitar na cama, mas acho que ele também não quer esperar mais. Eu acho que ele está cansado de ser o responsável.

Com um gemido e um puxão de sua mão no cabelo, ele se vira e bate a porta da caminhonete. A luz se apaga e ficamos sob as estrelas. Eu pisco, tentando forçar meus olhos a se ajustarem mais rápido, mas a perda desse sentido aumenta todo o resto. Estou nervosa e tremendo quando ele contorna a caminhonete e pula junto de mim.

— Espero que você saiba o que está fazendo — ele avisa com um tom rouco antes que suas mãos encontrem minha cintura e me puxa para encará-lo.

Minha perna nua roça contra sua coxa coberta pelo jeans e ele me aperta, me segurando com força. Seu peito esmaga o meu e eu me sinto tão pequena, tão fora do meu lugar de repente.

Sua cabeça abaixa e sua respiração atinge meu cabelo. Eu tremo antes mesmo de ele dar um beijo logo abaixo da minha orelha.

— Você já fez sexo na carroceria?— Eu pergunto, sem fôlego.

— Eu gosto de tratar as mulheres um pouquinho melhor que isso.

— Ah é?

Ele cutuca meu ouvido. — Eu não acho que você percebe o quão desconfortável pode ser para você.

Eu sorrio e beijo sua bochecha. — Não, se eu estiver por cima.

E eu estarei. Hoje à noite, minha fantasia está se tornando realidade.

Nós nos beijamos assim, de pé na carroceria da caminhonete dele até que eu esteja ofegando, me contorcendo e agindo como se fosse espontaneamente entrar em combustão se ele não atender a todos os meus desejos e necessidades o mais rápido possível. Minhas mãos fizeram o trabalho pesado, desabotoando o jeans e arrancando-o o mais rápido possível. A camisa dele também sumiu, pendendo frouxa em um dos pés de milho depois que eu a joguei impaciente para fora da carroceria.

Ele me puxa para sentar no colo dele, enquanto suas costas estão encostadas na cabine. Eu o monto e sorrio.

Isso é exatamente o que eu queria.

Meu sutiã se vai tão rápido quanto a camisa dele e há os segundos mais felizes da pele sobre a pele, seios macios contra músculos duros. Nós dois suspiramos um contra o outro e ele enrola os dedos nos meus cabelos, inclinando meu queixo até que minha boca esteja perfeitamente posicionada para ele. Quero continuar beijando-o até que meus lábios parem de funcionar, até que fiquem tão rachados que nem consigo falar, mas quero algo mais ainda. Eu rolo meus quadris contra ele como o início de uma dança de colo.

Ele solta um gemido profundo na base de sua garganta e é como se eu tivesse acendido um fósforo. Eu gosto desse som. Eu quero tirar esse som dele de novo e de novo.

Somos apenas nós neste campo com nada além do tempo. Eu beijo meu caminho no peito dele e depois fico de pé.

Ele olha para mim, e sua expressão fala todo o tempo, substituindo todo o ódio que Andrew encheu minha cabeça. Sua expressão é amor, necessidade e adoração. Seus olhos estão ardendo enquanto eu empurro minha calcinha para baixo e saio dela.

A lua está quase cheia e brilhante o suficiente para ter certeza de que ele pode ver cada centímetro de mim.

Eu sorrio e aponto. — Sua vez.

Ele ri. — Ah é? Então eu tenho que colocar minha bunda no metal frio? Interessante como isso vai funcionar.

— Há! — eu falo. — É por isso que eu trouxe a jaqueta!

Eu quase me esqueci dela.

Ele se levanta e eu coloco o tecido. Ele tira sua cueca boxer e minha boca fica com água. Eu aperto minhas mãos ao meu lado e dou uma boa e lenta olhada nele. É muito para absorver, como um lote *inteiro*. Ele ri baixinho e

pega minha mão, me puxando para baixo nele novamente. Desta vez, porém, ele me gira para que minhas costas batam em seu peito. É um novo ângulo, e agora nós dois estamos olhando para onde o céu estrelado encontra o horizonte.

— Se deite contra mim — diz ele, me aproximando dele até minha cabeça descansar em seu ombro. Ele me embala com uma mão em volta da minha cintura e a outra puxando minhas coxas. Meus joelhos se espalham como asas de borboleta e então ele traça círculos suaves na parte interna da minha coxa.

De repente me sinto exposta. De repente, sinto como se estivéssemos no meio do nada e qualquer um pudesse aparecer a qualquer momento.

— Tem certeza de que estamos sozinhos?

Ele ri. — É um pouco tarde para isso, você não acha?

Ai Deus, o que foi que eu fiz?

Ele beija minha bochecha. — Relaxa.

A segunda metade dessa palavra coincide com o dedo deslizando dentro de mim. Minhas costas arqueiam e *podemos aplaudir esse homem porque ele realmente sabe o que está fazendo*. Ele adiciona um segundo dedo enquanto o polegar desliza em pequenos círculos pela minha área mais sensível, o local onde todas as minhas esperanças e sonhos vivem. Envolvo minhas mãos em torno de seu pescoço e me seguro. A outra mão (a que não está atualmente EXPLODINDO A MINHA MENTE) envolve meu peito e aperta. Os detalhes me atingiram em todos os sentidos: ar quente e floral de verão, mãos calejadas, músculos duros, umidade suave. Qualquer timidez residual voou pela janela. Estou em cima dele como se estivesse em uma bóia de piscina, aproveitando o sol do verão, mas isso é melhor. Estou me deliciando com Jack e digo isso a ele. Ele ri e seu peito ronca e então seus dedos começam a mover mais rápido.

Eu estava pronta para ele assim que saímos da estrada principal. Eu estava ainda mais pronta para ele depois que começamos a nos beijar de roupa íntima. Agora, sou uma poça, quase senciente. Eu chegarei lá a qualquer segundo se ele continuar movendo os dedos, bombeando-os para dentro de mim assim. Minhas mãos se transformam em pequenos ganchos quando ele puxa os dedos lentamente e os move em círculos suaves. É como se ele estivesse me dando uma prévia do que está por vir. Meus dedos dos pés já estão se curvando. Sinto os sinais de alerta — aquelas primeiras deliciosas faíscas — e então percebo que estou falando. Estou implorando para que ele pare. Eu sei como é tê-lo me levando à beira do esquecimento assim. É tão

bom — digno de aplausos — mas não vou me distrair do meu objetivo final. EU VOU FAZER SEXO COM ESTE COWBOY GOSTOSO NA CARROCERIA DE UMA CAMINHONETE, É MEU DIREITO CONSTITUCIONAL.

Eu digo isso a ele também, e agora nós dois estamos rindo, mas não o distraio o suficiente, porque ele está provocando meu peito de uma maneira que dificulta a formação de frases completas. Eu sei o que ele está fazendo. Ele gosta dessa posição em que está no comando e eu não sou nada além de uma bagunça ofegante de desejo. Ele me promete que vai me fazer gozar de novo, mas NÃO. Eu cansei de esperar. Afasto a mão dele e giro, pegando seu jeans amassado.

— Por favor, me diga que você tem um preservativo na carteira.

Se não, eu moldarei uma de alguma coisa – uma casca de milho, talvez grama trançada.

Meu objetivo é tirar a carteira do bolso de trás, mas estou tão impaciente que acabo revirando a calça jeans como um animal que não tem polegares. Estamos rindo quando ele puxa a calça para longe de mim e tira a camisinha, rasga a embalagem e a rola com tanta precisão, tanta graça. Ele poderia ir às Olimpíadas de colocação de camisinhas. É óbvio que ele já fez isso antes, e eu sei que estou gostando. Eu esfregaria minhas mãos como um mentor do mal, mas atualmente elas estão ocupadas com seus músculos peitorais muito tentadores.

Me sento no colo dele e toco todas as superfícies em que consigo colocar minhas mãos. Sim, eu sei que estou tão perto de tê-lo dentro de mim. Eu posso senti-lo embaixo de mim, rígido e exigente, mas agora talvez eu não esteja com a mesma pressa de um segundo atrás. Eu o tenho exatamente onde eu o quero. Todo esse músculo bronzeado está apenas sentado, esperando que eu o toque. Esse baú é apenas a ponta do iceberg. Seus ombros são outra coisa. Eu os agarro e tento sacudi-lo. Ele não se mexe. Movo minhas mãos para o bíceps dele e aperto, tentando ver se consigo fechar o punho. Eu chego no meio do caminho.

— Parece que você está tentando avaliar qual parte de mim você quer comer primeiro — diz ele com um sorriso preguiçoso.

Eu sorrio maliciosamente, e então me abaixo e afundo meus dentes em seu ombro, não com força, mas ele ainda se aproxima e agarra minha bunda. Eu grito e o solto. É olho por olho.

Volto à minha exploração. Estou traçando um território não mapeado,

fazendo reivindicações com pequenas bandeiras de Meredith Avery. É importante ser completo. Eu não deixo uma polegada escapar da minha atenção, não os abdominais apertados ou o cabelo que desce, desce, *desce*. Ele é bronzeado em todos os lugares, gostoso em todos os lugares, *duro* em todos os lugares.

— Não está com tanta pressa agora? — Ele brinca, logo antes de deslizar as mãos da minha bunda e agarrar meus quadris. Ele me segura para me arrastar para frente e para trás em seu comprimento, e acho que um dos meus olhos começa a tremer. Ele está me provocando. Ele está com um sorriso diabólico que tento enxugar com um beijo, mas isso foi um erro, porque agora ele *ainda* está me arrastando para frente e para trás *e* está me beijando loucamente. Ele desliza a língua na minha boca e isso nem é mais preliminares, esse é o melhor sexo que já tive e ainda nem o fizemos. Uma onda percorre minha espinha e dou um tapinha no ombro dele como se estivesse saindo de uma briga.

— Chega... chega disso.

Há respirações pesadas e quentes entre cada uma das minhas palavras.

Isso está caindo aos pedaços. Eu estou caindo aos pedaços. Fui eu quem iniciou esse pequeno bone-a-rama. Eu deveria ser a única a balançar o mundo dele, mas não há mais demora. Estamos fazendo sexo agora, e se isso me matar, que assim seja. Eu vivi uma vida boa. Adios.

— Eu ia fazer essa coisa sexy onde te provoco até você chorar de desejo — admito.

— Ah é? — ele provoca. — Vá em frente.

Giro um pequeno círculo em seu peito. É a coisa mais masculina que eu já vi, plano e largo com um pouco de cabelo escuro.

— Ha ha. Okay, certo. Eu acho que perdi o tato de metade do meu corpo. Meu coração está apenas bombeando sangue para minhas regiões inferiores.

— Se ajudar, acho você sexy pra caralho.

Minha testa se enruga. — Isso *realmente* ajuda.

Ele esfrega seu comprimento muito duro e muito ereto contra mim. É um sinal claro de que ele está tão excitado quanto eu. Talvez o tiro não tenha saído pela culatra tanto quanto pensei?

Com uma explosão de coragem, estendo a mão e o seguro na minha mão. É, *ah*, maior do que eu estou acostumada, mas ei, é o que eles dizem sobre as coisas no Texas.

Está acontecendo. Ele estende a mão para segurar meus quadris em suas

mãos, segurando um pouco do meu peso por mim. Torna mais fácil empurrar um pé e me inclinar sobre ele para que juntos possamos nos guiar até ele deslizar para dentro de mim os primeiros centímetros. Eu assobio, surpresa pelo ajuste apertado. Eu me acalmo um pouco, mas no segundo em que ele termina, eu o desejo novamente.

— Você está bem?— Ele pergunta.

É doce, a ideia de que, se eu não estivesse bem, pararíamos. Ele poderia quebrar minha pélvis e eu exigiria que ele continuasse.

— Aqui — diz ele, movendo minha mão livre para o ombro dele, ao mesmo tempo em que tira um pouco do meu peso dele. Agora eu tenho um ângulo melhor e desta vez posso me aproximar dele com mais suavidade, pouco a pouco, para que não seja doloroso. É incrivelmente sexy, estar cheia enquanto ele olha nos meus olhos, procurando qualquer sinal de dor ou hesitação. Eu aperto. Ele geme. Eu expiro, relaxo e ele desliza mais fundo.

Não estou com ele totalmente dentro de mim, mas por enquanto, estou no meu limite. Eu caio de joelhos e envolvo minhas mãos em seu pescoço, beijando-o e mostrando-lhe como isso é incrivelmente gostoso, como é perfeitamente correto estar aqui com ele.

Ele escova meu cabelo atrás do ombro e depois passa a palma da mão no meu pescoço. Meu pulso salta contra o polegar dele. — Como você se sente?

Eu não respondo. Em vez disso, eu me inclino para trás e sorrio. O olhar que estou tentando: deusa dos campos ao luar. O olhar que provavelmente estou dando: viciada em sexo, armada e perigosa.

Eu decido virar a mesa.

— Como *você* está se sentindo?

Ele olha para mim como se eu fosse obtusa. — Você está de brincadeira?

— Eu posso recuar...

Com a velocidade da luz, suas mãos se movem para a minha cintura e ele me puxa um pouco antes de levantar os quadris e me encher novamente. Minha reação é um movimento maravilhosamente sexy revirar-o-olhar

— De novo — eu exijo como uma criança mimada. — *Maismaismais.*

Ele me levanta e depois me puxa de volta para baixo. Eu arqueio minhas costas e meu cabelo solto roça a base da minha espinha. Estou olhando para o céu quando seus lábios roçam contra um dos meus seios. Eu esqueci tudo sobre meus seios. Eu esqueci que eles existem, o quão incrivelmente sensíveis eles se sentem quando ele passa a língua por eles. *Beeeem ai*. Esse cowboy acabou de se tornar um cow*man*..

Ele continua me movendo para cima e para baixo, dentro e fora, fazendo o trabalho pesado, então eu não tenho mais nada a fazer além de desfrutar das faíscas de prazer que crescem dentro de mim. Minhas unhas arranham seus ombros. Provavelmente estou deixando marcas em forma de lua crescente, mas não me importo, porque meus quadris estão relaxando e, eventualmente, deslizo até ele e seus ossos do quadril encontram os meus e agora este é o ponto em que meu cérebro não pode mais traduzir mensagens simples. Existe apenas para processar sua boca nos meus seios e sua mão circulando entre minhas coxas e sua dureza me enchendo.

— Jack... *Jack.*

Estou tentando adiar meu orgasmo, mas é como tentar sustentar um castelo de cartas durante um tornado. Pressionamos nossas testas e nossos lábios mal se tocam. Eu posso me sentir apertando em torno dele e meus ombros caem quando um choque de prazer corre pela minha espinha. Outro choque ocorre logo depois e não há mais adiamento. Estou caindo, caindo, *caindo*... quero que ele saiba o que está fazendo comigo, como está me quebrando de dentro para fora. Eu digo a ele, sussurrando palavras soltas e agitadas contra seus lábios enquanto meu orgasmo me destrói. Eu quero dizer mais. Quero dizer a ele que o amo, mas não vou, porque isso é clichê e talvez ele ache que eu só o amo quando ele está fazendo isso comigo, como se, pelo resto de nossas vidas, tivéssemos que transar 24 horas por dia para manter o amor vivo. *Vou tomar um skinny latte com leite de amêndoas — sim, SIM! — e um bolinho de mirtilo — bem aí, mais forte!* Mas isso não estaria longe da verdade. Eu o amei antes deste momento. Eu o amei no casamento, quando ele estava sentado sozinho naquele banco. Eu o amei quando ele dormiu no chão da cabana, com medo de que eu não conseguisse passar a noite bem sozinha. Eu o amei quando ele me beijou bem na frente de Helen mais cedo, as consequências que se danem.

Eu poderia dizer isso a ele, mas, em vez disso, eu mostro a ele. Meus lábios estão na garganta dele e nossos peitos estão pressionados juntos com tanta força que você não poderia nos separar se tentasse. Agora estamos úmidos, pegajosos e quentes. Seus dedos fazem sua magia e ele me faz gozar novamente e o segundo orgasmo atinge tão rapidamente que sinto que ele está trapaceando. Ele memorizou onde eu gosto de ser tocada, como eu gosto de ser tocada. Eu digo a ele que não estamos jogando pelas mesmas regras e ele ri com voz rouca. É o som mais rico e feliz e quero ouvi-lo novamente, mas quero que ele goze ainda mais.

Eu me inclino para trás e caio de joelhos sobre ele. Gosto dessa posição, desse momento em que ele parece estar à beira da insanidade também. Eu me alavanco para que eu possa me mover para cima e para baixo nele. Estou fazendo o trabalho agora e me sinto seriamente sexy. Sua cabeça se inclina para trás e ele me observa com um sorriso preguiçoso e arrogante. Ele exala uma respiração instável enquanto eu pressiono minhas mãos em seu peito e continuo, apertando em torno dele quando seus quadris se dobram contra mim. Ele tem sido paciente, muito mais paciente que eu.

— Eu quero ver você se desfazer — digo a ele. — Eu quero ver como você é…

Eu nem termino minha frase. Minhas palavras o empurram para o limite. Suas mãos cavam minha cintura com tanta força que é quase doloroso e seus olhos se fecham. Eu posso sentir seu orgasmo surgir através dele, poderoso e consumidor. Ele está me segurando como se eu pudesse escorregar entre seus dedos a qualquer momento, como se tivesse medo de me deixar ir. Quando seus tremores começam a diminuir, eu beijo sua bochecha, seu queixo, sua garganta. Sinto que acabei de ganhar uma competição que não sabia que estávamos tendo. Claro, ele me fez gozar duas vezes, mas eu o fiz gozar duro, e isso deve contar para alguma coisa.

Ele acha que a minha lógica é falha.

Ele me diz que podaríamos continuar enquanto as mãos dele deslizam entre nós e *OKAY, ele está tentando me matar*? Porque eu sou como a Celine Dion, exceto que meu coração *não pode* continuar. Eu estou acabada. Meus joelhos estão machucados por causa da carroceria.

— Eu preciso me hidratar e me secar. Eu preciso pular dentro de uma dessas banheiras de gelo que os atletas usam depois de um treino duro.

Ele ri e começa a me tirar da minha posição em seu colo. Eu protesto.

— Vamos dormir.

— Não é uma boa ideia.

É uma ideia perfeita e eu já estou meio sonolenta no peito dele mesmo. O ombro dele faz um travesseiro maravilhoso, mesmo um pouco duro.

Eu coloco o braço dele em volta de mim outra vez. — Aqui, apenas fique assim e não se mova até que eu comece a roncar.

Ele não escuta e, em vez disso, me põe na carroceria da caminhonete, depois me diz para levantar meus braços. Meu vestido é colocado de volta, sem sutiã e calcinha. Com os botões abertos, me sinto seriamente horrível. Um olhar para ele prova que ele gosta muito do visual.

— Se você continuar me olhando assim, eu vou te atacar de novo — eu prometo.

De alguma forma, conseguimos sair da caminhonete e voltar para a fazenda. Dizemos um ao outro para ficar quieto e parar de rir enquanto subimos as escadas para o quarto dele. Conseguimos tomar um banho juntos, no qual ele faz a maior parte da limpeza e eu faço a maioria dos olhares de queixo caído e totalmente satisfeita.

— Podemos transar aqui? — eu pergunto, pintando um coração no peito dele com o dedo molhado.

— Amanhã.

— Ok, já é amanhã. — *Já* passou da meia-noite.

— Assim que acordarmos.

— Quando vai ser isso? — Eu pergunto. — 6 horas?

Muito tempo, na minha opinião. Qual é a menor quantidade de sono que os humanos podem suportar?

— Vou precisar de café da manhã primeiro — ressalta. — Para energia.

— *Tá boooom.*

Ele pressiona um beijo na minha bochecha e fecha a água. Eu me provo inútil quando ele me seca e gentilmente me empurra em direção a sua cama. Estou muito feliz e apaixonada para dormir. Ele não sente isso? A emoção no ar?

— Ei — eu digo, uma vez que estamos deitados juntos na cama, cara a cara.

Ele sorri e há pequenas rugas adoráveis ao redor dos olhos. Ele parece cansado. Eu deveria deixá-lo dormir.

— Deixa pra lá.

Seu olhar cai nos meus lábios, onde estou mordiscando enquanto considero alguma coisa.

— O que? Diga — ele insiste, arrastando a mão sob as cobertas para segurar meu quadril.

— Não. Não é nada.

Fecho os olhos e tento dizer a mim mesma para ir dormir. Uma ovelha fofa e adorável é contada antes que ele diga meu nome.

— Zee-zee-zee-zee-zee, dormindo — insisto.

— Fala.

Ele sacode meu corpo.

— Não é importante.

Seu dedo bate na minha sobrancelha e ele puxa suavemente para que minha pálpebra se abra.

Eu rio.

— Eu ia declarar meu amor, mas pode esperar até de manhã.

Então eu fecho meus olhos novamente, porque estou muito nervosa para ver como esta o rosto dele agora. Se ele parecer horrorizado, eu vou murchar e morrer.

— Que franguinha — diz ele, rolando na minha direção.

Eu abro um olho. — *Franga*?

— É. O que é que foi isso?

Eu pisco os dois olhos abertos agora. — O que você quer dizer?

— "Eu ia declarar meu amor"? É como dizer "Me desculpe, você se ofendeu" em vez de dizer "Me desculpe". Isso não conta.

Eu cutuquei seu peito. — Ei! Foi preciso muita coragem para dizer isso! Não ouvi *você* declarando o seu amor.

Ele ri e depois claro como o dia, diz: — Eu te amo.

Droga. Ele diz isso de forma tão simples — nem mesmo piscou.

Eu estou lacrimejando, olhos enevoados de emoção.

— Ah, tudo bem. Zee-zee-zee-zee.

Ele sorri e se inclina para me beijar.

— Viu? *Franga*.

— Eu não sou uma franga! — Eu bato em seu peito de brincadeira. — Veja o que fiz nos últimos meses! Eu apareci sozinha nesta fazenda e exigi um emprego do diabo mais arrogante que já conheci — isso exige coragem.

— Mas agora você não pode dizer ao mesmo diabo que o ama?

Pressiono meu rosto na curva do pescoço dele e digo as palavras contra sua pele. Ele tem um cheiro delicioso, assim como o sabonete líquido que costumávamos usar. Talvez eu more aqui, exatamente neste pequeno ponto quente entre a cabeça dele e o coração.

Sua mão roça minha espinha, me acalmando enquanto ele fala. — Você não precisa dizer isso. Está bem. Vou esperar até que você esteja pronta.

Deveria ser fácil frustrar sua psicologia reversa, mas não é. *Ele acha que eu não estou pronta para dizer isso?!*

— Você está de brincadeira? — eu levanto minha cabeça e aponto punhais para ele. — Eu te amo! Eu ia dizer primeiro! Você acabou de me ultrapassar!

— Vamos verificar o registro. — Ele levanta o dedo como se estivesse

consultando números imaginários. — Sim, eu tive o primeiro oficial "eu te amo".

Eu rolo e subo em cima dele para sufocá-lo até a morte.

Ele segura minha bunda.

— Fique parado — eu gemo, as mãos em volta de sua garganta. — Estou tentando te matar.

Ele ri e isso faz meu corpo inteiro tremer.

— Me beija — diz ele.

— Admita que você está errado e eu vou deixar você viver.

— Me beija — ele diz novamente. Desta vez, seus olhos castanhos encontram os meus e eu percebo que isso é inútil. Ele vai vencer todos os argumentos que tivermos — não há como competir com esses olhos.

— Me beije e eu deixarei você me deixar viver — ele promete.

Meus lábios estão a milímetros dos dele. — Eu sou a vencedora — eu sussurro.

Ele sorri. — Você não sente que, de alguma maneira, nós dois somos vencedores?

Ele ri de sua piada boba e eu gemo. Ele nos rola, me esmagando com seu peso. Fechamos os olhos e o riso morre lentamente. Uma emoção pesada se apodera de nós e o humor muda. Não estamos mais provocando. Estamos nos despindo e chegando ao que importa.

— Eu não tinha certeza se gostaria de amar um homem depois de Andrew — admito. — Eu o amava, ele sabia disso e usou esse amor contra mim.

Suas sobrancelhas franzem. — Você está com medo de eu tirar vantagem de você como ele fez?

Penso nessa questão por um tempo e, em seguida, solto um suspiro resignado.

— Me faz parecer tola se eu disser não? Se eu apenas confiar em você completamente?

— O amor deveria nos tornar tolos.

— Ah é? O que isso faz de você?

Ele sorri e inclina a cabeça para me beijar. — O maior tolo de todos.

EPÍLOGO

Jack

Hoje é a grande inauguração do novo negócio de Meredith: um estúdio de ioga na praça da cidade de Cedar Creek. É isso mesmo, Meredith está trazendo a antiga prática de ioga do sul da Ásia para uma cidade minúscula no Texas. Ela encontrou espaço no estúdio um ano atrás, quando estávamos andando pela praça depois do jantar. Ela viu a placa A VENDA na janela, apertou o rosto contra o vidro e me contou sua grande visão.

— A Recepção lá, um pequeno estúdio daquele lado e vestiários naquele canto dos fundos. — Ela se virou para mim, os olhos brilhando. — JACK! É O DESTINO! Ainda esta manhã, Leanna estendeu o tapete de ioga em um cocô de Alfred! Não podemos continuar praticando no meio de um campo!

Tudo foi um pouco complicado para ela. O espaço costumava pertencer a uma butique de roupas, e Meredith teve que reformar completamente para transformar o espaço em um estúdio.

Foi um trabalho árduo, longos dias que se transformaram em longas noites. Ela queria se envolver em todos os aspectos do negócio, em parte porque não podia terceirizar nada e em parte porque era muito teimosa para desistir de qualquer controle para outra pessoa. Ela é a única proprietária, algo de que sei que se orgulha. Eu poderia ter ajudado ela com o capital inicial, mas ela não se mexeu nessa questão. Ela economizou, economizou e trabalhou com Dotty para garantir um empréstimo para pequenas empresas. Odeio que ela esteja desperdiçando dinheiro com pagamentos de juros, mas não havia como convencê-la do contrário.

Alguns aspectos do negócio vieram facilmente: em vez de cobrar uma taxa mensal, cada uma de suas aulas de ioga será baseada em doações. Dessa forma, não há barreira à entrada. "Ioga para o povo!" como ela gosta de dizer.

Algumas partes do negócio receberam um pouco mais de atenção, especialmente o nome. Ela tinha um diário com centenas de opções. Ela foi de um lado para o outro em alguns favoritos, e então uma noite, enquanto estávamos sentados no sofá com Alfred a nossos pés, ela se virou para mim e perguntou como o Rancho Blue Stone ganhou esse nome. Eu não podia acreditar que nunca tinha dito a ela. Também não conseguia acreditar no quão perfeito era o momento. Ela precisava conhecer a história e, depois de ficar juntos por três anos, eu tinha uma pergunta que precisava fazer a ela.

No final da década de 1930, meu avô emigrou da Inglaterra para os Estados Unidos. Ele tinha dezesseis anos, estava sozinho, pobre e sujo, mas estava determinado a fazer algo de si mesmo. O trabalho na ferrovia o levou ao centro do Texas. Ele gostou daqui, principalmente depois de passar alguns invernos no norte, e o calor nunca o incomodou como o frio.

Um dia, enquanto ele estava trabalhando nas vias ferroviárias, ele acidentalmente desenterrou um topázio azul. Eles são comuns nessa área, mas essa era especialmente grande e a cor era única o suficiente para que ele soubesse que havia encontrado algo especial o suficiente para guardar. Ele o guardou no bolso e se esqueceu dele até jogar pôquer mais tarde naquela noite com alguns caras da ferrovia e alguns fazendeiros locais. Ele já tinha usado as garantias que tinha quando um fazendeiro decidiu aumentar a aposta, mas sabia que estava segurando uma mão vencedora. Então ele se lembrou da pedra no bolso. Ele apostou o topázio azul, venceu o jogo e, no final, saiu com um pouco de dinheiro e alguns acres das terras daquele fazendeiro. Quase não valia nada na época. O solo era áspero e infértil, e é por isso que o fazendeiro apostou em um jogo de cartas em primeiro lugar, mas meu avô viu potencial.

Quando chegou a hora de sua equipe passar para a próxima seção de trilhos, ele deixou de trabalhar na ferrovia e ficou no centro do Texas. Ele tinha aquela terra, mas não muito mais. Por dois anos, ele a cultivou, tentando descobrir uma colheita que pudesse lidar com a terra cheia de barro, eventualmente passando a criar gado e a adquirir mais terras. Foi durante esses primeiros anos que meu avô conheceu Edith. Ela morava na área com a família e ele a observava há meses antes de finalmente ter coragem de convidar ela para sair. Seus pais não ficaram impressionados com um pobre

agricultor imigrante e deram a conhecer suas opiniões, mas depois de apenas algumas semanas de namoro, Edith o amava tão ferozmente quanto ele a amava.

Três meses após o primeiro encontro, ele ainda não havia descoberto como fazer a terra florescer. Ele não tinha dinheiro para comprar um anel para ela, mas tinha aquele topázio azul, e foi isso que ele usou para pedir a mão de Edith em casamento.

Edith usava essa pedra em seu dedo anelar todos os dias até que ela me passou no meu aniversário de um ano com Meredith. Eu estava pronto para me casar com Meredith, mas sabia que ela precisava de mais tempo. Então, eu dei a ela — mais dois anos. Mais dois anos construindo uma vida juntos no rancho. Mais dois anos de Meredith criando raízes em Cedar Creek. Mais dois anos daquele anel queimando um buraco no meu bolso até uma noite, enquanto estávamos sentados no sofá, ela me perguntou por que o Rancho Blue Stone se chamava Rancho Blue Stone. Contei a ela a história e depois me ajoelhei e pedi que ela se casasse comigo.

Duas semanas depois, ela e eu nos casamos no tribunal do centro da cidade. Ela não queria passar um ano planejando um dia extravagante, quando tudo o que ela queria era ser minha esposa o mais rápido possível, então concordamos em correr. Planejamos para que fosse uma coisa pequena com Edith, Helen e Brent atuando como testemunhas, mas quando chegamos, ficamos chocados ao descobrir que era apenas uma sala de espera no tribunal. Todos os funcionários da Blue Stone se amontoavam no pequeno espaço. Leanna e algumas das outras mulheres do grupo semanal de ioga de Meredith haviam decorado a sala com flores. Meredith não andou pelo corredor em minha direção; andamos de mãos dadas pela multidão da nossa família e amigos mais próximos em direção ao juiz que esperava. Meredith estava à minha frente em uma versão alterada do vestido de noiva de Edith e dissemos sim na cerimônia mais curta conhecida pelo homem. Todos gritaram, comemoraram e exigiram um segundo beijo após o primeiro. Abaixei-me e ela chorou emocionada.

Depois, comemoramos no estacionamento. Nossos amigos não se preocuparam com quem faria o quê, mas havia mesas e cadeiras que não combinavam, flores e decorações e mais álcool e comida do que o necessário. Todos os restaurantes da cidade doaram algo e, no final, não tivemos uma refeição, tivemos meia dúzia: churrasco, hambúrgueres, massas, sanduíches e salada. Tínhamos três bolos de casamento diferentes de três padarias

diferentes e Meredith adorou esmagar um pouco de cada um na minha cara, enquanto nossos convidados aplaudiam um pouco alto demais.

Edith diz que Meredith suavizou minha imagem, diz que, por acreditar que eu era bom e decente, todo mundo começou a acreditar também. Talvez seja verdade; Eu não sei. Estamos casados há sete meses e meus funcionários ainda estão com muito medo de mim.

— Você consegue acreditar nessa multidão? — Edith pergunta enquanto eu coloco minha caminhonete na rua principal e a placa Blue Stone Ioga aparece.

— Acho que não vou conseguir encontrar vaga de estacionamento.

— Volte atrás, veja se há um espaço atrás do estúdio.

Acabo tendo que bloquear o carro de Meredith, mas isso não deve importar. Ela não vai sair do estúdio de ioga tão cedo. Está lotado quando entramos. Todo mundo que conhecemos está aqui, até os caras que nunca tentaram ioga um dia na vida. Xerife Pete, Chris, Daniel — todos estão aqui para apoiar Meredith. Ela transformou a grande inauguração em um evento durante todo o dia. Existem aulas de ioga no estúdio dos fundos, smoothies e lanches gratuitos circulam pelo lobby e um espaço menor é montado do lado de fora para as crianças e as crianças de coração. Edith vai direto para lá.

— Diga a Meredith que estarei lá dentro mais tarde!

Leva muito tempo para chegar até Meredith. Sou puxado em um milhão de direções diferentes, cumprimentando a todos que passo. Finalmente, *finalmente* eu a vejo conversando com Helen, Dotty e Leanna atrás da recepção.

Elas estão todas babando por causa da barriga dela. Eu acho que eu estava mais feliz do que ela quando realmente se tornou perceptível. Todas as manhãs nos últimos seis meses, ela se virava de lado e me perguntava: — Se você não me conhecesse, pensaria que eu pareço grávida? — e todos os dias, até recentemente, eu mentia e exagerava. — Ah, sim, definitivamente — observe para onde você aponta essa barriga enorme.

Ela me vê se aproximando e seu rosto se ilumina. Ela se desculpa do grupo e me encontra no meio do caminho, onde pressiono minha mão na barriga e me inclino para beijá-la.

— Como ele está?

Ela sorri. — Bom. Mexendo como um louco! Se você deixar sua mão ai por um tempo, você vai sentir. Acho que ele está tão animado hoje quanto eu.

Sorrio e, com certeza, um segundo depois, sinto um chute na palma da

mão.

— Aí! Ele acabou de fazer de novo — ela diz, os olhos brilhando de admiração.

— Ele esta dando uma surra no papai.

Ela ri e fica na ponta dos pés para beijar minha bochecha. — Você vai ficar por um tempo?

Eu tinha algumas coisas que precisava fazer no rancho mais cedo, e é por isso que estou chegando um pouco tarde. — Até você sair.

Ela olha minhas roupas de ginástica. — Isso significa que você vai ter uma aula?

Eu concordo. É certo que a ioga não era para mim quando Meredith e eu começamos a namorar, mas ela me convenceu a começar. Ainda confundia Down Dogs com Up Dogs, mas estou muito mais perto de tocar meus dedos do que estava um ano atrás.

— Você vai dar aulas logo?

Ela é minha professora favorita, e não apenas porque é minha esposa.

Ela verifica o relógio montado na parede atrás da mesa. — Eu tenho uma consulta de pré-natal em 45 minutos.

— Tudo bem, eu vou cuidar da mesa para isso.

Ela sorri. — Não se preocupe, vou dar uma aula de fluxo logo depois.

Somos interrompidos logo depois disso. Todo mundo quer dizer olá, sentir o bebê e parabenizá-la pela inauguração. Cedar Creek realmente apareceu para apoiá-la. Todas as aulas estão cheias e Meredith fica chocada com a participação, embora ela não devesse estar.

Os próximos meses vão ser difíceis para nós. Ela vai ter que fazer uma pausa quando Noah nascer, mas Edith e Helen se voluntariaram para fazer alguns turnos no estúdio nos ajudando da forma que puderem. E no topo de tudo, Meredith treinou uma gerente e quatro instrutoras extras. Ela vai poder lidar com muito do dia-a-dia de casa e não estou preocupado. Eu também vou tirar um tempo e vou poder ajudar com o bebê quando ela precisar ir até o estúdio — eu não espero que ela deixe seus sonhos de lado para poder criar nosso filho. Eu realmente espero que ele acabe crescendo dentro daquele estúdio. Seus primeiros passos provavelmente serão em um tapete em algum lugar do lobby, e eu estou bem com isso. Na verdade, eu não gostaria que fosse de outro jeito.

Parece que estamos no meio da parte boa da vida, a parte em que você geralmente não percebe que está até o que chega o fim. Temos tanto o que

esperar que continuo querendo avançar. Mal posso esperar para ser pai. Mal posso esperar para criar Noah com Meredith. Mal posso esperar para levá-lo ao riacho e ensiná-lo a dar um giro de costas no balanço de corda. Mal posso esperar para ver Meredith grávida do nosso segundo filho e, possivelmente, um terceiro, se puder convencê-la de que é uma boa ideia. Se eu disesse isso para ela agora, enquanto ela ainda está grávida desse primeiro, ela provavelmente me daria um soco na mandíbula.

Mas eu não estou preocupado. Para onde nossos caminhos nos levarem, eu sei que sempre teremos um ao outro. Afinal, eu fiz aquela promessa quando ela chegou no rancho. Eu disse a ela que se ela nos quisesse, se ela quisesse fazer um acordo, Edith e eu seríamos as pessoas dela.

Mesmo que eu tenho sido descrito como o diabo por mais que algumas pessoas, o nome tem uma característica que compartilhamos: quando você faz um acordo comigo, eu vou mantê-lo, para sempre.

FIM